Ao illustrado amº dr Anchises Ca-
mara offerece o

Jacques Ourique

JACQUES OURIQUE
Ex-Deputado á Constituinte.

Manaos 28-3-08

O AMAZONAS E O ACRE

Artigos publicados no "Jornal do Commercio"

Am
341.42
O93a

RIO DE JANEIRO

Typ. do Jornal do Commercio *de Rodrigues & Comp.*

1907

INTRODUCÇÃO

RUY BARBOSA

(CARTAS DE INGLATERRA

1896

...Com as reformas financeiras enterreiradas, em Dezembro de 1893, pelo bill Wilson, que modificou o regimen proteccionista das tarifas americanas, coincidio o projecto concernente ás rendas internas da federação no qual reapparecia, sob fórma nova, a *income tax*. A medida, formulada pelos democratas, com applauso caloroso dos *populistas*, e submettida á *comittee of ways and means* em Janeiro de 1894, foi vigorosamente combatida, não só pelos republicanos, senão tambem pelos deputados democraticos dos estados orientaes, e passou na camara dos representantes, graças aos suffragios do sul e oéste, por 204 contra 140 votos, incorporando-se ao *tariff bill*. Contra a opinião do presidente Cleveland na mensagem de 4 de Dezembro, a nova *income tax* não gravava unicamente as associações : seu onus directo estendia-se ás rendas individuaes.

Esse encargo, que devia actuar por cinco annos, contados de 1 de Janeiro de 1895, consistia em um tributo de 2 % sobre toda a porção de renda, pessoal,

ou collecuva, que excedesse de $4.000 annuaes, recahindo sobre todos os habitantes dos Estados Unidos, nacionaes ou estrangeiros, bem como sobre os residentes no exterior, que tivessem bens, ou negocios, no paiz.

Esse meio de receita fôra suggerido ao legislador pelas serias difficuldades, entre as quaes se via o erario federal, com a grave desorganisação, em que tinham vindo a parar as suas finanças. Os saldos consideraveis de 1890, haviam decahido, progressivamente, de anno em anno, até se nullificarem quasi de todo em 1893, convertendo-se, em 1894, no espantoso deficit de 69 milhões de dollars, ou 14 milhões esterlinos: cerca de 350.000 contos ao cambio brazileiro actual. Com o decrescimento da receita, que, no exercicio atrazado, foi a menor das arrecadadas desde 1878, e a elevação das pensões, cuja verba montava em 141 milhões de dollars, não era de admirar esse resultado.

Eliminar, pois, a mais importante das contribuições instituidas para acudir a tamanho desequilibrio era abrir, em hora de apuros, um respeitavel desfalque no orçamento federal. Todavia, os que tinham articulado, no congresso, a inconstitucionalidade do projecto e a opinião, que, fora da camara, os apoiava com ardor, não trepidaram em levar o assumpto á presença da justiça, que, por sua parte, não hesitou em condemnar o novo tributo, não obstante os profundos interesses do governo federal na manutenção da lei votada e a violenta corrente popular, agitada pelas influencias socialistas, que a amparava

***

... Nunca, a meu ver, os maus signaes se accentuaram de modo mais expressivo no horisonte conporaneo; porque, dada a magestade da corte suma dos Estados Unidos e os habitos de veneração giosa, que, naquelle paiz, a sagram, ninguem ginaria que o orgam dos direitos do Estado pete ella ousasse insinuar-lhe a imprudencia de uma são contraria ás sympathias da multidão, fallando stiça em nome de considerações interessadas, e ando transparentemente aos olhos da magistra- ameaças á sua existencia.

Tal foi, entretanto, a linguagem de Mr. Carter, discurso findou nesta peroração memoravel: o vá o povo, quando na hora do seu triumpho ntre obstruido o caminho por uma sentença cial, não vá elle, se preciso fôr, caminhar até á sfação dos seus intuitos, passando por sobre a stituição e os tribunaes».

Essa maneira insolita de envolver a justiça na politica, essa attitude extraordinaria do governo te de um tribunal, accendeu na palavra de Choate a eloquencia dos grandes dias da tribuna se. A indignação, temperada pelo respeito, dou no jurista o orador; e a resposta dardejou alguns rasgos fulgurantes dessas vibrações da ça, a que as sociedades mais materializadas não nsensiveis. Nunca me poderia occorrer», exclamou «o arbitrio de abrir, ou encerrar um arrazoado nte este tribunal, exorando-o a denegar a pro- o devida aos que buscam o abrigo desta grande da alliança, sob a insinuação do perigo de arrise a ser varrido pela colera popular. E' a pri-

meira vez que oiço articular essa consideração ante este ou outro qualquer tribunal de justiça; e fio que seja a ultima».

Depois, examinados e refutados os argumentos principaes da defesa, disse o eminente advogado, o mais alto vulto do fôro de Nova York:

«Tenho passado hoje por algumas surprezas. Até agora suppunha eu existir uma constituição nos Estados Unidos, e cuidava que a missão do braço executivo era sustentar essa constituição. Parecia-me que este tribunal fôra instituido, para manter a constituição contra os actos do congresso, que a transgredissem. E' absolutamente novidade, para mim, que o congresso seja o juiz exclusivo da extensão dos poderes, em que a constituição o encerra, como é novidade, aos meus ouvidos, que já não tenha existencia este principio fundamental á constituição: a egualdade de todos os individuos perante a lei.»

E adeante:

«São communistas e socialistas os argumentos, em cujo nome se propugna este imposto. Se estas isenções subsistirem, a marcha communista proseguirá, e, daqui a cinco annos, se decretará uma taxa de 20 por cento sobre as rendas maiores de 20.000 dollars. Imaginava eu que o objecto capital de todo o governo civilisado fosse a preservação do direito de propriedade individual. Isto é o que Mr. Webster dizia em Plymouth Rock, no anno de 1820; e eu acreditava que nisto se achassem de accôrdo todos os homens educados e todos os homens civilisados. Com as doutrinas expendidas, porém, aqui esta manhã, até esse grande principio fundamental foi entregue aos ventos.

Washington e Franklin tinham a fé desse principio. Pudessem elles prever que, dentro em pouco, ante a suprema côrte dos Estados Unidos, se sustentaria que a constituição, obra do seu concurso, autorisava uma colligação de estados a penetrar, por meio de uma lei, no cofre dos cidadãos de outros estados, apoderando-se de todas as fortunas maiores de 100.000 dollars para uma distribuição geral pelo paiz ; adivinhassem-no elles, e teriam corrido a riscar as suas firmas de um instrumento susceptivel de interpretação tal.»

Cinjo-me a transcrever esses lances, caracteristicos do espirito da opposição constitucional do *Income Tax Act*, evitando a parte technica da argumentação deduzida especialmente nos discursos de Mr. Edmunds e Mr. Clarance, por ser impossivel, attenta a sua natureza, reproduzil-a em excerptos; além de que o commum dos leitores, alheios a estudos juridicos, não lhe soffreria a aridez. Basta dizer que o juiz Field, *the Father of the Court*, o patriarcha do tribunal, qualificou-a como a mais habil que jamais ouvira.

* * *

... *No Brasil, onde aliás o direito constitucional é o mesmo, seria para levantar uma tempestade essa audacia de cinco juizes, sem exercito, sem partido, sem meios materiaes de acção, firmados unicamente na auctoridade abstracta de seu cargo, na prerogativa juridica de sua dignidade, arrostando com uma simples sentença os grandes interesses do erario nacional, a maioria das duas camaras do congresso, as*

paixões socialistas das classes laboriosas contra as classes opulentas, as retaliações locaes do norte contra o sul, do oriente contra o occidente, da multidão innumeravel da pequena lavoura contra a diminuta minoria da grande industria, a vontade impectuosa, em summa, de « uma massa de eleitores tão esmagadora» que, na representação federal, LEADERS *republicanos, adversarios do projecto «preferiram catar silencio a correr o risco de combater idéa tão popular».* (1)

***

... Mutilada nas suas clausulas capitaes, ella ficára virtualmente inhabilitada, para operar com efficacia nas outras disposições, enfraquecidas tambem pelo empate entre os magistrados, cuja divisão igual de votos abria a porta a discussões e subterfugios incalculaveis. As autoridades do thesoiro viram para logo o caminho de resistencia e litigios interminaveis, em que ia tropeçar a cada passo a arrecadação do novo imposto. Suggeriu-se, pois; se não converia uma reunião extraordinaria do congresso, afim de prover ao desfalque inesperado, que se ia produzir na receita. O governo, porém, não considerou de immediata necessidade o expediente. Então varias, dentre as mais proeminentes folhas americanas, em differentes cidades, começaram a exortar o presidente da republica a examinar se não cumpriria

---

(1) Seligman : The Income Tax. Pol. Science Quarterly. dez. 94, pag. 620.

suspender a lei manca e embaraçosa, até que o corpo legislativo tivesse occasião de substituil-a.

Os interessados, porém, que, naquelle paiz, não estão habituados a abrir mão de seus direitos, ou a confial-os aos cuidados paternaes do governo, assentaram em provocar o tribunal a uma solução definitiva do ponto deixado em litigio pela primeira sentença. E o tribunal, solicitado por um recurso de accionistas de bancos e vias ferreas contra o onus lançado sobre os seus devidendos, assentio em reconsiderar a materia em questão.

Ventilado o assumpto na audiencia de 6 do corrente, a côrte suprema, dois dias depois, adiou a decisão para a assentada de 20, em que o Chief Justice Fuller procedeu a leitura da sentença cujos termos resam :

«O tribunal persiste na opinião, já expressa, de que o imposto sobre os rendimentos de bens reaes é um imposto directo. Somos tambem de parecer que os tributos sobre a renda de cabedaes mobiliarios entram igualmente na classe dos impostos directos.» Continuando, accrescenta que, sendo os encargos taxados nas secções 27 e 37 do acto legislativo de 1894, as quaes constituem na sua totalidade a parte do *Tariff Act* concernente a *income tax*, verdadeiras fintas directas, no sentindo da constituição, eram inconstitucionaes, irritos e nullos, por não observarem as condições de proporcionalidade que ella institue.

***

... Entre nós, á mingua de outros argumentos para evadir a auctoridade juridica de uma decisão como esta, as relutancias officiaes buscariam escapatoria decisiva no argumento da natureza politica do acto impugnado. A este respeito, certos interpretes nossos ouviram, como se diz, «cantar o gallo», mas sem perceber onde. Soou-lhes que, nos casos de caracter politico, a competencia cessa ante as prerogativas do congresso, juiz supremo da apreciação constitucional no tocante ás suas attribuições em materias de administração e governo. A propria jurisprudencia dos tribunaes tem posto esse limite á sua alçada. Mas a restricção ha de entender-se nos seus termos precisos. Não basta que o assumpto confine com a politica por um ou mais lados. E' mistér que sejam «exclusivamente» dessa categoria os direitos interessados na especie.

Se, porém, ainda que revestindo por uma ou mais faces esse aspecto, o acto em questão entender com direitos DE ORDEM INDIVIDUAL, *direitos attinentes á pessôa humana em alguma das suas condições essenciaes, como a liberdade, a propriedade, ou a vida, os elementos politicos do caso não excluem a soberana competencia da magistratura na fixação do pensamento constitucional.*

Tal a doutrina consagrada alli desde Marshall, reproduzida pela côrte suprema em varios arestos, como o pronunciado no caso do estado da Georgia vs. Stanton,Grant & Pope (6 Wallace 50-78), e desenvolvido na obra capital de Coxe acerca do poder judiciario em materia de legislação inconstitucional : «The United States Supreme Court is competent to

declare a questioned act of Congress to be inconstitutional and void in certain cases; namely those in which the rights in danger are not *merely* political rights». (1).

Mas nenhum caso exemplifica tão solemnemente como o actual a auctoridade dos tribunaes em negar execução a actos legislativos de CARACTER POLITICO, *logo que attentem contra direitos individuaes, assegurados na constituição.*

* * *

... O *Jornal dos Debates*, dando conta, no seu boletim estrangeiro de hontem á tarde, de que a *income tax* americana «acabára ás mãos dessa auctoridade judiciaria, *á qual, nos Estados Unidos tudo se inclina*, reflecte:

« *Não é inutil demorarmo-nos um momento ante o espectaculo que nos offerece a justiça nos Estados Unidos, aniquillando um acto do congresso. Eis ahi uma novidade para os espiritos nutridos na rigida logica das raças latinas, quanto aos direitos soberanos da representação nacional. Não será mau, talvez, meditar o contraste, que entre si apresentam um povo, cujo acto constitucional estatue que «o poder judiciario se estenderá a todos os casos, em direito, ou equidade, que nascerem desta constituição e das leis dos Estados Unidos»*, e outro que, não se suppondo menos livre, não deixa aos particulares recurso nenhum contra leis, ou, sequer, contra simples actos do governo offensivos dos seus direitos».

---

(1) Pag. 30.

Para a França, porém, era puramente moral a lição, em quanto para nós é rigorosamente legal ; porquanto as instituições brasileiras, nesta parte, são de todo o ponto identicas ás dos Estados Unidos. Essa prerogativa fundamental da justiça americana passou integralmente daquella constituição para constituição brasileira, com a differença apenas, em nosso favor, de que a attribuição, implicita, segundo a generalidade dos interpretes desde Marshall, na primeira, é expressa, formal e peremptoria na segunda. Que miseravel idéa não faz, pois, no nosso regimen legal, esse elemento faccioso, que imagina rivalidar actos inconstitucionaes da administração mediante deliberações não menos inconstitucionaes do congresso? Centenas de approvações parlamentares, imperiosas, comminativas, unanimes não annullariam nunca o minimo dos direitos individuaes, ferido por uma inconstitucionalidade. Uma sentença da auctoridade judiciaria, para a qual é inilludivel o appello, póde mais, neste systema de governo, do que todas as allianças entre a administração e a legislatura.

Passe e repasse embora a preamar da indulgencia politica, empenhada em solidar os arbitrios da força.

A areia movediça, que uma corrente ajunta, vai-se com a outra. Só a lei constitucional dura, implantada nas profundezas da justiça, como os granitos do recife no seu engaste submarino.

Se querem fundar a omnipotencia real do executivo escudada na apparente omnipotencia do congresso, principiem por abolir virtualmente a constituição, fechando os tribunaes. Mais val acabal-os do que deshonral-os, convertendo-os em rabadilha do poder irresponsavel. Se as armas não se inclinarem á justiça, ao menos que a justiça não seja a cortezã das armas. Estas não precisam della, e, dispensando-lhe os serviços, poupariam, ao menos, a ultima das degradações moraes a um povo resignado ao aniquillamento.

POLEMICA

I

E', na realidade, profundamente desalentador o espectaculo a que estamos assistindo, com o debate da famosa questão—de quem tem direito á região do Acre: se o Estado do Amazonas, se a União, se os seus proprios habitantes.

Fôra o Acre, como o territorio contestado das Missões ou do Amapá, pobre; não possuira a seductora producção dos seus ferteis seringaes e teria sido, pacifica e despercebidamente, annexado ao Amazonas, como aquelles o foram ao Paraná e Pará.

Existe nelle, porém, essa ainda rica industria, unica que póde compensar fartamente as difficuldades normaes de exploração e transporte, dando renda annual de muitos mil contos, emquanto a concurrencia que se prepara noutros paizes e em zonas mais faceis do proprio Amazonas, não lhe acabe por tirar o valor, como já succedeu entre nós ao café, e isso foi bastante para aguçar ambições de todo o genero em volta do novo Potosi.

Por mais que se pretenda desviar ou desnortear, desta intuição clara e positiva, o espirito desprevenido, imparcial e justo, daquelles que acompanham estas questões com patriotico interesse, o esforço é e será baldado.

As demasias de uma paixão céga e aggressiva trazidas ao pleito, predispõem, pessimamente, contra os argumentos empregados e contra a justiça da causa em litigio.

Evidentemente, o interesse da posse da rica região existe e move, ainda que de modos diversos, os tres pretendentes a que nos referimos.

O Amazonas, julgando seu direito apoiado nos principios da Constituição federativa que nos governa, entregou sua causa ao severo julgamento do Poder Judiciario, e aguarda, sem discussões intempestivas, opportuna decisão.

A União, baseada na hypothese de que póde governar e administrar territorios nacionaes, decretou a organização das Prefeituras do Acre e, allegando o não direito do Amazonas á annexação e a falta de condições necessarias para a independencia acreana, vai usufruindo os 6 a 7 mil contos de renda annual da borracha dessas paragens.

Os habitantes da região, pondo de parte as condições exigidas, quer pela Constituição, quer pelas innumeras e urgentes necessidades de um Estado independente, a que não basta a riqueza de um producto unico, allegam os seus direitos de cidadãos creadores do progresso do Acre e seus defensores, para querer que elle seja elevado a Estado autonomo da Republica.

Na rabadilha dessas pretenções caminha, em antipathica posição, o Ceará que, flagellado e empobrecido por continuas seccas, auxilia esta ultima pretenção, contra o Estado que generosamente o amparou em angustiosos transes, com o intuito de ter uma colonia para o exodo de sua população nas crises e uma fonte indirecta de reparação da sua riqueza estadoal compromettida.

Como compensação a essas inspirações de separação de territorios estadoaes, os grandes Estados vivem apprehensivos porque vêm no poder outorgado, por esse acto, á União, a possibilidade de uma nova, sabia e equitativa divisão geographica da Republica, para approximar zonas decadentes dos seus centros naturaes de recursos e progresso, de modo a tornar as

superficies dos Estados racionalmente equilibradas e delimitadas, e acabar com o predominio revoltante de representações enormemente desiguaes na direcção politica da Republica; como já era adiantado anhelo dos bons patriotas, inclusive o proprio Imperador, nos ultimos annos da Monarchia.

Alarmados, muito naturalmente, pelo egoismo do instincto de conservação, presentem elles que lhes será funesta, mais cedo ou mais tarde, pela popularidade daquella idéa, a faculdade concedida á União — de poder golpear arbitrariamente a autonomia territorial dos Estados, para alcançar a desannexação do Acre.

Bem percebem quanto é desorganizadora e nociva, mórmente ás grandes divisões politicas, a cujos extremos só chega tarde e mal (e este é um dos argumentos a favor da independencia do Acre) o influxo do centro, um governo republicano federal, que não assente toda sua acção no respeito o mais absoluto á soberania estadoal, de sorte que as unidades politicas autonomas, que constituem a União, vivam sob a continua ameaça de poderem ser arbitrariamente retalhadas, separadas e usurpadas pelo poder central.

Nessa destemperada luta de interesses, claros ou latentes, que assignalamos com relação á questão do Acre, o Brasileiro que ainda crê e preza a instituição republicana, tão desmoralizada pelos historicos e pelos adhesistas de má fé, vê com pezar, como existiam, larvadas na indole nacional, paixões de rasteiro nivel, que a Monarchia suffocava, e as quaes a actual fórma de governo dá, infelizmente, plena e livre expansão.

Longe de encaminhar o debate sobre tão importante assumpto, cuja solução formará aresto para o futuro procedimento da União, quanto á autonomia territorial dos Estados; longe de guial-o, com calma pelo terreno do são patriotismo que a gravidade da causa exigia, levaram-n'o, os interessados incriteriosos, pelas veredas escusas e sordidas das invectivas pessoaes, onde é de veso o emprego de punhados de lia, ao envez de solidos argumentos e claras razões.

Nada ahi se respeita e ai! daquelle que ousa se embrenhar em taes viellas, quando tem o habito da limpeza nas vestes e no caracter!...

Não se discute — infama-se. O velho e repulsivo costume de procurar diminuir o adversa-

rio, pelo insulto soez e traiçoeiro á sua reputação publica e privada, tem sido, nesta malfadada contenda, posto em jogo, desassombradamente, á luz avermelhada e sinistra do foguetorio réles das objurgatorias de arrieiros.

Como é natural, tal systema não colhe.

Se alguns pervertidos, por indole ou por falta de educação domestica e social, se um reduzido numero de tolos ou cretinos vão acreditando e repetindo taes miserias, ellas ferem tão incisivamente os espiritos finos e educados que, quando mesmo, pudessem, sob a rude e asquerosa crosta, conter a verdade e a justiça, de si afastam, indignados e mal prevenidos, os homens de bem.

Por esse mesmo processo, temos visto accusados, desde longos annos, todos os governos amazonenses, e ainda os da Republica e de outros Estados. Passam-se, entretanto, os tempos e esses mesmos homens são apontados, por essa mesma opinião publica que já os julgara, assim transviada—como benemeritos cidadãos e salvadores da patria.

*
* *

Ainda agora, nesta questão do Amazonas, em que seus homens politicos de real prestigio e que o não teriam adquirido sem merecimentos e serviços, têm sido atacados da maneira mais cruel e injusta; agora mesmo, que os temos visto apresentados á opinião pela paixão interessada—como os causadores e responsaveis da desmoralização e atrazo material de um Estado, que affirmam no ultimo gráo de decomposição geral, leiamos o que mandam os representantes da imprensa desta Capital dizer de Manáos aos seus jornaes.

O telegramma refere-se á viagem do Dr. Affonso Penna, foi publicàdo pelo *Jornal do Commercio* e diz:

> «O Governador do Estado offereceu hontem um banquete ao Conselheiro Affonso Penna, pronunciando, ao Champagne, um discurso de saudação ao Presidente eleito.
>
> O Dr. Affonso Penna respondeu fazendo grandes elogios ao Estado. Disse no seu discurso que a alma patriotica

sente-se forte deante do espectaculo que encontra ao chegar aqui.

Accrescentou que era o primeiro porto, partindo do Rio de Janeiro para o Norte, que encontrara dotado de apparelhos aperfeiçoados para o movimento de carga e descarga de navios. Affirmou ter visto que os poderes publicos estadoaes tinham nitida comprehensão dos seus deveres. Lembrou a grata impressão que teve, visitando o Instituto Benjamin Constant. Referiu-se longamente a todas as manifestações que observara do desenvolvimento progressivo da rica e opulenta região amazonica».

Além deste, foi tambem publicado pelo mesmo *Jornal* um outro, passado pelo actual Governador a seu irmão o senador Silverio Nery, nestes termos :

«O Dr. Affonso Penna percorreu, em visita, hoje, as repartições publicas estadoaes, recebendo as melhores impressões. S. Ex. era acompanhado por

mim, Vice-Governador, Commandante do districto e innumeras pessoas gradas. Hoje, ás 7 1/2 horas da noite, foi-lhe offerecido, no Palacio do Governo, lauto banquete, a que compareceram todos os chefes e representantes das corporações officiaes e particulares. Em nome do Estado, saudei o Dr. Affonso Penna que, respondendo, declarou enthusiasticamente sua admiração pelo progresso do Amazonas, convencido de que o Estado era victima de calumnias daquelles que não possuem perola tão preciosa. Sentia-se feliz em poder affirmar que o Estado do Amazonas era um thesouro capaz de, por si só, engrandecer todo o Brazil. Tratando succintamente do plano da sua futura administração, mostrou como devem proceder os governos, ante os ataques asperos e injustos de opposição systematica e desorientada, dizendo que é preciso não igualar a vida de um povo á vida de um individuo. Disse que todos erram, e o erro de um governo, cujos effeitos perdurem por espaço de

alguns annos, não deve ser encarado como mal insanavel, mas sim como um incitamento para que todos procurem remediar esses annos de desgraças que, se grandes para o individuo, são uma infima parcella para a vida de uma sociedade.

Referindo-se ás visitas aos estabelecimentos publicos, fez elogios principalmente ao Instituto Benjamin Constant e ás escolas primarias, das quaes leva a impressão mais grata, accrescentando que o desenvolvimento de uma sociedade não se avalia simplesmente pelo seu lado economico, mas tambem pelo intellectual e moral, folgando em affirmar que a este respeito leva daqui o mais profundo desvanecimento. Declarou Manáos o primeiro porto de desembarque de todo o norte do Brasil, e terminou o seu discurso brindando o Amazonas, que considera o mais grandioso Estado da Federação, invejado pelas mais opulentas nacionalidades. Amanhã S. Ex. inaugurará o Instituto Agricola. Cordeaes saudações.»

E esta é a verdade que ha de resultar sempre, máo grado os devoradores lampejos de coruscantes inventivas, do desdobrar natural dos factos.

De todos os Estados da Republica, não ha negar, o Amazonas é um dos raros que prosperam e a sua capital é uma das mais adiantadas, depois da Federal. Alli o progresso material caminha a par de um movimento social dos mais modernos; alli a luta pela vida, nas suas mais bellas movimentações do progresso, lembra o laborar constante e audacioso das cidades yankees.

Basta um só facto, como este, para destruir, no espirito dos sãos uma campanha inteira de diffamação e de descredito, movida pelo interesse ou pelo despeito.

II

Misero Estado do Amazonas, porque havias de ter em teu seio essa riqueza corruptora que é, como foram as fartas minas do Transwal, a causa unica dos mais inclementes golpes vibrados contra a tua soberania, tranquillidade e prestigio !...

Os teus *utlanders*, esse typo ignobil dos forasteiros exploradores de ouro de todo o mundo, se não empregam os mesmos meios de enormes capitaes na exploração dos teus ricos seringaes, têm, entretanto, as mesmas desregradas paixões, a mesma ambição desenfreiada e os mesmos processos, postos em pratica pelos garimpeiros das cavalheirosas republicas sul-africanas, para avassalar o territorio explorado, entregando traiçoeiramente ao jugo inglez — o heroico e altivo povo que os agasalhara generosamente em seu seio.

Não lhes bastou, aos bucaneiros do Acre, ir colhendo, á sombra das tuas liberdades, das tuas leis e do teu acolhimento fraternal, grandes fortunas.

Enriquecidos pela tua franca hospitalidade e pelo sacrificio de levas inteiras de filhos desse mesmo Ceará de que se intitulam, agora, desinteressados patronos (!), cresceu-lhes a ambição com o augmento das suas interminas propriedades territoriaes de farta renda e nasceu-lhes o indomavel desejo de dominar, como senhores absolutos, esse pedaço do Brazil, tão rico, porém tão afastado da acção das autoridades e das leis, onde o dominio do aventureiro audaz campeará facilmente, arrogante e livre, desde que se desembarace da tua proxima influencia e intervenção.

Como era natural, não foi o plano traçado para a obtenção de tal fim—nem o da discussão leal e digna dos direitos que diziam ter, nem o da conveniencia nobre e alevantada dos interesses da patria.

Foi outro, muito outro e isso já hoje é por todos reconhecido.

Preferiram os caminhos escusos e tortuosos da sapa á estrada batida pela luz meridiana.

Começaram, no mesquinho intento, por apresentar o Amazonas, esse mesmo Amazonas que o futuro Presidente da Republica acaba de

proclamar—um dos mais adiantados, prosperos e bem governados Estados da União — como o mais barbaro, corrompido e depravado de todos elles.

Sua capital era uma vasta estrumeira, asqueirosa e putrida, sem agua canalizada, sem esgoto, sem calçamento, sem nenhum dos melhoramentos municipaes de uma cidade moderna, onde o capim e o lixo se accumulavam nas ruas esburacadas, pelas quaes se arrastava, banzeira indolente e mal asseiada, uma população quasi analphabeta, corroida por todas as subserviencias e dominada por politicos e governantes sem capacidade nem pundonor.

Suas cidades, miseras tapéras pestilentas e inhabitaveis, ainda com traços mais carregados foram incluidas no quadro negro da decomposição e penuria da actualidade amazonense.

Esse Estado, cujo progresso material e desenvolvimento moral tem causado admiração sympathica a todos que o visitam, era descripto como uma especie de reino de Congunhanha, povoado por sordidos africanos e governado por uma horda de avidos salteadores.

E tudo isso, causa pasmo verifical-o, foi dito e redito em todos os tons, não sómente nos ineditoriaes das folhas diarias, como por quasi toda a imprensa fluminense e glosado por quantos mantinham no espirito a esperança de algum restolho da farta messe acreana.

Bem facil de explicar era o facto. A nossa imprensa, como a da Capital da França, fôra illudida pelas bravatas e patranhas dos que a ella se apresentavam, com o mesmo topete dos aventureiros do *Cunani*, como salvadores da dignidade da patria, pelo seu alto patriotismo, provada coragem e desinteressada abnegação de que, além do mais, dava arrhas o proprio Governo da União, a cujos interesses estavam inconscientemente servindo.

Essa era a primeira parte desse plano, infelizmente coroada do melhor successo — desacreditar, *urbi et orbe*, o adversario leal que, confiante na justiça de sua causa, no criterio dos seus compatriotas e no seu passado de trabalho pacifico e productivo, aguardava imparcial julgamento.

O Brasil só não passara pela aviltante humilhação da perda do Acre, diziam elles, devi-

do aos titanicos e patrioticos esforços desses *heroes*, que se apresentavam coroados com os louros da victoria e exigindo desse mesmo Governo da União, que os abraçava tão carinhosamente,—que lhes entregasse essa rica região, que só elles, exclusivamente elles, haviam descoberto, desbravado, enriquecido e libertado (!).

E, tanto mais isso devia ser feito, accrescentavam, quando estava sobejamente provado que o Estado do Amazonas, corrompido, esphacelado e agonisante, não podia nem devia continuar a possuir e a administrar o Acre (!).

A essa audaciosa pretenção, tão insidiosa e astutamente trabalhada, duas sérias difficuldades se oppunham, entretanto— o tradicional direito desse Estado á região situada ao norte do parallelo 10º 20', sobre a qual se lhe reconhecera sempre jurisdicção e os artigos 2º e 4º da Constituição.

Deve ainda estar no espirito dos que acompanharam de perto esta interessante contenda o modo claro, positivo e patriotico porque—a alta imprensa de todo o paiz, o Club de Engenharia, a Sociedade de Geographia, as aggremiações

scientificas e sociaes de importancia e a opinião publica em geral proclamaram, apoz lucidas discussões, o direito do Brasil, que era o do Amazonas, ao territorio situado ao norte daquella latitude, facto tambem, official e categoricamente confirmado pelo proprio Governo brasileiro. (BARÃO DO RIO BRANCO, *Exposição ao Presidente da Republica.*)

Foi, só algum tempo depois disto, que se levantou a violenta e acirrada campanha, cuja deslealdade e injustiça acaba de ter o mais formal e valioso desmentido.

As cousas desse Estado, como seus homens politicos, que só poderiam ter adquirido o prestigio que os cerca e as posições que occupam, como é intuitivo, á custa de muitos serviços e constante trabalho em prol do seu torrão natal, foram trazidos a debate improprio e amesquinhado, pela inferioridade do nivel e vileza da argumentação pessoal e rudemente aggressiva que empregava.

Dos proprios advogados da causa, que fora entregue serenamente a decisão dos tribunaes da Republica, eminente jurisconsulto, mestre venerando e respeitado em todas as provincias dos co-

nhecimentos humanos, até muito além das raias da nossa patria, que tanto honra e engrandece com o seu saber, foi taxado pela petulancia anonyma e ignára — como claudicante, por inapto, em lettras grammaticaes e linhas elementares de geometria!

Como haja sempre no publico que nos julga uma grande parte constituida por idiotas e paspalhões, auditorio certo e apalermado com que contam os *camelots* e *industriosos*, já ia a náo da grande empreza da independencia do Acre caminho de seguro porto, quando um dos parceiros do jogo resolveu tomar para si, como parte do leão, o appetecivel bolo, aproveitando assim opportunamente o trabalho feito pelos bucaneiros do estuario acreano, a quem agasalhára e protegera emquanto delles carecia.

Era a rinha inevitavel, a sobrevir, naturalmente na partilha do despojo, adquirido á traição, na vasta savana em que a lei é o refle e o unico direito o da força.

Assim ludibriados pelo Governo da União, lançaram precipites mão das armas—os denodados patriotas, os grandes benemeritos, os devotados brasileiros, que, só guiados pelo amor da

patria, haviam conquistado para o Brasil esse pedaço de terra *que nunca lhe pertencera* — e clamam :

— Estão muito enganados. Isto agora é muito nosso e queremos ver quem nos vem tomar — no mesmo tom arrogante com que já haviam ameaçado, anteriormente, fazer escoar o producto dos seus seringaes pela Bolivia.

Cahidas as mascaras; desvendado o scenario á luz clara e rutilante da verdade, que sempre resurge victoriosa das caligens da trapaça, restabeleçamos a realidade dos factos e o incontestavel progresso com que o Estado do Amazonas, essa melhor gemma dos escrinios da Republica, acaba de maravilhar o espirito culto e o coração generosamente brasileiro do Sr. Dr. Affonso Penna e da sua illustre comitiva, pelo seu adiantamento e pela sensata e patriotica orientação de seus governos, na propria phrase do criterioso futuro Presidente, cujos conceitos são recebidos com anciedade e glosados favoravelmente por toda a imprensa.

*
* *

Mais do que qualquer outra paixão que possa agitar a alma humana, é revoltante e damnosa ao apuramento da justiça e favoravel á extorsão — a ira insensata e céga, accesa por interesses e ambições contrariados, ainda mesmo por legitimos direitos de outrem.

Entre os proprios individuos a quem o cultivo intellectual e esmerada educação social deveriam dominar os assomos do despeito e da colera, originados pelo prejuizo de interesses ou ambições, quantas vezes presenciamos actos de repulsiva baixeza em taes emergencias!...

Não é para admirar, portanto, que miseros aventureiros, erguidos um nadinha acima da trivialidade boçal da massa anonyma, por circumstancias fortuitas da caprichosa fortuna, empreguem na defesa desesperada da riqueza ameaçada, e da elevação accidental solapada pela lei da gravidade social que os attrahe para o chão, a linguagem de arremangados arrieiros que disputam a differença de ceitis na transacção de um onagro. Isso foi, é e ha de ser eternamente assim mesmo.

O unico baluarte que o são direito e a pura justiça possuem, contra taes ataques — é o da

calma a mais serena e o da mais restricta compostura, no discutir do pleito. A antithese do apaixonado e violento proceder dos despeitados captiva, e a lealdade da discussão revela o quilate do direito que nos assiste. Isto é sediço.

E, ainda não houve, em que peze aos que contestam os direitos do Amazonas á região do Acre Septentrional, publicamente reconhecida como lhe pertencendo, pela opinião geral do paiz e pelo proprio Governo da União, que de tal affirmação se servio para reclamal-a da Bolivia; ainda não houve, diziamos, uma opposição leal, franca e digna, vasada nos moldes finos e limpidos, em que o emerito Dr. Ruy Barbosa crystallizou brilhantemente as justas pretenções daquelle Estado.

Aos seus adversarios têm tanto fugido a razão e a justiça quanto crescido, como é de regra—a deslealdade, o doesto, a calumnia e o insulto, contra tudo e contra todos que a elle pertencem ou que á defesa da sua causa estão ligados.

Se repisamos este aspecto do pleito é porque nunca é de mais, com taes contendores, que chegam a negar a evidencia da luz meridiana,

accentuar as vantagens que vamos obtendo em tão ingrata luta, na grande liça onde actualmente se debate o pleito.

Do immenso publico que enche o Coliseu, que fiquem do lado do gaulez leal e aureolado pela firmeza de suas crenças christãs e pela confiança na santidade da sua causa, e do gladiador traiçoeiro e perfido, da esgrima negra da rede e dos vis assaltos—aquelles que encontrarem, num ou noutro, maior somma de affinidades de indole.

Estamos certos que comnosco ficarão o apoio e as sympathias dos justos e dos bons.

*
* *

A exclamação do Sr. Dr. Affonso Penna, ao desembarcar em Manáos—*a alma patriotica sente-se forte ante o espectaculo que encontra ao chegar aqui e bem vejo quanto os poderes publicos estadoaes têm nitida comprehensão dos seus deveres*—foi mais o protesto de uma alma sã e recta, ao verificar, *de visu*, a enorme calumnia assacada contra tão rico e florescente Estado, do que o brado espontaneo da admiração sorprendida pelo inesperado.

Pois então, esses rios que singrara, com as extensas margens bordadas de estabelecimentos de exploração constante das riquezas naturaes e do commercio; pois, esses rios cortados por innumeros vapores de todas as procedencias e pontilhados de cidades e povoações em via de franco progresso; esse bellissimo porto de Manáos, tão extraordinariamente movimentado e dotado do *melhor cáes de atracação e descarga que vira em sua viagem por todo o norte* da Republica; essa alegre e nova cidade de largas ruas e bellas avenidas calçadas a parallelipipedos de pedra e de asphalto, e caprichosamente arborisadas; com suas casas construidas com rara solidez e gosto e os bellos monumentos a attestar, na sua edificação e conservação, o zelo dos Governos; com as suas praças ajardinadas e sua viação e luz, luxuosas e modernas, alimentadas á força electrica; pois, tudo isso poderia lá ser manifestação da decadencia de um Estado e da *miseria de Manáos?!* . . .

O Theatro, o Palacio da Justiça, o Instituto Benjamim Constant, esse bellissimo edificio e maravilhosa instituição creada e mantida com o maior desvelo, o Palacio do Governo, a Che-

fatura de Policia, a Recebedoria, os quarteis de Policia e de Bombeiros, as bellas hygienicas escolas publicas, os grandes reservatorios e mais obras do abastecimento de agua, o Instituto Agricola recem-inaugurado, a Bibliotheca, a Penitenciaria, o Palacio da Policia, em construcção, e tantas e tantas outras obras importantes, entre as quaes sobresahem o mercado publico e as pontes monumentaes que galgam os igarapés da cidade, não attestarão, de sobra, o patriotismo e dedicação com que os Governos do Amazonas transformaram, a velha e abandonada Manáos da Monarchia, nessa bella e garrida cidade republicana?!...

O grande commercio representado por innumeras firmas de alta importancia e credito inabalavel, por onde giram annualmente, em movimento de importação, exportação e aviamentos para o interior, milhares de contos de réis; os bancos e casas bancarias de grande força a operar directa e francamente; o pequeno commercio, a desdobrar-se, num agitar incessante de mercadorias, para o abastecimento da população, já bastante exigente nas suas necessidades de habitantes de um emporio moderno e cosmopolita

de grandes explorações industriaes, era de justiça que tivessem impressionado, profundamente, o espirito criterioso e patriotico de S. Ex., que lera, certamente, o que se tem dito contra a bella e adiantada Capital e contra os seus Governadores, sobretudo o mallogrado Pensador ainda hontem arrastado como o peior dos bandidos pelas ruas da amargura e, hoje, erguido como benemerito reconstituidor de Manáos e salvador do Amazonas, principalmente para se tirar merecimento aos seus successores.

O progresso material do Estado do Amazonas só poderia ser negado, como o foi, por quem tivesse, a lhe obliterar a visão e o senso, a paixão cega e violenta de interesses feridos, a que nos referimos ao começar este artigo.

Pergunte-se ao Senador João Cordeiro, espirito leal, calmo e reflectido, como o do Dr. Affonso Penna, e que alli esteve ha pouco tempo —o que vio e o que julga do Estado do Amazonas e da sua bellissima Capital ?. . .

Indague-se dos Generaes Olympio da Silveira, Mendes de Moraes, Medeiros, José Christino e de tantos outros circumspectos e illustres militares, que alli têm estado demoradamente,

que impressão trouxeram da riqueza e do progresso amazonense.

Todos os que alli têm ido, incluindo nesse numero—homens de sciencia e da alta industria, da America do Norte e da Europa, são unisonos em confirmar nossas asserções.

Naturalmente, esse futuroso Estado e a sua adiantada Capital, não alcançaram ainda a primazia entre os mais adiantados, mas, em riquezas de territorio e producção natural, podem-se ufanar—de não ter competidor no mundo e, quanto a progressos urbanos e desenvolvimento moral—de ser sua Capital uma das primeiras da Republica.

Depois disto, julgue-se da sinceridade e criterio daquelles que o combatem e tentam demolir a pedradas seu incontestavel progresso.

III

Durante a Monarchia, o Amazonas, apezar de ser uma misera, descurada e longinqua provincia, despertou sempre sérias apprehensões aos Governos do paiz.

Aquella sabia e patriotica previsão, hoje em desuso, do desdobramento futuro dos publicos negocios, que constituia uma das mais admiraveis qualidades dos politicos daquelle tempo, da qual temos colhido os fructos sem aproveitar a lição, trazia-os em constantes sobresaltos a respeito de uma região do Brazil tão afastada, de tão phenomenaes recursos proprios e posição geographica tão propicia a difficultar-lhe a penetração.

E isso tanto mais os impressionava quanto sabiam com que avido olhar visinhos, audaciosos e emprehendedores, cubiçavam essa bella e farta Amazonia, onde a natureza accumulara caprichosamente a maior somma imaginavel de riquezas naturaes de subido valor e extraordinarias manifestações de sua enorme pujança.

Sentindo quanto alli chegava enfraquecida a acção do poder central e quanto o contacto e influencia dos estrangeiros era prejudicial á passiva submissão das antigas colonias portuguezas, que procuravam conservar e que suppunham unica garantia da posse de joia de tão puro quilate, só lhe abriram os portos á navegação universal e a foram dotando de morosos e acanhados melhoramentos, depois de grandes hesitações e difficuldades.

E para prova disso basta lembrar—como os seus Presidentes eram prudentemente escolhidos entre os mais criteriosos e devotados amigos do throno, quasi sempre provectos militares e como sua administração era feita com as mais cautelosas precauções, sendo constantemente alli mantido um grande destacamento da força armada da nação, sob o pretexto da defesa de suas fronteiras.

Pouco bellicosa, mal instruida, de povoamento escasso e vivendo quasi que isolada e num grande atrazo, o receio dos Governos monarchicos não era tanto da sua iniciativa de independencia,como da sua annexação á famosa *Republica Amazonica*, afagada e propelas pagada

conveniencias e interesses de nações visinhas e, é de suppor que essa preoccupação já houvesse influido, em grande parte, em 1850, para separal-a do Pará no intuito de—dividir para conservar.

Poucos annos antes da proclamação da Republica, quando mais ardente corria a propaganda da nova fórma de governo, essa idéa de separação e independencia, por mais impatriotica que nos pareça,tomou grande vulto açulada pelo abandono, desprestigio e injustiças, soffridos por algumas provincias do norte e a viagem do Conde d'Eu, ainda que tardia, só teve o fito de attenuar o profundo desgosto ineptamente accumulado pela má orientação do poder central.

Emquanto se deixava o Amazonas vegetar miseravelmente, só se tratando de extorquir-lhe (como o está, em parte, fazendo a Republica) o resultado da sua producção, para a receita geral do Imperio, tirava-se iniquamente, dessa mesma receita, sommas enormes, para dotar outras provincias, não as mais necessitadas, com estradas de ferro e de rodagem, melhoramentos de portos, engenhos centraes, monumentos e outras obras, até de desnecessario luxo.

Ao cahir a Monarchia, a parte verdadeiramente povoada de Manáos a pouco mais iria de um kilometro de raio e suas ruas mal calçadas ou sem calçamento algum, suas edificações miseraveis ou em ruinas, feitas de taipa e adôbo, seu porto sem a menor obra de arte que facilitasse o desembarque, e sua população mal instruida, mal alimentada e sem o minimo conforto social, attestavam o descuido em que a haviam deixado até então.

E' certo que, nos ultimos annos, Presidentes houve, como o Dr. Paranaguá, que, guiados por uma intuição mais liberal, procuraram mudar a ronceira e atrazada direcção dada á administração, trazendo-lhe alguns melhoramentos, quer nas construcções publicas da Capital, quer na instrucção do povo em geral.

Mas era tarde. A previsão dos velhos politicos fôra prejudicada pelos preconceitos da rotina e a reparação vinha já fóra de tempo.

Em 1889 a receita geral do Amazonas era de 1.814:000$ e a população da sua Capital de 10.000 habitantes no maximo. Sua navegação, escassa e pesada, só alcançára ter uma linha subvencionada de transatlanticos em 1874.

Só em 1885 pôde encetar relações directas com as praças do Rio de Janeiro e dos portos intermediarios, por meio da *Companhia Brasileira de Navegação a Vapor* — hoje *Lloyd Brasileiro*.

As cidades e povoações do interior debatiam-se, então, no maior atrazo e a braços com as mais elementares necessidades de aggremiações politico-administrativas, minadas pelo abandono do centro e pela corrosiva politicagem dominante.

Em rapidos traços, era esse o estado em que se achava o Amazonas quando delle tomou conta o primeiro Governo republicano, e isso ainda é historia muito moderna para que possa ser vantajosamente contestada.

Pois bem, para passar dessa penuria geral para o seu desenvolvimento actual, aproveitando e dilatando todos os factores de evolução que a Monarchia desprezára, foi preciso, diga-se leal e francamente, que esse trabalho de reconstrucção material e moral de um Estado, tão aperreado e decadente, fosse obra intelligente, constante e patriotica do esforço, não de um ou outro, mas de todos os seus Governos dessa data para cá.

Essa grande somma de progresso, que alcança modificar assim tão profundamente, como o fez em 17 annos apenas, a vida e recursos de um povo, só póde ser o effeito de uma acção collectiva e ininterrupta de todas as administrações que se têm succedido nesse Estado.

Se elle é hoje um dos raros, senão o unico que alcançou prosperar e garantir firmemente o seu futuro,durante a Republica, como o affirma o Dr. Affonso Penna, não ha duvida que— só deve isso áquelles que souberam aproveitar e desenvolver seus recursos naturaes, de que a Monarchia não soube ou não quiz tirar proveito algum, em 39 annos que o teve sob seu dominio absoluto. Podem ser increpados seus Governadores, em geral moços e pouco praticos da alta administração, a que foram guindados pela estima e confiança que mereciam, de inexpertos e algumas vezes de imprudentes, mas, é precizo que sejamos equitativos— sua obra de progresso e reorganização de um Estado, como aquella que hoje nos apresenta honrosa excepção, entre os outros Estados republicanos, o extremo norte do Brasil, é incontestavel documento da sua dedicação pelo progresso amazonense.

Que se tenha pago mais caro do que se devia, em dinheiro ou em sacrificios, esse grande e benefico desenvolvimento, tão incontestavel que a propria União quer extorquir-lhe uma parte, e o argumento com que hoje se tenta justificar — mais do que esbanjamentos, ataques aos direitos mais sagrados de uma sociedade— com o melhoramento e saneamento da Capital da Republica, deve, quanto a elle, ter melhor applicação, por tratar-se de elementos vitaes da existencia de um Estado, entregue inopinadamente aos seus proprios e minguados recursos (1.814:000$), e não de obras de luxo e embellezamentos, na maior parte adiaveis.

Bem sabemos que um abuso não justifica outro; mas errada ou certa, para produzir o resultado que tem em vista os enthusiastas e numerosos endeosadores dos progressos do Rio de Janeiro e dos seus fautores, os quaes são os mesmos criticos da politica amazonense, a applicação do argumento deve ser feita com equidade e justiça.

E, se a Republica se póde orgulhar das bellezas da sua Capital, escondendo os principios federativos e os direitos do cidadão mal fe-

ridos, o Amazonas vangloria-se, do seu muito e indiscutivel progresso, para o qual — se foram despendidas grandes sommas das suas rendas, augmentadas por seus proprios Governos, nunca se feriu a Justiça nem a Constituição.

Isso de querer Deus para si e o demo para os outros, poderá ser doutrina muito commoda, mas a razão e o bom senso a repellem energicamente desconfiando da sinceridade de quem a emprega.

*
* *

Nós, os Brasileiros, censuramos acremente os povos cultos do velho mundo por desconhecerem a geographia physica e politica do Brasil e o estado de progresso desta nação no convivio mundial ; entretanto ignoramos, em geral, tudo quanto diz respeito aos nossos Estados mais longinquos.

E' de um ridiculo, verdadeiramente lastimavel, a ingenua parvoice com que damos credito ás maiores patranhas inventadas com relação ao Amazonas, a Matto-Grosso ou a Goyaz, por um desconhecido qualquer, mais ou menos audaz, que de lá venha, sem indagarmos—da

respeitabilidade do seu nome, nem do interesse ou da paixão que o possa impulsionar.

E, como a tendencia das sociedades mal educadas seja a mesma das *comadres* dos bairros-baixos, de acreditar e transmittir azedando e peiorando o mexerico, a intriga e a calumnia, para combater taes invenções urge só empregar, na discussão, o facto claro e incontestavel, a logica sã, a palavra limpa e a exposição sem subterfugios nem perfidias, de modo que—a personalidade do defensor seja dispensada, ou desappareça ante a lealdade e elementar intuição da defesa.

Se a accusação, contestada pela razão e pela competencia de altas individualidades politicas, industriaes e scientificas, exige ponderada reflexão no enunciado, completa imparcialidade do accusador e provas irrecusaveis da sua aptidão ; a defesa, quando estribada em factos notorios e na logica singela e pura da verdade, convence independentemente do valor de quem a faz.

Só os lobos perversos podem negar a logica do—*nondum natus erat*—do cordeiro de La Fon-

De todos os Estados do Brasil, na actualidade, o mais prospero, de finanças e economia mais promettedoras e de futuro mais garantido, no meio dos outros abalados por crises economicas ou financeiras de graves consequencias—é o do Amazonas ; e a Capital mais propulsionada pelo progresso das cidades modernas — é Manáos, depois da Capital Federal, de S. Paulo e, talvez, de Porto Alegre e Belém, isto mesmo, conforme o ponto de vista em que se colloque o observador.

Se este considerar — primeira condição de uma capital americana de nossos dias — a ausencia de preconceitos de bairrismo, de religião, de casta, de vida intima e de excessos de sentimentalismo, na grande movimentação das industrias, do commercio e das demais transacções praticas e vitaes de um agrupamento social qualquer, só preoccupado da conquista de poderosos factores de selecção e dominio, na luta pela existencia, para poder alcançar a vanguarda do progresso, talvez a primazia fique sómente debatida—entre a Capital Federal e Manáos.

Estas verdades, infelizmente, apezar de indiscutiveis, ainda causam assombro a muita

gente que ignora que a religião, a bondade, a caridade, a vida, o amor e a propria honra individuaes, só são elementos moraes necessarios á organisação da familia e reguladores dos costumes e da indole populares. Na grande pugna pelas hegemonias dos povos e das nações, onde domina exclusivamente o expoente frio e cruel da força e da intelligencia dos mais audaciosos, taes factores só agem secundaria e indirectamente, como a limpidez da agua da catadupa que movimente toda a vida industrial de uma grande fabrica.

Quem chega a Capital do Amazonas tem logo a intuição clara e positiva de que se acha num meio em que são unicas armas de combate, unicos coefficientes de successo, as aptidões individuaes de cada um, nas grandes e continuas lutas de uma sociedade que caminha vertiginosamente para o progresso, pouco se importando com as victimas que vai deixando pelo caminho.

E' o duro mas necessario egoismo moderno que, desde o imperialismo das grandes nações até a organisação da fortuna individual, se vai tornando, infeliz mas fatalmente, o principal agente da perfectibilidade humana.

E' assim impressionado, que o recem-chegado lança as vistas pelo vasto e farto campo de acção, que por todos os lados se estende, accessivel a seus projectos de lucro e de prospero futuro, a lhe prometter phantasticos resultados, se acaso se sente sufficientemente armado para os labores da grande pugna em que se vai empenhar.

Quando a convicção da propria fraqueza, porém, o desanima e impossibilita para a luta nobre e digna, raro não é vermol-o astucioso, perfido e traidor atirar-se á pequena guerrilha dos ardis condemnaveis, dos recursos obscuros, da calumnia, da intriga, da *chantage* e do calote, onde, reduzido a misero flibusteiro de uma sociedade que o repelle, acaba por ser por ella dejectado como escoria desnecessaria e prejudicial.

Dahi provém esses dous modos de considerar o Amazonas.

Uns, os fortes e aptos, que alli progridem, enriquecem e vivem folgadamente, com o espirito saneado pela energica nitidez de suas pretenções e do seu trabalho asseado e nobre, tudo vêm e consideram, como na realidade é — prospero, futuroso e grande.

Outros, aquelles a que nos referimos, bandidos disfarçados, lá como em toda a parte, só enxergam, nos homens como nas cousas, através da lente da inveja e do despeito,— atrazo, desidia, fraude, peculato, immoralidade e tudo quanto de máo e de negro offerece a imaginação exaltada pelo despeito aos espiritos trefegos, impotentes e abalados por crueis decepções.

Entretanto, como diziamos, o Estado do Amazonas, em que peze aos incapazes, tem progredido de um modo brilhante e seguro, e a exclamação do Dr. Affonso Penna, homem frio, ponderado e criterioso, como o attestam a magestade do cargo para que o acaba de eleger a nação—*ante o seu extraordinario desenvolvimento e boa orientação dos seus Governos*—é a prova mais cabal e irrecusavel de tudo quanto temos dito com relação ao progresso amazonense.

Em constantes relações com a America do Norte e com a velha Europa, os filhos do Amazonas não só soffrem a benefica influencia do culto e apurado elemento do velho e novo continente, com elles postos em contacto na exploração do commercio, das industrias e das riquezas dos valles do grande rio ; como em suas amiu-

dadas viagens ao extrangeiro têm módificado salutarmente seus costumes, seus habitos e sua propria intellectualidade. Ir á Barbada aos banhos, e ir ou mandar a familia á Europa, afim de poder fazer algumas economias, é alli facto muito commum.

E' digno de ver-se, por tudo isso, o movimento desse Estado, principalmente o da sua Capital, na faina incessante e intelligente da luta pela vida, na qual a confiança em si, nos meios que emprega, nos recursos que explora é a mais bella, mascula e suggestiva revelação da força humana feita por Brasileiros em terras brasileiras.

Alli todos aspiram muito, todos têm a nobre ambição da riqueza pelo trabalho, mas da grande riqueza porque a generosidade cosmopolita desse povo a todos aceita carinhosamente e, apezar de já ferido muitas vezes pela ingratidão dos reprobos, não alimenta preoccupações subalternas e pouco nobres de bairrismo, de casta e de nepotismo, que tanto têm prejudicado a outros Estados da Republica.

Naquelle vasto e uberrimo oasis desalteram-se e descançam, lado a lado, com iguaes

direitos e identicas garantias, o *guasca* ambicioso, como o esfaimado e corajoso *caboclo* cearense e o extrangeiro calmo e portador de enormes capitaes.

Que clamem os derrotados, gritem embora os despeitados e ingratos, e afastem-se enraivecidos da sombra benefica da sua generosa hospitalidade, que, quer queiram, quer não, hão de deixar no seu seio— o coefficiente dos esforços empregados,mesmo sem vantagens individuaes, com que, embora a contra gosto, sua actividade concorreu para esse progresso que todos admiram.

Nada é absolutamente nocivo neste mundo, nem mesmo a peçonhenta vibora. No esforço humano, como nos adubos da terra e no proprio veneno das serpes,sempre ha alguma cousa creadora e aproveitavel que não se perde.

Para evitar que essa prejudicial ignorancia do desenvolvimento desse ponto afastado da Republica difficulte o julgamento das cousas amazonenses em litigio; para que bem se possa avaliar toda a extensão das iniquidades contra elle armadas e medir a paixão dos seus gratuitos detractores, é que proseguimos nesta campanha—

de exposição clara e succinta do seu estado actual, contando do nosso lado a opinião sensata e imparcial de concidadãos respeitados e acclamados pela opinião de todo o paiz, e o depoimento irrecusavel de factos e documentos tradicionaes e importantissimos, como iremos vendo.

IV

A superficie total do Estado do Amazonas é, pelas mais aceitas estimações, de—1.897.027 kilometros quadrados.

Uma rapida e simples comparação dá idéa clara e preciza de sua grandeza. As superficies reunidas da Inglaterra e Irlanda, França, Allemanha, Italia, Belgica e Portugal são de 1.781.444, ou inferior a ella de — 115.583 kilometros quadrados.

Imagine-se, agora, que dentro desse todo, formado de grandes estuarios e profundos valles cercados de alterosas serranias, onde ainda podemos surprehender a natureza nos ultimos esforços do seu trabalho titanico de formação dos mundos, encontramos tudo quanto de mais rico e de mais portentoso é dado ver, nesse sentido, num espaço relativamente reduzido e limitado — ao Norte pela Guyana Ingleza, Venezuela e Colombia ; ao Sul pela Bolivia e Matto-Grosso ; a Léste pela Guyana Hollandeza e Estado do Pará, e a Oéste pelo Equador e Perú.

Nos tres reinos da natureza, tem descoberto, nessa maravilhosa bacia, o sabio, pesquizador incessante dos elementos da sciencia moderna, tão surprehendente em extraordinarias revelações, como o explorador industrial de seus productos naturaes — as mais assombrosas maravilhas.

No intuito de evitar digressões fatigantes ao leitor, dispensamo-nos do estudo detalhado dessas riquezas, já feito, brilhantemente, em obras de altos creditos e indiscutivel competencia, escriptas com o maior discernimento profissional por conhecidos autores, dos quaes citaremos alguns :

Conde Pagan (1655), Padre Acuña (1698), De la Condamine (1743-1744), Samuel Fritz e A. Humboldt (1799), Spix e Martius (1817-1820), A R. Wallace (1848-1849), Luiz Agassiz (1866), W. Chandless (1866-1870), Raphael Reis (1878-1880), Ermano Stradelli (1889) e o illustre brasileiro Barão de Sant'Anna Nery, que sobre o assumpto publicou o *Paiz das Amazonas*, a mais completa, minuciosa e pratica dentre todas essas obras.

Além destes trabalhos, de cunho exclusivamente scientifico, ha innumeras monographias,

relatorios, roteiros de viagem, apreciações de recursos industriaes, estudos sobre melhoramentos, etc., que constituem, conjuntamente com elles, fartos e autorizados mananciaes, onde, nomes prestigiados nas sciencias, nas lettras, nas industrias e no commercio se empenham ardente e devotadamente num unico fim — a propaganda das riquezas naturaes do Estado do Amazonas, do seu incontestavel progresso actual e do seu seguro e auspicioso futuro.

Apraz-nos transcrever o que, neste sentido, disse o Tenente da Marinha Americana W. Lewis Herndon, no volumoso e tão importante relatorio de sua viagem ao valle do Amazonas (1850), que mereceu a excepcional distincção de ser apresentado ao Congresso Norte-Americano, pelo proprio Poder Executivo da grande Republica, que sempre (prestai muita attenção) *dedicou ás cousas amazonenses estudos especiaes.*

«Dentro de cincoenta annos... o Pará (o Amazonas ainda não havia sido separado) se tornará o que seria New Orleans desde muito tempo, sem a actividade de New York e sem o seu fatal clima, isto é, a maior cidade do

mundo; Santarem será S. Luiz e Manáos Cincinnati».

Manáos ainda não é Cincinnati, sómente porque, dos 56 annos decorridos depois dessa autorizada prophecia, 39 foram completamente perdidos pelos governos da monarchia e só 17 têm sido aproveitados pelos patrioticos e inigualados governos amazonenses, tendo obtido, durante esse curto lapso de tempo, sem violencias, nem sacrificio dos principios federativos, das leis e dos direitos do cidadão, approximal-a, de mais de metade do caminho, da méta que ha meio seculo lhe assignalou o illustre viajante americano.

Tolerem que nos caia da penna, neste ponto, uma natural e muito cabida interjeição: E é diante de taes documentos e de tão fulminantes provas do progresso e boa administração republicana do Estado do Amazonas, que se erguem, nas pontas dos enlameados e sujos pesinhos uns tantos e desconhecidos pygmeus, na caricata tentativa de tisnar a nobre e elevada fronte do gigante do Norte ? ! . . .

*
* *

Quando se proclamou a Republica em 1889, a renda annual desse Estado, então pauperrimo e decadente como já vimos, era apenas de 1.814 contos de réis. Logo nos annos seguintes começou ella a subir e foi progressivamente crescendo até attingir a enorme somma de 25.044:886$887 no exercicio de 1898-1899, tendo descido no de 1904, a— 20.470:918$840, e no de 1905 a 15.233:686$015 devido, principalmente, á extorsão feita pela União de toda a renda do Acre e ao contrabando por ella amparado,por actos que ficarão na historia politico-financeira daquelle Estado—como salutar licção e valioso aviso a seus filhos.

Apezar disso, essa receita assim desfalcada iniquamente de quantia actualmente superior a dez mil contos, pois a renda continuava a crescer, foi de tal modo distribuida e zelada que pôde fazer face ás despezas do exercicio de 1904, deixando um saldo de 9:244$768 que, quando mais não seja, serve para demonstrar como são alli geridos os dinheiros publicos, apezar da grita dos ignorantes despeitados e ambiciosos.

No exercicio de 1905 o desfalque produzido pelas causas mencionadas foi ainda maior,

á vista da recrudescencia do contrabando da borracha de territorio estadoal passado como acreano, sob a protecção já então ostensiva do Governo da União, no qual, ministro havia que, no louco afan de arranjar uma curul no Senado e repellido pelo brioso Amazonas, delle assim tomava mesquinha vingança, além de preparar o Acre a ser Estado independente que lhe pudesse satisfazer os desejos, hoje amparados pelo Estado de Alagôas.

São do digno Governador actual do Amazonas as seguintes asserções, cujo criterio é solidamente abonado pelo estudo lucido e imparcial dos factos e pelos relatorios dos directores das rendas e contabilidade do Thesouro Estadoal :

> «Em 1903, a producção da borracha attingiu a 15.786.827 kilogrammas; em 1904, quando foram installadas as prefeituras, elevou-se ainda a 13.122.817 ; em 1905, porém, não excedeu de..... 11.159.006, o que demonstra uma differença, para menos, de 4.000.000 kilogrammas, comparada com a de 1903, e de 2.000.000, comparada com a de 1904.

> Como já vos disse, devemos attribuir esse resultado, não só á usurpação que soffreu o Amazonas de uma parte do seu territorio, com as injuridicas conclusões que o Governo Federal entendeu tirar do tratado de Petropolis, como tambem, e principalmente, ao desvio de grande quantidade de borracha contrabandeada para o denominado territorio do Acre, desvio provocado pela grande differença entre as taxas de exportação, estadoal e federal, e tolerado por algumas das auctoridades que administram as prefeituras.»

Neste assumpto de captação de dinheiros amazonenses, *por todos os meios*, para seus cofres, o Governo da União tem perdido a compostura austera e a patriotica attitude, que devera cuidadosamente manter, no respeito aos interesses estadoaes e na mais restricta observancia dos principios federativos.

Neste sentido, custa a crel-o, já formulou, com um desplante que seria classificado, em qualquer individuo em identicas circumstancias,

de—cynica audacia—o seguinte argumento de defesa de seus actos de clamorosa violencia :

—O Amazonas é o maior e o mais rico Estado da Republica e a União tem dividas e juros de dividas a pagar em Londres (dividas nas quaes esse Estado não teve a menor comparticipação nem o menor beneficio) ; logo, deve continuar a receber a renda do Acre e augmental-a por todos os meios—afim de poder *cicatrizar taes feridas*.

Se isso não é o trabalho mais completo que se possa fazer, imprudente e criminosamente, para a dissolução do Brasil, confessamos desde já—que nada, absolutamente nada entendemos destas cousas de politica e probidade administrativa. Menos fez a Monarchia com a sua lei de 13 de Maio e foi, entretanto, fulminada pelo advento da Republica, facilitado pelo desgosto das classes conservadoras do paiz, feridas nos seus interesses e fortuna.

Se, agora, as instituições não têm a receiar a propaganda da mudança de regimen, cousa peior as ameaça—a separação dos Estados, para a qual, desde as demasias de autonomia facultadas pela Constituição, até a extorsão de seus

territorios e de suas rendas, passando pela estreita politica dos governadores, os Governos centraes têm egoistica e criminosamente trabalhado desde 15 de Novembro de 1889.

*
* *

Como acabamos de ver a renda annual do Amazonas cresceu progressivamente em 15 annos, de 23 mil contos de réis ; sua população augmentou extraordinariamente, sendo que só a da capital passou de 10 mil a 50 mil almas ; e suas cidades do interior, assim como suas industrias e commercio, tomaram o desenvolvimento que causa a admiração de todos que os vêm na actualidade.

Parintins, primeiro centro de população que se encontra ao subir o grande rio, «é actualmente uma pequena e elegante cidade, cheia de promessas em relação ao futuro, graças, sobretudo, á sua excellente situação geographica ; pois, reclinada sobre a margem direita do Amazonas e sobre a esquerda do Maués, tão faceis se lhe tornam as relações com as outras povoações do Amazonas como do Madeira.

Além do commercio da gomma elastica, *Parintins* exporta cacáo, tabaco, que é aliás considerado magnifico, guaraná, oleo de copahyba e peixe secco (pirarucú).

E' séde de municipio e de comarca.»

Itacoatiára está em condições analogas e situada acima de Parintins cerca de 130 milhas.

Estas duas cidades têm navegação regular, uma vez por semana, feita pelos paquetes do Lloyd, a par do movimento continuo dos *gaiolas* e de outras embarcações.

Além destas existem, acima de Manáos, muitas outras adiantadas cidades e povoações, verdadeiros centros commerciaes, das quaes citaremos o numero das mais importantes.

No Solimões 10, no Rio Negro 8, no Juruá 6, no Purús 42 e no Madeira 16.

Isto sem fallar na uberrima região de Campos do Alto Rio Branco, que estão a pedir a colonisação extrangeira.

Para maiores minudencias, a este respeito póde-se consultar o excellente trabalho de *F. A. Fidanza*, mandado publicar no Governo do Sr. Silverio Nery.

Como se afigura natural a qualquer espirito, mesmo medianamente culto, porém sisudo e imparcial, desse extraordinario augmento de renda estadoal e de taes manifestações de progresso, obtidos pela canalização cuidadosa de elementos esparsos e descurados pela Monarchia durante 39 annos, resalta incontestavel o esforço patriotico dos Governos que os souberam aproveitar no curto espaço de 17 annos.

Assim como se vê que dessa continua prosperidade foram factores importantes, a par daquelle esforço, a fortuna e o trabalho de Brasileiros e extrangeiros, que de toda a parte começaram a affluir, attrahidos e garantidos por leis liberaes e pela solida protecção ao capital e á propriedade, muito ao inverso do que vemos succeder com as corrosivas e anarchizadoras praticas adoptadas por uma capital americana, onde melhoramentos, nem tão essenciaes nem tão productivos como os amazonenses, são obtidos á custa do desprestigio do capital, da propriedade e das proprias instituições democraticas.

A navegação, escassa e mal feita até 1889, é hoje uma das maiores bellezas que encontra o

viajante illustrado, na grande e magestosa trama dos rios amazonenses.

Os vapores e lanchas sulcam, garbosos e rapidos, as aguas negras, barrentas ou crystallinas dos rios e dos lagos, em todas as direcções junto aos centros commerciaes, num movimento febril, emquanto o porto de Manáos, coalhado de embarcações de todos os tamanhos e procedencias, entre as quaes sobresahem os *steamers* de alto bordo, arrasta o espirito do recem-chegado, que acaba de percorrer outros portos brasileiros em manifesta decadencia, a uma justa admiração pelo resultado grandioso do esforço de um povo, tão humilde e atrazado ainda hontem e hoje um dos raros que demonstram as vantagens do regimen republicano federativo entre nós, pelo seu grande desenvolvimento moral e material.

Sua principal industria, a da borracha, constitue uma das maiores fontes da riqueza nacional e das mais seguras, ainda por muito tempo, pela facilidade da cultura da *hevea* nos valles amazonenses, onde hoje já é ella plantada e cultivada em grande escala, o que ignoram os criticos e adversarios do seu innegavel progresso.

O preço da borracha *fina* regula,em Manáos, de 6$ a 10$ o kilo ; da *entre-fina* 10 °/₀ menos ; e o *sernamby* de 5$ a 8$, conforme a occasião.

Entretanto, durante o Governo Silverio Nery, estes preços desceram tanto, em consequencia de varias causas accidentaes, que a renda do Estado cahiu a quasi metade da cifra que consignámos sem que, apezar disso, fosse interrompido o progresso amazonense.

Além desse valioso producto, os valles do Amazonas são fartos de preciosas madeiras de construcção e marcenaria, de oleos finissimos, raizes, resinas, leites, folhas, cascas, amendoas, e sementes, de remuneradoras applicações nas industrias, principalmente na de perfumaria, nas artes e na therapeutica.

Seu solo, ainda virgem de serias investigações mineralogicas, offerece, entretanto, ao pesquizador preparado todas as condições necessarias a poder-se prever nelle a existencia de mineraes de alto valor como o ouro, a hulha, o porphyro, crystal de rocha e, provavelmente, a esmeralda, a exemplo do que se dá nas ricas minas das contravertentes das serras que o dividem com a Colombia.

Todos estes elementos, com excepção dos mineraes, são explorados com segurança, em maior ou menor escala, por um commercio operoso e despreoccupado de especulações de subalternos interesses ou mesquinhos recursos, ampla, folgada e decididamente.

Importantes casas commerciaes extrangeiras, em grande numero e representando avultados cabedaes, como outras brasileiras, são a mais idonea e irrecusavel prova da prosperidade amazonense. Se o Amazonas não existisse na Republica era precizo invental-o para que ella tivesse, ao menos, um documento a apresentar, no meio dos outros Estados, desorganizados, anarchizados e empobrecidos pelas mais violentas crises depois de 15 de Novembro de 1889, como attestado da bondade ou pelo menos da exequibilidade dos novos moldes que ella creou.

Aquelles que apresentaram impatrioticamente, com a maior das audacias, aos seus compatriotas e ao extrangeiro, esse Estado como terra de miseria, de corrupção e de profunda decadencia,que mostrem, se são capazes, um outro qualquer dos que formam a Republica, que esteja nas suas condições economo-financeiras.

V

Demonstrados, como se acham, á luz de factos e algarismos incontestaveis e pela valiosa palavra do proprio Presidente eleito da Republica—a prosperidade geral, o solido futuro do Amazonas e o patriotismo e criterio dos seus governos republicanos que, em 17 annos apenas, alcançaram esses brilhantes resultados, elevando a renda do Estado de 1.800 a 25 mil contos de réis, tratemos agora da famosa questão do Acre, partindo da seguinte premissa, que ficará clara e evidente do que formos dizendo e provando :

—O Acre septentrional sempre pertenceu ao Amazonas, como provam as allegações aos direitos deste Estado mediante as quaes a União o reivindicou, E PRINCIPALMENTE AO AMAZONAS SE DEVE NÃO TER FICADO O ACRE EM PODER DOS BOLIVIANOS NA ULTIMA INVASÃO POR ESTES FEITA.

Continuemos a avançar methodicamente, começando por estabelecer as doutrinas e prin-

cipios reaes e indiscutiveis que nos devem servir de base.

*
* *

Muito mais grave do que possa parecer a vistas inexpertas ou pouco perscrutadoras, é a contenda que se agita entre o Governo Federal e o Estado do Amazonas sobre o destino que deve ter a região do Acre, trazida definitivamente á communhão republicana brasileira pelo Tratado de Petropolis, celebrado na cidade que lhe deu o nome, entre os governos brasileiro e boliviano, em 17 de Novembro de 1903, e approvado pelo Poder Legislativo por Decreto n. 5.161, de Março de 1904.

Neste litigio, que a muita gente se antolha de facil solução, desde que se faça do territorio acreano, do qual grande parte pertence e sempre pertenceu ao Amazonas,—um novo Estado Independente ou continue como Territorio Federal governado pela União—ha milindrosas questões de direitos fundamentaes, outorgados aos Estados pela Constituição da Republica, os quaes não podem, sem graves ameaças para o

regimen, ser postos de lado, por mais brilhante e rendosa que seja aquella aspiração.

Como sempre succede em casos taes, o importante não é saber o que se poderia fazer e sim o que as leis, cujo imperio absoluto e tyrannico é o unico élo do systema politico que adoptamos, permittem que se faça.

E' preciso sobretudo não esquecermos que esse systema politico, a despeito de dezesseis annos de pratica, ainda não sahiu do campo de uma experiencia arriscada, contra a qual se tem erguido, sobresaltada, uma grande parte da população conservadora e preponderante do paiz. Essa mesma que, apezar de mais victimada pelos abusos e erros do governo, menos protesta, mas cuja acção lenta se produz á solapa, como succedeu nos ultimos annos da Monarchia, que ao seu trabalho subterraneo deveu principalmente sua quéda.

E' por isso que já sentimos um sussurro vago de desgosto, que só vêm á tona da publicidade, como bolhas isoladas da lava fundida, em cujo interior se fórma um cataclysmo, porque o interesse privado alarmado, pelos ataques successivos á lei, pela continua e impunida delapidação

da fazenda publica e pelos golpes incisivos dados nos direitos civis e principalmente no de propriedade, já vive desilludido das brilhantes promessas que fizeram ao paiz aquelles que nelle estabeleceram a Republica em nome das liberdades populares e do progresso da patria.

Em que pese aos que levam dia e noite a se atordoar e a atordoar os outros com a tola cantilena — de que o Marechal Floriano Peixoto consolidou para sempre a Republica, esta ficção de poder uma instituição republicana ser eternamente garantida por actos de violencia de um governo qualquer, tem o mesmo valor e duração que terá um novo Estado Independente do Acre, ou um Territorio Federal inconstitucional, creado á custa da extorção da expoliação de territorios pertencentes aos Estados e garantidos pela lei fundamental do regimen.

Ninguem creia que a violencia e a injustiça possam fazer alguma cousa de estavel neste mundo.

E' por isso que hoje applaudo o facto da resistencia do Governo á revolução de Setembro, diante das provas, que o tempo se encarregou de evidenciar, da incompetencia e conde-

mnavel ambição dos principaes chefes desse movimento politico,dos quaes um já renegou com o maior desassombro todos os principios que então defendia, para alcançar ser despotico tyrannete, esquecendo as bellas doutrinas em nome dos quaes se revoltara.

Apezar disso, só acceito a essencia do facto, o principio, mas condemno com todas as forças da alma essa longa serie de crimes e deslealdades commettidos contra nobres adversarios politicos e contra a Republica, prova indiscutivel da incompetencia de uma *legalidade* que para manter-se tinha de sahir brutal e francamente do ambito das leis, creando fontes de futuras desorganizações que tão prejudiciaes nos tem sido.

Esses actos, de firme consolidação ou reconstrucção politica, só podem ser efficientes e conservadores, quando os ampara a opinião geral do paiz e quando se produzem restrictamente dentro das leis liberaes de cuja defesa se encarregam. Quando se estribam no abuso e na violencia, não passam de rastilhos armados a futuras e inevitaveis explosões.

O que firma e arraiga os regimens politicos é o respeito natural e constante a suas leis fun-

damentaes, mantido com tenaz dedicação e mesmo á custa dos maiores sacrificios. Só por isso são grandes e admirados — os Estados Unidos do Norte na America e a Velha Inglaterra na Europa, paizes onde vemos a evolução nacional se fundir nos moldes da Constituição politica e da indole doutrinaria das instituições, sem que delles transvase a minima rebarba. Tudo polido e nitido, como deve succeder nas fusões perfeitas, quando a ganga dos interesses mesquinhos, das paixões partidarias e das ambições desmedidas, não perturba a pureza do ouro fino da vida e do progresso nacional.

Entre nós, ao contrario disso as cousas se têm passado. O espirito publico tem sido continuamente depravado pelo triste espectaculo de constantes abusos e illegalidades e pela mutua invasão e penetração dos poderes constitucionaes e das autonomias estadoaes, de cuja independencia decorrem exclusivamente a estabilidade das instituições e o futuro do paiz.

No systema federativo que adoptamos, tendencia natural do progresso humano, as leis noologicas que o regem não são mais do que uma reproducção do systema de leis physicas

que governa as federações planetarias de que se forma o universo.

Um centro unico—o sol—a manter inexoravel e fatal, dentro de determinados limites, sem predilecções nem tergiversações, a cohesão e harmonia do agrupamento de astros de que é centro de união e de vida, deixando, entretanto, que cada um se mova e progrida livremente dentro de sua esphera particular de acção; que melhor simile poderemos apresentar do que deve ser o governo federativo republicano?

O Poder Executivo, nesta fórmula politica, só deve agir nos limites restrictos e claros que lhe traça a acção, tambem independente, de cada um dos poderes Legislativo e Judiciario, dirigindo os varios elementos do systema, sem lhes perturbar os movimentos proprios, assignalados pelas leis que os regem.

Girando conjunctamente dentro de espheras de acção perfeitamente determinadas e destacadas, o respeito pelas autonomias estadoaes deve ser a lei suprema, de pratica constante, cautelosa e leal, que os dirija sempre.

A acção e força do centro são funcções immediatas da harmonia e ordem de todo o systema.

Um desvio ou excesso da acção central, uma quebra qualquer de equilibrio, produzirá inevitavelmente serias perturbações, podendo ellas ser de tal ordem que acarretem o aniquillamento do todo.

Os Estados, como a União, têm soberanias e autoridades independentes, em sua acção politico-administrativa, que devem ser religiosa e reciprocamente respeitadas a bem da conservação geral.

O Congresso, sobretudo, não deverá jamais transpôr a raia dos poderes que lhe são delegados, como é tendencia natural das assembléas electivas e deliberantes nesta fórma de governo.

Uma vez rota, em qualquer dos seus élos, a cadeia que deve ligar e manter o conjunto, o Poder Executivo é o primeiro a mudar immediatamente de natureza, sobretudo no regimen presidencial, fórmula attenuada da dictadura patriarchal.

Sem autonomias estadoaes completas e nitidamente delimitadas e acatadas dentro de cada esphera de acção, não ha federação possivel. Quebrada essa harmonia essencial, é facil de prever até onde poderia ir o poder central, que

acabaria por se firmar no apoio popular transviado e governar tyrannicamente.

Não ha illudir. Entre o poder abstracto de uma assembléa nascida de eleições sempre falhas e influenciadas pelo poder supremo, e a entidade, tambem electiva, porém individual e energica do Presidente, o povo jámais vacillará e por-se-ha abertamente do lado do que se lhe afigura mais forte e mais dominante, com profundo prejuizo das instituições.

«Não são, tambem, necessarios grandes esforços, diz, com alto criterio de analyse, M. Adolpho Chambrum (1), para comprehender que, no nomento em que a autonomia dos Estados viesse a desapparecer, o Poder Executivo mudaria logo de natureza; sua autoridade tomaria porporções desmesuradas. O que o mantem na esphera de acção que os constituintes de 1787 lhes traçaram é precisamente a existencia das grandes autonomias locaes. No dia em que ellas cessassem de existir a Republica estaria em perigo.

---

(1) O Poder Executivo nos Estados Unidos, por M. Adolpho Chambrum, 1896, pag. 268.

Com effeito, entre o Poder Executivo independente na esphera de suas aptidões constitucionaes e o Poder Legislativo com as attribuições que lhe legariam na occasião de sua desapparição os diversos Estados, rebentariam incessantes conflictos. Dadas estas circumstancias, facil é de prever que um homem, mesmo mediocre, collocado á frente do Executivo, acabaria por grangear o apoio da maioria do povo.»

Esta é a lição da historia, como são doutrina e pratica essencialmente conservadoras do systema, as da completa autonomia dos Estados e independencia dos tres poderes constitucionaes, sobre os quaes deve pairar, serena e calma, como agente garantidor por excellencia, a justiça. Esse é o exemplo que nos dão os Estados Unidos da America do Norte, onde o poder judiciario é o supremo fiscal e ultimo juiz dos casos da restricta applicação dos principios federaes, declarando-os inconstitucionaes quando elles o são, submettendo-se ao seu aresto sem a minima reluctancia toda a nação.

Os abusos appostos a taes principios têm sido a causa da desmoralisação e desordem que se notam em tantos outros governos republica-

nos da America do Sul, que deixaremos de nomear.

Diminuir ou mesmo desrespeitar a autonomia dos Estados é impellil-os, ninguem o duvide, pelo caminho da dissolução do regimen á seccessão do paiz, ao aniquillamento total da patria.

O phenomeno se produz lentamente, subterraneamente, mas é inevitavel. E' o unico e ultimo recurso da liberdade desamparada e opprimida contra a acção central que, perdida a sua bellissima fórma de força congregante e protectora, torna-se uma excrescencia desnecessaria, disjunctiva, despotica e detestada.

Quando por tal declive é insinuada a nação, o primeiro symptoma que se manifesta é o tacito accôrdo entre os dous poderes Executivo e Legislativo e o relaxamento progressivo da acção do Judiciario.

Esse accôrdo nascido, porém, artificialalmente, de uma alliança ou concurrencia de interesses clandestinos, não é duradouro.

Ao principio, emquanto as vantagens são communs, tudo vai bem, mas em breve surge o dia em que o Legislativo, corroido pela am-

bição, desilludido, dividido pela desharmonia dos seus elementos internos e profundamente desmoralizado perante a opinião publica, tem de ceder lugar, como é logico, ao Executivo triumphante. O retorno á dictadura patriarchal do melhor, do mais forte, essa tendencia natural do começo das civilizações humanas, surge sempre, nesses momentos, como tara atavica nas sociedades modernas, quando corrompidas e depravadas, apezar de ser o caminho seguro do despotismo.

Quanto são fugazes, ainda que deslumbrantes, os grandes esforços dos corpos deliberantes, tanto são efficazes, aos olhos do povo pervertido pelo exemplo, os do poder individual de um chefe tenaz e intelligente.

A fadiga, o abuso, o erro, a dispersão de esforços, consequentes da irresponsabilidade das maiorias politicas, constituem os caracteristicos daquelles, emquanto que este se impõe como mais pratico e sobretudo mais amparador dos interesses collectivos e privados das camarilhas politicas, que nessas crises tomam o lugar dos partidos e constituem o amparo dos governos.

Para que a União possa dominar exclusiva e autocraticamente é precizo que absorva, á formiga, a soberania dos Estados, pela diminuição e suppressão das autonomias locaes, de modo a impossibilitar qualquer tentativa de reacção.

E' desta perigosa e fatal decomposição, trabalhada ao principio lenta e cautelosamente e depois sem escrupulos, quando os Estados já estão a debater-se no estreito circulo de sua soberania e autonomias cerceadas, restringidas e diluidas pela União, que resulta, infallivelmente, o aniquillamento das instituições.

Tudo isto é tão racional, tão logico, tão repizado, pelos innumeros exemplos e repetidas licções que nos apresenta a historia, não só no nosso como em todos os regimens politicos liberaes, que só a ignorancia e má fé poderão cerrar os olhos á luz de tanta evidencia.

*
* *

O ataque á autonomia territorial dos Estados—sem a qual não ha federação possivel—na phrase de Santiago Estrada, illustre professor

argentino, é um dos attentados de mais funestas consequencias contra um regimen federativo e, além de federativo, essencialmente democratico, como o nosso.

Quem poderá imaginar a existencia de uma Republica Federal, que deve assentar toda a sua força e toda a sua perfeição no exercicio da soberania estadoal independente, dentro dos limites marcados pela Constituição, quando as unidades politicas que a compõem tenham os respectivos territorios sujeitos a ser retalhados, separados e usurpados pela União?!...

« A Republica livre só se mantém nos Estados Unidos, porque a Constituição reconheceu a existencia das poderosas autonomias estadoaes », affirma A. Chambron (1); accrescentando o Presidente Jackson — que a quebra dessa autonomia levaria o paiz ás revoluções e á anarchia e iria ter, afinal, ao despotismo e ao dominio militar, porque, *á proporção que o Governo Geral annulla os direitos dos Estados, diminue seu proprio poder.*

Na America do Norte a Constituição dá ao Congresso— faculdade de dispôr do TERRI-

(1) *Obra citada.* Pag. 256.

TORIO E DAS OUTRAS PROPRIEDADES *pertencentes aos Estados Unidos, e de adoptar, a esse respeito, os regulamentos e medidas convenientes*—mas isso só depois de determinar taxativamente—*que nenhum novo Estado será instituido ou formado na jurisdicção de um outro Estado, nem da reunião de dous ou mais Estados, nem de qualquer parte de um Estado, sem consentimento da legislatura dos Estados interessados e approvação do Congresso* (1).

A primeira parte a que nos referimos foi a porta deixada aberta ás futuras annexações, das quaes a do Canadá (*cujas populações tinham os mesmos costumes, fallavam a mesma lingua e estavam habituadas ás praticas de um governo livre*), entrou sempre nos planos yankees e bastante já tem servido para tal fim, principalmente nestes ultimos tempos.

Nesse sentido nossa Constituição inspirou-se nos verdadeiros principios democraticos, tão pertinazmente recommendados por Washington—afim de evitar que seu paiz se atirasse ás aventuras de conquistas e annexações— *que seriam a perda inevitavel da Republica.*

(1) *Constituição da America do Norte— Secção III arts. 1 e 2.*

O art. 1º, que cerca, com maior minuciosidade e clareza, a autonomia territorial dos Estados de todas as possiveis garantias para o caso da formação de novas entidades politicas, foi adaptado não só á nossa como a outras Constituições de Republicas Federaes desta America, nas quaes, entretanto, a creação dos celebres *Territorios Federaes* foi abolida, ficando só os de *propriedade da União*, necessarios aos seus serviços e, ainda assim, prévia e claramente determinados, para evitar duvidas. (1)

E para que, hoje, diante dos factos desenrolados aos nossos olhos nestes ultimos annos, possamos bem julgar da sabedoria do immortal Washington e da previdencia dos nossos legisladores constituintes de 1891, que nos fecharam a porta a aspirações de conquistas e annexações de territorios extrangeiros, basta reflectir a que excessos de imperialismo tem sido arrastada a democracia americana do norte, com grave prejuizo dos principios que codificou em 1787.

Jurisconsultos dos mais abalizados e notoriamente reputados como mestres na materia,

(1) *Constituição Brasileira — Arts. 1º, 3º e 31.*

estão de pleno accôrdo sobre a inconstitucionalidade manifesta da creação de territorios nacionaes administrados pelo Governo da União, e de Estados independentes fóra dos moldes que deixamos consignados.

Nestas condições, é evidentemente absurda a existencia de semelhantes entidades politico-administrativas, contra disposições claras da lei.

E, basta um pouco de reflexão para mostrar a que extremos seriamos levados, se a União, com o mesmo criterio, enveredasse pela senda não menos inconstitucional, mas entretanto muito mais aceitavel, pelos geraes beneficios que produziria,—de querer igualar ou equilibrar, razoavel e equitativamente, os varios territorios dos diversos Estados da União, levando a effeito a tão almejada remodelação da divisão geographica do paiz, a que já nos referimos.

Essa sim, seria medida de grande alcance e de grandes resultados para o futuro e progresso da Republica, caso a União tivesse o poder de saltar por cima dos limites em que a encerrou a Constituição.

Essa sim, seria medida muito mais patriotica do que a manutenção de um territorio fe-

deral, onde sua acção só chega enfraquecida pela distancia, onde sua autoridade é irrisoria, seus soldados morrem de peste, e o abuso e o crime campeam impunes, só porque dalli aproveita ella uns tantos mil contos de réis annualmente.

Essa sim, seria medida muito mais pratica e salutar do que crear um Estado independente, nas mesmas condições de afastamento do centro, de difficuldades de transporte e só dispondo de um unico e fallivel recurso—a producção da borracha—para sua manutenção.

Isto é, se o preço da gomma-elastica descer, como já tem succedido, e se essa baixa fôr excessiva e duradoura, teremos o novo Estado a lutar com invenciveis embaraços, pois não ha quem ignore que tudo alli é carissimo, porque vai de fóra com grandes difficuldades, e escasso porque só em alguns mezes do anno a navegação é franca. Ha occasiões em que as mercadorias chegam a dar 150 % de lucro e isso não é raro.

Errados e bem errados têm andado aquelles que pretendem a independencia do Acre fóra dos moldes constitucionaes.

O caminho a seguir, diante das disposições expressas das leis e da indole das instituições que adoptamos, só um se lhes offerecia com probabilidades de exito— o accôrdo com o Estado do Amazonas.

Mediante esta fórmula unica de solução, teriam podido obter certas concessões e determinadas garantias que lhes tornasse exequivel a idéa que, fóra della, nunca poderá ser posta em pratica.

Transviados da boa róta e cegos pelo brilho de falsos direitos, começaram por abrir luta inepta, injusta, cruel e apaixonada contra aquelle Estado, que promovera e mantivera á custa de grandes sacrificios a ultima revolução do Acre, donde nasceu principalmente o Tratado de Petropolis e a nacionalização da região acreana.

Ingratos, além de transviados e cegos, não perceberam que toda essa campanha que moviam contra os legitimos e tradicionaes direitos do Estado, de que sempre haviam sido de direito e de facto dependentes,só lhes devia difficultar as pretenções, senão tornal-as de todo impossiveis.

Fracos politicos, de rustico engenho e lastimavel ingenuidade, atiraram-se aos braços da

União e, esquecendo a velha fabula, metteram-se com o leão em altas emprezas suppondo, com lastimavel e quiçá irrisoria boa fé, poder tirar vantagens na partilha do despojo.

Tarde estão conhecendo a grandeza do erro commettido e a impossibilidade de voltar atrás, pela odiosa personalidade com que, advogados phenomenalmente desageitados, dirigiram o pleito, casando com os interesses acreanos antipathicas revindictas pessoaes.

Agitaram ineptamente, em torno da questão, uma infinidade de ruins paixões; lançaram mão da intriga e da calumnia como armas de descredito contra um Estado reconhecidamente prospero e adiantado e contra seus patrioticos Governos; esbofaram-se em provar que o Acre não devia pertencer ao Amazonas, mais do que de lhe preparar a independencia, como cumpria fazer e como era natural que o fizessem e, quando, por fim, se voltaram para o matreiro e ardiloso parceiro que os estimulara maciamente a taes disparates—viram-n'o, arrogante e calmo, com a pata sobre a presa, tal qual como o leão da fabula, a sugar-lhe tranquillamente o sangue.

E' preciso confessar que a peça foi bem pregada. Agora não ha tretas nem chicanas que possam reparar o desastre.

E para o quadro ser completo nem falta o restolhador Ceará a pretender as sobras.

Todo o receio da União era que os Acreanos se unissem ao Amazonas, que pedissem a annexação, para depois, por meio de concessões reciprocas, como estatue claramente a Constituição, se tornarem independentes.

Apezar da evidencia da tosca diplomacia, por ella empregada, os proprios advogados dos Acreanos, com a maior das puerilidades, se encarregaram de afastar as difficuldades, quando deveriam ter aproveitado a occasião para impôr áquelle Estado suas condições de alliança obtendo serios compromissos e recursos para sua independencia.

Dissemos com a maior das puerilidades, entretanto, ha quem diga—com a maior das imbecilidades.

Hoje, não ha obscurecel-o, a situação por elles preparada está nitidamente definida :

A pretenção de independencia do Acre completamente prejudicada ; o Amazonas a plei-

tear serenamente seus legitimos direitos, perante a alta Justiça da Republica; e a União, senhora de facto do territorio em questão, pelo direito do mais forte, a usufruir-lhe a avultada renda, para isso protelando a solução do pleito.

VI

Na defesa de quaesquer direitos, tão bem como na dos do Amazonas, nesta questão do Acre Septentrional, ha sempre duas ordens de argumentos.

A primeira, puramente racional, evidente, de accôrdo com as leis e com os principios mais rudimentares de justiça e equidade, está ao alcance de todos.

Pertence á classe de noções elementares, que adquirimos, sem sentir, no traquejo diario da vida.

A outra, a segunda, é a dos theoremas profissionaes, da applicação de fórmulas technicas mais ou menos complicadas e exige certa somma, certo cabedal de conhecimentos especiaes ou, pelo menos, alguma litteratura juridica, não ao alcance de todos, para ser comprehendida.

Na primeira a simples razão de quem julga é instrumento sufficiente de julgamento ; na segunda— para os doutos serve principalmente a

força da prova e para os indoutos o prestigio, o saber e a honorabilidade privada e profissional do patrono da causa.

Numa e noutra, jurisconsultos do valor de Ruy Barbosa, cuja intellectualidade phenomenal alcançou abrir, em torno de si um campo neutral, no meio das mais incandescentes paixões, onde todos rendem merecida homenagem ao seu muito saber e indiscutivel probidade, e Clovis Bevilacqua, tambem mentalidade, erudição e caracter de primeira agua, têm advogado brilhantemente os direitos do Amazonas na questão vertente, além de outros.

Deixando de parte a discussão transcendente do assumpto, que não póde discordar das provas de intuição elementar e antes nellas se estribam, destas sómente trataremos.

Por mais rapido e leve que queiramos ser nesse sentido, bem sentimos, entretanto, que não poderemos evitar algo de fastidioso, mórmente para os espiritos futeis e superficiaes, pervertidos e inhabilitados pelas summulas modernas de sciencia barata, ante os quaes as eruditas, claras e completas demonstrações technicas são sempre — estopantes aranzeis — por mais

perigrina que lhes seja a fórma e proficiente o fundo, como na ultima exposição do illustre Dr. Ruy Barbosa.

*
* *

Já hoje não deve haver quem possa ignorar que existiu um tratado denominado de Madrid, celebrado no anno de 1750 — 153 annos antes do de Petropolis— no qual procuravam as Côrtes de Lisboa e Madrid descriminar, entre outros, os limites das possessões hespanholas e portuguezas, situadas nas regiões do Amazonas.

Isto é — procuravam delimitar o territorio hespanhol, que se tornou depois boliviano, e o portuguez, que se tornou amazonense, pela independencia simultanea das respectivas colonias.

Se bem que muito debatido já, carecemos reproduzir alguns topicos desse documento, mais tarde invalidado pelo tratado de 1761.

Para isso nos serviremos do resumo que delle fez illustre ex-Ministro do Exterior na Camara dos Deputados, ministro tanto mais insuspeito neste assumpto, quanto foi um dos

mais esforçados paladinos dos direitos bolivianos. (1)

« A primeira tentativa séria que as Côrtes de Lisboa e de Madrid fizeram, para a delimitação das fronteiras de suas possessões na America, foi em 1750, pelo tratado de Madrid de 13 de Janeiro desse anno.

« . . . Art. 8º, que é o que interessa propriamente a questão: Baixará pelo alveo destes dous rios já unidos (o Madeira), até a paragem situada em igual distancia do dito rio dos Amazonas ou Marañon e da bocca do dito Mamoré, e desde aquella paragem continuará por uma linha léste-oeste, até encontrar com a margem oriental do Javary, que entra no Amazonas. . . »

. . . Notem os meus collegas, attendam bem para as duas clausulas — linha léste-oeste—linha recta do ponto médio do Madeira até á margem oriental do Javary. Notem bem: — *linha recta, léste-*

(1) *Annaes da Camara — Sessão de 19 de Setembro de 1900.*

oeste —, isto é, na direcção do parallelo e *margem do Javary*.

Por que os plenipotenciarios que ajustaram este tratado, não disseram « a linha recta », disseram linha léste-oeste? Porque se tivessem dito *linha recta* o problema seria indeterminado, teria uma infinidade de soluções.

Porque não havia dous pontos que determinassem esta linha recta, havia um ponto que era o ponto médio entre o começo e o fim do rio Madeira, isto é, entre a bocca do Bari e a do Madeira, e havia uma linha que era a margem oriental do rio Javary.

Chamo a attenção dos nobres Deputados para isto.

E' o ponto médio entre o começo e o fim do Madeira. O Madeira começa na bocca do Beni, na latitude 10°20' e acaba no rio Amazonas, na latitude de 3° 24' mais ou menos, e a média é de 6° 52'.

. . . E por que estipularam os plenipotenciarios que seria esta linha léste-

oeste, que seria este parallelo? pois era naturalmente essa a unica linha, pois não poderiam escolher o meridiano, que ia para o norte; não podiam escolher uma linha obliqua, porque seria precizo determinar o ponto do Javary onde ella deveria terminar; a unica linha que podiam traçar para este rio e que ficasse bem determinada era a linha léste-oeste, era uma parallela, porque conheciam o ponto de onde ella partia no Madeira, e o da chegada no Javary devia ter a mesma latitude. »

Tiremos, desde já, desta exposição, alguns argumentos de que vamos precizar pelo seu grande valor.

1º A linha léste-oeste, traçada pelo tratado de 1750 — era o parallelo de 6º 52', do Madeira á margem oriental do Javary.

2º O distincto ex-Ministro, formado em mathematicas e ex-membro e chefe de varias commissões de limites, emprega a expressão — era uma *parallela* — para indicar o parallelo de 6º 52', a que se refere o tratado.

3º E' ainda o mesmo Ministro quem affirma, com incontestavel autoridade que—a unica linha que podiam traçar para este rio, que ficasse bem determinada, era a linha léste-oeste, era *essa parallela, porque conheciam o ponto de onde ella partia do Madeira e o da chegada no Javary deveria ter a mesma latitude.* (2).

Este tratado foi annullado, como já dissemos, pelo de 1761.

Continua o mesmo illustre ex-Ministro :

> «Mais tarde, já com os trabalhos dos primeiros demarcadores á vista, e com a carta de Olmedilla e outros, fizeram o tratado de 1 de Outubro de 1777, conhecido por tratado de S. Idelfonso, com algumas modificações, porque já conheciam mais alguns trechos das regiões fronteiras.
>
> . . . O art. 11 do tratado de 1777 descreve a fronteira pelos rios Guaporé e Mamoré até o ponto médio do Madeira e dahi por uma linha léste-oeste, isto é, *por*

(2) *Os griphos são nossos.*

uma linha recta, até encontrar a margem oriental do Javary; tal qual o art. 8º do tratado de Madrid.»

Isto é, o tratado de 1777, como o de 1750, determina para limite uma linha léste-oeste — o parallelo de 6º-52' — que partindo de um ponto determinado, do rio Madeira vá a outro ponto tambem determinado, aquelle em que ella cortar forçosamente o curso do Javary, nessas alturas então desconhecido.

E' outro argumento importante, como veremos, e que convém ficar em evidencia.

Transcrevamos, ainda, outros topicos do mesmo discurso.

«Os hespanhoes quizeram entrar pelo rio Javary, para fazer sua exploração, como era natural, para verem onde deveriam marcar o ponto desse rio em sua margem oriental, na mesma latitude do ponto médio do Madeira; mas não conseguiram realizar esse *desideratum pela opposição tenaz dos Portuguezes, que eram verdadei-*

ramente admiraveis na sua teimosia patriotica.

O primeiro commissario hespanhol, homem muito notavel, o General F. Riqueña, membro do Conselho das Indias e grande autoridade nestes assumptos, propoz, para acabar com aquellas duvidas, uma linha que, se por um lado era favoravel aos Portuguezes, *porque fazia recuar o ponto médio do Madeira para sua origem, era de outro muito contraria, porque não ia á fronteira do Javary.*

Os Portuguezes não acceitaram, defendendo o nosso territorio palmo a palmo.»

Donde fica claro que os Portuguezes já impugnavam, nessa época, o parallelo de 6°52' do tratado e que, só em virtude de suas *patrioticas e tenazes* objecções e quiçá provados direitos, tentou Riqueña satisfazel-os, propondo o recuo do inicio da linha de limites para a origem do Madeira, que não é senão a foz do Beni inicio tambem da fronteira pelo parallelo de 10°'20 do tratado de 1867, ficando assim provado, pelos

mesmos argumentos, que a linha deste tratado só podia ser uma linha léste-oeste, um *parallelo* e não uma *recta*, como a daquelles.

Esse tratado de 1777 foi, igualmente considerado nullo pelo da paz de Badajoz, que o não revalidou.

*
* *

Ao proclamarem, simultaneamente, sua independencia em 1822, o Brasil e a Bolivia herdaram nesse pé a legendaria contenda.

Isto é—nada havia de definitivo entre os dous novos Estados, em consequencia da annullação dos tratados de 1750 e 1777, celebrados entre as Côrtes das respectivas metroples, como vimos de ver.

De 1822 a 1867, nota-se em todos os actos e documentos diplomaticos, existentes sobre o assumpto, por parte do Brasil—a mais firme convicção dos seus direitos ao territorio contestado no Amazonas, até o parallelo que, correndo na latitude de 10° e 20', unisse a bocca do Beni ás vertentes do Javary; por parte da Bolivia—as mais indecisas, contraditorias e infundadas pretenções, sobre regiões que mostrava desco-

nhecer e que os seus proprios mappas consignavam como brasileiras. (1)

Nullos, portanto, os velhos tratados, de cujo arcabouço sómente tiramos, em ligeira synthese, a indole e feição historica dada ao pleito, cahimos no que se lhes seguiu, datado de 27 de Março desse ultimo anno.

Diz o seu art. 2°, o que nos interessa, o seguinte:

> «Deste rio (o Madeira) seguirá a fronteira por uma *parallela*, tirada de sua margem esquerda, na latitude de 10° 20' até encontrar o rio Javary.
>
> Se o Javary tiver as nascentes ao Norte daquella linha léste-oeste, seguirá a fronteira, desde a mesma latitude, por uma recta a buscar a origem principal do dito Javary.»

O primeiro artificio a que se pegaram os antagonistas dos direitos do Brasil foi a interpretação da phrase—*por uma parallela*—que

---

(1) Mappas da Bolivia de— *G. de L'Isle, 1703, baseado em trabalhos hespanhóes de Herrera de Laet, Acuña e Rodrigues; Arrow-Smith, 1810; e Berlrés, Londres, 1843, além de outros.*

diziam não exprimir a mesma idéa que esta outra —*por um parallelo*.

E' commum o habito de dizer-se—*por uma parallela*—em vez de—*por um parallelo*, e já vimos o proprio ex-Ministro a que nos referimos cahir nesse uso.

—Parallela a que?. . . perguntavam.

Naturalmente, parallela á mesma linha a que são parallelos os *circulos parallelos* - o equador.

E para confirmal-o, no caso em questão, lá vem em seguida o esclarecimento—e se o Javary tiver as nascentes ao Norte daquelle linha *Léste-Oéste* (*a parallela*)—pondo acima de qualquer duvida o sentido da phrase.

O digno ex-Ministro, a que vimos citando, trata, em uma grande parte de seu discurso, de demonstrar que no tratado de 1750 como no de 1777 existe a preoccupação de levar a linha de limites —*por uma recta*—, isto com o fim de provar, por deducção, que no de 1867 essa recta só póde ser — a linha que ligue a foz do Beni ás nascentes do Javary, mas, pelos seus proprios argumentos, vemos que essa linha só póde ser o parallelo de 10° 20'.

A preoccupação — *da recta* — que S. Ex. toma como principal, só é uma consequencia de outra preoccupação essencial e mais positivamente consignada nos tres tratados, e nos proprios topicos do seu discurso, que já assignalámos, qual a de — correr a linha divisoria por um parallelo (a linha léste-oeste), que nos dous primeiros deveria ligar um ponto médio do Madeira ao Javary e no ultimo — a foz do Beni ás nascentes deste mesmo rio.

Muitos são os documentos que provam que desde a locação dos limites dos tratados de 1750 e 1777, os commissarios portuguezes defendiam, com admiravel e *patriotica teimosia*, a fronteira por um parallelo que ligasse a origem do Madeira ao Javary, e isso ainda se vê do discurso do ex-Ministro do Exterior a quem nos estamos amparando, porque S. Ex., dispondo de todo o archivo da Secretaria de Extrangeiros e da sua grande competencia individual, só poderia avançar neste sentido proposições incontestaveis.

E é S. Ex. quem affirma — que tendo um homem notavel, como o commissario hespanhol General Riqueña, proposto uma linha divisoria

que deslocava o ponto médio do Madeira (logo toda a linha léste-oeste dos dous tratados), os Portuguezes não a quizeram acceitar por não ir até o Javary. (2)

Indiscutivelmente a divisa trazida pela aspiração dos negociadores e commissarios portuguezes e brasileiros dos tres tratados, desde o primeiro até o de 1867 — era uma linha léste-oeste, parallelo ou *parallela*, que partindo da origem do Madeira fosse até o Javary, que ao principio suppunham ser por ella cortado e que mais tarde suspeitaram poder ficar ao norte da passagem dessa linha.

E' intuitivamente racional e logica a impossibilidade de ser, neste caso, esta linha léste-oeste, cuja deslocação do ponto médio do Madeira para sua origem fôra a *pertinaz* aspiração de tantos annos e o resultado de tão ingente e *patriotico* trabalho, leviana e impatrioticamente despresada, no tratado de 67, para se adoptar uma obliqua, que entregasse ao contendor quasi metade dessa região tão *tenaz* e longamente disputada.

---

(2) *Vejam-se os topicos do discurso transcriptos no nosso artigo anterior.*

Determinado o ponto de partida dessa linha, sabido e demonstrado que ella resguardava os direitos portuguezes mais tarde brasileiros e depois amazonenses,sem o que não seria acceita, como admittir o sacrificio desses direitos só pela hypothese de que as nascentes do Javary, onde ella deveria bater, estivessem abaixo da sua direcção?!...

Pois não seria de boa logica, de unica logica acceitavel em taes circumstancias, unir por uma perpendicular, ou pela obliqua que della mais se approximasse, conforme as difficuldades supervenientes, o ponto mais alto dessas vertentes ao parallelo em questão?...

*
* *

Suppôr que os diplomatas brasileiros, que negociaram o tratado de 67, conhecedores das vantagens obtidas pela *patriotica teimosia dos commissarios portuguezes*, abrissem mão do parallelo de 10° 20', nelle assignalado, isto é, dos direitos tão trabalhosamente firmados, para acceitar uma linha a elles tão prejudicial, como a linha Cunha Gomes, só porque as nascentes do Javary ficavam a um lado desse parallelo, é, além

de absurdo, clamorosa injustiça feita ao entranhado patriotismo de que sempre deram provas os estadistas da Monarchia.

Com a mesma lealdade com que vamos defendendo as nossas theses, não podemos deixar de reconhecer que o art. 2° do tratado de 67, poderia ter sido redigido mais clara e mais positivamente de accôrdo com o vencido.

E porque não o foi? . . .

Formulamos esta pergunta, por sabermos que nestas questões de diplomacia e tratados, a fórma é tão estudada e meditada quanto o assumpto, e uma simples virgula não cahe da penna sem muita reflexão.

E', justamente, á dubiedade da fórma que se soccorrem os habeis diplomatas, quando apertados por factos e circumstancias anormaes e opprimentes, para deixar aos futuros negociadores dos sagrados direitos da patria, um ponto de partida ao restabelecimento do pleito.

A elles não cabe, certamente, a responsabilidade dos erros commettidos por aquelles que, guiados por inopportunos sentimentalismos, analyzaram através de lentes, de purissimo crystal embora, mas improprias para o exame de

questões diplomaticas, em que a argucia e o egoismo empanam, muitas vezes, a lealdade e riem-se sarcasticamente da boa fé.

Uma causa houve, sem duvida e bem séria para que o art. 2º do tratado fosse redigido como o foi.

Declarou no Congresso o illustre ex-Ministro, que tão grande parte tomou nesta questão, com a maior conveniencia e prudente reserva o seguinte :

> «Note bem a Camara a data da celebração do tratado de limites com a Bolivia. Foi em 1867. Grandes acontecimentos passaram-se no paiz naquella epoca memoravel e por isso foi que... *Perdão ! Eu ia rompendo o véo das conveniencias diplomaticas*,.. Sou obrigado a calar-me. Fizemos então á Bolivia todas as concessões que podiamos fazer.»

Não nos tolhe a penna iguaes conveniencias diplomaticas, por isso, diremos sem subterfugios o que carecemos dizer, para o esclarecimento do assumpto que nos occupa.

O tratado é de Março de 1867.

Estava então a Nação a braços com as maiores difficuldades, quer em relação á campanha do Paraguay, quer em relação aos seus creditos politicos e financeiros.

Dous longos annos já haviam decorrido depois do inicio dessa campanha e nesses dous longos annos fôra o heroico Exercito brazileiro trabalhado por toda a sorte de privações e sacrificios e, entretanto, só podia contar no activo de suas operações militares, afóra a tomada de Uruguayana, os combates de Jatahy, de 2 e 24 de Maio e o recente desastre de Curupaity, o que, junto ao systema de defensiva passiva até então adoptado, e a peste e outras provações e desanimos dos acampamentos inertes, deprimira profundamente o moral das tropas.

Foi diante de tão grave situação que resolveu o Governo Imperial, instigado pela opinião publica irritada, nomear, a 18 de Novembro de 1866, o Maréchal Marquez de Caxias para o Commando do Exercito Brasileiro,

Só em Julho de 1867, pôde o Marquez dar começo ás operações com a sua brilhante mar-

cha de flanco sobre Tuyu-Cuê, contornando o inimigo pela esquerda.

De Novembro de 1866 a Julho de 1867, decorreram 8 mezes de reorganização de todos os elementos da campanha, durante os quaes o espirito publico só muito lentamente se foi reanimando e confiando no futuro.

Março de 67 era justamente a época de maiores difficuldades e quando os inimigos do Brasil mais encarniçada moviam sua campanha de diffamação, propalando, na America e na Europa, que os intuitos do Imperio sobre o Paraguay eram de conquista e annexação.

Foi em taes emergencias que se teve de celebrar um tratado de limites com uma das Republicas sul-americanas.

Correu então com insistencia que o Imperador aconselhara seus ministros—a fazer todas as concessões possiveis á Bolivia irriquieta e ameaçadora, dentro do mais restricto respeito aos tradicionaes direitos do Brasil.

Respeitando os tradicionaes direitos do Brasil—nem de outra fórma poderia proceder o patriota monarcha, de quem todos os Brasileiros se recordam com carinhosa saudade, pelas suas

virtudes civicas, e nem seus ministros eram homens capazes de sacrificar os interesses da patria, quaesquer que fossem as circumstancias.

Ficam assim explicadas as reticencias do ex-Ministro na Camara e justificadas as duvidas que poderia motivar a redacção do art. 2º do tratado, porém nunca a interpretação desse artigo que lezasse direitos incontestaveis do Brasil.

Portanto, quem tomar taes factos como argumento, na questão do territorio acreano, só poderá ser para provar—que o limite do tratado é o parallelo de 10° 20' e que o territorio ao norte dessa linha é brasileiro e, portanto, amazonense.

VII

Para combater o argumento da preoccupação da *recta*, a que se refere o ex-Ministro de Extrangeiros, como justificativa da obliqua Cunha Gomes, deixámos demonstrado pelo estudo comparativo dos tratados de 1750, 1777 e 1867, que nelles, ao contrario disso, se acha constantemente assignalado para fronteira um parallelo — a linha léste-oeste — partindo de um ponto médio do curso do Madeira nos dous primeiros e da foz do Beni no ultimo.

Esta questão, portanto, de ser a linha divisoria um parallelo é questão liquida. E' idéa vencedora nos tres tratados e nas suas negociações. As primeiras duvidas a esse respeito datam justamente dessa época, a que nos referimos, de grandes difficuldades nacionaes, que obrigaram o Imperador a recommendar aos seus Ministros a maior complacencia para com as pretenções da Bolivia.

Nessa demonstração sómente empregámos o nosso criterio de deducção, armado de bons

elementos racionaes e logicos, mas desamparado de factos de cunho positivo e detalhado, que não tinhamos então ao alcance do debate.

Não se fizeram elles, entretanto, muito esperar.

Neste mesmo jornal e ao lado dos nossos modestos artigos, tivemos a agradavel sorpreza de ver publicado trabalho que desconheciamos, de alto valor historico e juridico para a contenda em que nos empenhamos e comprovativo das nossas asserções.

O illustre Dr. Felisbello Freire, em lucidos e minuciosos traços, traz ao debate inestimaveis documentos na sua brilhante monographia *Os direitos do Estado do Amazonas sobre o territorio do Acre*, onde se evidenciam—não só aquella nossa affirmação, como todas as outras theses que temos defendido neste particular.

Em tão cuidadosas investigações da velha historia dos limites entre Portugal e Hespanha nesta parte das suas possessões americanas, se revelam, claros e indiscutiveis, o estabelecimento dessa raia por um parallelo e a preoccupação tenaz das autoridades portuguezas de firmar o ponto de partida dessa linha na origem do Ma

deira, fundando documentos de posse por esse rio acima e mesmo pelo Mamoré e Guaporé, afim de evitar futuras duvidas.

Para attestar essa verdade o Dr. Felisbello Freire desentranha, escrupulosamente, do passado e traz á luz do dia valiosas provas historicas, que nos dispensamos de citar porque vêm ao lado do que temos dito, neste mesmo jornal.(1)

E não é tudo.

Numa questão em que defendiamos apenas os direitos do Amazonas ao territorio do Acre até esse paralello de 10° 20', surge S. Ex. mostrando a carta régia de 3 de Março de 1755,que crêa a capitania de *S. José do Rio Negro*, cujo territorio constitue o actual *Estado do Amazonas*, a qual affirma, com a energia do facto indiscutivel:

— *Esse territorio se estende pelas duas partes do norte e do occidente* ATÉ ÁS DUAS RAIAS SEPTENTRIONAL E OCCIDENTAL DOS DOMINIOS DE HESPANHA...

Nesta designação está comprehendida toda a linha de limites desse territorio com o do-

(1) *Este trabalho já está publicado em folheto.*

minio hespanhol, limites que iam do norte pelo occidente até o sul.

Não ha na historia politico-administrativa do nosso paiz acto algum que modifique esses limites do Amozonas, havendo, pelo contrario, factos e disposições legaes que os ratificam como — explorações e creações de posses portuguezas e brasileiras, feitas dentro desse traçado e as leis que crearam a *comarca do Rio Negro* com os limites da antiga *capitania* do mesmo nome, a *provincia do Amazonas* com os limites da comarca e o actual *Estado do Amazonas* com os mesmos da *provincia (decreto de 8 de Outubro de 1825, lei n. 583, de 5 de Setembro de 1850 e o art. 2º da Constituição Federal*).

Esses limites iam, por conseguinte como devem ir ainda hoje—ATÉ ÁS RAIAS DOS DOMINIOS DA HESPANGA — que a *teimosia patriotica, verdadeiramente admiravel, dos Portuguezes*, na phrase do illustre ex-Ministro de Extrangeiros que temos citado, alcançou deslocar para o parallelo de 10° 20'.

Agora, que o Governo da União, imitando os Portuguezes nos seus intuitos,porém não nos seus patrioticos processos, alcançou deslocar

ainda mais para o sul essa *raia*, até ella devem ir elles,inconstestavelmente, porque desse modo estão determinados em leis vigentes os direitos regionaes do Amazonas.

Assim como nós dos Portuguezes herdámos todos os direitos e vantagens neste pleito, os Bolivianos os herdaram dos Hespanhóes, sendo portanto, os limites do Tratado de Petropolis os que devem separar hoje—terras amazonenses do territorio—*dos hespanhóes confinantes*.

Não ha fugir á prova.Tem todos os requisitos necessarios.

*
* *

Para invalidar a opinião, fovoravel á linha obliqua, de alguns estadistas brasileiros do tempo da celebração do tratado de 1867, que já nostrámos ter sido feito sob a pressão de graves lifficuldades nacionaes, o que tambem acaba de demonstrar o Dr. F. Freire, apresentaremos argumentos que nos parecem irrespondiveis.

Eil-os :

> « Logo o territorio brasileiro, pelo pacto internacional de 1867, extremava em um angulo formado pela intersec-

ção do parallelo 10° 20', com o meridiano que passe pela cabeceira principal do Javary.

E' o que se demonstrou mathematicamente nos citados livros, do Sr. SERZEDELLO CORRÊA (pags. 23 e 38) e do Sr. LOPES GONÇALVES (pags. 43—48), na Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro (*Revista, loc. cit.*, pags. 36 a 72), nos trabalhos do Coronel THAUMATURGO DE AZEVEDO, no Club de Engenharia (*Annaes do Senado Federal, 1900, vol. III, pag. 31*,) e especialmente, na *Exposição de motivos do Plenipotenciario vencido* no Tratado de Petropolis. (Doc. 7°, pags. 17-18.)

Não se conhece entre os nossos profissiones uma autoridade, que opinasse diversamente ; resumindo-se o juizo da sciencia brasileira na moção adoptada pelo Club de Engenharia, em 5 de Fevereiro de 1900, nestes termos :

«A fronteira Brasil-Boliviana, entre o Madeira e o Javary, pelo art. 2° do tratado de limites, de 27 de Março de 1867, segue da margem esquerda do Madeira

PELO PARALLELO DE 10° 20' SUL E DESTA LATITUDE POR UMA RECTA AO NORTE (MERIDIANO) A BUSCAR A ORIGEM PRINCIPAL DO JAVARY *(Ann. do Senado, loc. cit.)* (1)

Cumpre accrescentar, a esta valiosa prova em favor do parallelo de 10° 20', que a opinião geral do Brasil, de sul a norte, se manifestava do mesmo modo, por occasião de negociar-se o Tratado de Petropolis, pela voz dos seus mais habeis jurisconsultos e politicos, e de toda a imprensa brasileira.

E tal foi então, como todos se devem lembrar ainda, a força da opinião publica e a manifestação em contrario á interpretação dada ao art. 2º do tratado de 1867, que o Governo da União foi forçado á occupação armada do territorio que a inepcia havia entregue aos Bolivianos — *declarando-o, formalmente, litigioso*, rompendo dessa fórma com os actos anteriores da nossa Chancellaria os quaes tanto haviam compromettido nossos direitos.

E é preciso confessar que o illustre Ministro Rio-Branco, só devido a esses erros que o

(1) O ACRE SEPTENTRIONAL — *Ruy Barbosa* — *Pag. 14.*

coagiam fortemente, pois antecessores seus haviam defendido, melhor que os proprios Bolivianos, as pretenções da Bolivia ao territorio do Acre áquem da linha 10° 20', foi que não assumio, desde logo, decidida e franca attitude, em prol dos verdadeiros e tradicionaes direitos do Brasil á zona contestada.

Quebrada essa cadeia de conveniencias diplomaticas, vemos immediatamente o patriotico defensor do territorio do Amapá declarar, sem peias, franca e repetidamente, *para conhecimento de nacionaes e extrangeiros, individuos e nações, interessados e indifferentes, a litigiosidade do territorio ao norte do parallelo de 10° 20'*, (2) em termos claros e positivos, como, por exemplo, os seguintes, da sua *Exposição ao Presidente da Republica:*

> —Decidida a occupação militar, pelo Brasil, do territorio que só então *foi officialmente declarado em litigio.*
>
> —Desapparece assim a contradição apparente de *proclamarmos o nosso direito a uma parte do territorio...*

(2) Acre e Amazonas — *Cloris Bevilacqua.*

—*Em troca de 142.900 kilometros que disputamos* e de 48.100 de terra que era reconhecida sua...

—Só pelas vias fluviaes do systema amazonico se póde ter facil accesso a esses territorios, e assim foram elles, *de longa data, descobertos e exclusivamente povoados e valorizados por compatriotas nossos.*

—Desde de muito se reconheciam as riquezas do Acre, que *eram os nossos compatriotas os unicos a explorar.*

Ora, diante disto, quem poderá de boa fé e eriamente negar que era tradicionalmente braileira ou pelo menos litigiosa a zona acreana ao orte do parallelo 10° 20'?...

Certamente ninguem.

E foi por isso que o patriotismo brasileiro e ergueu, ao disticutir-se a questão, ingente e emeroso, em todo o paiz.

Elle bem sentia que queriam aviltar a patria, acrificando direitos tradicionaes ao extrangeiro ue jámais alcançara, em quasi dous seculos de ita diplomatica, levar por diante suas preten-

ções a um territorio em que nunca entrara e que mostrava desconhecer a cada passo.

Havia já muitos annos que não viamos a alma nacional vibrar, tão profundamente tangida pelo amor das suas gloriosas tradições e atirar-se, como a loba sobresaltada ao gemido do filho mal ferido, desgrenhada e louca, calcando aos pés até o passado de grandes serviços do defensor do Amapá, á salvação do pundonor nacional, como então succedeu.

Foi nestas condições, quando o povo unido se erguia n'um protesto unanime contra o deslocamento dos limites do territorio amazonense para áquem do parallelo 10° 20' ; quando toda a nação agitada pedia a integração do territorio patrio, mesmo á custa dos maiores sacrificios ; que o Estado do Amazonas, ha muito opprimido pela má vontade dos Ministros advogados dos interesses bolivianos, resolveu fazer a revolução do Acre, para repellir do seio da patria, do seio do seu territorio, o dominio extrangeiro.

E quanto foi patriotico e salutar esse movimento, attestam-n'o suas consequencias e os resultados obtidos.

Sem a revolução acreana não teriamos tido occupação militar, libertação do territorio e Tratado de Petropolis.

E' este grande serviço prestado á causa nacional e á defesa dos seus direitos, postos em risco pela inepcia dos seus forçados advogados nos pleitos internacionaes, que vamos agora estudar, á luz de documentos officiaes de incontestavel valor.

VIII

Antes, porém, de entrarmos no estudo da revolução acreana, façamos, a bem da clareza e methodo da nossa despretenciosa exposição, um resumo das conclusões a que chegámos.

*
* *

Tanto a zona situada ao norte do parallelo de 10° 20' como a que pelo tratado de Petropolis adquirimos ao sul dessa linha, devem pertencer ao Estado do Amazonas — porque a carta régia de 3 Março de 1755, ao crear a capitania de *S. José do Rio Negro*, determinou que os seus limites com os hespanhóes — *fossem até as raias dos dominios destes* — *raias* estas então em litigio e que em litigio continuaram até o referido tratado de Petropolis, que as firmou, firmando assim os limites do Amazonas por esse lado. *(Os direitos do Amazonas — F. Freire).*

Nem póde haver duvida sobre isto, porquanto, aquella capitania foi transformada em

Comarca pelo decreto de 8 de Outubro de 1825, a *Comarca* em *Provincia* do Imperio pela lei n. 583, de 5 de Setembro de 1850 e a *Provincia* em *Estado* da Republica, pelo art. 2º da Constituição, SENDO SEMPRE RESPEITADOS E CONSERVADOS OS MESMOS LIMITES DA ANTIGA E PRIMITIVA CAPITANIA.

Nestas condições, não reconhecendo nem admittindo a mesma Constituição *territorios* analogos a Estados tutelados politica e administrativamente pela União, porque só estabeleceu e muito clara e taxativamente—os territororios autonomos pertencentes aos Estados e as *terras*, de que ella careça para os seus serviços, os quaes tambem determina; e não reconhecendo, nem admittindo, igualmente, Estados independentes sem ser de accôrdo com o que preceitúa — a nacionalização do territorio, que a União só podia reivindicar como sendo do Amazonas, obriga-a a entregal-o a esse Estado, como o fez com os das Missões e do Amapá. (*Arts. 1º, 2º, 3º, 4º, 31 e 64 da Constituição Federal.*)

*
* *

A linha léste-oeste, da latitude média do curso do Madeira ao Javary, assignalada para limite, entre as possessões portuguezas e hespanholas do alto-Amazonas, nos tratados de 1750 e 1777, era indubitavelmente um parallelo.

A ella referindo-se, disse o ex-Ministro de Extrangeiros, que temos citado justamente por ser um dos maiores defensores da linha obliqua Cunha Gomes e distincto engenheiro, o seguinte:

> «E porque estipularam os Plenipotenciarios que seria esta linha léste-oeste, que seria este *parallelo*? . . . a unica linha que podiam traçar para este rio (o Javary) e que ficasse bem determinada, era a linha léste-oeste, *era uma parallela*, porque conheciam o ponto de onde ella partia no Madeira, *e o da chegada no Javary devia ter a mesma latitude*. (*Ann. da Cam., Sess. de 19 de Set. de 1900.*)»

E já, a 20 de Agosto de 1780, dizia tambem, em officio dirigido ao Ministro da Corôa, *Luiz de Albuquerque Caceres*, Governador de Matto-Grosso:

«Se, com effeito, chegar a verificar-se o reconhecimento da *dita linha de léste a oeste*, superando emfim todos os obstaculos, *até encontrar a margem oriental do Javary* . . . da referida linha *que deverá ser no mesmo parallelo do principio que se lhe tiver dado na margem occidental do Madeira.* (*Corresp. do Gov. de Matto-Grosso, 2º vol., Cod. mss. do Inst. Hist. — Felisbello Freire, obra citada.*)»

Portanto, esse parallelo que o patriotismo e tenacidade dos Portuguezes alcançara deslocar para a origem do Madeira, como affirma o mesmo ex-Ministro quando diz — que o notavel commissario hespanhol do tratado de 1777, General F. Riqueña, propuzera a mudança do ponto de partida da linha léste-oeste — da latitude média do Madeira para sua origem — portanto, diziamos, esse parallelo não pode deixar de ser o consignado no tratado de 1867, porque era uma conquista liquida dos direitos de Portugal á zona em questão.

*
* *

O territorio septentrional do Acre, limitado pelo parallelo de 10° 20' e mesmo mais para o o sul, conservou-se desconhecido e impenetravel para a Bolivia até 1868 quando, pela primeira vez, o Boliviano Faustino de Maldonado, descendo o *Madre de Dios*, entrou no Beni e sahiu no Madeira; e, ainda para prova disso, temos o mappa official dessa Republica, organisado por *Mujia e Juan Ondazza* em 1859, no qual a ignorancia dessa região vai ao ponto de figurar o *Madre de Dios*, affluente do Beni, como continuação do Purús. (*E. Reclus. Geog. Un. T. 18., pag. 684. — Duarte Ponte Ribeiro. Ann. Esb. Geog. da Front. do Bras. entre o Mad. e o Jav.— Lopes Gonçalves. — A Front. Bras. — Boliv.*)

Entretanto, ao contrario disso, nossos antecessores, os Portuguezes, trataram sempre de firmar o *uti possidetis*, avançando quanto possivel e *constantemente* com suas povoações, fortes e explorações pelo Madeira, Mamoré e Guaporé acima, não sendo admissivel que deixassem de penetrar as regiões a occidente desses rios, situadas entre elles e o Jayary, onde, pela já citada carta régia de 3 de Março de 1755, se determinara o estabelecimento da capital da nova capi-

tania de S. José do Rio Negro, hoje Estado do Amazonas.

Quanto a nós, os Brasileiros, desde os meiados do seculo passado que entrámos nesse territorio com a expedição de Juão Cametá, em 1852 com a do Pernambucano Seraphim, em 1860 com a exploração do mulato Manoel Urbano da Encarnação, que chegou até o Acre, e foi, em 1866, o guia da exploração de W. Chandless. (*Lopes Gonçalves — Obra citada. Serzedello Corrêa — O Rio Acre. Thaumaturgo de Azevedo — O Acre.*)

*
* *

Para quem conhece todos os já citados detalhes desta questão, o art. 2º do tratado de 1867 só póde ser assim interpretado:

—A fronteira seguirá da latitude 10º 20' do Madeira, pelo parallelo desse ponto até o Javary. Se o Javary estiver ao norte desse parallelo, *seguirá* (SEGUIRÁ— *do parallelo que a trouxe até ahi*) desde essa latitude (*a do parallelo, está claro*) por uma recta (O MERIDIANO, ou *a linha obliqua que mais delle se approxime, em caso de difficuldades imprevistas, pois, então ainda não se*

conheciam as cabeceiras do Javary) até a origem principal deste rio.

Esta é a unica interpretação leal e logica, ante os factos, do art. 2º do referido tratado, e isto foi o que obteve o seu illustre e patriotico negociador, o Conselheiro Lopes Netto, apezar das serias difficuldades em que se achava o paiz e das circumstancias opprimentes em que ellas o envolviam; o que bem demonstra a força dos nossos direitos.

*
* *

Cumpre nunca esquecer que essa interpretação que acabamos de assignalar, teve em seu favor, ao discutir-se o Tratado de Petropolis e desde muito antes dessa discussão, além do apoio activo e incansavel dos nossos mais habeis e provectos engenheiros, jurisconsultos e politicos, a opinião, diariamente manifestada, de toda a imprensa brasileira.

E tal foi, então, a energia da opinião publica, que acariciava com o maior interesse a revolução acreana contra a posse do territorio contestado pelos Bolivianos—que o Governo da União se viu forçado a determinar a occupação

armada desse territorio, *declarando-o officialmente, litigioso e explorado por Brasileiros*; rompendo desse modo com os actos anteriores da nossa Chancellaria. (*Exposição do Ministro do Exterior*).

*
* *

Foi em 1867, depois de celebrado o tratado, que começou a apparecer a idéa — de substituir o parallelo de 10° 20' pela linha obliqua Beni-Javary, que só em 1873 principiou a figurar nos mappas, manifestando-se a este respeito o Sr. Barão do Rio-Branco, na sua *Exposição* já citada, do seguinte modo:

> «no *Atlas do Imperio do Brasil de* CANDIDO MENDES DE ALMEIDA, *publicado em 1868, tendo o autor pleno conhecimento do tratado de 1867*, de que se occupa na introducção, a fronteira vem traçada pela linha léste-oeste do parallelo 10° 20'».

Estava, então, o paiz a braços com as maiores difficuldades, quer em relação á guerra do

Paraguay, quer em relação aos seus creditos politicos e financeiros.

Acabavamos de soffrer o grande desastre de Curupaity e o Exercito brasileiro, desmantelado, não inspirava confiança ao paiz irritado.

Para augmentar as difficuldades da situação, em que se devia celebrar um tratado de divisas com uma Republica sul-americana, ella e outras já se agitavam contra o Imperio, indo até o protesto, datado desse anno, contra o tratado da triplice alliança. (*Relatorio do Min. do Ext. de 1867*).

Foi em taes circumstancias que se celebrou o pacto de 1867, que, ainda assim, alcançou firmar os direitos do Brasil á região limitada pelo parallelo de 10° 20', tal a legitimidade desses direitos.

*
* *

Todo esse territorio contestado do Acre sempre foi considerado como pertencendo ao Amazonas, e muitas são as provas da sua jurisdicção sobre elle, quer como Capitania, Comarca, Provincia ou Estado.

Neste sentido só citaremos a lei n. 459, de 21 de Maio de 1880, creando a freguezia de *Santo Antonio*, no rio Purús e demarcando-a por uma linha que seguisse em direcção ao Sul—*até onde limita o Imperio com a Bolivia aos 10° 20' de latitude Sul.* (*F. Freire. Obra citada.*)

*
* *

Deixemos de parte todas as positivas declarações, já aproveitadas pelo preclaro advogado da causa do Amazonas, o illustre Dr. Ruy Barbosa, exaradas na *Exposição* com que fez acompanhar o projecto do Tratado de Petropolis o Sr. Barão do Rio-Branco, em prol dos direitos do Brasil á região contestada ao norte do paralelo 10° 20', região que sempre foi amazonense.

Deixemos de parte esse valioso auxilio, para só citar um trecho dos considerandos da Commissão de Diplomacia e Tratados do Congresso, que acompanharam o projecto de lei que approvou o tratado de 17 de Novembro de 1903.

> «Que, nestas condições,um accôrdo directo pelo qual a Bolivia cedesse, *mediante compensações equitativas, o di-*

reito que pudesse ter sobre a parte do territorio que haviamos declarado litigioso em Janeiro de 1903 e tambem a soberania, que lhe não contestavamos e ninguem no Brasil contestou jámais, sobre a outra parte ao sul do parallelo 10° 20',—era a solução aconselhada pela melhor previsão politica.»

Assim é que—esse territorio ao norte do parallelo 10°20', que sempre foi do Amazonas por todos os principios, não foi comprado como se vê, não só por esta declaração formal, como por outras do Sr. Barão do Rio-Branco, inseridas na sua Exposição.

Nelle, mediante *compensações equitativas*, se se pedio e só se obteve—que a Bolivia abrisse mão de pretensos direitos á sua posse.

Comprado quando muito, só poderia ter sido aquelle sobre o qual—*ninguem no Brasil contestara jamais a soberania da Bolivia.*

O outro, o declarado litigioso em Janeiro de 1903 e sempre contestado, não podia ser de forma alguma adquirido por compra.

São dous poderes culminantes da Republica que o declaram; só nos resta agora aguardar, da calma sabedoria e alta justiça do terceiro, o aresto que decidirá de que lado está o bom direito, e firmará no assumpto a doutrina vencedora, que nos deverá guiar para o futuro.

Os grandes Estados da Republica trazem empenhados nessa resolução os mais serios interesses dos seus vastos territorios.

IX

O territorio do Acre ao norte do parallelo 10° 20', contestado ou não, fazia parte da provincia do Amazonas que, pelo art. 2? da Constituição Federal, passou a constituir o Estado do mesmo nome com os mesmos limites, contestados ou não.

Como ultimo argumento, nesse sentido, transcreveremos a opinião do primeiro magistrado da Republica, eleito pela população de todo o Brasil—para supremo defensor dos seus direitos; opinião exarada em sua Mensagem ao Congresso Nacional, datada de 4 de Maio de 1903:

> «Desde de 18 de Janeiro, foram expedidas instrucções á nossa delegação em La Paz e ficou ella prevenida de que, apezar da mui larga interpretação que, para favorecer a Bolivia, o Governo Brasileiro havia dado, durante tantos annos ao art. 2° do Tratado de 1867, *passaria agora a defender como fronteira o pa-*

rallelo de 10º 20' da latitude meridional, QUE É A LINHA DIVISORIA INDICADA PELA LETTRA E PELO ESPIRITO DO MESMO PACTO. Após a partida das expedições contra os Acreanos, foi a mesma delegação encarregada de repetir essa declaração e de informar ao Governo Boliviano de que o Brasil *ia occupar militarmente*, até solução do litigio por via diplomatica, *parte do territorio contestado*».

Logo, o litigio foi declarado sobre essa mesma zona que, por todos os motivos, sempre pertenceu ao Amazonas.

Além da valiosa opinião do Presidente da Republica, em uma fórma de governo em que elle é o unico responsavel, tão claramente manifestada nesse trecho da Mensagem, ácerca dos incontestaveis direitos do Amazonas á região a norte do parallelo 10º 20', delle se vê tambem, como do resto desse importante documento, que á revolução acreana deveu o paiz — ter a nossa diplomacia arripiado a carreira que seguia e ia bater no sacrificio de territorios brasileiros e da propria dignidade nacional.

Como de sobejo se tem demonstrado— sempre, sem a minima interrupção, desde a carta régia de 3 de Março de 1755, que estabelecia os limites da Capitania do Rio Negro *pelas raias dos dominios da Hespanha*, que iam, então, desde a serra de *Pacaraima*, correndo de norte por oéste, até á linha que finalizava ao sul a fronteira peruana, mais tarde boliviana, e correndo por parte do sul e oriente com os dominios de Matto Grosso e Pará, em cuja zona, tendo alçada o Governador, mandava El-Rei que elle traçasse os limites que mais convenientes lhe parecessem; sempre, diziamos, a partir dessa disposição legal, o Amazonas exerceu jurisdicção constante sobre a região contestada, emquanto se aguardou a determinação definitiva das *raias dos dominios hespanhóes*.

Nessas regiões só entraram e se estabeleceram, mantendo obediencia á jurisdicção desse Estado, a quem cabiam os impostos da producção da zona, os Cearenses e demais forasteiros que constituem hoje sua população, sobre a qual disse, em seu 2º relatorio, o Ministro de Extrangeiros Dr. Olyntho de Magalhães:

«O seu territorio é habitado, não por Bolivianos, por Brasileiros que nenhum interesse real têm na sua independencia, porque não lhes muda a sorte.

Elles são, como antes, *simples instrumentos na exploração de seringaes, mais sujeitos á fatal consequencia da insalubridade do clima que enriquecidos pelo seu trabalho.* São Brasileiros e dizem que o territorio tambem o é, e pois separam-se não da Bolivia, mas do Brasil. *Nada produzem do que necessitam para a sua subsistencia; tudo recebem de fóra.*

Não têm elementos precisos para a organização e administração de um Estado soberano, querem entrar no numero das nações independentes e nenhuma garantia offerecem do cumprimento de seus deveres para com ellas, *nem estão habilitados para sustentar os seus proprios direitos.* Aceitaram como primeiro chefe um hespanhol, que em seu nome expediu decretos vãos e retirou-se, deixando-os nas condições em que os achou, mas

com a perspectiva de repressão exercida pelo Governo da Bolivia.

Com a força expedida por terra se haverá o novo Governo, que se organizou e não é melhor que o primeiro.

Se essa força conseguir o restabelecimento da autoridade da Bolivia e permanecer no territorio, creio que as cousas voltarão ao estado normal; porém, se ella se retirar por qualquer motivo, é de receiar que se forme terceiro governo.

Isso não custará, porque a eleição ha de ser feita pelo facil processo anterior.»

Fosse possivel no paiz um plebiscito, em que se recorresse á probidade de um censo culto e elevado para dizer — se alguma vez houve quem sinceramente duvidasse dos direitos do Amazonas á parte da região contestada, que ficasse pertencendo ao Brasil pela resolução da antiga questão de limites, e seria unanime o resultado de tal votação em favor desse Estado.

Fóra disso, só vemos a ambição e a chicana a quererem usurpar, de um dos elementos na-

cionaes deste todo federativo que constitue a patria brasileira, dominios legitimos, só porque produzem elevada renda,sem attender á gravidade futura da profunda ferida com que rasgarão, para isso, o seio da Constituição da Republica.

Nesta convicção, que era a convicção geral do paiz, em todo o Amazonas, ao ver-se esse territorio entregue ao dominio extrangeiro, por aquelles que mais encarniçadamente o deviam defender, ergueu-se incandescente e exaltada a opinião publica, como logo depois succedeu com a de todo o Brasil, em prol da reivindicação, fosse por que preço fosse, desse territorio compromettido pela inepcia do seu máo advogado —a União—, unico ao qual podem os Estados entregar seus pleitos internacionaes, e que tendo enterrado o cliente forçado, ao emendar seu grande erro, coagido pela indignação nacional, ainda quer, agora, se apossar violentamente da cousa litigada, sob o pretexto revoltante de uma compra que, entretanto, só existio, porque elle não cumprio o seu dever.

Foi em consequencia do conhecimento de seus direitos e da natural revolta, que taes processos despertam em todos os espiritos lizos e

patrioticos, que o Amazonas começou a mover-se, no sentido de provocar uma reacção, contra os actos da criminosa e ridicula *probidade diplomatica*, que não sabia defender os seus interesses que eram os interesses da patria.

A 22 de Agosto de 1899 convocaram os Amazonenses uma sessão popular em Manáos, na qual se tratou do assumpto, sendo demittidos, por influencia do poder central, os empregados publicos que nella haviam tomado parte.

A Bolivia não o teria feito melhor.

Em 1901, quando mais ardente se agitava a questão da occupação de territorio amazonense por Bolivianos, era Governador do Amazonas o Sr. Silverio Nery, antigo e adestrado politico e amazonense de inteiro coração e fina raça, escolhido pelo partido dominante, no seio do qual defendera sempre a idéa de reivindicação, por todos os meios justos e legaes, dos direitos do seu Estado natal á região acreana ao norte do parallelo 10° 20', entregue, desde Abril de 1898, em grande parte ao dominio boliviano, pela inepcia do governo central.

Esse movimento altivo e patriotico do povo amazonense e do seu digno governador contra o

desaso da União, que assim compromettia seus interesses e sua dignidade, confessemol-o lealmente, era o mais nobre e natural possivel, e, só latente se conservou por muito tempo, devido á pressão das conveniencias internacionaes e nacionaes, a que se apegava constantemente o Ministerio de Extrangeiros.

Como já dissemos, havia sido um dos compromissos partidarios do Governador a que nos referimos—agir efficazmente no sentido de reconquistar os direitos compromettidos do seu Estado.

A opinião geral alli só via como solução para tal emprehendimento—uma séria revolução acreana, que apaixonasse a opinião indifferente do paiz, e obrigasse o Governo a recuar do caminho encetado e já demasiadamente trilhado.

Foi de accôrdo com esse plano, cautelosamente trabalhado, que declarou o novo Governador, para quem se voltavam então todas as esperanças a que soube corresponder como veremos, em sua primeira Mensagem, a opinião franca do seu governo sobre a questão acreana, opinião de tanto alcance no momento que pro-

vocou serio movimento diplomatico entre as chancellarias brasileira e boliviana.

Eil-a :

«E, ao terminar esta exposição, seja-me permittido render um preito de homenagem áquella porção de Brasileiros, que em zona longinqua, regam com seu sagrado sangue a idéa patriotica de fazer permanecer brasileira a larga facha de terra ora occupada pelo extrangeiro, ao sul da chamada linha Cunha Gomes, que o Governo vê-se obrigado a respeitar por força de um tratado.

Por mais illegal que pareça este proceder dos insurrectos, traduz um bello movimento de patriotismo e os sentimentos apurados do direito de propriedade que, no dizer de Von Yhering, é um prolongamento da personalidade mesma, parte integrante do individuo, porque é a sua condição de coexistencia social.

Homens que, arriscando a vida, conseguiram construir habitação, construir um lar, fundar uma propriedade em territorios inexplorados, que pos-

suiam como pedaços de patria, a cujas leis eram obedientes, não se podem conformar a ver, de um momento para outro, perdidos todos os seus esforços intelligentes, passando a leis diversas em extranha patria. Honra a esses bravos! Paz a memoria dos que pereceram!...»

A situação do Acre, nessa occasião, quando fracassava a revolta Galvez, e se tentava o seu prolongamento, póde ser perfeitamente avaliada, pela veridica exposição que em seguida transcrevemos, de um dos mais importantes chefes dos movimentos que alli se produziram, Sr. Coronel Rodrigo de Carvalho (1)

«Exm. Sr. Dr. Silverio Nery · 4-3-1901 — Vim do Acre resolvido nada dizer pela imprensa. Sómente V. Ex. vinha eu disposto a dar conta do occorrido no Acre. Provocado injustamente e levianamente por quem devia calar-se e esconder bem longe a vergonha por que passaram e fizeram nos

(1) Todos os documentos são publicados conforme os originaes existentes na Secretaria do Governo em Manáos.

patria passar, estava resolvido ainda assim a nada fazer publicar.

Bem a contra-gosto tive que fazer algumas cartas, porque fui provocado a dar uma satisfação á sociedade amazonense ; offenderam-me fazendo acreditar que eu me locupletei de mercadorias do *Labrea*. Fiquei triste vendo a assignatura de Trajano Chacon, que a todos dizia—eu não vim guerrear, vim arranjar-me para ir dar um passeio á Italia ; elle que a bordo do *Solimões* só dizia-me —crie uma Intendencia Geral e nomeei-me Intendente Geral.

A má vontade dos expedicionarios do *Solimões* para commigo, devo-a á seguinte phrase por mim proferida depois do combate. Bem me dizia o Bandeira—nada de Poetas, Sr. Carvalho, a revolução necessita é que se leve no *Mucuripe* cem pés rapados. E' a verdade, Exm. Sr. Dr. Nery, não se formasse aqui a tal expedição, composta de Poetas e lettrados, a maioria com a mira em arranjar-se, e tivesse eu espe-

rado o *Mucuripe*, não se teria gasto tanto dinheiro e a revolução estava triumphante.

Por mais que eu dissesse que os Bolivianos não são covardes, elles não acreditavam e chamavam-me de medroso.

V. Ex. recorda-se que eu nunca pensei empregar-se o alistamento de patriotas, bem como tudo quanto fazia era em sigillo. V. Ex. recorda-se que eu sempre oppuz-me a partida do *Solimões*, que, não conhecendo-o, sabia que elle nada valia.

Collocaram-me em posição difficil —acceitar os Patriotas com o *Solimões* (cujo seguro custou 11 contos) ou recusal-os ; este ultimo alvitre eu não podia adoptal-o, no emtanto hoje amargamente arrependo-me.

Estou bem certo que o Sr. Bandeira não trahiria a revolução se não seguisse o *Solimões*.

A expedição foi formada para ir adiante fazendo o bloqueio, medida esta

nunca por mim cogitada ; esta medida, a lenha a prazo e a seducção de seringueiros no Purús é que trouxeram a antipathia á revolução.

Perdemos porque a sêde de sangue dos Poetas era grande ; já haviam terçados afiados para degollarem os Bolivianos, já havia o degollador.

A pelle do urso já estava distribuida e esse ainda vive.

Aqui cheguei a 10 tendo o *comité* mandado me buscar no Pará, onde eu estava preparando a partida do Mucuripe. No mesmo dia da minha chegada foram-me apresentando um sem numero de decretos, todos elles de sonhadores.

A revolução ainda não estava triumphante e já cuidavam de honrarias.

Infeliz hora a que resolvi vir do Pará ; V. Ex. recorda-se que commigo apenas seguiam o Dr. Deocleciano e mais cinco empregados para a Alfandega ; era o sufficiente, bem como um medico e enfermeiro.

A maioria dos expedicionarios sahiu daqui com vistas grossas. Chacon e Ribeiro de Castro, Capitão Carvalho, Luiz Mariano e mais alguns (poucos) só cogitavam de honras e dinheiro.

Conheci a imprestabilidade da expedição logo que passei para bordo do *Solimões*; as 30 frasqueiras de cachaça attestavam sua utilidade; aborrecido com scenas mesquinhas e degradantes passadas a bordo do *Solimões*, chamei o Dr. Orlando e disse-lhe: isto vai mal; sem ordem e respeito nada se faz; disse-me elle: com patriotas é assim mesmo, não ha outro remedio. Eu tambem já fui patriota Florianista, e era ainda peior o que se fazia. Pedi-lhe que não se zangasse, porém que tudo quanto fosse alcool, ia fechar e distribuir por tamina (ração) ou que então atiraria tudo á agua. Felizmente esta medida foi posta em execução e, com a minha estada a bordo, moralizou-se a expedição.

João Barreto disse-me: foi uma felicidade o senhor chegar; da maneira que

a cousa estava indo dissolvia-se antes de chegarmos ao Acre. João Barreto é um moço digno,pena é que tenha sangue tão quente ; é um valente e bom brasileiro.

Para cada um ir garantindo-se, lembraram a minha acclamação em *Canutama* ; oppuz-me sempre, dizendo — quando vencermos os Bolivianos, os Acreanos que elejam ; vou como Governo em caracter provisorio ; logo que o Braga chegue lá, far-se-ha uma Junta.

O Dr. Orlando e outros não admittiam Junta, queriam por força acclamar-me ; na *Labrea* o fizeram, apezar de eu nunca estar de accôrdo.

Pela acta que junto, para V. Ex. ler, certificar-se-ha da verdade ; e verá V. Ex. quanto foram levianos os tres *Puritanos ;* atiram a culpa para mim e orgulho-me de tel-os fanatizado, tornando-os irresponsaveis.

O mais influido na acclamação foi o Ribeiro de Castro, hoje meu inimigo, porque fui franco com elle, dizendo — que a expedição foi anarchica e que o

Dr. Orlando, em lugar de animal-os para outro ataque aos Bolivianos, fraquejou, mettendo-se de caprichos com o Dr. Gentil e queixando-se que eu e Gentil, em vez de abraçal-o, depois da derrota, o que eu fiz foi censural-o por ter deixado no campo de combate os canhões e ter querido fazer bonito em lugar de atacar de sorpreza, dando signal ao inimigo com tres toques de corneta.

Fui franco ; diante de todos queixava-me da precipitação em dar-se um combate sem ter chegado Manoel Felicio e a outra ala do L. Caldas acampada em *Bom Destino* ; sobre terem deixado ficar os canhões, a elles eu disse, em altas vozes — isto foi uma especie de covardia, e a perda de dous elementos tão poderosos é a perda da revolução.

O Dr. Gentil é moço de coragem e confiava demais em nossa gente; além de tudo teve a leviandade de crear rivalidades entre os da expedição e os Acreanos.

Os tres *Puritanos* mentiriam, dizendo que estavam mal informados do nu-

mero de inimigos em Porto-Allonso ; pela carta a lapis, escripta por José Maria e assignada pelo Dr. Orlando, V. Ex. terá a prova de que mentiram.

Na bocca do Acre soube do que se tinha passado e que os Acreanos já tinham ferido diversos combates e estavam todos em armas, e que sómente se tinham levantado depois que lá chegou o meu enviado Gomeiro, havendo um forte acampamento em *Bagaço* chamado *Coronel Rodrigo* sob o commando de J. Xavier e outro na *Volta da Empreza* sob o commando de *Alexandrino* chamado *Galvez* e em *Bom Destino* o batalhão *Luiz Caldas*, composto de 100 homens, prompto a ir atacar *Humaytá* com o auxilio de alguma força de *Bagaço* e que o Dr.Gentil se estava esforçando para reunir 100 homens para atacar *Porto Allonso*.

Considerei tal disparate até um desastre e fiz o Dr. Orlando partir para *Esperança* na lancha *Allonso*, com poderes geraes para deixarmos o Dr. Gentil assumir o Governo dictatorialmente ; conhe-

cendo a extrema ambição do Dr. Gentil sua indomavel bravura acompanhada de muita criançada e falha de bom senso, cuidei sómente de salvar a revolução.

Partio a lancha muito adiante do *Solimões* e dous dias depois encontrei-a no *Antimary*, donde, mancommunados com as autoridades do *Antimary*, obrigaram o empregado do Sr. José Guilherme Hall a mandar-lhes a prazo todos os rifles e munições que tinha em casa.

Incommodei-me e fiz a lancha partir com urgencia para *Esperança*, a fazer o accôrdo com o Dr. Gentil e entender-se com Carneiro, para delle saber com quantos homens podiamos contar de *Bom Destino* a *Caquetá*, pois eu já tinha ordenado a João dos Passos que seguisse adiante para formar essa gente, de accôrdo com as ordens em carta dadas por J. Victor a seus empregados Simas e Carneiro (Vice-Consul).

O Dr. Orlando disse-me: eu vou, porém a metralhadora irá commigo na lancha; não me oppuz e elle seguio.

A' tarde subiu o *Solimões* e fomos pernoitar em um *porto de lenha*. Lá não encontrámos lenha e fomos obrigados, debaixo de chuva, a fazel-a durante um dia, carregando-se de noite. Ao outro dia partimos na tartaruga do *Solimões*, que, além de não ter marcha, consumia 600 e mais achas por hora (note V. Ex.); do *Antimary* a *Esperança* gastámos tres dias quando a navegação regular é de 10 horas. Navegámos todo o dia até ás 9 horas da noite e fundeámos na *Redempção Velha*.

Momentos depois descia com enorme tempestade o *Allonso* com a carta do Dr. Orlando, em busca do canhão, guarnição delle, medico, ambulancia, enfermeiro, etc.; não annui a isso e não o mandei; fiz a lancha esperar e no outro dia partimos e chegámos á *Esperança*. Tivesse eu mandado o canhão e o desastre seria maior, pois queriam atacar com os poucos patriotas que lá estavam e com 50 de Luiz Caldas, que mandaram buscar em *Bom Destino*.

Cheguei com o *Solimões*, ás 10 horas da noite, em *Esperança*; a essa mesma hora veio a bordo o Dr. Orlando e disse-me: está tudo combinado com o Gentil, ficam vocês dous; interpellei-o eu—para o que mandastes buscar o canhão? . . . respondeu-me: — como o *Solimões* não marcha e eu vim para brigar, ia dar o combate sem vocês chegarem.

Disse-lhe eu: isso era uma imprudencia e, com asneiras destas, não venceremos.

Disse-me mais—o Gentil, declarou-me que com 50 homens atacava; ora, o canhão e a metralhadora valem por 100.

Os que vieram na lancha foram: Dr. Orlando Ribeiro, J. Maria, João Barreto, João dos Passos (que brigou logo e retirou-se para *Bom Destino*) e mais 19 homens da expedição.

Como V. Ex. vê, a culpa do ataque não cabe só ao Dr. Gentil, é maior a do Dr. Orlando, pois o Dr. Gentil só dispunha lá de 15 homens.

Resultado—deu-se ataque com 132 homens, sendo 8 carregadores e 12 garantindo a rectaguarda; oppuz-me sempre a tal ataque, pois, se esperassemos mais 48 horas, dispunhamos da gente do M. Felicio e o resto da do L. Caldas; emfim, teriamos 250 homens e a victoria seria nossa.

Dei ordem para tomarmos o *Labrea* quando estava atracado ao *Solimões*, e isto fiz por mim, pois o Orlando e o Gentil estavam fazendo explorações para a artilharia. Estava tudo disposto e o Commandante João Bueno tambem; nisto chega o Orlando e zangado disse-me: isto não se faz; eu como commandante em chefe é que devo fazer as intimações; fil-as quanto as mercadorias; porém, quanto ao vapor, não quiz, nem tão pouco que os da expedição tomassem o *Labrea*, porque a responsabilidade era muito grande.

Eu disse-lhe:—eu assumo-a e tudo assigno; não podemos dispensar o *Labrea*; com o *Mucuripe* não podemos con-

tar, vem atrazadissimo, e o *Aquery*, como vês, tambem vem pois furou.

A nada accedeu, só dizendo — eu vim brigar e hei de brigar de qualquer geito. Se perder, perdeu-se.

Na vespera do combate passeia-a de cama e só á noite é que soube estar marcado para o dia seguinte, quando o Dr. Gentil pediu-me a approvação.

No dia 22 o Dr. Orlando chamou-me e disse-me: é necessario haver quem assuma a responsabilidade dos actos que se vão desenrolar e você e o Gentil não o podem fazer; a bordo ha muitos Acreanos vindos do Pará, reuna-os.

Fil-o e foi bem celebre esta reunião, realizada a bordo do *Solimões*, onde os expedicionarios (alguns) estavam provocadores.

E' falso que o Dr. Gentil me tivesse negado o direito de fallar em nome dos Acreanos, nem o podia fazer porque eu comecei dizendo—que o meu mandato de delegado estava terminado, e que eu passava a ser um soldado, e que nenhum

cargo acceitaria devido a minha molestia, no emtanto, emquanto estivesse no Acre, até Maio, auxiliaria na organização, caso quizessem. Propuz uma *Junta* constituida por Gentil, J. Victor, e que os Acreanos escolhessem um outro, comtanto que não fosse o Vice-Consul, pois a revolução delle carecia e era necessario não complicar-se o Governo Brasileiro.

Não consintiram na minha retirada e eu continuei. Suspeito que o Dr. Orlando desgostou-se por não ter sido lembrado o nome delle. Como?... Haviamos de formar uma *Junta* sem nella ter Acreanos?...

Quaes os culpados?... Muitos agora atiram a culpa sobre mim e o Dr. Gentil.

Por espirito de solidariedade e receioso que (como de facto deu-se) o Dr. Orlando, com suas funestas idéas e seu *positivismo*, não de *Augusto Comte*, viesse para cá fazer escandalos, zanguei-me com o Dr. Gentil, que, sendo um dos culpados (apenas por ser um homem com

cabeça de menino), não teve coragem de arcar com todas as responsabilidade, atirando-as todas para a expedição e querendo retirar-se da *Junta* na occasião do ataque a Manoel Felicio, por elle provocado.

Não consenti na retirada delle e obriguei-o a ficar até o fim.

Então, depois de todos dissolvidos e terem feito jorrar sangue de Brasileiros contra Brasileiros, havia eu de consentir que fugissem á responsabilidades?

Estivessemos todos unidos depois da derrota e Manoel Felicio não procederia como procedeu e segundo ataque seria dado e victorioso, pois os Bolivianos estavam sem viveres e ha quatro dias que só comiam palmitos.

Menti á Nação, pela *Federação*, dizendo serem os unicos culpados os commandantes e aviadores. Menti para evitar o escandalo e elles o deram.

A obrigação da expedição era dar outro combate desde que lá deixaram os canhões.

Eu retirei-me com o Dr. Deocleciano quando retiraram-se; conduzia um ferido.

Se tenho permanecido lá até o fim, o que não fiz por ter começado a febre e estar eu todo molhado da chuva, brigaria com todos, porém os canhões haviam de vir.

Não metti-me em ordens de guerra, porque elles diziam-se sabios nella, nunca julguei que pela cabeça de tão illustres generaes passasse a idéa—de deixarem lá os canhões em frente ao inimigo.

Na realidade, os generaes são mais idiotas do que eu julgava; por este acto V. Ex. avaliará bem o juizo que elles faziam dos Bolivianos, apezar do Carneiro ter-lhes dito que as forças bolivianas contavam com officiaes illustrados, que estiveram no Exercito Francez e no Allemão.

Ainda não pude escolher bem o termo para applicar ao Dr. Orlando e companheiros conniventes em lá deixarem os canhões.

Criticam os Bolivianos de serem fanfarrões. Não, não o são. Os fanfarrões, os *D. Quixotes* foram os nossos generaes da revolução acreana; peiores do que o Alexandrino; este ao menos atacou e não fez retiradas quixotescas. Foi illudido por Alvaro Rodrigues Souza Braga e o enorme Sebastião de Mello.

... Dos Acreanos nada mais se póde esperar... são instrumentos dos aviadores do Pará...

...V. Ex. não necessita de conselhos meus, porém com o Dr. Gentil nada conseguirá; além de criança é leviano e tem o defeito de ser Brasileiro e não Cearense... Só V. Ex., Sr. Dr. Nery, póde salvar o Acre; em todo o caso é necessario cuidado.

Posso asseverar a V.Ex.que a ambição dos aviadores e commandantes—é o contrabando de mercadorias e borracha.

.....

Sempre de V. Ex. admirador, criado muito obrigado.—*Rodrigo de Carvalho.*
4 de Março de 1901.

Raramente se encontrará descripta com tanta verdade e tão sensatamente apreciada uma situação revolucionaria, como o faz a carta official que acabámos de revelar ao publico, á vista do seu grande valor historico.

E para que mais facil e bem firmado seja o julgamento daquelles que tenham o patriotico empenho—de querer estudar e bem conhecer o meio em que se debatem as actuaes pretenções de independencia acreana e o justo valor politico dos agentes e elementos em jogo—iremos juntando outros documentos de igual importancia ás nossas singelas observações.

X

Eis a acta a que se refere a carta que acabámos de transcrever:

> Aos dous dias do mez de Dezembro de 1900, no salão da Intendencia Municipal da cidade da *Labrea*, presentes os seguintes Srs.: Dr. Aristides de Moura Rios, Juiz de Direito; José Francisco de Vasconcellos, Juiz Municipal; Raymundo Sá Cavalcante, Promotor Publico; Arthedoro Burgos de Oliveira, Superintendente; Antonio de Castro Paiva, Superintendente em exercicio; Manoel de Castro Paiva, Prefeito; Oscar Martins Ribeiro, Sub-Prefeito; Candido Benigno, Secretario da Intendencia; Joaquim Ferreira de Mello, Eugenio Lopes Carneiro, Intendentes; Manoel Freire, Thesoureiro da Municipalidade; José Tote, empregado da mesma; Capitão Arthur Olympio da Rocha Catingueira, Com-

mandante do destacamento ; Laudelino Benigno, Tabellião e Escrivão ; Dr. Epaminondas Jacome, Medico ; Bachareis Ignacio Arans, Manfredo Alvares Affonso, Advogados ; Arthur Gomes de Mattos, maestro ; Antonio Vieira Filho, Conego Leite Barbosa e muitos outros, foi acclamado o Coronel Rodrigo de Carvalho, Presidente do Acre, no Governo revolucionario, pelo Dr. Orlando Lopes, Commandante em chefe da expedição, em nome dos seus camaradas e consultando o patriotismo das autoridades da *Labrea*, a quem expoz os serviços prestados á revolução acreana por aquelle que alli acabava de receber como um galardão á justiça de seu valor civico, trabalhando em regiões ignotas pela liberdade dos Brasileiros e honra do sólo nacional.

Recebida entre applausos a acclamação, que significava verdadeiramente o reconhecimento dos expedicionarios ao velho luctador do Acre, que nunca recuou na defesa de um direito territorial,

garantido pelo trabalho e constancia dos nossos irmãos que, em longo tempo, constituiram alli as suas propriedades e as suas riquezas, lavrou-se esta acta do occorrido, aceitando o Coronel Rodrigo de Carvalho o subido encargo, que os patriotas brasileiros lhe confiam, sem outro interesse material que não a reconquista de um sólo occupado pelo elemento boliviano, e outro interesse politico que não a dignificação republicana para os Governos do benemerito Presidente da Republica Dr. Manoel Ferraz de Campos Salles e do Estado do Amazonas Dr. Sylverio José Nery.

E para constar assignam a dita acta.

Raymundo Sá Cavalcante.

Eugenio Lages Carneiro.

Laudelino Benigno.

Ignacio Arans.

Arthur Olympio da Rocha Catingueira.

Pedro Horacio de Carvalho.

Dr. Epaminondas Jacome.

Oscar Martins Ribeiro.

João Duarte de Negreiros.
Orlando Corrêa Lopes.
João Barreto de Menezes.
João Passos de Oliveira.
Arnaldo Machado Vieira.
Deocleciano Coelho de Souza.
Manoel de Queiroz Ribeiro da Costa.
Dr. Victor Francisco Gonçalves.
Luiz Mariano de Oliveira.
José Mario dos Santos.
Trajano Chacon.
Manoel Gavino de Albuquerque Maranhão.
Antonio Alves de Carvalho.
Manoel Rodrigues Anchieta.
Jesuino Machado Vieira.
Brenno de Gusmão.
Ernesto Montenegro.
Ephigenio Ferreira de Salles.
Cabo Ildefonso Coimbra.
(inintelligivel)
Alfredo Góes.
Aristides de Oliveira.
Raymundo Peixoto de Alencar.

Samuel (*inintelligivel*).
José dos Anjos.
Raymundo Serpa.
Angelo de Souza Cruz
Abraham J. Benayon.

Todo esse enthusiasmo tem a data de 2 de Dezembro de 1900, entretanto a 25 desse mesmo mez, apenas 23 dias depois, o seu principal promotor, o Dr. Orlando Lopes, commandante em chefe da expedição, escrevia ao Presidente do Acre, por elle acclamado:

> ... Quanto aos rapazes que vieram na expedição *Floriano Peixoto*, creio que alguns querem descer e outros ficar?..
>
> ... Quanto á minha demissão do commando das forças revolucionarias, não vejo que ella possa influir na victoria da nossa causa; botando de parte toda a modestia, me acho incapaz de ser commandante, sem ter commandados que me acompanhem.
>
> ... Irrevogalmente não estou disposto a continuar no posto que vocês

me designaram e insisto pela minha demissão, mesmo porque me considero já demittido.

São bem eloquentes as provas que deixamos archivadas do estado de indisciplina e balburdia em que se agitavam, então, no seio das revoluções acreanas, toda a sorte de ambições e outras degradantes paixões, que tudo abastardavam, desuniam e difficultavam, emquanto nós, cá de longe, julgavamos os seus elementos unidos, patrioticos e fortes como deviam ser.

Vejamos, ainda, um outro documento importante, pela mesma época da carta do Coronel Rodrigo de Carvalho dirigido por outro procer das revoluções acreanas ao Governador do Estado do Amazonas:

«Cidadão Dr. Silverio Nery—Os factos occorridos posteriormente á ultima phase da revolução acreana, as desillusões e os desgostos porque tenho passado, e mesmo as falsas interpretações dos meus actos e das minhas intenções, nada disso demove-me do firme proposito em que estou de não abandonar uma

causa tão justa e patriotica, embora mal julgada por alguns que a desconhecem. Esta nuvem que tem constantemente empanado o brilho da revolução, é devida exclusivamente á propaganda miseravel de alguns commandantes do Pará, portuguezes em sua maioria, cujos interesses particulares seriam, não sacrificados, porém, lesados, com a não auferição de lucros illicitos, proveniente de um contrabando futuro, como presentemente existe no Javary.

E' evidente que a pequena differença de porcentagem na cobrança dos impostos, entre a pauta brasileira e boliviana, differença aliás nulla, se levarmos em conta outras despezas, que acarreta a venda dos productos exportados nas praças de Manáos e Belém, e se levarmos, digo, juntarmos a tudo isso os impostos de importação de certas mercadorias que se destinam ao Acre, por parte do fisco boliviano, claro está, cidadão Governador, que a minha asserção acima fica plenamente provada.

A celeuma que se levantou no Pará, as calumnias que lançaram aos ventos da publicidade contra a revolução e seus principaes chefes, cujos actos foram deturpados, têm origem legitima nestes occultos interesses futuros, perdidos caso vingasse a revoluçao.

Um acto vosso, cidadão Governador, aliás demonstrativo da energia patriotica que empregais na defesa dos interesses do Estado, que, em boa hora, vos confiou os seus altos destinos, mais acirrou os odios dos commerciantes de Belém, instrumentos inconscientes do Governo do Pará, que redobraram de insultos, fazendo uma verdadeira campanha de diffamação contra a revolução acreana, unica, cidadão Governador, que nenhum acto de depredação jámais praticou. O decreto que obrigou o beneficiamente e encaixotamento da borracha amazonense, nesta cidade; decreto que ha muito se impunha em bem dos interesse do Amazonas, veio ferir de morte o commercio daquella praça.

De outro lado, o Acre, na exportação da borracha entra como um factor importantissimo, pois, daquelle rio, de Dezembro a Maio, desceram mais de 2.500.000 kilos daquelle producto.

Ora, cidadão Governador, deveis estar informado pelos relatorios da Recebedoria deste Estado, que a borracha do Acre passa quasi toda em transito para o Pará, ficando assim fóra do alcance do vosso patriotico acto.

Eis a verdadeira causa da attitude hostil assumida pela praça do Pará contra a revolução acreana, pois, o contrario dar-se-hia, caso fossemos nós os revolucionarios os vencedores, que, quer por sympathia natural, quer forçados pelas nossas proprias circumstancias, teriamos de forçosamente enviar os nossos productos para a praça de Manáos, onde tinhamos certeza de encontrar um Governo amigo.

A guerra feita á revolução acreana pelo commercio do Pará, não é mais do que uma manifestação de odio ao vosso

Governo, que moralmente a apoiou e a certeza dos grandes prejuizos que lhe adviria da victoria da revolução.

O acre para o Pará é uma verdadeira tabella, cidadão Governador. O alvo exclusivo, que não ousam atacar de frente, sois vós, porque para governar a vossa terra, não fostes pedir conselhos aos corypheus do Pará.

Vencida a revolução, aniquillados os poucos elementos com que contavam os revolucionarios, é licito abandonar a luta?

Não — diz o nosso patriotismo; não — diz a historia de todas as revoluções.

E, porque não continual-a, já que é possivel?

Eis ahi onde eu queria chegar, cidadão Governador.

Vós tendes manifestado francamente a vossa sympathia pela causa que abraçamos; mais ainda — vós auxiliastes com alguns recursos a expedição *Floriano Peixoto*, que daqui partiu para expul-

sar os Bolivianos do Acre; e, sobretudo, com a responsabilidade plena do alto cargo que occupais, vós escrevestes, em vossa mensagem ao Congresso Estadoal, aquellas bellissimas palavras que serão um eterno padrão de gloria do vosso Governo — *Honra aos que combatem, paz á memoria dos que pereceram.*

Mais do que os recursos que fornecestes aos Acreanos, estas palavras vossas, simples e energicas, attrahiram para a vossa pessoa as sympathias de um povo que ha tanto luta pela sua nacionalidade, pela sua bandeira, pela não profanação dos tumulos dos entes caros, que jazem enterrados naquellas longinquas paragens, cahidos em meio da peleja, como exemplo aos sobreviventes.

Cidadão Governador, mais uma vez vos afirmo — a minha vida estará e está ao serviço da revolução acreana. Mas, que posso eu fazer, só sem recursos, a favor de uma causa patriotica?

Nada, cidadão Governador, sem o vosso concurso.

De vós depende a continuação da luta, ou melhor, a victoria da nossa causa.

Sem vós nada poderemos fazer; com o vosso auxilio, embora particular, em breve não existirá no Acre um só Boliviano.

Expulsaremos os nossos invasores, e daremos uma dura lição aos Brasileiros degenerados que tudo sacrificam aos seus mesquinhos interesses particulares.

Posso garantir, cidadão Governador, que as informações de ante-hontem (do *Jornal do Commercio*) são exactas.

A occasião é a melhor possivel!

O Congresso Nacional abre-se em Maio proximo; uma nova revolução, bem dirigida, com alguns elementos bons, exclusivamente soldados para servirem de nucleo, poderia mudar a situação politica dessa gravissima questão.

Lembrai-vos de Amapá; sem a expedição Cabral, talvez nunca tivessemos obtido a esplendida victoria, que coroou os nossos esforços.

Cabral e seus companheiros foram derrotados, e o Acre não é menos importante que o Amapá.

Os chefes da revolução só esperam uma palavra vossa para correrem á luta, que deixaram baldos de recursos.

Lauro Sodré não hesitou um só momento e tratava-se da França, uma das mais poderosas nações da Europa!

Vós não podeis, ou melhor, não haveis de querer recuar diante de uma fraca nação, que nem mesmo o direito tem por si.

Dai, cidadão Governador, uma lição severa a estes semi-barbaros da America do Sul, que, com a sua presença nesta terra, insultam a uma nação nunca vilipendiada.

Nós, os revolucionarios, temos confiança no vosso patriotismo, e, anciosos aguardamos uma resposta vossa.

Se julgardes acertado auxiliar-nos, esperamos as vossas ordens, senão só nos resta lamentar as nossas patrioticas illusões perdidas.

Para terminar, cidadão Governador, pomos diante de vossos olhos o annexim popular—*o vencido é um bandido e o vencedor um heroe.*

Manáos, 16 de Abril de 1901. — *Gentil Tristão Norberto, engenheiro civil.*

*
* *

Caquetá, 12 de Novembro de 1901. — Exmo Sr. Dr. Silverio José Nery, dignissimo Governador do Estado do Amazonas. Respeitavel amigo e senhor.

. . . Aqui chegámos a 7, tendo-se installado a Collectoria a 8. A lancha *Amaury* da *Bocca do Acre* veio até o *Antimary* com o destacamento ; nós viriamos na segunda viagem e de lá para cá viriamos todos; infelizmente a imprestabilidade da lancha não permittio bem como o calado da mesma. Perdemos o *repiquete* de Outubro, que foi grande, e no segundo não pudemos vir porque a lancha furou.

O actual *repiquete* é enorme, cousa que ha dez annos não se dá, pois elle attingio a quatro braças no Acre.

A viagem foi pessima, devido á má marcha da lancha; agua nunca faltou.

Para chegarmos aqui soffremos tres baldeações: da *Amaury* para a *Tupy* até *Antimary* e deste a *Caquetá* passámos para a lancha *Bolivar*.

. . . Tenho que dar a V. Ex. algumas informações sobre a lancha *Ruy Barbosa*, ex-*Alonso*. Deixei-a em boas condições, apenas algumas palhetas partidas e um ou dous balaustres da tolda partidos; hoje está ella reduzida a casco e abandonada, amarrada em um porto abaixo do *Antimary*; tem 70 tubos da caldeira queimados, os moveis que ella possuia estão servindo, alguns de mobilia da Intendencia do *Antimary*; não contentes em estragal-a abandonaram-n'a; ella foi estragada em serviços que andou fazendo, a frete, depois de tomada pelas autoridades de *Antimary*; acha-se amarrada no porto do *Apuhy*.

O Sr. André Arco-Verde, por mim nomeado depositario, logo que baixei em Fevereiro, conservou-a sempre de fogos apagados e deixou gente encarregada de conserval-a com rancho por mim fornecido.

O Sr. Cyriaco Muniz poderá informar a V. Ex. de tudo.

Sobre a Bolivia V. Ex. de viva voz poderá saber do Sr. Cyriaco Muniz o estado em que elles se encontram.

Aqui já veio um visitar-me e amanhã deverei ser visitado pelo Delegado Nacional; não irei pagar a visita, mas mandarei o Escrivão pagal-a. O vice-Consul disse-me que elles estão com muito medo de mim; não tendo eu grande confiança no Consul, fiz-lhe ver que o antigo revolucionario *Rodrigo* morreu e resuscitou em um empregado publico que vem zelar os interesses do Amazonas; estão todos convictos, e é o que eu desejo. Em Maio ou Junho os 350 Bolivianos que estão em *Porto Allonso* ficarão reduzidos a 100 e será a occasião de eu

fazer-lhes a conta. Os elementos que eu dispunha hoje são cinco vezes maiores e estou disposto a não confiar em ninguem, inclusive o Dr. Martinho Rodrigues, que teve occasião de expulsal-os, pois, ultimamente, haviam 40, sendo apenas 10 com saude; reconheço agora que o Dr. Martinho é patriota com cama preparada por outros.

Se V. Ex. ainda pensa como quando dahi vim, em Junho vindouro limparei o Acre de Bolivianos; necessito que V.Ex., em Abril, arranje uma lancha de confiança de V. Ex. e me mande alimentação para 150 homens, em 30 dias, 60 *Mannlinchers* com 15.000 tiros e 120 rifles de cano comprido com 30.000 tiros; tudo isto desembarcará em *Esperança* do meu amigo e companheiro Domingos Leitão; será bom vir uma ambulancia para ferimentos; lancha eu dispenso; como vê V. Ex. de pouca cousa eu necessito, e se peço a V. Ex. é porque actualmente nada possuo. O armamento deverá vir disfarçado bem como alguns sa-

bres para as *Mannlinchers* ou mesmo para os rifles. Descanse V. Ex. que o Governador do Amazonas não será compromettido.

Sei que os Bolivianos vão tomar conta do Yaco e Purús, passando-se para lá por um varadouro que, partindo do Xapury, vai sahir no Yaco, no seringal do Dr. Avelino Chaves.

Tudo quanto V Ex. me mostre desejo de que eu execute — executarei.

Com muita estima e grande consideração, etc. —*Rodrigo de Carvalho.*

*
* *

Caquetá, 15 de Abril de 1902 — Exm. Sr Dr. Silverio José Nery. Respeitavel amigo e senhor.

A 6 cheguei ao *Antimary* e fui a bordo procurado pelo Sr. Antonio Custodio, Superintendente, que pagou-me o imposto. Fallei-lhe sobre o varadouro boliviano que estava sendo construido em territorio todo elle brasileiro ; disse-

lhe mais—já fui informado que o varadouro atravessou todo o seringal de *Porto Central*, mui perto daqui e que já chegou á margem do rio *Antimary*, no seringal *Alliança*, limitrophe do *Arapixy*.

Fiquei perplexo quando eu, em Manáos, de tudo já era sabedor e poucos minutos depois de chegar a *Antimary* muito mais tinha sabido, ao passo que o Sr. Superintendente, primeira autoridade do municipio, tudo ignorava.

Convidei o Sr. Superintendente a agirmos de fórma a não consentirmos que taes trabalhos continuassem, por serem prejudiciaes ao Estado e á Nação; prometteu-me agir e mandar verificar a posição do varadouro; se o fez ou não, por ora não recebi communicação.

A oito cheguei a *Caquetá*, de tudo fui informado e por homens que trabalharam no varadouro, que disseram-me ter cortado todos os seringaes do *Acre brasileiro*, inclusive o de *Porto Central*; contaram-me que—por onde passavam encontravam barracas de seringueiros;

estes com suas mulheres, espavoridos, fugiam para a margem do Acre.

Desta fórma chegaram ao rio *Antimary*, não tendo aberto o *pico* até á margem por estar alagada; no emtanto, ficou o *pico* aberto até uns 500 metros da margem.

Ahi começaram os trabalhadores (todos brasileiros) a discutir com o agrimensor boliviano *Fontaine*, dizendo— isto vai errado, desta fórma nós vamos sahir no *Purús* abaixo do *Arapixy*; deu-se *Fontaine* por vencido e, havendo falta de viveres, resolveram repassar, uns por terra, outros por agua, a *Porto Acre*, á procura de viveres, para irem continuar o serviço com outro rumo, pois encontraram explorações do *Yaco* e do *Purús*.

Os trabalhadores informaram-me que, devido a um grande lago, que encontraram nos fundos do seringal *Esperança*, formado pelo *riachinho do Pontes*, tiveram que modificar o rumo, contornando o lago pelo lado Oéste, pois que, se não

o fizessem, iriam sahir na margem do *Acre*, lá por *Lua Nova* ou *Andirá*.

A 9 mandei o Tenente Carvalho com uma bussola de Casella ao seringal *Esperança*, a quatro kilometros de *Porto Acre*, verificar o rumo do varadouro; verificado, ficou provado que em *Esperança* era todo o varadouro construido em territorio brasileiro, e dahi para o *Antimary* mais tinham entrado em territorio nosso, pois o varadouro tem grande parte em rumo Norte.

Soube que os Bolivianos, além dos trabalhadores, muito bem armados, levavam muitos muares conduzindo viveres, porém, sendo grande a difficuldade, estavam preparando uma lancha e canôas para descerem com gente e mercadorias para transportarem pelo seringal *Porto-Central*, para os varadouros que estavam abrindo; fiz constar á Delegação Boliviana—que eu não consentiria em tal, e com a propria força me opporia. Em vista do grande medo que os Bolivianos têm desta Collectoria, entendi que só havia

um meio de fazel-os parar com semelhante trabalho — ou pelas armas ou ameaçando-os; immediatamente officiei ao encarregado do Consulado, e este excedeu todas as minhas espectativas, providenciando tão energicamente que os Bolivianos, cada vez mais assombrados, ficaram e resolveram parar todo o trabalho; penso que o proprio Consul, Coronel Mendonça (que vergonhosamente impetrou attestados dos Bolivianos), não agiria como o encarregado do Consulado que, sendo extrangeiro, mostrou que tambem sabe zelar os interesses brasileiros.

Afim de V. Ex. ficar bem orientado de tudo, remetto-vos as copias de todos os officios que dirigi, bem como do que recebi do Consulado, e o que este mandou á Delegação Boliviana.

Remetto a V. Ex., em officio á parte, os ultimos jornaes bolivianos.

O Acre está um verdadeiro vulcão, pois a nova Delegação já avisou que — todos os proprietarios do *Acre* terão o

prazo improrogavel de seis mezes para legalizarem a posse de seus barracões. Poz em execução a seguinte lei boliviana —todo o habitante da Bolivia será obrigado a dar dous dias de trabalhos publicos para o Governo Boliviano, ou então pagarão por cada dia 20$ em dinheiro; aos seringueiros exigem incontinenti o trabalho ou o dinheiro; aos proprietarios e empregados dos barracões mandam-lhes, por deferencia, o talão, afim de, incontinenti, remetterem o dinheiro.

A nova Delegação poz em vigor a seguinte lei: toda a mercadoria importada pagará um direito de 15 % *ad valorem*, sendo augmentado 25 % do custo para fretes, etc.; a cachaça 40 % *ad valorem*, a cerveja 30 %; os seringueiros estão furiosos, pois os preços das mercadorias brasileiras augmentaram muito. Esperam muitos mais impostos, pois o Bacharel Albino dos Santos Pereira está confeccionando-os.

O melhor de tudo é a maneira de perceberem os impostos de importação;

como a Delegação não dispõe de dinheiro aqui, nem ahi ou Pará, resolveram cobrar os direitos a dinheiro ou em mercadorias e estas são escolhidas pela Delegação, dentre as que mais necessarias são aos seringueiros, e escolhem: farinha, café, assucar, arroz, xarque, sabão, kerozene, etc., etc.; desta fórma não haverá um só barracão que tenha viveres, pois os pedidos vêm cortados em maior proporção do que nos annos anteriores.

Engraçado é o valor que elles dão ás mercadorias para recebel-as como dinheiro—o primeiro custo e mais 25 por cento para fretes, commissões, seguros, embarque, embalagens, etc.

Se os aviadores e commandantes (o que é provavel, em vista de serem offendidos nos bolsos) resolverem agir, serão os vapores que começarão o conflicto.

O meu amigo Dr. Victor, medico actual da Delegação e cujo contracto está terminado e vai retirar-se para ahi,

informou-me que, em *Capatará*, restavam uns 80 homens, que já foram chamados para *Porto Acre*, pois o *beriberi* tem lavrado com grande intensidade, e nos primeiros vapores terão que descer os 80 Bolivianos, afim de não morrerem aqui.

As cousas vão marchando de tal fórma que, em fins de Junho, o maximo que terão entre soldados e officiaes será de 150 homens, isto mesmo, alguns doentes e outros em convalescença.

O medo dos Bolivianos cada vez é maior, e só com o medo facil é tudo obter e sem grande derrame de sangue.

Armas, balas, etc., não entram; tão desconfiados andam os Bolivianos que, quando os vapores sahem, dão busca nas malas dos passageiros.

O Sr. Joaquim Victor da Silva prometteu-me fazer uns ligeiros reparos no barracão de *Caquetá*, e ha quatro dias aqui está commigo. Elle sente-se opprimido e prejudicado pelos Bolivianos e constantemente diz-me: estou ás tuas

ordens, quero rehabilitar-me e pódes dispôr com franqueza de minha gente— 200 homens bons; só quero que me dês armas e munições, pois as minhas, os Bolivianos ficaram com ellas e não m'as querem entregar.

E'-me grato dizer a V. Ex. que *Caquetá* marcha em boas condições e que o Tenente Carvalho continúa, cada vez mais, disposto a auxiliar-me na reivindicação do Acre para o Amazonas...

E' tudo quanto tenho a dizer a V. Ex. e estou certo que outra que dirija a V. Ex. será em termos que muito alegrará a V. Ex., quer como Governador, quer como homem e cidadão brasileiro.

Com estima e grande consideração, etc —*Rodrigo de Carvalho.*

*
* *

Caquetá, 16 de Abril de 1902— Exm. Sr. Dr. Silverio Nery—Respeitavel amigo e senhor.

Junto a esta a cópia do officio que o Delegado boliviano dirigio ao Agente Commercial do Brasil, e que este teve a amabilidade de enviar-me.

Hoje, em *Porto Acre*, deu-se algo de offensivo ao representante do Consulado Brasileiro; aconteceu que soldados e officiaes bolivianos, embriagados, açoitaram o criado do Agente Consular, sem haver motivo para tal.

O Agente Commercial, vendo, correu em auxilio do criado e conduzio este para sua residencia (Consulado); os Bolivianos pretenderam invadir o Consulado.

O Consul mui energicamente repellio os Bolivianos e estes acovardaram-se e não entraram.

O Encarregado do Consulado deu parte ao Delegado boliviano, e este, em lugar de providenciar, censurou o Consul e ordenou a suas autoridades que, quando o Consul repetisse facto igual, que não só prendessem quem perseguissem como ao proprio Consul.

Passageiros e tripulantes do vapor *Monaco* presenciaram tal facto.

Nestas questões não exagero, principalmente a V. Ex., a quem respeito e tenho o dever de ser leal.

...Asseguro a V. Ex. que as cousas marcham bem, melhor do que eu julgava, de fórma que minha obra, em solapar o resto de pequena influencia que os Bolivianos tinham perante alguns concidadãos nossos, muito atrazados, consegui acabar, restando apenas—odio e muito grande—Com muita consideração, etc. —*Rodrigo de Carvalho*.

XI

Fastidiosa embora, a narração feita nos documentos que vamos transcrevendo é de grande valor para o nosso intento.

Esses documentos, assignados pelos principaes chefes e auxiliares das revoluções acreanas e por funccionarios publicos, mesmo das mais altas categorias (como iremos vendo), escriptos na época em que os factos se desdobravam e, gyrando em torno da autoridade do Governador do Amazonas, então apontado por Brasileiros e Bolivianos como o centro unico e incansavel de todo o movimento revolucionario, esses documentos são, por tudo isso, não ha meios de o negar, a melhor fonte de onde devemos tirar, criteriosa e desapaixonadamente, o julgamento imparcial dos factos a que nos temos referido.

Elles nos mostram, com inteira clareza, quaes os intuitos reaes da ultima revolução, que occasionou a nacionalisação de uma parte do territorio do Estado do Amazonas, já entre-

gue ao extrangeiro pela inepcia, hoje reconhecida e provada, do unico advogado que a Constituição lhe permittia ter; assim como quaes os interesses, as paixões que impelliam aquelles que nella tomaram parte, a importancia que tinham, o prestigio de que dispunham, os serviços que prestaram e, sobretudo, o verdadeiro estado dessas tão famosas regiões acreanas, quanto aos seus recursos, meios de existencia e de transporte e aptidões civis e politicas dos seus habitantes.

E', tambem, correspondencia official de indiscutivel merecimento para provar que — a revolução teria naufragado completamente sem o auxilio que lhe prestou o Amazonas—essa que vamos transcrevendo.

Nella apparecem, a cada passo, nomes de cidadãos colhidos pela engrenagem das revoluções acreanas, por motivos, muitas vezes, bem diversos daquelles que lhes attribuia a phantasiosa legenda.

Existem entre elles, é certo, homens dignos de admiração e apreço, mas, tambem ha muita escoria baixa e anonyma desses flibusteiros, que apparecem por toda a parte onde se exploram sem escrupulos riquezas, fóra da acção das au-

toridades policiaes; verdadeiros estercorarios que vicejam farta e rusticamente á custa dos succos das estrumeiras abandonadas, para voltarem aniquillados ao seio da podridão, logo que o sol claro da vida limpa da natureza lhes cahe a pino sobre o bello viço de cogumelos.

E' por isso que vamos avançando cautelosamente, de modo que, sem prejudicar os bons, deixemos positivamente consignados os elementos necessarios ao imparcial julgamento de uma phase da nossa historia, na qual, a nosso ver, estão empenhados com os interesses do Amazonas grandes e serios interesses da instituição politica sob a qual vivemos.

Continuemos, pois, com a mesma orientação, nessa enfadonha mas necessaria tarefa.

Caquetá, 26 de Abril de 1902— Exm. Sr. Dr. Silverio Nery, Dignissimo Governador do Amazonas Respeitavel amigo e senhor.

. . . Sobre o *pico* para o varadouro boliviano tenho a informar á V. Ex. do seguinte:

. . . Ouvindo uns e outros, hontem, detalhadamente, conversei com o meu amigo *José Placido de Castro*, que conhece bem *Arapixy* e *Mapuiguary*, este no rio *Antimary*; disse-me Placido — dei-me muito com o Coronel José Virginio, que subio o *Antimary* com o Coronel Thaumaturgo de Azevedo; José Virginio, disse-me — quando Thaumaturgo esteve em discordia com Pando, desceu o *Acre* e procurou-me em *Antimary*, para subirmos o rio e fazer um pequeno estudo por onde cortava a linha geodesica; gastamos muito tempo e, afinal, Thaumaturgo disse-me — a linha passa por aqui, mais ou menos. O lugar marcado por Thaumaturgo foi o seringal — *Mapuiguary* —; a linha corta-o. Este seringal communica-se com o Purús muito acima do *Arapixy* e tambem communica-se com os seringaes do *Yaco*. Ora, o seringal *Alliança* dista da villa do *Antimary*, em canôa bem remada, seis a sete dias e o *Mapuiguary* vinte e tantos, tambem bem remada.

Estas informações, dadas por Placido já ha poucos dias eu as tinha tido por outros que conheciam tudo e eram amigo de José Virginio . . .

Com muito respeito e estima etc.— *Rodrigo de Carvalho*.

*
* *

Caquetá, 30 de Abril de 1902. — Exm. Sr. Dr. Silverio Nery. — Respeitavel amigo e senhor.

A nova Delegação rompeu com o ex-Delegado Coronel Canseco e tem-n'o preso; para não haver escandalo tem havido alguma reserva.

Entretanto o novo Delegado accusa Canseco de ser ladrão; fazendo-se a escripta da Delegação encontraram, a principio um desfalque de 800.000 bolivianos; corrigindo-a encontraram de 300.000; é opinião da maioria dos bolivianos que não ha desfalque; e que, como não havia pessoal habilitado, a es-

cripturação da Delegação era mal feita. Interrogado Canseco pelo novo Delegado sobre o desfalque, elle respondeu —eu sou militar, isto andava abandonado, e eu, como boliviano e chefe das forças, assumi a Delegação e o que está feito está feito. A discordia entre elles é grande...

Em *Porto Acre*, entre officiaes e soldados, ha 150 homens, destes 80 homens doentes; por falta de dinheiro na Delegação esta prefere sacrifical-os a morrer a fazel-os baixar em vapores; mandou o Delegado — que os doentes sigam para *Capatará* e os 100 homens que lá têm que desçam para *Porto Acre*, a renderem os que cá estão; como vê V. Ex., em Julho não haverá mais (e talvez nem tantos) 50 homens válidos; os que vão para *Capatará* deverão lá passar 15 dias e depois seguirem para o *Beni*, a pé e por terra, 200 kilometros; prevejo que ao *Beni* não chegarão 10 %.

Os Brasileiros de *Porto Acre* soffrem por falta de autoridade consular.

. . Todos os que fizemos combinação achamo-nos firmes; o meu particular amigo José Placido de Castro subiu para o *Xapury*, para a casa de José Galdino; sua viagem prende-se ás combinações que fiz.

Ahi disse a V. Ex. — os brasileiros do *Acre* estão arrependidos; appareça-lhes um chefe, dê-lhes munição, todos elles serão revolucionarios; esta tem por si os pequenos, é facto veridico.

Alguns proprietarios pretendem fazer passar balas de rifle e com autorisação do Consul trouxeram; a Delegação não consentio na subida e fizeram descarregal-a, para no regresso leval-a para o Pará e Manáos.

Lembro á V. Ex. o novo modelo de rifle de 5 tiros e balas *Mauser*, polvora sem fumaça.

Espero que V. Ex. no rancho do destacamento (que veio sem elle) mande-me o *premettido*. . .

Por dever torno a affirmar a V. Ex. que, não desgostando do Dr. Gentil,

com elle nada farei, além de que aqui ninguem o quer. Estou farto de aturar crianças. Se elle vier atrapalhar-me, prendo-o e só o soltarei quando tudo estiver acabado.

Com grande estima e respeito etc. —*Rodrigo de Carvalho.*

P. S.—Peço a V. Ex. ouvir o Capitão Seraphim; posso asseverar que as cousas não são como dizem; elle respeita muito V. Ex. e seu governo. Juvencio, de quem sou ainda um pouco amigo, commetteu actos imperdoaveis: V. Ex. sabe as minhas relações com Juvencio, no emtanto, conscienciosamente accuso-o; procedeu mal como homem particular e peior como funccionario — *Rodrigo de Carvalho.*

*
* *

Caquetá, 1 de Maio de 1902—Exm. Sr. Dr. Silverio Nery. — Respeitavel amigo e senhor.

Communico a V. Ex. que acabo de receber, pelo vapor *Rio*. . . (?) carta do

agente commercial consular, na qual me diz: o Delegado boliviano que officiou-me e parou a construcção do varadouro para o *Yaco*, acaba de resolver continuar a fazer o varadouro, pelo mesmo rumo

Como vê V. Ex., o Delegado quer conflicto, aproveitando-se de que os trabalhadores são brasileiros, poucos, pois, para baixo, em 30 dias, já fugiram mais de 20.

O agente do Consulado promette-me, em carta, avisar-me, de vespera, a continuação do caminho; é eu ter o aviso e marcho para o varadouro com praças e paisanos e vou prender todos, inclusive o agrimensor *Fontaine*; se houver resistencia, farei uso das armas, e só Deus sabe o que acontecerá.

... Encarecidamente peço a V. Ex. continuar a confiar em mim. O *Acre* ha de ser do Amazonas, o povo o quer; haja recursos e o resto V. Ex. verá.

Com muito respeito, consideração, etc. —*Rodrigo de Carvalho.*

*
* *

Caquetá, 6 e 7 de Maio de 1902 — Exm. Sr. Dr. Silverio José Nery — Respeitavel amigo e senhor.

... Em vista dos brasileiros de *Porto-Acre* saberem que fugindo para o Brasil estão garantidos contra os bolivianos, e nos seringaes brasileiros encontram trabalho, espalharam, em *Porto-Acre*, que eu os mandava de lá se retirarem, e que, com certeza, é porque pretendia enxotar os bolivianos (esta gente é fertil em invenções); o certo é que os bolivianos que aqui estão, e tendo apenas uns 70 um pouco validos, mandaram buscar as forças de *Capatará*, ficando lá desguarnecido; as forças (que são *Cochabambinos*) recrutas e que nada valem, a principio não quizeram vir, não só medo dos Brasileiros, como tambem do *beriberi*, pois o Delegado mandou para cima, na lancha que os trouxe, uns 70 doentes de *beriberi*; isto horrorizou-os, principalmente as noticias de que, em *Porto-Acre* morriam 5 e 8 por dia. A tropa que veio de *Capatará* compõe-se de 80 homens e

trinta e tantas mulheres,alguns doentes ; são homens fracos ; a mortandade em *Porto-Acre* é grande, no dia 2 morreram 4 a 3-6, a 4-8, hontem 10.

Não tem medico nem pharmaceutico. Este desceu no *Arinos*; medico ainda não encontraram. O delles, um tal Dr. Trijo, que nada entende de medicina, está desempenhando o cargo de Chefe de Policia. O Delegado Lino Romero, impressionado, propoz-se a tratar os doentes e, dispondo de pharmacia (sem pratico), começou a estudar o Chernoviz.

. . . Garanto a V. Ex., que ao *Yaco* elles não vão emquanto eu aqui estiver ; se elles pretenderem fazel-o pelo *Riosinho* ou *Xapury*, com certeza o Dr. Avelino Chaves lá os espera.

. . . Cá está o Dr. Moyses Santivanez, intrigante, tratante e ambicioso; é o Subdelegado Nacional da Bolivia; deposto Romero, elle assumirá o Governo ; não goza de sympathias de ninguem e já está acostumado a ser enxotado, pois em

1 de Maio de 99 era elle o Delegado que foi enxotado pelos Brasileiros e que deu causa á revolução.

Os Bolivianos estão soltando os assassinos e fazendo-os baixar.

Com todo o respeito, consideração, etc.—*Rodrigo de Carvalho.*

*
* *

Caquetá, 9 de Maio de 1902. Exm. Sr. Dr. Silverio José Nery.—Respeitavel amigo e senhor.

Communico a V. Ex. que em *Porto-Acre*, talvez hajam apenas 20 brasileiros; hontem dispersaram-se muitos.

José Rivera (contratista da Delegação Boliviana) vai descer no vapor *Rio Affuá*; diz elle que não quer procurar mais gente em Manáos e Pará, bem como não quer Cearenses; vai para o Maranhão contratar gente de lá.

Junto, para V. Ex., o ultimo numero do—*El-Acre*.

Os Coroneis Canseco e Ibancy e o thesoureiro da outra Delegação estão

presos; comtudo o primeiro é o Commandante em Chefe das Forças e o segundo do 3º batalhão quasi extincto.

A Delegação, com receio de levante, mandou vir o outro batalhão de *Capatará* (80 homens) para garantil-os, porém o batalhão está com boas vistas em Canseco e entenderam-se; quasi que lhe posso affirmar que o levante se dará.

E' prudente V. Ex. mandar com urgencia o rancho do destacamento, vindo rapido mais depressa ficarão todos contentes, e far-se-ha a distribuição rapida; necessito aproveitar a occasião.

Soube de fonte limpa que o novo Delegado officiou para o Rio, pedindo ao seu Ministro— para que obtenha do Governo Federal minha retirada daqui; allegando que eu os prohibo de fazerem o varadouro para o *Yaco*.

Com todo o respeito, etc.—*Rodrigo de Carvalho*

*
* *

Caquetá, 13 de Maio de 1902—Exm. Sr. Dr. Silverio Nery—Respeitavel amigo e senhor.

Em *Porto Acre* não ha mais um só Brasileiro com saude: os doentes, logo que podem, para cá fogem; os seringueiros de Joaquim Victor protegem-n'os, dando-lhes passagem para atravessar o rio e ensinam-lhes o varadouro.

A mortandade em *Porto-Acre* (de Bolivianos) continua; *Capatará* está deserto, pois vieram todos para *Porto-Acre*; hontem fui informado de que desertaram seis soldados Cochabambinos, dos que vieram de Capatará.

Canseco, Ibancy e Dr. Apontes (?) estão presos; é seu advogado o Dr. Ximenes. A Delegação, tendo falta de Juizes e Promotores, uns doentes e outros que baixaram nos vapores com destino a Buenos-Aires, nomeou Ximenes Promotor para fazer o processo de Canseco; Ximenes rejeitou o cargo dizendo ser advogado de Canseco e seus companheiros.

Posso asseverar á V. Ex. que se Canseco fôr processado e condemnado pelo Delegado, que faz o papel de tudo, poder administrativo e judicial, Canseco rebella-se e depõe o Delegado.

Quando ahi estive, ultimamente, disse a V. Ex que não me era possivel ter ligações revolucionarias com o Dr. Gentil, apresentando como motivos—o ser elle criança, vingativo, ter o patriotismo das algibeiras e não ter elementos.

A vinda delle, pretendendo immiscuir-se na revolução—termina-a. Joaquim Victor, Domingos (da *Esperança*) João Isydro (de *Imperatriz*), Raymundo Falcão (de *Novo-Axioma*) e gente de *Bagaço*, *Catuaba*, *Riosinho* e do *Xapury* (os grandes proprietarios), delle não querem saber.

José Galdino (do *Xapury*) á vista do Tenente Carvalho, disse-me: «elle necessita ir ao *Xapury* pagar o que lá ficou devendo do que comeu e perdeu no jogo; lá estão as *letras* delle no valor de 60 contos.

Tenho por obrigação de ser franco e leal com V. Ex.; por um lado sinto não poder unir-me com o Dr. Gentil, por outra fico satisfeito, porque elle sómente punha tudo a perder.

E' necessario V. Ex. mandar-me os auxilios até 15 de Junho, o mais tardar, (chegada aqui), pois tenho-os que repartir para cima.

A Paraguaya, mulher do Capitão Leite, hoje é inimiga dos Bolivianos (não a enricaram) e disse ao Joaquim Victor— se vocês fizerem outra revolução contem commigo; dou todo o meu pessoal.

A gente que nas revoluções passadas sempre estiveram em armas foi de *Amelia* para baixo, justamente por onde ha communicações directas com o *Beni* e *Orton*, navegaveis o anno inteiro por lanchas.

Para a Bolivia invadir o Acre pelo *Xapury* é difficilimo, pois tem que subir todo o *Orton* e depois o *Thauamami*; este é difficilimo. E' rio pequeno, muito cheio de paus e com a vasante nem batelões o

navegam. A gente com que sempre me achei foi a de baixo e esta está toda inimisada com o Dr. Gentil.

Com muito respeito etc.—*Rodrigo de Carvalho.*

*
* *

Caquetá, 18 de Junho de 1902—Exm. Sr. Dr. Silverio José Nery—Respeitavel amigo e senhor—Fiz minha viagem ao *Antimary* em canôa e na mesma subi até aqui; fui bastante feliz, pois encontrei o povo de *baixo* prompto a tudo; combinei em eu mesmo descer para subir com elles; só deixarei de fazer a festa caso V. Ex. não me mande o necessario para fazel-a; em cartas anteriores eu disse á V. Ex.—basta-me 180 armas; 60 sem fumaça e 120 rifles com as competentes munições.

Nunca vi o *Acre* tão desprovido de ballas; o *Acre* boliviano não se falla; é contrabando.

O anno de 1902, que foi o anno sem agua, pois o rio ficou abaixo do costume

duas braças, induzia-nos a crer que seria sadio: infelizmente aconteceu ao contrario; todo o *Acre* acha-se em estado calamitoso; os antigos não se lembram de tantas febres e inchações.

Os bolivianos têm soffrido muito e grandes baixas; dos Brasileiros tem tido muito menos, ainda assim tem havido mortandade como nos annos epidemicos.

Caquetá tem estado uma miseria; eu tenho sido bem atacado; o Tenente Carvalho em muito maior gráo do que eu; o grande Arsenio tambem soffreu, hoje acha-se elle destacado para o Purús a bordo do *Cacery*.

O Tenente-Commandante do destacamento tambem muito tem soffrido, não é homem para o *Acre*, é muito gordo, está a serviço no *Antimary*. Do destacamento não se falla, já morreu um soldado e ha tres que estão a espera do mesmo. Excepção do soldado Nubiam (preto) todos os outros estão muito mal.

As cousas estão de tal geito que não tenho gente para enterral-os: além

de tudo sem ambulancias e quasi sem ter que comer. Faz dó ver-se esta pobre gente morrer aos poucos e á mingua de recursos de pharmacia. Não desanimo, terei vida para vencer ou morrer no meu posto de revolucionario ; hei de levar avante tudo, salvo se V. Ex. falhar com o promettido.

E' pena se não poder realisar, todos estão dispostos.

Joaquim Victor e pessoal ; todo o *Acre*, espera minhas ordens, e eu vendo o 14 de Julho approximar-se, e nada chegar ; isto me afflige muito e faz-me ficar doente. Ha momentos que sinto ira contra o Dr. Gentil, o causador da demora. Para V. Ex. que occupa tão alto cargo e tem responsabilidades, eu avalio como passou momentos amargos com as indiscripções do Dr. Gentil, porém, eu aqui isolado, doente, sem noticias, tudo combinado, e vendo que tudo póde-se perder, soffro e soffro horrivelmente.

Os patriotas como Gentil, são em grande numero; têm como patria o di-

nheiro; tudo lhes corre bem, desde que satisfaçam seus caprichos e vinganças.

Junto os ultimos jornaes *El Acre*.

Canseco está doente. Os militares estão sublevados contra Lino Romero e o seu secretario.

O thesoureiro brasileiro Farani, já chegou commigo ás fallas ; é Brasileiro, porém, quer dinheiro, e vê as cousas ruins por lá ; vou convertel-o em um bom espião, e dar-me-ha o numero exácto de soldados, officiaes e civis; cousa impossivel até hoje de saber o numero certo.

Farani, torcel-o-hei com promessas de posição e dinheiro ; elle já deu-me a entender isto. Não me abandone V. Ex. e o *Acre* será do Amazonas.

O Dr. Raymundo de Britto desceu para a *Bocca do Acre*, muito impressionado com molestias ; se não desanimar, elle para cá virá ajudar-nos.

Creia-me, etc. — *Rodrigo de Carvalho*.

*
* *

Caquetá, 26 de Junho de 1902 — Exm. Sr. Dr. Silverio Nery. Respeitavel amigo e senhor — . . . Em minha ultima carta disse a V. Ex. que esperava torcer o patricio *Farani*. Domingo fui sorprehendido com a visita de *Farani* e do Sr. Dr. Luiz Arce, Secretario da Delegação, que por Romero e por si officialmente me visitavam, dizendo-me Arce que Romero pedia-me desculpas de não ter vindo visitar-me como era de sua obrigação fazel-o; prevenia-me que Romero mandava-me dizer que no fim deste mez viria passar um dia commigo.

Tenho sido politico, não fallando nunca sobre negocios da Bolivia; faço mais, tenho-lhes mostrado o barracão, em baixo e cima, bem como os arredores de *Caquetá*; a desconfiança delles existe, porém, minha tranquillidade assombra-os, e sahem daqui meios confiantes; estas incertezas é que os está matando.

Farani chegou á falla e pediu me o lugar de delegado da revolução em *P*...(?), é este seu desejo e diz-me: acima de tudo

sou brasileiro, em armas não pego, porém, como thesoureiro sei de tudo; no fim do mez sou eu que faço todos os pagamentos (em dinheiro emittido pelo Delegado), ora, prometto-te em pessoa trazer-te a lista dos officiaes, soldados, civis e extrangeiros de *Porto-Acre*. Disse-me mais : quando eu acabo de fazer o pagamento aos que estão com saude, 24 horas depois vou ao hospital e barracas, em pessoa, fazer o pagamento aos doentes, portanto, te farei uma nota minuciosa. Disse-me mais : vou fingir-me de doente e é o pretexto para eu vir, a miude, a *Caquetá* mudar de ares ; desta fórma elles não desconfiam. O encarregado do Consulado tambem me é bom auxiliar. Em *Porto-Acre* as molestias e mortandade têm continuado, apezar de ter melhorado o estado sanitario, devido a não termos tido um só dia de friagem, cousa que me tem desgostado, pois ella se incumbiria de desbaratal-os.

Farani disse-me : aviso-te que Romero resistirá, e todos os dias lá se fa-

zem discursos patrioticos excitando os soldados a resistirem, inclusive os doentes. O armamento *Mauser* foi limpo e preparado e sempre conseguiram 120 fuzis que funccionam bem.

Tenho sido cauteloso em nada dizer a *Farani* sobre o Coronel Canseco; a este eu escrevi (e se o fiz é porque nos carteamos a miudo por intermedio do Consul) dizendo-lhe: Romero e Arce inimigos dos militares e de accôrdo com Pando (são asseverações de outros) resolveram aniquillar o exercito, e tal acto começa por si; o amigo tem dous recursos, um é fugir para o Brasil, e eu o faço seguir para *Manáos*, o Brasil será uma 2ª Patria sua, e logo que Pando deixe o Governo, o amigo será amnistiado e regressará á sua Patria. O outro meio de salval-o de uma condemnação certa (note V. Ex., Canseco está preso e foi reintegrado no Commando em Chefe, e seguirá por terra com todo o processo afim de em La Paz ser castigado; todos os documentos são contra elle); é a revolução para de-

pôr o Romero, ora isto vai custar sangue, e meus patricios, que são todos seus amigos, estão dispostos a fazel-o, comtanto que o salvem. Canseco recebeu a carta por intermedio do Consul, mandou-o chamar e disse-lhe: necessito que *V.* amanhã vá a Caquetá levar uma carta ao Coronel Carbalho. Domingo bem cedo o Consul foi buscar a carta e encontrou Canseco com muita febre (elle é espionado pelos civis e só póde eserever ás escondidas) que disse-lhe: desgraciadamente estoy malo y no pude escrebir, vá a *Caquetá* e diga a Carbalho que logo que melhore lhe escreverei, porém que sou de opinião que se los brasileiros são meus amigos que façam o que lhes dê na gana. Como vê V. Ex., Canseco prefere a revolução para depôr Romero, e tão certo está disto que sente-se contente. Dos males o menor, enganal-o-hei até a ultima; elle fingirá resistencia, e eu converterei os papeis, o que quero é pilhar um lá dentro; Canseco vendo-se enganado, quererá revoltar-se contra

mim e Joaquim Victor; porém, será tarde e o remedio será ficar quieto; se quizer grimpar, então a cousa será séria, pois a mortandade será enorme e de peito a peito; em todo o caso o partido vencedor será o nosso. Se eu receber a carta de Canseco, mandarei a cópia a V. Ex.

Em Porto-Acre continua a exaltação dos militares contra Canseco, digo, contra Romero e civis; lá um dos maiores desgostos é a falta de dinheiro. Prevejo más cousas com a vinda do criançola Dr. Gentil; pelo seguinte V. Ex. ajuizará. Existe ahi um moço desempregado chamado «Bayma», que por toda a parte apregôa—que vem para o *Acre*, em companhia do Dr. Gentil para fazer a revolução com elementos fornecidos por V. Ex. e 100 soldados á paisana; que elle vinha na *Sereia* com mais 16 passageiros, cujas passagens eram fornecidas por V. Ex.; um amigo meu que tem disputado com o Dr. Gentil a meu respeito, porque Gentil ahi apregôa que eu sou Boliviano, reprehendeu-o asperamente por andar dizendo

a Bayma e outros do que cá vinha fazer, e que Bayma ahi andava tudo apregoando; Gentil entristeceu muito e disse: este vagabundo põe tudo a perder, vou fazel-o seguir na *Sereia*: procurando-o e aos outros para fazel-os embarcar, elles não compareceram. Em cartas anteriores e verbalmente eu disse a V. Ex. a revolução para Gentil, não é com fins patrioticos, é especulação e vingativa...

... Meus companheiros de revolução pedem-me a transferencia da festa para Agosto, por ser mez que não se *corta* e não atrapalha o *fabrico*; se os recursos que espero de V. Ex. não chegarem a tempo de 14 de Julho, transfiro a festa para o 1º domingo de Agosto, pois *Farani* asseverou-me que tem a correspondencia official de La Paz para Romero na qual diz «o Governo Supremo está lutando com difficuldades em enviar novas forças, ninguem quer ir por bem, porém mandaremos mesmo por mal (recrutas caboclos); só em fins de Setembro ahi chegarão elles; temos jornaes de

opposição que aconselham não irem para o «Matadouro da Bolivia».

Penso que é grande erro fazer a transferencia, pois estas cousas não se devem transferir, porque vai diminuindo os animos.

Creio que não posso conseguir deserção de soldados, porém conto com o melhor, que é a fraca resistencia de Canseco.

O portador desta é o Tenente Belmiro que baixa gravemente enfermo em companhia do cabo e de dous soldados; fico com o sargento e cinco soldados; só tenho um soldado que, sendo vagabundo, é forte e sadio: o proprio sargento que veiu do *Antimary*, permutado com o daqui, tambem tem sido atacado pelas febres. Dos soldados vindos morreu um que já chegou muito doente, tendo eu sido informado que elle já dalli veio doente.

O Tenente Belmiro carece de um tratamento muito serio; foi um commandante muito bom.

Se V. Ex. puder mandar para cá o Capitão Seraphim eu fico contente, pois foi um bom companheiro e amigo ; isto caso elle não tenha ido daqui infeccionado ; é homem em que pode-se dispensar toda confiança.

Aguardo os recursos promettidos, e mais uma vez assevero a V. Ex. que fique tranquillo, o *Acre* ha de ser do Amazonas ; do Purús e Yaco não se falla, elles lá não irão. O Dr. Avelino Chaves escreveu-me dizendo-me: tudo quanto me entregaste tenho no Yaco, escreva-me para Manáos para eu dar ordens para te entregarem.

Scientifico a V. Ex. de mais uma bandalheira do Commandante do «Mucupire», Sr. A. Bandeira; este sujeito mandou-me dizer que a munição da artilharia e da metralhadora, bem como 50 espadas que eu comprei a credito no Pará, no Adelino Arantes, que tinha desembarcado tudo em *Nova-Granada* (visinho daqui) e que eu as fosse procurar. Dou-me muito com Miguel Pinto,

proprietario da *Nova-Granada*, e fui lá saber de quantos volumes ; Miguel Pinto disse-me: Bandeira quando desceu com o «Mucuripe» tudo levou de novo para baixo. Como vê V. Ex. continua a ser patife ; e hoje é o Presidente do Club Maritimo do Pará, que, esquecendo-se do que já fizeram, passa telegrammas patriotas para o Rio ao Serra Pinto.

Com muita consideração, etc., etc. —*Rodrigo de Carvalho.*

XII

Prosigamos na transcripção dos importantes documentos officiaes, que vão constituindo a base principal em que estribamos os nossos argumentos, em prol do direito do Amazonas aos territorios do Acre, que, só devido aos seus esforços e tenacidade, voltaram a pertencer ao Brasil.

> *Caquetá*, 26 de Junho de 1902 — Exm. Sr. Dr. Silverio Nery. — Respeitavel amigo e Sr. — Peço a V. Ex. fazer com que o Dr. Avelino Chaves vá fallar á V. Ex.; elle ahi está em tratamento. Tenho necessidade que elle dê todas as providencias, afim de que, com a maior urgencia, eu receba a culatra do canhão e da metralhadora; esta necessita de 2 fitas, só veio uma, e esta, cortaram-na.
>
> Não temos munição, nem para o canhão nem para a metralhadora, bem como espoletas para o 1º. Estas ar-

mas são para seguirem para *Capatará*, varadouros bolivianos, aonde faremos intrincheiramento, para o que der e vier mais tarde. — *Rodrigo de Carvalho.*

Ultima hora.

Como Luiz Romero procura ser-me agradavel, obtive, por intermedio de Luiz Arce (Secretario) e Farani (Thesoureiro), carta de autorisação para o Tenente Carvalho e André Arco-Verde demarcarem seringaes, na qualidade de agrimensores e fiscaes de terra da Bolivia; desta fórma meu programma vai se realisando e posso tel-os no *Acre*, que está sob a jurisdicção boliviana, afim de descerem com as forças revolucionarias.

1º O beriberi galopante deu-lhes em casa, fazendo grande mortandade; já sabiamos disto, e hoje Romero muito triste affirmou tal cousa ao Tenente Carvalho, que lá foi como é do nosso programma.

2º O Coronel Manoel Canseco (que ainda está doente) tanto fez que foi removido com o batalhão terceiro para

Capatará; não podendo escrever disse ao Consul: sou militar e não convem-me entrar em revoluções que têm como objectivo deposições de autoridades de meu paiz; deposição esta que vai ser feita por extrangeiros, portanto, escreva á *Carbalho* que retiro-me com o meu batalhão para longe da lucta; deverei seguir, o mais tardar, para *Capatará*, até 15 de Julho.

Elle é fino, porém, as cousas hão lhe sahir—trunfo ás avessas.

Desta fórma *Porto-Acre* torna-se facil á tomada; Canseco retira-se levando uma das lanchas.

Vou escrever a José Galdino e Placido de Castro e João do Monte para virem atacal-o em *Capatará* e tomarem a posição para a entrada das novas forças.

Vou arranjar gente para ir ao *Xapury* levar a correspondencia; por canôa gasta-se 14 dias; por terra é difficil de *Riosinho* para cima. A maior difficuldade que tenho é em portadores, que, quando se encontram exigem muito dinheiro.

Se não vier dahi uma lanchinha em que eu possa trazer a gente de baixo, vou lutar com difficuldades enormes.

Nunca o *Acre* esteve tão baixo como agora. —*Rodrigo de Carvalho.*

P. S. Continuo esperando o rancho para 200 homens, em oito dias, e o armamento; bom será vir medicamentos para ferimentos.

*
* *

Caquetá, 10 de Julho de 1902. — Exm. Sr. Dr. Silverio Nery — Respeitavel amigo e senhor.

. . . Aqui estão commigo, ha muitos dias, Joaquim Victor, Hyppolito Moreira, Antonio Joaquim, Alexandrino e Arco Verde. Do *Xapury* chegou *José Placido de Castro*, afim de assumir o commando da columna de *baixo*; o movimento continuo que ha entre *Caquetá* e moradores de *cima* tem provocado grandes suspeitas dos Bolivianos, e ha muita gente prejudicada á espera da *festa*, pois

com as esperas estão todos parados. Do *Xapury* vieram com Placido seis homens, para logo que se faça a festa seguirem paro *Xapury* a communicar com José Galdino para elle descer para *Capatará*. Todos estamos entristecidos sómente porque não temos armas nem munições; tivessemos e fariamos o ataque a 14 do corrente. Os Bolivianos vigiam de perto os moradores do *Acre*; por maior cuidado que se tenha e como temos tido, os Bolivianos sabem que a 14 de Julho desce gente do *Xapury*, e sómente por tal facto é que vai seguir para Capatari o 3° de linha; deverá seguir a 15, dependendo apenas a partida se de cima seus espiões disserem que no *Xapury* não ha movimento algum. Desesperados todos nós, resolvemos procurar armamento e munição no *Acre brasileiro* e se pudermos obter 120 rifles e 40.000 tiros, faremos o assalto logo que o 3° se retire para *Capatará*; com o armamento e munição que ha em *Porto Acre* então nos armaremos.

Ficou resolvido ou eu ou Placido descer amanhã até a boca do *Acre* a saber se vem alguma cousa e, caso não venha, vamos ver se obtemos o armamento, afim de não perdermos a unica occasião que vamos ter...

Com muita estima e consideração, etc., etc. —*Rodrigo de Carvalho*.

*
* *

Cópia— Secretaria do Governo — *Estado Independente do Acre*—Bom Destino, 10 de Julho de 1902 —Circular— Ao Sr. —Illustre concidadão—Em nome da *Junta Revolucionaria* de que faço parte como mais humilde membro, tomo a liberdade de pôr-vos ao par dos acontecimentos e das deliberações da mesma, embora resumidamente. Reunida a *Junta Revolucionaria* e varios cidadãos acreanos de reaes merecimentos, em 1 do corrente, ficou por ella deliberado, com unanime approvação de todos, o seguinte: Nomear o nosso concidadão *José Placido de Castro* para dirigir as ope-

rações militares, como *Commandante em Chefe das Forças*, para o qual concorreremos, com todo o nosso apoio moral e intellectual; finda a guerra *elle nos chamará a formarmos Governo*, elegendo ou acclamando um Governador que seja pessoa residente no *Acre*, revolucionario e no mesmo proprietario. O acclamado escolherá quatro Secretarios para as pastas da Guerra, Industria, Justiça e Relações Exteriores, e Fazenda. *Notificará a formação do Governo ás nações americanas e pedirá ao Governo brasileiro annexação á Patria Brasileira*, pela distincção que mereceu da *Junta Revolucionaria* o *Sr. Placido*, podeis vêr que elle é da mais absoluta confiança e, além de muita vida e mocidade, ainda possue a decisão que requer o cargo que vai occupar. Elle vos mostrará, verbalmente, como a questão do *Acre* é hoje uma questão nacional, e para cujo territorio nossa cara Patria tem hoje os olhos voltados. No baixo *Acre* o enthusiasmo é indescriptivel; *os recursos materiaes que nos acabam*

de chegar são valiosos; mesmo assim o Chefe Militar, que nomeámos, achou que devia possuir forças de todo o *Acre*, e é razão por que, em nome da *Junta Revolucionaria*, appello para o vosso nunca desmentido patriotismo e digna energia para concorrerdes com os recursos ao vosso alcance. *A Patria vos será immensamente grata, pelo muito que concorrerdes para a sua integridade.* Em breve receberemos o baptismo do fogo no campo de combate que será tambem o campo da victoria. O Membro da *Junta Revolucionaria, Rodrigo de Carvalho.*

*
* *

Boca do Acre, 14 de Julho de 1902 —Illm. Amigo Dr. Enéas.

...Tenho em vão esperado o que me prometteste; tenho feito com que os Acreanos tenham resignação e esperem para golpe certo; de todo o *Acre* vêm a *Caquetá* enviados do *Xapury* receber ordens; não tenho querido nada preci-

pitar sem saber noticias dahi, pois como sabe quero fazer as cousas sem comprometter os Governos do Estado e Federal. Os Acreanos cansados de soffrer a guerra ; devido a isto vim até aqui saber noticias pelas lanchas que dahi vêm, e que por falta d'agua não sobem o *Acre*; commigo vieram Placido e Pergentino (?), enviados dos revolucionarios, saber noticias de *baixo*. O combate vai-se ferir em Agosto, as cousas chegaram a um ponto tal que se não ferir-se e declarar-se a guerra os proprietarios vão soffrer ; elles queixam-se de mim, portanto accordei em fazer-se a guerra, deixando a victoria a Deus decidil-a. De *cima* arranja-se algum armamento, do *baixo* estou comprando-o em nome particular. O nosso amigo Joaquim Victor recebeu ha tempos uma carta do Sebastião de Mello, nestes termos: não faças a guerra, ella é inutil, pois o Brasil fica com o *Acre*. Eu sou amigo do Governador e com certeza elle me vai dizer ao certo o que ha e eu serei o portador de boas noticias.

Aqui andou tambem um Alvaro de Mello que disse: eu vim propositalmente entender-me com o Coronel Carvalho e Joaquim Victor — para que adiem a guerra até a chegada do Dr. Gentil que é portador de recursos e instrucções. Como vê o amigo, os traficantes tudo inventam o 1º cá está, e vai ouvir-me; o 2.º não tendo obtido dinheiro desceu. A alguns companheiros, homens leaes e amigos de nossa patria, mostrei-lhes a carta, que o amigo mandou escrever e assignou, apresentando-me o Dr. Raymundo de Brito, bem como a outra que com a letra do 1º foi escripta a lapis e veio sem assignatura. Justamente ellas é que nos obrigaram a atacar, porque se tal conselho estivesse sem valor, e tendo havido portadores, eu teria recebido ordens em contrario; portanto vamos precipitar os acontecimentos, não deixando nunca de contar com o amigo, apezar de ter-nos esquecido. Como o que prometteu-me não veio até agora, e em Setembro talvez entrem forças novas, não temos tempo a

perder. Conto sempre com o amigo e seu apoio, bem como que não me abandonará, nem consentirá que o que eu adquirir por compra, em caso de insuccesso, deixe de ser pago.

Creia-me sempre com muita lealdade, etc., etc.—*Rodrigo de Carvalho.*

*
* *

Bordo de Maria Thereza, 18 de Junho de 1902—Illm. amigo Dr. Enéas—Seguimos hoje de *Bom Lugar*, na lancha *Hiram*, com algumas esperanças de chegarmos com muito custo a *Caquetá*.

Passo-lhe a narrar o acontecimento: achava-me eu e Placido na *Boca do Acre*, quando lá chegou a *Hiram* e o pessoal de bordo disse: Voltamos a *Bom Lugar* e baldeamos a carga da *Maria Thereza*, a bordo della vem o Dr. Gentil com muito armamento e um capitão com 20 e tantos soldados, commissionados pelo Governador para fazer a revolução. Desci o *Purús* a bordo da *Maria Thereza*

era tal boato corrente; encontrei o Capitão Seraphim muito aborrecido, porque o Gentil foi o pregoeiro de tal boato. O Gentil começou logo discordando com todas as deliberações dos Acreanos e censurando-me por ter-me conciliado com Victor, Hyppolito e Capitão Leite e declarou-me que o armamento era delle porque o amigo lh'o tinha dado e que ia-o desembarcar no *Antimary* ou *Floriano Peixoto* e que não reconhecia nada do que aqui se fez, pois trazia instrucções do amigo para ser elle o dirigente, etc., etc. O Dr. Ribas poderá lhe informar de tudo e o proprio Seraphim. Com geito fiz-me de esquerdo e aos poucos amansei o Gentil e soube suas intenções. Vê o amigo que não é possivel levar-se a effeito a causa com os caprichos delle e intenções. Não extranhe com o que succeder ; logo que chegarmos a *Caquetá* vou fazer a convocação dos companheiros e tudo se resolverá ; resolvido tudo ficaremos com o armamento e rancho, que não é delle e que foi remettido para

uma causa e não para este ou aquelle; o que em cartas anteriores lhe avisei, infelizmente vai realizar-se, pois não havemos de sacrificar aos caprichos deste ou daquelle uma causa. Deixo a outros tudo informar-lhe.

Creia-me sempre com lealdade. Amigo, etc., etc.—*Rodrigo de Carvalho*.

*
* *

Andirá, 21 de Julho de 1902. —*Reservado*—Amigo João Martins.

Tudo quanto eu esperava de *baixo* veiu, e quem foi o portador é o Dr. Gentil. Com elle entendi-me sobre o que cá estava combinado, e por fórma alguma quer concordar; elle sómente quer ser o mandão, não admittindo que os Acreanos, por elle chamados de ladrões e covardes, que tenham o bastão do mando. Em Manáos elle humilhou-se e só assim conseguio ser o portador, porém guarda commigo reservas sobre as condições em que veio; porém o *homem de Manáos*, que não quer que se faça porcaria, mandou gente de sua inteira confiança, com

missão reservada junto a mim; estou bem certo, que o Dr. Gentil enganou-o, apregoando grande influencia no *Acre*, cousa que como sabes elle não tem. Não quero nem desejo que se faça porcaria nem tão pouco que occasionem prejuizos; portanto peço-te ires a *Caquetá*, logo que o Capitão Seraphim aqui passe com o novo destacamento para *Caquetá*, e que por falta d'agua deixei ficar no *Antimary*, afim de você ficar esclarecido do que ha. Se não puderes ir, entende-te com o Raymundo Falcão e Nogueira que por mim tambem foram convidados a irem á *Caquetá*, afim de, com os *Acreanos* de *cima*, nos reunirmos e tudo deliberarmos. Como teu amigo aconselho-te que nenhum compromisso tomes com o Dr. Gentil, afim de que os Acreanos de *cima* que não aceitam a chefia delle, fiquem tristes comtigo. Já cahiste numa, não deves cahir noutra. Havemos de fazer tudo em ordem e com elle sómente póde haver desordem.—*Rodrigo de Carvalho.*

*
* *

Caquetá, 24 de Julho de 1902. — Exm. Sr. Dr. Silverio José Nery — Respeitavel amigo e senhor — . . . Participo que hontem aqui cheguei de canôa, tendo ficado o armamento e o destacamento no *Antimary*, devido á falta de agua.

Nada posso informar a V. Ex. sobre o Dr. Gentil, pois suas tenções são as peiores possiveis, quer a meu respeito, quer aos Acreanos. Deixo tudo a pessoa de confiança de V. Ex. para dar as informações, em vista da confiança que eu sempre suppuz que V.Ex. me depositava, a qual retirou-a, segundo me informou o proprio Dr.Gentil Asseguro a V.Ex. que sempre lhe serei leal e amigo reconhecido, e que estou prompto a sacrificar-me. Como, antes de conhecer Gentil, eu já era revolucionario, colloco a questão do *Acre* acima de vaidades e interesses pessoaes, sentindo apenas não ter o que tinha quando me envolvi na revolução, e garanto a V. Ex. que minha disposição é sempre a mesma; hei de fazer o *Acre* ser do Brasil, portanto do Amazonas.

Não tenho despeitos, tanto que, vendo que Gentil aqui nada vale, já dei ordens para cima e fiz o Placido ir ao *Xapury* e comsigo trazer a provisão de lá, afim de darmos o combate. O Coronel Canseco ainda está em *Porto-Acre*; Lino Romero não deixou o 3º batalhão embarcar.

Por mais agradavel que queira ser a V. Ex. não posso sel-o, no ponto que o Dr. Gentil me disse, de procurar com que os Acreanos o façam Presidente; não tento para não ser repellido e ver fracassar aquillo a que tenho meu nome ligado e que mais prézo do que a propria vida. Antes da victoria não se tratará de Governo, ficará a *Junta* até que se vença; vencedores os Coroneis Joaquim Victor e José Galdino, que disputem quem será o chefe, se Victor ou Gentil; eu deixo o campo livre, pois nunca ambicionei a chefia

Não me envolvo; porém, se os Acreanos me pedirem opinião, sou obrigado a dizer-lhes que só deve ser chefe do Governo um grande proprietario.

Talvez eu me engane, como V. Ex. tambem tem estado enganado, porém eu julgo que os Acreanos preferem ser Bolivianos a terem um Dr. Gentil como chefe delles.

Aconteça o que acontecer, não consentirei que a revolução fracasse por caprichos do Dr. Gentil Com muita consideração, etc., etc.—*Rodrigo de Carvalho.*

P. S. — O Coronel José Galdino repelle o Dr. Gentil.

Exm. Sr. Coronel R. de Carvalho— Recebi a carta que dignou-se enviar-me pelo Monteiro, assim como as circulares para serem assignadas por mim. Acho que a declaração que nellas exarei estão de accôrdo com o que combinámos, pois o meu papel na revolução, que estão prestes a rebentar. é de simples soldado, que só tem um fim: expulsar a todo transe os Bolivianos do nosso territorio. Não discutirei, pois, não só o programma da junta, como qualquer ordem della emanada, porque julgo isso extemporaneo. O meu papel presentemente é de soldado

que obedece, nem quer saber que as ordens que lhe dão são boas ou más. Queira acceitar meus protestos de estima e consideração. — *Imperatriz*, 6 de Agosto de 1902. — Gentil Norberto.

*
* *

Para Manáos — Copia — Acta da sessão extraordinaria da *Independencia do Acre*, proclamada a 7 de Agosto de 1902.

Aos 7 dias do mez de Agosto de 1902, em casa da residencia dos Srs. Falck & Vieira, convidado devidamente o povo *xapuriense* para uma reunião, afim de serem expostos os motivos da *revolução*, pelo Sr. Dr *José Placido de Castro*, foi para este motivo acclamado presidente da reunião o Sr. Coronel José Galdino de Assis Marinho, que em seguida convidou para secretarios os Srs. Dr. Albino dos Santos Pereira e Manfredo Alvares Affonso. Concorreram a esta sessão todos, senão a maioria dos cidadãos e todos, como um só homem,

assoberbaram-se de verdadeiro enthusiasmo politico por tão justa causa, quão necessaria attitude em que o *Acre*, sob dominio de verdadeiro desprestigio moral, arbitrariamente exercido por individuos incapazes e improprios de plantar no coração dos Brasileiros sequer um atomo de sympathia. A independencia do *Acre* foi amplamente discutida por alguns cavalheiros, que tomaram a palavra; depois de um grande discurso do Sr. Placido de Castro que, sob a eloquencia de um acrisolado patriotismo, fez ver o fim da revolução e appellou para a calma, criterio e a reflexão com que deve adornar-se o espirito ordeiro e correcto do Brasileiro. Em seguida fallou o Sr. Dr. Albino dos Santos Pereira que, em verdadeiro arroubo de inspiração, desenvolveu idéas dignas e altamente patrioticas sobre o caracter dos Brasileiros, e a necessidade de uma reacção ás arbitrariedades do Governo boliviano no Acre. Depois seguiu-se com a palavra o Sr. Manfredo Alvares Af-

fonso, abundando nas mesmas idéas que as revestiu na altura do seu talento; fallou, ainda o Sr. Gastão de Oliveira e interpretou bem o patriotismo dos Acreanos, e com seu nunca contestado patriotismo com os da frente da revolução do Acre. Findo os discursos foi hasteada, com a maior solemnidade, a bandeira do Estado Independente do Acre, sendo em seguida encerrada a sessão pelo dignissimo Presidente. —Eu Secretario lavrei e assignei a presente acta—Dr. Albino dos Santos Pereira, José Galdino de Assis Marinho, Joaquim Alves Maia, Gastão de Oliveira, Victorino Maya, A. Simplicio, A. Costa, A rogo de Domingos Pereira Dutra, Felix Thomaz de Almeida e Sá Benedicto José de Medeiros, Dr. Francisco Teixeira de Magalhães Filho, Dr Antonio Barreto Lins, João Baptista Pimenta, Ildefonso Meirelles Cunha, Raymundo J. da Silva Vianna, Emilio Falch Domingos Moreira de Souza, Francisc Cirillo de Oliveira Mello, Francisco Negro, Bachir José Chaul, João Elias Bar

bosa, Francisco M. Nogueira Mello, Antonio R. de Miranda, Cassiano José Alves da Silva, Joaquim Quintino, José Cardoso, Alexandre M. de Souza Lins, Francisco Carlos de Mourão, João Antonio Ferreira do Amaral, Antonio Chaves Filho, Pedro Rocha, Augusto Fonseca, Anacleto Vieira Gonçalves, Antonio Garcia, Antonio S. Ribeiro, Antonio de Souza Coelho, José Ignacio de Assumpção, Raul Martins, Frederico Pacheco, Francisco de Salles Souza Pinto, João Maria Franco, José Placido de Castro.

Não podemos deixar de interromper, por um momento, a transcripção que vamos fazendo, afim de chamar a attenção do leitor para este documento, feito e assignado pelo punho dos proceres da revolução acreana de 1902, no qual vem provada de uma maneira evidente e indiscutivel — a aptidão politica, civil e privada de cada um dos salvadores do Acre

Leiam e admirem a circumspecção e criterio dos futuros directores do *Acre Independente*.

XIII

Chegamos á phase mais importante dos acontecimentos a que se refere a correspondencia que estamos transcrevendo.

Para ella chamamos especialmente a attenção de quem pelo assumpto se tem interessado.

Convem lembrar que foi a 6 de Agosto de 1902, pela madrugada, que rebentou a revolução do Acre, chefiada por Placido de Castro e José Galdino.

*
* *

Exmo. Sr. Capitão Leite, *Imperatriz*, 17 de Agosto de 1902.

. . . Ella (a carta) tem por fim apresentar a V. S. uma carta escripta pelo Sr. Pedro Pires, fiel testemunha dos factos que ultimamente se têm desenrolado no *Baixo-Acre*.

— V. S. não ignora que o arrendamento do *Acre* aos Anglo-Americanos produziu em todo o Brazil um legitimo

alarme e natural indignação que foram repercutir no governo do nosso paiz. Este não podendo agir livremente em vista dos tratados que fizeram com a Bolivia, deu plena autorização ao Governo do Amazonas para obrar como julgar melhor, em bem dos interesses da nossa patria. O Governo do Amazonas, conhecedor do patriotismo do povo acreano, da sua coragem e do seu odio legitimo e natural aos invasores do nosso territorio, resolveu auxiliar qualquer movimento revolucionario, cujo fim fosse libertar o territorio do *Acre* das garras desses barbaros do Oeste da America. Para esse fim honrou-me com a sua confiança, entregando-me armamento, munições e mercadorias que estão á disposição dos revolucionarios.

Falla melhor do que eu a carta que o Sr. Pedro Pires escreveu a V. S. As autoridades do *Antimary* estão de pleno accôrdo commigo. Para salvar os interesses da revolução, que préso acima de tudo, entrei num accôrdo provis

com o Sr. Carvalho (Rodrigo); este escreveu a circular que junto lhe remetto. Devo lembrar-lhe que em Dezembro de 1900 aquelle senhor quiz prender o seu digno irmão R. Padre Leite, eu não só oppuz-me formalmente, como mandei immediatamente entregar as cartas que elle deu-me para a Exma. D. Fortunata Leite. O portador desta é o meu amigo Sr. Julio Bezerra de Albuquerque, com quem V. S. póde escrever, digo, conversar sobre qualquer accôrdo que queira fazer commigo. Novamente apresento os meus respeitos, etc., etc. — *Gentil Norberto*.

*
* *

17 de Agosto de 1902 — Ultima hora. Hontem recebi communicações officiaes do *Alto Acre* e *Xapury*; o expresso veio tambem conduzindo a correspondencia para os conjurados se prepararem; as communicações officiaes têm a data de 8 e avisa-se-me que a 11

ou 12 devem partir do *Xapury* as forças *acreanas*. Eis as communicações do *Commandante em Chefe José Placido de Castro*: no dia 6 do corrente, pela madrugada, estando a meu lado o Coronel José Galdino Marinho, fizemos o cerco do *Xapury*; prendi e depuz todas as autoridades bolivianas, de accôrdo com as instrucções e accôrdo que comtigo celebrei. No dia 7, ás 2 1/2 horas da tarde, depois de ter chegado ao *Xapury* o Coronel Joaquim Alves Maia e outros proprietarios, fiz uma grande reunião e declarei a independencia do Acre e a guerra á Bolivia; o enthusiasmo foi indescriptivel; de tudo lavrou-se acta. Por precaução prendi o cidadão portuguez, brazileiro e tambem boliviano, Augusto Maria da Rocha Neves; todos os prisioneiros estão sendo bem tratados e commigo seguem.

Deixarei no *Xapury* contingente para garantir as propriedades; se na baixada encontrar tropas bolivianas em *Capatará*, darei combate: como alli ha

bastante provisão de bocca boliviana, e é o ponto de communicações, deixarei contingente. Tenho feito boa apprehensão de armas; em *Capatará* e *Empreza* ha gado boliviano, vou tomal-o na baixada. Penso que levo elementos em quantidade tal, que vai a viagem tornar-se vagarosa. Como não convém demorar, logo que chegue farei o cerco e ataque a *Porto Acre*. Commigo descem José Galdino e outros. Como vés, tudo tenho feito com limpeza. — Teu, *Placido*.

Como vê V. Ex., tudo vai indo conforme eu planejei e a victoria é certa, porque não temos o Gentil a atrapalhar-nos, hoje faço seguir canôas para baixo á procura do Dr. Gentil para entregar-nos o armamento e munição, bem como mando ao *Antimary* saber do Superintendente se trouxe de Manáos a encommenda que V. Ex. destinou ao Seraphim.

Eu acho-me bastante doente, abatido e com a cabeça ha tres dias e noites

consecutivas a estalar de dôres; attribuo ao corrosivo.

Sempre serei de V. Ex., etc., etc. *Rodrigo de Carvalho.*

*
* *

Caquetá, 18 de Agosto de 1902.

Illm. amigo Dr. Enéas—... Eu e o Seraphim estamos indignados com o procedimento infame do Dr. G. Norberto; depois de ter capitulado, de pedir ordens e dizer que cumpriria as que se lhe dessem, miseravelmente acaba de perturbar tudo. A 16 tive aviso que a *procissão* partiria do *Xapury* a 12 e que eu me prevenisse; mandei a *Imperatriz* buscar o armamento e viveres; o Dr. Gentil recusou-se a entregar o armamento dizendo que delle necessitava; como vê o meu amigo, elle quer ou pretende fazer o que fez Manoel Felicio.

Entregou o seguinte:

8 paneiros de farinha.
5 saccos de 150 kilos de feijão.

1 sacco com 60 kilos de café.
2 fardos de xarque.
2 arrobas de tabaco.
2/4 barricas de assucar.
2 barris de toucinho.

O procedimento delle quer dizer: hei de tudo perturbar; logo que o *Placido* chegue mandarei prendel-o, para evitar fracasso e scenas desagradaveis futuras.

Sempre e sempre seu amigo, etc., etc.—*Rodrigo de Carvalho.*—Confirmo, —*Seraphim de Carvalho.*

P. S.—Acabo de ter documentos do Dr. Gentil, nos quaes elle se condemna. Elle não quer entregar o armamento para fazer o que já fez Manoel Felicio; resolvi, pois, e fiz seguir esta madrugada o destacamento para apprehender todo o armamento. A força foi armada e municiada, tenho fé de que tudo virá sem resistencia, pois, João Isidro tambem é meu amigo e vive enganado por Gentil —*Rodrigo.*

*
* *

Caquetá, 18 de Agosto de 1902.

Illm. Sr. Tenente Antonio de Carvalho—Amigo e Sr.—A bem dos meus direitos como revolucionario, a bem da moralidade da revolução, a bem de S. Ex. o Sr. Dr. Governador do Estado do Amazonas nosso amigo Dr. Silverio José Nery, necessito que Vcê, me affirme se é ou não verdade que a 1 de Agosto me disse o seguinte :

— Hontem, o Dr. Gentil Norberto, quando aqui esteve commigo, tratando da revolução acreana, disse-me :

1º Eu só entrego o armamento aos revolucionarios, caso o Coronel Carvalho m'o tome á força ; porque se elle cahir nesta asneira, eu descerei para Manáos ou Pará e telegrapharei para o Rio dizendo que fui roubado por elle a conselho do Silverio Nery ; e desta fórma farei com que o Estado do Amazonas me pague grande indemnização.

2º Ou então, só entregarei o armamento caso o Silverio me escreva uma carta mandando que eu o entregue aos

revolucionarios ; pois com tal carta eu descerei para Manáos, e o Silverio ha de me pagal-a bem, do contrario eu o esculhambarei (?) pela imprensa e mostrarei a culpabilidade do Governador do Amazonas na revolução.

Peço-lhe, pois, permissão, para caso, o Dr. *G. N.* tente perturbar as boas relações de amizade que mantenho com S. Ex. o Sr. Dr. Silverio Nery, eu fazer uso desta. Como sempre, etc., etc.— *Rodrigo de Carvalho.*

—Sr. Rodrigo de Carvalho.—Respondendo ás perguntas, conforme exarei na presente carta, affirmo ser verdade o que me disse o Dr. Gentil Norberto, quanto ao 1º e ao 2º ; exceptuando-se, *mostrarei a culpabilidade do Governador do Amazonas na revolução*, póde, portanto, fazer uso desta a bem da verdade.

Caquetá, 18 de Agosto de 1902.— *A. de Carvalho.*

*
* *

Cópia — N. 97 — *Puerto Acre* — Agosto 19 de 1902.

Señor Rodrigo de Carvalho—*Caquetá*—Señor—El comercio de este rio se encuentra paralisado a causa de la atitud que dicen Ud. ha asumido, colocando-se a la cabeça de un grupo de aventureros que pretende atacar este puerto.

Es muy estraño que un empleado público del Brasil asuma semejante papel, sin acatar las resoluciones del Gobierno y las Camaras de su país, quienes han declarado, de un modo solene, que reconoscen y respetan los direchos territoriales de Bolivia ao sud de la linea Cuña Gomes.

En vista de tales datos, tengo necessidad de saber de un modo evidente si Ud. y los suyos persisten en sus planes subversivos o si descisten de ellos ; en el primero caso entraremos en una lucha franca y me verê obligado a tomar las medidas mas conducentes para mantener la soberania de mi patria en este territorio ; en el segundo no dudo que otor-

gara Ud. todas las garantias que deben existir en un pais civilisado como lo es el Brasil.

Dirijo a Ud. el presente oficio, por la imposibilidad que tengo de comunicar-me con las autoridades a quienes deberia dirigir mis reclamaciones.

Esperando su respuesta, a la brevidad posible, quedo a sus ordenes.—*Romero*.

*
* *

Cópia — N. 57—*Caquetá* — 19 de Agosto de 1902—Sr. Encarregado do Consulado brasileiro em *Porto-Acre*.

Passo ás vossas mãos a cópia do officio que, sob n. 97 e de hoje datado, dirigio-me o Sr. Delegado Nacional de Bolivia.

Não posso responder directamente ao Sr. Delegado, porque o Regulamento pelo qual me dirijo não o permitte; desde que a pessoa com quem se trata seja autoridade em paiz extrangeiro, e onde reside haja Consulado do meu paiz,

poderei fazel-o sómente por intermedio desta autoridade.

Ora, havendo em *Porto-Acre* um Consulado do Brasil, só a este me devo dirigir, e cumpre-me dizer-vos que extranho e acho desarrozoados os termos que, além de serem offensivos ao chefe de uma Repartição Publica Brasileira, acho que são infundados.

Asseguro-vos, Sr. Encarregado do consulado, que *Caquetá* e repartição saberão cumprir com os seus deveres, bem como que, nos casos que haja qualquer perturbação da ordem, no *Acre* sob a jurisdicção da Bolivia, quem quer que seja ou a que nacionalidade pertencer, encontrará aqui garantias de vida e immunidades a quem vier recorrer á protecção do Pavilhão brasileiro.

A bandeira brasileira garantirá protecção a todos quantos a peçam. Saude e fraternidade. — *Rodrigo de Carvalho.*

*
* *

Cópia — N. 58—*Caquetá* — 21 de Agosto de 1902.

Sr. Encarregado do Consulado Brasileiro em *Porto Acre*—Communico-vos que hontem aqui se apresentaram os seguintes cidadãos bolivianos: Simão Liñares de Alhaga, commissario e sargento 1º Emilio Aramayo; sendo por mim interrogados, qual o motivo que os trazia a esta Repartição, disseram-me que—estando a Delegação boliviana de *Porto Acre* ameaçada de um assalto, por habitantes do Acre, sob a jurisdicção boliviana, que se tinham levantado contra o dominio da Bolivia, tinham resolvido fugir para o Brasil e pediram a protecção da bandeira brasileira.

Cumpri com o meu dever, e, em vista disto, acham-se elles sob a protecção da nossa bandeira. Elles mostraram-me desejos de baixarem para Manáos, e eu vou fazel-os baixar e apresentarem-se ás autoridades superiores do Estado.

Levo ao vosso conhecimento que a Delegação Boliviana tem feito seus

soldados perseguirem o cidadão brasileiro Clementino Lazaro, habitante da barraca *Porto Alegre*, situada muito ao norte da linha Cunha Gomes, portanto, territorio brasileiro e sob a jurisdicção fiscal desta Collectoria; o cidadão Clementino e seus freguezes, ameaçados de pena de morte, precipitadamente tiveram de abandonar a barraca, deixando tudo ao desamparo, causando-lhe isso grandes prejuizos e grave perturbação á saude já depauperada de sua mulher.

Disse-me o cidadão Clementino que sua barraca acha-se occupada por forças armadas da Bolivia; como vêdes, Sr. Encarregado do Consulado, a Delegação boliviana continúa a invadir o territorio brasileiro e se não puderdes conseguir que elles desoccupem a barraca terei que intervir, fazendo-os evacual-a.

Cumpre-vos, Sr. Encarregado do Consulado, tomardes as providencias mais energicas, afim de que a Delegação boliviana não continúe a commetter tão offensivo abuso á nossa Patria, levando

o seu desplante a não respeitar esta Repartição.—*Rodrigo de Carvalho.*

*
* *

Cópia — Resposta ao officio que, sob n. 58, dirigi ao Encarregado do Consulado.

Porto Acre, 21 de Agosto de 1902. —Sr. Collector—Tenho a honra de accusar os officios de Vmcê. sob o n. 58 e, sciente do que nelles me diz, passo a responder-vos.

Conferenciei, no sentido dos assumptos com o Sr. Delegado, e diz-me este senhor—serem falsas estas noticias e que esta carta que para cá veio, mandada por um dos Bolivianos, poderia ter sido para isso obrigado, visto que constava-lhe que o Tenente Carvalho tinha-os conduzido presos ao passar pela barraca *Porto Alegre*, e que esta barraca está em territorio boliviano e não brasileiro, que o nosso marco só é comprehendido até á linha Teffé.

De modo que, se assim é, não tenho dados evidentes de provar o contrario, pois, infelizmente, nem ao menos tenho aqui a *Consolidação das Leis Consulares*.

Hoje resolvi abrir meus caixões em que, disse-me o Veiga, estão os livros do archivo.

Emquanto aos Bolivianos, disse o Sr. Delegado — que ia reclamar-m'os; sobre este sentido me haverei com elle.

O Sr. Joaquim Victor continúa prisioneiro, já passei dous officios á Delegação a este respeito, e já conferenciei com o Delegado; disse-me elle—que já tem provas escriptas de nossos patricios —que elle é chefe da revolução.

Responsabilisei o Governo da Bolivia, mediante o Sr. Delegado, pelos prejuizos do commercio daquelle senhor.

Acho tambem conveniente fazer sciente a qualquer destes bolivianos— que me escrevam uma carta, manifestando este desejo que tem de ir para Manáos, e bem assim uma ao Sr. De-

legado, afim de eu provar que é uma calumnia ao Tenente Carvalho.

Acabo de receber os officios da reclamação do Delegado. Saudações. — *Tito Torres*, Agente Commercial do Brasil.

*
* *

Caquetá, 21 de Agosto de 1902.

Illm. amigo Dr. Enéas — . . . Melhor dos meus graves incommodos posso agora pôr-lhe a par do todo o movimento. Confirmo, pois, o levantamento do *Xapury* contra a Bolivia e a prisão de 10 autoridades bolivianas e a partida do exercito revoltoso para cá, no dia 14, vindo á frente commandando-o o *Dr. José Placido de Castro*. A demora em aqui chegar tem sido devida á falta de agua, á necessidade de ajuntar o maximo de gente possivel, a fortificar-se *Xapury*, e na descida fazer o mesmo em *Amelia*, *Capatará* e *Volta da Empreza*. Conto que o exercito revoltoso chegará a *Bom Destino* o mais tardar até 24 do corrente; im-

mediatamente para aqui virá, para sitiar-se *Porto Acre* e atacal-o. A Delegação boliviana foi avisada de tudo, e começou a agir; *Acreanos e Bolivianos* estão em pé de guerra e, neste sentido, cada um trata-se de garantir.

Os Bolivianos já estão atemorizados e dizem-se entre dous fogos e que terão que vender a vida cara, pois nem para *cima* ou para *baixo* podem retirar-se, porque a morte os espera. De passagem para *baixo* os Srs. Dr. Martins Trindade, Joaquim Domingues Carneiro e Clementino Lazaro foram presos e submettidos a interrogatorio, ameaçados de morte caso não confessassem o que sabiam. A confissão que fizeram foi; consta-nos apenas, de positivo nada sabemos. Por intervenção do Agente Consular Tito Torres (que, valha a verdade, tem sido energico e mudou de rumo sobre as tenções que delle fazia o Dr. Gentil) foram soltos Clementino e Carneiro; este garantio ao Delegado que se elle e seus compatriotas se retirassem para o

Brasil e pedissem a *Caquetá* garantias da bandeira brasileira, ellas lhes seriam dadas por mim ; o Delegado officiou-me e eu correspondi-me com o Agente Consular por officios, tripulando uma canôa com quatro soldados fardados e desarmados, com a bandeira brasileira, nella seguiram o Tenente Carvalho e Silvestre Monteiro, conduzindo os officios em resposta ; remetto-lhe todas as cópias para o doutor ficar sciente. Logo que elles prenderam Trindade e Carneiro mandaram accender fogos na lancha... (?) e com um capitão, um tenente, um sargento e doze soldados, armados e municiados, fizeram-na seguir para *Bom Destino* a chamar José Victor para vir a Delegação assignar um compromisso ; Victor, que é homem facil, cahio na emboscada e veio a *Porto Acre* ; ahi chegado foi interrogado e obrigado a assignar compromissos sob ameaça de morte ; não o soltaram, dependia a soltura de Victor da resposta que eu désse ao officio, sendo a resposta favoravel,

pois, como o doutor vê, eu garanti-lhes a vida caso para cá se retirassem, e tendo tudo lhes sido affirmado por escripto pelo Agente Commercial e pelo Tenente Carvalho, incontinente soltaram os presos ; Victor em vez de retirar-se immediatamente para aqui com Carvalho, ou para *Bom Destino*, ameaçou o Delegado dizendo-lhe : se o senhor não me soltasse até o meio dia, a minha gente de *Bom Destino* tinha ordem de vir atacar *Porto Acre*. O Delegado, em vista disto, prendeu e disse ao Agente Commercial e Tenente Carvalho, elle fica como um refem e serve de garantia ás nossas vidas.

Agora Victor é prisioneiro e só o podemos salvar em transacções ; pois temos moeda boliviana ; temos os prisioneiros do *Xapury*, que devem aqui chegar com o *Placido* e é gente de categoria em La Paz ; Juizes, Militares, etc., e no meio delles está o Intendente Geral do *Xupury e Alto Acre* ; aqui eu tenho tambem dous prisioneiros, o com-

missario major, e um sargento primeiro ; como vê o doutor temos boa moeda para antes do ataque tentarmos a liberdade de Victor ; a prisão deste aggrava a situação dos Bolivianos. Todo o pessoal do *Bom Destino*, inclusive mulheres, está em armas e já mandaram-me pedir ordens ; aconselhei-os calma, e ordenei que esperassem a chegado das forças do *Xapury* e se entendessem com *Placido*, que logo que lá chegue terá instrucções minhas.

Estou á espera, a todo momento, da chegada das forças de *cima*.

Communico ao doutor que o Delegado e Bolivianos, sem terem provas contra mim, já sabem que fui eu que chamei as armas e sou o chefe do movimento ; é bom o doutor tomar providencias sobre a Collectoria para não haver compromisso para o Governo do Estado.

Não mandei o nosso pedido de demissão, porque logo que constasse que eu e auxiliares nos tinhamos demittido perigariam a revolução e nossas vidas,

pois *Caquetá*, não sendo repartição, estava sob a ameaça do Dr. Gentil de vir com vagabundos, assassinos e bebedos do *Antimary* atacar-me e fazer uma *Manuel Feliçada*.

A nossa victoria é certa; os Bolivianos estão com muito medo e desde que pediram garantias de vida o confessaram.

Em *Porto Acre* entre militares, civis (brasileiros 12), hespanhóes, italianos, ha em armas 240 homens, bem armados e entrincheirados; julgo que um cerco bem feito, pois calculo que nosso exercito aqui não será inferior a 600 homens, podemos manter um sitio forte e revezarmos nossa gente; elles não têm gente para dobrar e o nosso fogo que será espaçado e continuo, dia e noite, os cansará e—ou render-se-hão com garantias ou nos será facil dar-se o assalto no 4º ou 5º dia.

Elles só têm duas vantagens, possição e boia; esta nós não temos e vamos lutar com difficuldades medonhas se por-

ventura o Placido não trouxer o gado
este póde vir bem por terra, porém d
Capatará aqui não gastarão menos d
oito dias.

Me é grato communicar ao doutc
que está prestando grandes serviços
causa um Amazonense, filho de *Parii*
tins, o cidadão Francisco Pamplon
aviado do José Galdino e ajudante d
Placido, com este elle baixou e subio,
a mando de *Placido*, só, em canôa, vei
do *Xapury* conduzindo a correspondei
cia de Placido, para mim e Victor; vei
só para não causar suspeitas.

Na carta anterior eu disse ao doutc
que o Gentil tinha sido canalha; ho
posso explicar tudo e bem. Depois c
accôrdo feito e por elle assignado, tan
eu como o Saraphim não lhe demos cr
dito, pois vimos que se elle assignou
accôrdo foi para que nós escrevessem
a V. Ex.

Gentil daqui sahio assegurando-n
e ao Saraphim de que podiamos mand
buscar o armamento e a boia; no out

dia mandei um batelão buscar e foi o guarda da Collectoria, Monteiro; Gentil entregou uma miseria de rancho e disse a Monteiro: o armamento eu não entrego porque não sou *besta*, com elle sou forte e posso armar muita gente para satisfazer as minhas promessas. Monteiro fez-lhe vêr que a gente de cima pedia armas e munição; Gentil disse: importa-me pouco com isto, armem-se; não entrego. Aqui chegando Monteiro tudo nos disse, vi que elle queria fazer fracassar tudo e fui ao extremo; requisitei de Saraphim o destacamento e pelas 3 horas da madrugada fil-o descer com Monteiro, com ordem de apprehender o armamento e trazel-o, e, caso o Dr. Gentil não o quizesse entregar, que o prendesse. Felizmente Gentil não estava em *Imperatriz*, e seu proprietario, que é companheiro e meu amigo, entregou promptamente e a meu chamado cá veio; a Izidoro tudo expliquei e elle disse-me: você sabe que quando o Dr. Gentil lá descarregou o armamento eu não estava; de ha muito que

eu contava que o recurso que você tinha era tomal-o, pois elle sempre me disse— que não o entregava; hontem elle desceu para o *Antimary* e recommendou-me o seguinte: olha, João Isidro, você não entregue nada a ninguem, nem com carta minha você não entregue; resista.

Felizmente Deus tem nos ajudado e o Dr. Gentil por ora nada tem conseguido em prejuizo da revolução.

Logo que eu tive o aviso do *Placido* fiz *Arco Verde* baixar para subir com o povo; Gentil baixou atrás delle desanimando o povo. E' um infame, e a revolução vai declaral-o traidor, caso o *Placido* não tome outras medidas.

E' o elemento mais pernicioso que a revolução tem tido; tenho provas graves contra elle, de que está procurando o desanimo e declarando por escripto de que é enviado do doutor para fazer a revolução. Aqui appareceram-nos capangas delle que iam subir o *Acre* com correspondencia delle; desconfiei e fiz furtar-se a bagagem, apprehendi cartas de Gentil,

sendo uma para o Capitão Leite, na qual confessava-se enviado do doutor e me mettia as botas. Veja o doutor; elle é tão infame que contra mim berrou por eu ter procurado o apoio do Capitão Leite, e ainda por cima escreve-lhe pedindo accôrdo com elle. Miseria.

Não podemos contar com o Tenente Carvalho, está com beriberi, e não quer baixar por falta de recursos pecuniarios. Eu aqui já estou sem ter que comer, meu grande rancho, 10 contos, já foi-se; *Caquetá* tem sido um *Hotel*.

O doutor recebeu o veneno e as colhéres que eu mandei? Tenho necessidade de descobrir a verdade.

Fernando Farani ahi está, é um miseravel e traidor, seria bom levar uma lição; brasileiro, fez o papel de espião.

Um tal Faria, protegido de Caetano Monteiro, a quem Gentil disse algumas cousas, tudo contou aos Bolivianos.

Os presos que tenho foram presos em territorio brasileiro, até de barracas elles se têm apossado. Fiz portador hoje

para *cima* e para *baixo*, chamando gente incontinenti, pois esta repartição está ameaçada de um assalto pelos Bolivianos; se o fizerem, morreremos todos, porém resistiremos até á ultima. Tenho esperanças que *Placido* chegue hoje a *Bom Destino*.

Conforme as occurrencias e havendo portadores de confiança, tudo avisarei.

Creia-me o doutor, etc., etc.—*Rodrigo de Carvalho.*

*
* *

Caquetá—22 de Agosto de 1902—Illm. amigo Dr. Enéas—Junto a esta lhe remetto quatro cópias de officios, sendo duas que o encarregado do Consulado me dirigio, e duas das respostas que a elle dei, afim de chegar ao conhecimento da Delegação.

Os prisioneiros não os solto; um é de categoria; elles já escreveram declarando que de *motu proprio* vieram pedir a protecção ao Brasil; o encarregado con-

sular (que não é homem de luzes), porém que sua boa vontade de muito nos tem servido, andou mal entregando a carta dos Bolivianos ao Delegado; ella era para ser entregue ao proprio, pois, se o fosse, começaria as deserções em *Porto Acre*.

Actualmente trabalho e o encarregado do Consulado para que a Bolivia desoccupe a barraca *Porto Alegre* ; além de ser uma posição importantissima para a revolução, está no Brasil, pois em linha recta ella ficará, no maximo, ao Sul do marco *Teffé* uns 600 metros. Nella vamos estabelecer quartel para as forças que sitiarem *Porto Acre* pela margem do Rio; a tomada della é certa caso os Bolivianos não a desoccupem; se o fizerem pouparemos algum sangue para tomal-a.

Joaquim Victor continúa preso com tres empregados. Sob ameaças de fuzilamento o Delegado obriga todos que lhe cahem nas unhas a assignarem papeis sem os lerem; com o Dr. Martins Trin-

dade assim aconteceu, segundo o mesmo aqui confessou, quando solto e para o *Purús* desceu.

Acabo de saber que a lancha *Munoz* (?) subio; creio que foi a *Bom Destino* prender gente, é possivel que ella não baixe.

Eis a infamia dos Bolivianos; foi-m'a relatada pelo Dr. Martins Trindade; o Delegado disse-me : estou tratando de prender Brasileiros importantes e fazel-os refens, porque, caso ataquem *Porto Acre*, nós os degollaremos; e desta fórma faremos a viagem para outro mundo acompanhados.

Estou ancioso pela chegada do *Placido*; tive aviso que já passou *Capatará*, onde fez mais prisioneiros bolivianos e tomou todo o gado que lá encontrou dos Bolivianos. Infelizmente, ainda ha máos Brasileiros que nos trahem, e nós não sabemos quem são; depois de victoriosos é que saberemos.

Recommendo muito ao doutor o Sr. Sebastião de Mello ; é um infame,

inimigo do Governo do Estado, da revolução, e, na baixada, disse a Victor:—se você entrar na revolução, não passa de um filho da...; a mim elle declarou-se contra a revolução. Este cachorro é um contrabandista, e o exemplo está no que com elle acaba de se passar na boca do *Acre*; commigo eu tenho as provas. S. de Mello merece ser castigado, é um traidor.

Estou á espera do Antonio Custodio que escreveu-me vir por estes dias.

Emquanto estou trocando officios com o Consulado sobre a Delegação, vou ganhando terreno e occupando o Delegado com respostas; desta fórma vou desorientando-o e tomando-lhe o tempo, e emquanto isto se faz elle vai-se descuidando de tomar medidas contra os nossos.

Tenho um correio diario daqui a *Porto Acre*, que em canôa, com a bandeira brasileira á pôpa, serve de portador entre eu e o Consul. Felizmente elles têm respeitado.

Quando o Tenente Carvalho esteve em *Porto Acre* o *Coronel Canseco*, á vista do Delegado e Arce, disse: Teniente Carballo, dê um apertado abraço no meu distinguido amigo Coronel Carbajo.

O Delegado e Arce olharam-se perplexos. Emfim tudo vai indo bem, excepto a prisão do Victor, pois foi este o unico culpado. Acabo de receber os *Diarios Officiaes*, por onde vejo que a Collectoria já foi extincta.

Lembro ao doutor de que estamos sem recursos de especie alguma, inclusive comida. Só o pensar que podemos ser derrotados põe-me doudo, pois a amizade do doutor, devido a termos quem nos faça carga (que é lei dos derrotados), nos seja retirada. Porém tenho fé em Deus que a victoria é certa, apezar de haver traidores e Gentis Norbertos.

23 DE AGOSTO — Acabámos de ter aviso que o Dr. Gentil Norberto juntou gente no *Antimary* para vir atacar *Caquetá* e tomar o armamento. Com o caso que vou explicar ao doutor, mostro-lhe a falta

de criterio desse moço que nada tem de gentil ; eis o caso : é muito perigosa a communicação entre *Caquetá* e *Bom Destino*, não só por causa dos Bolivianos, como por alguns máos Brasileiros que moram perto de *Porto Acre* ; pois bem, o Dr. Gentil incumbio de missão espinhosa a dous cachaceiros de *Porto Central* ; um seringueiro, outro (enviado de Gentil) moço de máos costumes e embriagado continuo, chama-se J. de A. e foi alumno da Escola Militar do Ceará ; a missão era junto do Capitão Leite (ex-Boliviano), porém que, agora por geito meu, é nosso, apezar de eu estar bem certo que não é de coração, porém sim, porque não lhe tendo pago a Bolivia, tem medo que a revolução o prejudique ; Gentil tentou (fazel-o seu adepto), apezar de serem inimigos, e não duvidou intrigar-me, e mais serio ainda é o não só por carta delle Gentil, como de outro, um tal Pedro Pires, amigo *enragé* dos Bolivianos, que recommenda Gentil como o homem de inteira confiança do doutor e, por si, en-

carregado de vir fazer a revolução com armamento, etc., fornecido pelo doutor ; até o proprio *G.* Federal está incluido na carta ; Gentil não contente com a carta tambem escreveu ao Capitão Leite, e confirma a carta de Pedro Pires e faz mais ainda ; falla muito em seu nome, no do G. Federal e etc. Aqui chegaram os embaixadores de Gentil e, meio embriagados, deram com a lingua nos dentes sobre sua missão e puzeram-me de sobre-aviso ; aqui pernoitaram. . .

O Serafim póde contar bem ao doutor como as cousas se passaram. As cartas eu tenho-as para quando ahi fôr fazer presente dellas ao doutor, bem como uma declaração do Tenente Carvalho, sobre a entrevista delle com Gentil, sendo assumpto do Gentil dinheiro e o nome do doutor que seria por elle esculhambado; desculpe-me o termo, é o proferido por Gentil; de tudo farei presente ao doutor. Desconfio que as cartas que apprehendi do Gentil para Leite é que estão fazendo com que elle ameace atacar a Collecto-

ria. Se o Serafim descer antes de mim, e o faça com saude, será elle o portador dos documentos.

24 Á NOITE—Foi declarado o estado de sitio em o *Acre* boliviano.

Joaquim Victor vai responder a conselho, a delegação nomeou defensor; cinco brasileiros o denunciaram.

A lancha *Munoz*, que hontem pela madrugada foi ao *Bagaço* não voltou,suppõe-se que Placido a aprisionou. Tive communicação da chegada de Placido ao *Bagaço*; devido á cachoeira do *Acre* não dar passagem a batelões e canôas grandes, a viagem de *Capatará* para cá está sendo feita por terra, motivo por que ha demora em chegar as tropas.

Acaba de chegar Antonio Custodio que vem pedir-me paz com Gentil; respondi-lhe que eu não rompi com elle e sim elle é que faltou com a palavra,e que venha, pois é obrigação delle ajudar. Mostrei, e Custodio leu, as cartas em que prova ter Gentil sido traidor.

ULTIMA HORA.

Daqui sahio o Sr. Antonio Custodio contente com o que se resolveu. Elle é testemunha do empenho que tenho em fazer tudo correr em ordem.

Elle é o intermediario desta.

Sempre, etc., etc.—*Rodrigo de Carvalho.*

*
* *

N. 59—*Caquetá*, 22 de Agosto de 1902 — Sr. Encarregado do Consulado Brasileiro em *Porto Acre.*

. . . Tenho notado a impertinencia que tem o Sr. Delegado da Bolivia, sempre que tem de tratar de assumptos referentes a esta Collectoria Procede mal o Sr. Delegado, dando credito a falsas informações que ahi lhe dão referentes a *Caquetá*; os cidadãos bolivianos que aqui estão, vieram de *motu proprio* pedir a protecção da bandeira brasileira e não foram presos pelo Tenente Carvalho, como diz o Sr. Delegado constar-lhe; cumpro um dever protegendo todos quantos aqui

venham pedir protecção, sem indagar a que nacionalidade pertencem.

Procedendo como procedi, começo a executar o que vos prometti, em meu officio de 20 do corrente sob n. 57, cujo assumpto foi em resposta ao que me dirigio o Sr. Delegado sob n. 97. Se deixasse de dar a protecção aos dous individuos que m'a pediram seria eu faltar á minha palavra.

Sr. Encarregado do Consulado, o direito que tem o Sr. Delegado Nacional da Bolivia em desconfiar desta repartição, da qual sou o chefe, tambem eu o tenho, em desconfiar de que os dous cidadãos bolivianos que aqui vieram pedir protecção, o tenham feito a mando do Sr. Delegado para certificar-se de que eu cumpria com o que prometti no officio que hontem, sob n. 57, vos dirigi.

Os dous cidadãos bolivianos, que aqui estão, acham-se protegidos pela bandeira brasileira; e são bem tratados e sel-o-hão sempre; porém, como o senhor Delegado, (tambem por boatos) que aqui

tambem me chegaram, pretende atacar esta repartição, vou pôl-os debaixo da protecção da mais alta autoridade do Estado, sem comtudo temer o ataque do Sr. Delegado, pois, a Republica da Bolivia responderá pelo ataque que se fizer a esta Repartição, prolongamento de uma Secretaria importante do Estado do Amazonas que faz parte da Republica dos Estados Unidos do Brasil.

Sobre a asseveração que vos fez o Sr. Delegado que a barraca *Porto Alegre* acha-se em territorio boliviano é falso; é, sim, territorio brasileiro, e acha-se debaixo da fiscalização desta repartição.

Se recorrerdes aos relatorios de S. Ex. o Sr. Ministro das Relações Exteriores do Brasil dos annos de 1899 e 1900, vereis que a Chancellaria Brasileira, em *memorandum* ao Plenipotenciario da Bolivia, Dr. D. José Paravicini, concedeu ao Governo Boliviano permissão para occupar e fundar alfandega ao sul da linha Cunha Gomes, portanto,

nada temos que vêr com a linha Teffé, invocada pelo Sr. Delegado ; a barraca *Porto Alegre* está ao sul de linha Teffé, porém muito ao norte da linha Cunha Gomes.

Admira-me muito, Sr. Encarregado do Consulado Brasileiro, que o Sr. Delegado na conferencia que comvosco teve, tratasse de um assumpto que está em contradição com o officio que o mesmo senhor me dirigio, sob n. 97 e de 19 datado, no qual elle proprio diz-me : que a Republica da B livia só occupa e exerce jurisdicção ao sul da linha Cunha Gomes.

Mandei-vos cópia do officio que o Sr. Delegado me dirigio, e se recorrerdes a ella vereis que minhas reclamações são fundadas e de direito, e as observações do Sr. Delegado desarrazoadas.

Continúo a asseverar-vos que a barraca *Porto Alegre* está em territorio brasileiro e que não deveis consentir, por fórma alguma, que ella seja occupada por forças bolivianas ; o proprietario da

barraca *Porto Alegre* é cidadão brasileiro e nella tem sido perseguido por forças bolivianas, tendo-a abandonado ; por intermedio do Governador do Estado do Amazonas vai dar queixa ao Governo Federal, para reclamar da Bolivia indemmnização por perdas e damnos. Eu, por minha vez, Sr. Encarregado do Consulado, terei que tomar providencias energicas para, como funccionario do Estado do Amazonas, não permittir que o senhor Delegado esteja, constantemente, a perturbar esta Repartição com desconfianças infundadas e invasão ao territorio do Estado, portanto do Brasil.

Hoje fiz seguir um expresso para *Manáos* pedindo a S. Ex. o Dr. Governador do Estado as mais energicas providencias ; felizmente, Sr. Encarregado do Consulado, estou em melhores condições do que nossos compatriotas do *Acre* sob a jurisdicção Boliviana ; estes ahi estão soffrendo ameaças de morte, se não sujeitaram-se a assignar os papeis que os auxiliares da Delegação lhes apresentam:

outros por cá andam, e não se atrevem a subir, receiosos das violencias do Sr. Delegado.

O Sr. Delegado a quem procura com suas inventivas a odiosidade dos nossos compatriotas, e depois assaca-me as injurias que entende. — *Rodrigo de Carvalho*.

Junto a cópia da resposta que obtive ao meu officio sob n. 58, do Consulado Brasileiro.

A leitura delle, pelo Delegado, causou-lhe susto e fez humilhar-se diante do Encarregado do Consulado, declarando ser meu sympathico e sempre ter respeitado *Caquetá*. O Encarregado do Consulado diz-me, por carta, que os dous Bolivianos que aqui tinham sido presos, já foram considerados desertores e que se lá voltarem serão fuzilados.

Cópia — *Porto Acre*, 22 de Agosto de 1902 — Sr. Collector. Tenho a honra de communicar-vos o recebimento do officio que com data de hoje me remettestes.

Agradeço os dados que me manda sobre o marco de nossa fronteira. O Sr. Joaquim Victor continúa preso; as pessoas que depuzeram em seus interrogatorios denunciaram-n-o, segundo me disse o Sr. Delegado, e que ha culpa, e que as denuncias contra elle são evidentes, pois foram dadas por cidadãos brasileiros. — *Tito Livio Torres,* Agente commercial.

*
* *

Caquetá, 27 de Agosto de 1902— Exm. Sr. Dr. Silverio Nery. Respeitavel amigo e senhor.

A lancha boliviana ainda não desceu; acabo de saber que *Placido* a aprisionou.

O exercito de cima vem fazendo a viagem muito vagarosa; os caminhos máos, e a falta de cargueiros, e os prisioneiros e a terrivel friagem que tivemos durante quatro dias, fazendo o thermometro baixar a 11 gráos centigrados, tem-nos atrazado.

Junto mais um documento do Gentil; na faina em que ando, á cata de documentos delle, hei de convencer V. Ex. que elle não presta, e não é amigo nem de V Ex. nem da revolução.

Pela carta que remetto, V. Ex. o aquilatará bem; até as mercadorias suspendeu, sabendo que eu aqui já tinha umas 50 bocas a comer, e a todo o momento esperando o *Placido*.

A cartinha de Gentil só tinha um fim: fazer com que os companheiros *de baixo* arrefecessem o animo; em prejuizo da revolução, elle tudo tem feito; felizmente, Deus está por nós velando, e quanto mais elle faz em detrimento de perda para a revolução, ella mais se adianta.

O proprio Alexandrino, a quem elle tentou converter para fazer delle máo instrumento, abandonou-o e aqui está nos ajudando nas construcções da grande barraca. Aos poucos V. Ex ha de avaliar-me e ver que tenho sido leal e sincero com V. Ex., e que tudo quanto

tenho dito do Gentil não é por intrigas e sim por lealdade.

9 HORAS NOITE — Acabam de chegar de *Porto Acre* Meira e Luiz, gente do Victor, que foram soltos; todos têm sido muito maltratados lá, excepção do Victor, que mora com o Coronel Canseco; o encarregado do Consulado avisou-me pelo Meira que amanhã pelas 8 horas da manhã, Victor e dous empregados que lá estão presos serão soltos e para cá vêm incontinenti.

28, 1/2 DIA—Acabo de ter a seguinte noticia de cima: *Placido* com as forças, logo que chegou a *Capatará*, entrou no varadouro boliviano até o *Abuná*, incendiando todos os pousos das forças bolivianas e plantações, derrubando as pontes e escangalhando o varadouro, derrubando grandes madeiras; desta fórma corta os meios das forças novas que estão a chegar. Como vê V. Ex., o programma que com elle combinei está sendo executado ponto por ponto.

. . . Junto o *El Acre* que o Consul mandou-me hoje; este diz-me: depois de distribuido á Delegação mandou recolher todos os numeros, escapou sómente o que remetti. V. Ex. pela leitura verá como elles estão sabendo tirar partido; como a população é muito ignorante e elles falseiam a verdade, é possivel que alguns *do baixo Acre* arrefeçam principalmente com a prisão do valente companheiro Pergentino Corrêa que, segundo o que o Consulado me diz, desce de *Bagé* preso.

Os traidores são ás duzias.

O Coronel Alexandrino subio hoje por terra para o *Bagaço*, e se lá não tiver noticias do *Placido*, tem ordem de, por terra, ir a *Capatará*; custei a dar-lhe a incumbencia de ir ao encontro do *Placido;* pois se elle fôr preso, os Bolivianos fuzilam-no incontinenti; eu e elle temos mais receio de Brasileiros que dos Bolivianos; Alexandrino segue viagem com 10 homens valentes do *Bom Destino*, é conhecedor do terreno irá bem.

Nada de noticias do *Placido;* o que me acontece, tambem acontece aos Bolivianos. Em *Bom Destino*, com o receio dos Bolivianos matarem o Victor, deixaram de cumprir minhas ordens, que eram: nenhuma canôa poderá descer para *Porto Acre;* apprehendel-a-hão e prenderão os tripulantes com tudo, fazendo-me trazel-os para aqui, por terra; infelizmente em *Bom Destino* não ha um só homem de resolução; acaba de sahir daqui o guarda-livros de Victor, a quem dei as ordens mais terminantes, pois Victor disse-lhes: obedeçam a *Caquetá* em tudo e por tudo.

O Consul escreveu-me que Victor, seria solto hoje ou amanhã, e que os moços delle já a tres dias que o estavam e aguardavam a soltura delle apenas para retirarem-se.

As noticias de cima são todas fantasticas e creio mesmo engendradas pelos Bolivianos; elles disseram: o Dr. *Placido* á frente de 400 homens no *Xapury* fez a revolução, porém os proprietarios que

com elle estavam ligados, arrependeram-se e cada um retirou-se com sua gente, o *Placido* fugio pelo *Yaco*, caso seus compatriotas não o tenham matado.

É inverosimil tal boato, pois os grandes proprietarios estão com a revolução e nella compromettidos. Estando interceptado o transito do Riozinho por cima, pela revolução, caso fosse veridico tal boato, não faltavam traidores e aduladores que disputassem, primazia em vir dar noticia em *Porto Acre* e todos os barracões já saberiam e por terra *Bom Destino* já seria avisado, portanto, eu.

Em todo caso, pratico como sou com a gente do *Acre*, taes boatos têm-me impressionado muito. Queira Deus que no fim desta eu possa dar outras noticias melhores.

Attribuo a grande demora de *Placido* á friagem e á enorme vasante do *Acre*; por aqui tem-se difficuldades de navegar-se com batelões que comportem 1.200 kilos. Do Riozinho para cima ha estirões que não deixam passar ca-

nôas com quatro tripulantes. A ultima chuva que tivemos foi em 5 de Junho, desta data para cá não temos chuva que molhasse as areias das vasantes uma pollegada; estas chuvinhas, além de escassas, nenhuma demorou meia hora.

Hoje escrevi uma carta ao Secretario da Delegação boliviana Sr. Luiz Arce, redactor do *El Acre*; nella censuro-o por não ser verdadeiro em estar a enganar nossos compatriotas sobre a apreciação que faz. O elle allegar que eu sou completamente extranho á revolução é arma de guerra, para com tal proceder obter dos meus companheiros de cima, uma das circulares por mim assignadas; desta fórma elle enraivece meus companheiros e elles mostram as circulares (os ignorantes).

Acabo de interrogar o Tenente Carvalho sobre o que elle disse em *Porto Acre*, como affirma o *El Acre;* elle negou-me tudo, elle foi a *Porto Acre* sómente levar meu officio ao Consulado, e aos Bolivianos nenhuma incumbencia

tinha, a não ser que, caso elles fallassem em retirarem-se para aqui, que a Repartição lhes daria garantia de vidas. Elle tem o grave defeito de fallar de mais, entrando por assumptos de que elle não sabe desvencilhar-se.

Setembro 2, 11 horas da manhã— Acabo de receber carta do Joaquim Victor (do *Bom Destino*), hontem elle e Pergentino foram soltos, ás 2 horas; para serem soltos foi necessario assignarem fiança. Amanhã elles para aqui emigram afim de ficarem mais garantidos.

Do *Xapury* não ha noticias para nós ou mesmo para os Bolivianos.

Junto o n. 38 do *El Acre* de 31 de Agosto em substituição a igual numero de 24 ; V. Ex. verá que já não chamam *Farani* de espião e retiraram o artigo das taes declarações do Tenente Carvalho ; nelle vem explicado as condições que Victor foi obrigado a aceitar para ver-se solto ; creio que a Bolivia não póde confiscar bens de Brasileiros hoje, além de Arce, temos Santivanez, que é

quem inflamma *Romero* contra o Brasil, Brasileiros e V. Ex.; elles andam á cata, custe o que custar, de documentos que compromettam V. Ex. Já foram a *Humaythá* a interrogar o Capitão Leite, este respondeu: eu nada sei de revolução; se a ha, eu serei neutro; disseram-lhe: e seu pessoal; elle respondeu: são homens livres e farão o que entenderem. Estou certo que, se elle tivesse as cartas do Dr. Gentil, faria transacção com elles, sobre as indemnizações que têm com a Bolivia.

Acabam de chegar pelo mato, devido a terem ordem de prisão, os Srs. Hypolito Moreira, Francisco Manoel de Avila Sobrinho e Francisco de Oliveira; disseram-me que todo o pessoal do *Bagaço* e *Cataúba* estão fóra da margem á espera de *Placido* e que, logo que elle por alli passe, vêm todos.

De novo assevero a V. Ex. que S. de Mello, além de ser inimigo da revolução o é do Governo do Amazonas. Tem-nos feito o maior possivel de mal

que se póde fazer ; este miseravel contrabandista, de cujo crime tenho as provas e esta Collectoria o manisfesta por inteiro, além de negociante quebrado, chama a todos de ladrões e vagabundos, e outros quejandos mais.

D. Leitão (nomeado Juiz por indicação do Dr. Gentil) procedeu no fim infamemente ; custa-me a accusal-o, pois tal era a confiança que a todos inspirava ; o Capitão Seraphim é testemunha das canalhadas que praticou.

3—Acaba de chegar Joaquim Victor bem escoltado, acompanhando-o o Alexandrino ; Victor está em liberdade, porém seu processo não está terminado; cada vez elle se acha mais animado e seu pessoal, agora que elle está solto, só desejamos a chegada de *Placido*; ficou resolvido que Victor de dia ficará no barracão *Bom Destino*, com espias ao longe para evitar 2ª prisão ; pois os infames bolivianos em *Bom Destino* convidaram-no a vir a *Porto Acre* e depois prenderam-n-o; o mesmo aconteceu com Per-

gentino, que foi tambem solto com Victor. Tomámos diversas providencias em beneficio da revolução, e Alexandrino, bem escoltado, seguio por terra á procura do *Placido*, levando correspondencia e ordem para prender os traidores, e, não o podendo fazer, leva ordem de eliminal-os.

Estamos preparados para duas milhas abaixo daqui prendermos o Doutor Moysés Santivanez, que está prestes a seguir para ahi, levando a correspondencia official da Delegação ; temos que apprehendel-a e talvez seja necessario eliminal-o, caso não possamos guardal-o preso ; intelligente como é, sendo solto, irá ao Rio fazer-nos o peior mal possivel e complicar as cousas, afim da Bolivanão ceder.

Agora que não temos ninguem em poder delles, estamos afflictos pelo *Placido* ; se não temos noticias de cima, o mesmo acontece aos Bolivianos.

5 de Setembro—Acabam de chegar aqui: Raymundo Falcão e João Mari

tins, João Isidro e Miguel Alves, que me avisaram de que o Dr. Gentil tinha subido a Empreza pelo Riozinho do Pontes a ver se encontrava o *Placido*; perguntei quando tinha subido disseram-me que a 25; reprovei-os em ter fornecido guias, pois eu aqui e *Bom Destino* temos portadores para cima atrás de *Placido*, e cheio de traidores como está o *Acre*, forçosamente os Bolivianos saberiam que Gentil estava para cima, e não soltavam Victor ou Pergentino. (Felizmente os Bolivianos quando souberam que Gentil estava para cima, já tinham solto Victor e Pergentino.) Se elles não fossem soltos perderiamos a gente de Victor e Pergentino.

5, 2 1/2 HORAS—Acaba de chegar um portador de cima, é um dos guias do Dr. Gentil, traz cartas para João Martins. Dr. Gentil diz: *cheguei á Empreza* e não tive noticias do *Placido*; o povo está todo no mato e *desanimado*, não quer saber de revolução; eu fico no centro do *Bom Destino*, animando o povo, o Victor está

animado, não é caso de desanimo, eu tudo arranjarei ; estive com o *Alexandrino* que em missão do Coronel Carvalho segue atrás do *Placido* ; é uma asneira, pois te assevero que do *Xapury* não vem ninguem. Raymundo Falcão e João Martins, que apenas dão uns 20 homens, questionaram com Francisco de Oliveira e Hypolito Moreira, dizendo-lhes: nós que estamos no Brasil já temos nosso pessoal preparado, e os senhores que moram na Bolivia, em lugar de estarem em armas, tem o pessoal no centro e andam fugidos; a questão tornou-se azeda e Francisco de Oliveira e Hypolito disseram : os senhores só contam prosas, e é porque aqui ninguem os incommoda ; descance, que quando tivermos noticias do *Placido*, iremos para os nossos barracões e pessoal não faltará.

5, 4 HORAS DA TARDE—Acaba de chegar portador a cavallo do *Bom Destino* trazendo correspondencia do *Placido* ; a alegria de todos foi grande; R. Falcão e João Martins ficaram despei-

tados ; a carta de *Placido* é da *Liberdade* (*Catuaba*), elle diz-me: acampei a 31, á 1 hora da tarde, em *Capatará* e hontem, 2—aqui (a carta tem a data de 31, e a da *Liberdade* de 3) ; diz-me : reuna os elementos de baixo para acamparem ahi a primeira vez ; domino todo o *Acre*, excepção de *Bagaço para baixo* ; depois da manhã dominal-o-hei até *Bom Destino*, ficando os Bolivianos encurralados em *Porto Acre* ; as adhesões são unanimes, os barraqueiros estão reunindo o pessoal, para eu fazer uma brigada. A brigada do *Xapury*, commandada pelo *Coronel Jose Galdino*, vem acampar aqui por estes oito dias ou dez—para descermos todos; vou fazer o quartel general em *S. Jeronymo* (duas milhas ao Sul de *Porto Acre*), assim as communicações ficam faceis, pois, por agua faremos tudo, e prepararei o ataque ; o hospital será em *Caquetá*.

Como vê V. Ex., melhores noticias não eram possiveis, e melhor foi a occasião pois Gentil procurava desanimar o

povo de baixo (60 a 70 homens) que são os unicos que fazem barulhos, pensando que são indispensaveis.

6 HORAS DA TARDE — Acabo de receber carta do Consulado, nella diz-me Tito: a Delegação recebeu hontem ás 8 1/2 horas da noite communicação de que Gentil estava no *Bom Destino*, será possivel? o Dr. Gentil parece louco!...

DIA 6, 7 HORAS DA MANHÃ—Baixaram para *Macapá*, afim de seguirem por terra para o *Bagaço*, para ajuntarem o pessoal, os Srs. Francisco de Oliveira, Hypolito Moreira e Francisco Manoel.

Passámos o dia sem mais noticias.

DIA 7—Como a vespera.

DIA 8, 9 HORAS DA NOITE — A pé e por terra, bem escoltado apparece-me *José Placido*; foi um delirio nesta casa, até os soldados ficaram enthusiasmados; veio-me visitar e de viva voz communicar-me o que tem feito. Disse-me elle: formei uma vanguarda de 80 homens moços, com officiaes de patentes de capitão para baixo, bem disciplinados; vim

explorando o rio e limpando-o para a brigada do *Xapury* não encontrar estorvos ; vim prendendo os traidores e tratando de recolher viveres, do Governo boliviano e dos negociantes da mesma nação, para não haver fome na nossa gente, ha respeito em minha gente ; tenho sido recebido com delirio e visitado por todos (da vez passada nossas forças faziam todos fugir), desta vez é ao contrario.

Disse-me : Alexandrino chegou a *Liberdade*, como é o mais graduado entreguei-lhe o commando; nosso emblema é uma fita branca de tres dedos de largura nos chapéos. Tudo vai bem. Ninguem nos atrapalhará, a victoria é certa; as autoridades bolivianas do *Xapury* mandei-as para o Brasil, via rio *Yaco*; commigo só tenho prisioneiros Neves e mais dous; no *Bagaço* agarrei o traidor Gusmão; fiz partir uma pequena escolta para prender dous correios bolivianos despachados por Gusmão; que é intermediario dos Bolivianos. A reunião do povo vai-se fazendo; quero ver se

ataco *Porto Acre* a 20, o mais tardar a 23. Disse-me mais: em *Bom Destino* estive apenas duas horas e mandei ao centro chamar o Victor para aqui. A viagem de *Liberdade* foi feita, por agua até *Bom Destino*, e por terra de lá até cá; gastaram 21 horas effectivas. *Placido* sente-se bem disposto, graças a Deus.

9, 8 HORAS DA MANHÃ—*Placido* volta para *Bom Destino* para conversar com *Victor* e seguir para o acampamento de *Liberdade*.

9 1/2 HORAS DA MANHÃ—*Placido* regressa com *Victor* e Gentil, encontrou-os em caminho e regressou; elle, *Victor* e eu, em reunião tudo combinámos, e *Victor* mandou reunir o pessoal; parte sobe para a *Liberdade* para fazer exercicios e entrar na disciplina militar; em *Bom Destino* ficam 50 trancando o rio; os officiaes são de cima, *Placido* manda—um tenente—um alferes e dous sargentos; daqui segue o Major Arco Verde.

Placido fez vir á sua presença o Dr. Gentil e disse-lhe: hoje sou eu que tenho

todos os poderes, os quaes foram-me entregues pela Junta revolucionaria; e como continúo a merecer della toda a confiança, lhe aviso de que, se quer prestar seu concurso, venha, porém com a seguinte condição: nada de negaças: quero seriedade, e a 1ª canalhada que você fizer, eu o prendo, e se preciso fôr o passarei pelas armas.

Fique sabendo que em materia de revolução não tenho consideração com amigos, desde que a pretenderem prejudicar.

Saiba que não ha *tucháuas*, desde que um dono de barracão me entregue o pessoal, este é militarisado, e portanto deixa o barraqueiro de ser patrão, e ai daquelle que pretender intromet ter-se ou dar ordens, prendo-o incontinenti.

Como vê V. Ex., a organisação do *Placido* é o que póde haver de melhor; Victor está no maior accôrdo possivel. Gentil baixou para o *Antimary* á procura de munição que temos pouca.

2 HORAS DA TARDE—*Placido*, a cavallo e por terra, acaba de partir para *Bom Destino*, onde vai organisar 50 homens para interceptar o transito, e servirem de sentinellas avançadas; a 10 á noite deve estar na *Liberdade*.

Joaquim Victor aqui está, e não sahe mais emquanto não se decidir a guerra; elle disse-me: quando de regresso daqui, eu cheguei a *Bom Destino* e vi o Gentil, em minha casa, senti um desgosto enorme, e incontinenti fiz sellar um animal e com elle parti para os centros do *Iquiry*, pois se os Bolivianos soubessem mandavam outra vez prender-me e teriamos que precipitar os acontecimentos.

Eu tenho pegado outras cartas infames do Gentil; franqueza, este moço está um pouco idiota; eu mesmo já tenho commiseração delle, porque tenho-o seguro; a minha conferencia com *Placido* pôl-o humilhado, porque elle teme o *Placido* e sabe que eu tudo lhe mostrei; Gentil agora procura com meios mansos obter as cartas que aprisionei, não as dou,

porque quero que V. Ex. as leia, para ver quanta infamia Gentil tem praticado; ante-hontem apprehendi uma outra, em que Gentil falla do *Placido* nestes termos: *accordei com o Placido, em eu e você assumirmos a direcção do movimento.*

Quando *Placido* a leu, mudou de côr e disse-me: o cão chama-me de traidor, pois com isso diz que eu trahi a *Junta Revolucionaria*; disse-me: sómente em beneficio da revolução é que faz com que eu não o castigue.

Porém elle não perde, a primeira que fizer inutilizo-o; preso no meu quartel, fica desmoralizado de todo, e é quanto basta.

Placido em *Amelia* agarrou correios bolivianos, o delegado do Beni, digo, Romero: creio que de La Paz, devido a agitação politica sobre o candidato presidencial, e receio de revolução não póde Pando mandar forças; eu estou organisando aqui um pequeno exercito para mandar para ahi; vá se aguentando, pois ha alguma demora.

Placido disse-me: logo que eu tomar conta de *Porto Acre*, sigo para *Palestina* margem esquerda do *Ortan*, a esperar as forças bolivianas para dar combate; é de grande alcance para a revolução estendermol-a até a propria Bolivia.

Em *Capatará*—a um dia de distancia campos do Gavião, *Placido* mandou buscar a boiada dos Bolivianos, boia não falta graças a Deus.

Tomado *Porto Acre*, eu desço até ahi afim de combinar com V. Ex. sobre as despezas da revolução; ella desta vez tem credito, não se tem assaltado.

O Commandante da 2ª brigada é o Tenente-Coronel Alexandrino José da Silva.

José Placido de Castro tem a graduação de coronel, é a maior patente da revolução.

O Coronel *Placido* disse-me: se apresentar-se muitos officiaes, e, para não prejudicar a disciplina militar, eu fa-

rei uma companhia de francos atiradores composta sómente de officiaes.

O armamento moderno está nos fazendo falta. *Placido* disse-me: este povo exagera barbaramente, isto devido a eu ter-lhe dito que tinha sabido que elle tinha muita munição; disse-me: por muito favor pude reunir apenas 32.000 tiros de *rifles*, com os de *Bom Destino* 8.000 e os 24, que aqui temos, não chegam para o cerco; necessito de 100.000; pedi-os ao Antonio Custodio (30.000) e o Dr. Gentil baixou a ver se consegue-os.

Por estes seis dias vou subir para *Liberdade*.

As combinações de ser o Victor o Presidente, estão firmes. Temos necessidade de V. Ex. fazer-nos presente de um cabeçalho em portuguez do *El Acre*, a medida poderá tirar pelos numeros que ahi tem. Necessitamos de um bacharel em direito para Secretario da Justiça e Relações Exteriores. Diga-nos V. Ex. o serviço de guias como deve ser feito.

Eu sigo em Outubro para regressar em Novembro. Peço a V. Ex. mandar dar baixa do serviço da policia ao sargento Campos; delle precisamos para o exercito; *Placido* e eu temos confiança nelle. Os Bolivianos têm nova especie de sentinellas avançadas, são armadilhas de *rifles* em todos os varadouros, estradas de seringas e veredas que circundam *Porto Acre*; fui avisado e já tenho gente para desarmal-os e trazerem os *rifles*.

O Gentil está para baixo.

E' portador desta do *Antimary* para ahi o irmão de V. Ex., Sr. Coronel Atilio Nery.

Creia-me V. Ex., etc., etc.—*Rodrigo de Carvalho*.

*
* *

Caquetá, 12 de Setembro de 1902.

—Exm. Sr. Dr. Silverio Nery.

Acredito ser portador da presente e por intermedio do Sr. Antonio Custodio, o Sr. Atilio Nery, e, portanto, não será indiscreção ser claro dizendo a

V. Ex. alguns pormenores sobre a revolução actual do *Acre*.

A 6 de Agosto findo, no alto *Xapury* como já deve saber V. Ex. proclamou-se a revolução, no entanto, até esta data *Porto Acre* não foi atacado, e os Bolivianos, devido a tal demora, vacilam do acontecimento apezar de preparados

A força approxima-se vagarosamente afim de sua melhor organização por onde passa, aproveitando elementos de toda especie. O Dr. *Placido* esteve aqui regressando horas depois, e quando tenha fallado sobre tudo. Mantêm a mais firme confiança de uma victoria e incontestavelmente é pratico e resolvido; dou muito por elle mas, nada me determina, que garanta a V. Ex um bom e breve resultado.

Os Bolivianos deporão as armas nos seguintes casos:—Primeiro, é preciso muito arrojo e sacrificio, o que acredito haver, para em poucas horas de combate submettel-los; e no segundo preciza

muita munição, armamento e rancho, para subjugal-os depois de muitos mezes de luta, e em caso contrario faltará todos estes elementos que já não são muitos, e o fracaço é bem provavel, além das disserções, extravios e desharmonia, que por ventura possa apparecer. Não é para desanimar as condições presentes mas eu quizera e não posso exceder a minha força de vontade, e dizer a V. Ex. que a victoria da revolução é um facto consummado.

O Dr. Gentil faz o que póde em prol da revolução, mas, não ha geito de reconcilial-o com o Coronel Rodrigo de Carvalho, facto que tem trazido resultado e impressão má.

Sem outro assumpto, etc., etc.—*Seraphim de Carvalho*.

*
* *

Exm. Sr. Dr. Silverio Nery — *Boca do Acre*, 14 de Setembro de 1902. Comprimentos. Esta tem por fim communicar

a V. Ex. que, em companhia do Sr. Coronel Atilio Nery, desci para aqui em procura de armamento, balas e munições de boca. No Acre não ha nada, pouca munição. Com as balas que eu trouxe, pudemos arranjar umas 50.000 balas, o que é pouco. Graças a intervenção do Sr. Coronel Custodio, já arranjei obter umas 10.000 e espero obter mais 20.000 até a boca do. . (?)

O rancho que veio commigo foi todo muito ordinario, o café quasi todo imprestavel. Além disso as baldeações e o accidente a bordo da *Maria Thereza* estragaram-no muito. Estou a bordo desta lancha, e o Sr. J. Alves, socio da casa Martins Ribas & C., offereceu-me tudo o que tiver nos porões. Tanto o Sr. Alves com o Sr. Dr. Ribas, que deve chegar amanhã do *Arapixy*, têm demonstrado a melhor vontade em servir os interesses da nossa patria.

O nosso amigo Atilio me tem ajudado muitissimo, cooperando poderosamente com sua influencia para obtenção

daquillo que nos é necessario. Provavelmente, de accôrdo com o Atilio, comprarei dos Srs. Martins Ribas & C., o que de mais urgente necessitarmos.

O Tenente Demosthenes, Prefeito de Segurança do *Antimary*, tem procedido de tal modo, que conseguio captar a amizade de todos os habitantes do *baixo-Acre*.

Trabalho pessoal, esforços em prol da causa, nada poupa, para servil-a. E' um magnifico auxiliar indirecto que temos. Recommendo-o á boa vontade de V. Ex., pois merece os elogios que se lhe fizer.

Só em fins de Setembro poderemos dar o assalto de *Puerto-Acre*. Os Bolivianos têm 180 soldados regulares e uns 40 civis que provavelmente não pegarão em armas. Estão muito desanimados. Peço a V. Ex. lembrar-se que o Capitão Seraphim não cumprio a sua missão. Tem sido um elemento de desordem, falseando as instrucções que V. Ex. deu-lhe.

protestos de alta estima e consideração. — *Gentil T. Norberto* — *P. S.* Peço licença á V. Ex. para fazer uma outra consideração importantissima que me ia esquecendo. Como já disse uma vez a V. Ex. no *Acre*, inclusive eu ou qualquer outro, ninguem tem prestigio capaz de manter a ordem depois da victoria. Aconselho, portanto a V. Ex. que mande para cá uma pessoa de sua inteira confiança para tomar conta desta região, pois, do contrario, prevejo funestas consequencias. Sem querer insinuar a V. Ex. qualquer nome, entretanto, posso garantir á V. Ex. que seria bem acceito por todos o nosso amigo Atilio Nery. E' alheio aos interesses immediatos dos habitantes do *Acre*, não tem inimigos, e prometto-lhe o meu apoio em absoluto. V. Ex. resolverá pelo melhor. — *Do mesmo*.

* * *

Tenho agora a lembrar-lhe um alvitre que V. Ex. tomará na consideração que entender.

Alguns donos de barracões do *baixo Acre* têm trabalhado muito para a revolução, já dando pessoal, já fornecendo viveres e armas. Sendo elles moradores no *baixo*, nenhum interesse directo têm na revolução.

E' justo, pois, que elles sejam recompensados, desde que a recompensa nenhuma despeza e prejuizos traga ao Estado. Lembro, pois, a V. Ex. a nomeação de alguns para lugares da Guarda Nacional e neste sentido tomo a liberdade de apresentar-lhe a lista junta, onde V. Ex. poderá fazer as alterações que julgar convenientes.

E' necessario que as *Mausers*(40) venham, pois não sabemos o que nos acontecerá. V. Ex. deve mandar com a *maxima urgencia* instrucções para o caso da tomada de *Puerto-Acre*. Só descerei quando tiver as ordens de V. Ex. a esse respeito. Queira V. Ex. acceitar meus

Bagaço — 20 de Setembro de 1902 — Illm. amigo Dr. E. Martins — Pela presente dou-lhe as ultimas noticias da revolução.

A 20, 5 horas da manhã, sahi de *Caquetá* em companhia de Joaquim Victor com um piquete de 15 homens e seis cargueiros, conduzindo rifles e munição com destino ao acampamento do *Bom Destino*; a viagem foi pessima devido ao máo estado do caminho, parte em varadouro, parte em estrada de seringa; em *Bom Destino* encontrei 80 homens armados e municiados, aguardava-se por estes tres dias mais 50 homens, fóra os do *Acre* brasileiro em numero de 60 a 70, que a 23 devem acampar em *Bom Destino*, onde se formará dous batalhões com um effectivo de 200 soldados; os batalhões, chamar-se-hão (*Bom Destino* e *Pelotas*), em honra aos proprietarios Joaquim Victor e João Martins.

A 21 PELAS 6 1/2 HORAS DA MANHÃ foi atacado pelos Bolivianos o barracão

Telheiro, de um aviado de Joaquim Victor o Capitão Pedro Martins, este barracão fica abaixo de *Bom Destino* 25 minutos por terra e seu proprietario fiscalisava o Rio, afim de avisar *Bom Destino*, caso os Bolivianos o viessem atacar; um descuido da sentinella que abandonou o posto para vir ao barracão tomar café é que deu occasião a serem colhidos de sorpreza, pois os Bolivianos vieram parte por terra, parte por agua, em numero de 28, guiados por um tal *Cabral*, aviado devedor de Victor e Martins; a tenção dos Bolivianos era prendel-os para depois por terra fazerem uma sortida em *Bom Destino*, não conseguiram seus fins, porque um soldado de Martins fez fogo contra elles, rompeu o inimigo fogo, conseguindo apenas ferir um nas pernas e aprisionarem 4 ; ouvido que foi o fogo em *Bom Destino*, mandamos em soccorro de *Telheiro* 25 homens, que não encontraram o inimigo, que precipitadamente fugio aguas abaixo, deixando ficar no porto uma canôa. O traidor *Cabral* ras-

gou os livros commerciaes do barracão *Telheiro*, onde devia 5 contos.

Tomou-se todas as providencias, e apressou-se a sahida para margem de todos os freguezes de Victor, bem como destacou-se para *Telheiro* 24 homens que guarnecem-no.

Neste mesmo dia, depois de tudo organizado, parti, ás 2 horas da tarde para *Iquiry*, afim de vir para aqui, onde é o quartel General do Coronel Commandante em Chefe *José Placido de Castro*, o varadouro, que é do Coronel Joaquim Victor, é uma verdadeira estrada de rodagem ; dormi no lugar— *Deposito do Victor* — (8 dias antes o fogo destruio o barracão repleto de mercadorias).

Dia 22 — viajei o dia todo por estradas de seringas e dormi á margem do varadouro de *Bagaço*, lugar chamado *Papiry*.

Dia 23 — sahi de *Papiry*, ás 6 1/2 horas da manhã, tendo chegado aqui ás 10 1/4 da manhã ; aqui encontrei o Co-

ronel *Placido* acampado com 250 homens e o Coronel Hypolito Moreira, João Xavier, e Alexandrino e o Commandante do acampamento Major Basilio e Capitão José Antonio Duarte, em preparativos de viagem para subirem amanhã, afim de acamparem na *Empreza* para fazer juncção com a brigada do *Xapury*, para dar combate ao Coronel Rozendo, afim de desimpedir o Rio e descerem a atacar *Porto Acre* ; amanhã, seguem os batalhões com viveres, e por terra 2 companhias em protecção aos batelões ; a 25 seguem outras duas com o Coronel *Placido*, eu e outros.

Junto um detalhe que é a verdade do que se passou na escaramuça de 18.

As tropas revolucionarias estão animadissimas, pois o Coronel Rozendo, entrando no *Acre*, praticando as maiores selvagerias, tomou o barracão *Forte de Veneza*, roubando tudo e desrespeitando a bandeira franceza que estava no barracão de seu proprietario, o Sr. Leão

Hirsch, que é de nacionalidade franceza ; este fugio para não ser assassinado.

Em uma barraca do barracão *Ypiranga*, o Coronel Rozendo mandou assassinar todos seus moradores, dous homens, uma mulher e duas crianças, e deu-se ao luxo de assistir ao degollamento ; a mulher armou-se de um rifle e fez fogo no Coronel Rozendo ferindo-o no hombro ; agarrada foi degollada.

O Coronel Rozendo entendeu que, causando terror, mais facil seria evitar a luta; enganou-se, pois, encorajou-a mais.

O *fábrico* da borracha está parado em todo o rio, pois, trata-se actualmente sómente de guerra.

Não sabemos o numero exacto das forças do Coronel Rozendo ; elle diz que, a que com elle veio compõe-se de 340 homens, é a vanguarda, pois, as que ficaram no *Abunam* compõe-se de 500 ; por informações de pessoas insuspeitas, dizem e asseveram que não ha mais forças para traz, a que com elle está são apenas 250 homens ; e é este o numero que o

Coronel *Placido* calcula, pois, tiveram que lutar em campo razo.

Junto para o doutor o officio-proclamação que o Coronel Rozendo dirigio ao povo acreano; junto tambem a resposta que o Coronel *Placido* deu-lhe.

Entrincheirados como estão os Bolivianos e todos armados a Mausers, modelo Argentino, faz-nos crer que a guerra durará muitos mezes e que será guerra de recursos; é esta a opinião do Coronel *Placido*; tudo nos falta, viveres, armamento e munição; pedimos, pois, ao doutor mandar-nos uma lancha especial, com a maior urgencia, deixar-nos em *Caquetá*, viveres, 200 rifles, com 50.000 tiros e 100 armas modernas, com 25.000 tiros.

Tem desertado bastante gente nossa, apezar da grande vigilancia que temos e os miseraveis nos tem levado o armamento.

O Coronel *Placido*, eu e todos os chefes acreanos e povo lhe pedimos para não nos desamparar na situação critica

em que estamos; começando o desanimo, os patriotas debandam-se como ovelhas e, então, ai de nós!!

Se o doutor tivesse mandado os recursos em Junho (aqui chegados) nossa posição seria outra.

Hoje no Acre não ha malquerenças, só ha uma idéa e opinião, e é de morte á Bolivia, e viva o Brasil.

Não nos abandone doutor, estamos no fim do mundo, porém a idéa e o sentimento da patria pulsa em todos os corações, do maior ao menor. Não nos abandone.

Cincoenta homens da força dahi é de um effeito medonho (a paisana).

Soccorra-nos; o inimigo está forte; tem tudo, inclusive saude.

Se o doutor nos abandonar ai de nós?!!

A difficuldade dos correios agora é grande, por isto não extranhe quando eu demorar a dar noticias da guerra.

Não nos abandone.

Como sempre etc., etc.—*Rodrigo de Carvalho.*

Acabamos de ter sciencia de que o nosso bravo e leal companheiro Francisco de Oliveira, da *Baixa Verde*, acha-se bastante enfermo; este moço tem levado sua dedicação á causa, que deu todo o pessoal que tem, bem como tem sido incansavel em arregimentar patriotas.

Quem segue hoje na vanguarda como commandante é o Coronel Alexandrino.

*
* *

—*Cópia*—Acampamento de Fortaleza em 23 de Setembro.

—Sr. Coronel Commandante das forças bolivianas acampadas em *Volta de Empreza*—Acaba de chegar ao nosso poder a cópia da carta escripta por V. S., datada de hontem, a qual nada commove o povo acreano, visto que todas as noticias contidas nella são infundadas. Os senhores foram encontra-

dos pela nossa guarda avançada composta de 60 homens, os quaes se viram covardemente atacados sem tempo mesmo de tomarem posição, sendo apezar disso os senhores repellidos, ao 1° encontro, por uma secção composta de 1 alferes e 10 praças, as quaes, acabando a munição tiveram de se retirar, cuja retirada foi feita, não como diz o senhor *covardemente e vergonhosamente*, mas sim em toda a ordem e disciplina como manda a tactica de guerra.

Felizmente ao lado do povo acreano está o benemerito e honrado Coronel *Dr. José Placido de Castro*, e o povo do *Acre*, em sua totalidade brasileiro, saberá marchar ao campo da luta para salvar a reinvindicação dos seus direitos, os quaes se acham opprimidos pelo despotismo das leis do vosso governo.

Outrosim, o abaixo assignado, acostumado a repellir bravatas de bolivianos, cuja certeza tiveram os senhores pelo Ministro da Guerra, o tal Manoel Montes, que com 300 homens fortificados e acam-

pados em *Amapá*, foi corajosamente repellido por 30 homens do meu commando.

Viva o povo acreano.

Viva o E. I. do Acre.

Viva o nosso Commandante Coronel Dr. José Placido de Castro.

Em nome do povo acreano.—*Alexandrino José da Silva*, Tenente-Coronel acreano,

*
* *

Para o Dr. E. Martins.

—Detalhe da escaramuça do dia 18 pelas 7 horas da manhã:

Avisado o Coronel *Placido* de que o Ajudante-General do Exercito Boliviano, Coronel Rozendo R. Rojas ia levantar acampamento do *lugar Gavião*, afim de descer o rio com destino a Porto Acre, resolveu fazer-lhe uma sortida e a 1/2 hora da madrugada deste mesmo dia 18, marchou por terra ao encontro do inimigo, com 63 homens (combatentes); no dia anterior o Coronel *Placido* destacou 3 homens a vigiar o inimigo, estes

por facilidade cahiram presos, e tendo confessado tudo, fez o Coronel Rozendo levantar acampamento á noite, tendo-a viajado toda ; marchava o Coronel *Placido* á frente de seu pequeno piquete quando tendo chegado ao barracão *Forte de Veneza*, sito á *Volta da Empreza*, o guia gritou *bolivianos!* o Coronel *Placido* conhecendo o perigo, deu ordem para estender em linha e fazer fogo deitados o que foi cumprido; nossa gente não teve tempo de atirar primeiro contra o inimigo, porque não o vio e sim sentio a forte fuzilaria que lhe faziam de dentro da matta; o Coronel *Placido* com seu valente piquete resistio uma hora fazendo retiradas, afim de provocar o inimigo a sahir a campo, o que conseguio; exgottada toda a munição (pois que a reserva ia por agua) deu ordem ao corneta para tocar retirada, a qual foi feita com grande pericia, pois que conseguiram retirar os feridos 4, levemente nos pés.

Reunido de novo o piquete reconheceu ter perdido na escaramuça os se-

guintes: dous officiaes, Capitão João Ferreira Maia e Alferes João Bernardo, e seis soldados mortos; um official prisioneiro, secretario Raymundo Vianna, um 1º sargento; extraviados 15, que já se apresentaram; quanto ao prejuizo inimigo difficil foi verificar-se, entretanto o Coronel Rozendo confessa—que morreram quatro officiaes e quatro praças, fóra grande numero de feridos.

Os tres prisioneiros (do piquete que foi explorar Gavião) foram soltos pelo Coronel Rozendo, que os fez portadores da distribuição do manifesto delle; elles nos disseram que foram elles que enterraram os Brasileiros, porém que os Bolivianos muitos soldados enterraram, e que o numero de feridos é consideravel.

O Coronel *Placido* faz grandes elogios á bravura dos nossos; não houve fuga, porém extravio na retirada, e estes se apresentaram de novo.

Como vê, não levamos o peior partido.—*Rodrigo de Carvalho.*

*
* *

Comandancia en Gefe de las Fuerzas Expedicionarias al Acre.—Habitantes del Rio Acre.

Una fracion de las fuerzas que traigo para la guarnicion de este rio, y que venciendo las fatigas del viaje venia pacificamente compartiendo de una amistad franca com vuestros conciudadanos, que se ocupan en sus labores gomeros, en el trayecto del *Abuná* a esta, ha sido atacado de una menera alevosa y cobarde el 18 del presente al llegar á esta barraca por la fracion organisada, de una manera forsosa, de pacificos trabajadores por el celebre cabecillo y cabellero de industria Placido Castro y otros, que de una manera ridicula y cobarde juraron ante el Señor Delegado Nacional, no mesclarce en ningun movimiento revolucionario. Esa fracion de más de 150 hombres, ha sido derrotada con muchas bajas y prisioneros, y los cobardes cabecillas que han expuesto las vidas de esos sencillos industriales fueron los primeros en correr de una manera vergonsosa.

Con cargo de dar cuenta al Señor Delegado Nacional he puesto en libertad á los prisioneros tomados despues que cumplieron el dever de sepultar á sus compañeros muertos en la acion.

Quedais por tanto en el goce libre de vuestros derechos y trabajo, por que las fuerzas bolivianas que comando, y las que están en camino, respetaran las garantias que la Constitucion Politica del Estado otorga á todo ciudadano mientras esteis sometidos á la autoridad boliviana. Vuelta de Empreza, Setienbre, 21, 1902 — (Firmado) — *Rosendo R. Rojas*, Coronel de Ejercito.

*
* *

Cópia —Visto— *Gentil Norberto*. Vuelta da Empreza, Septiembre, 24 de 1902. —Señor Delegado D. Lino Romero.— Puerto Acre. — Estimado amigo. — En esta fórma particular dirijo á U. la presente, julgando que mis communicaciones oficiales quisá no hayan llegado a su

poder, por estar el transito interrompido. El dia 18, entré en esta en la mañana, habiendo librado un sangriento combate, el inimigo huyo rio abajo, y ciertas circunstancias que no le puedo decir en este papel me obligaron á no perseguir, mas allá de dos kilometros. Los muertos del inimigo pasan de treinta, y los nuestros incluyendo 2 oficiales son 8. Nadie ha quedado de los habitantes de esta, por que han huydo durante el combate, por conseguiente no tengo de quien tomar informes, ni à quien mandarle con los avisos, sino en la forma de esta, y se lo recommiendo al dador.

He resuelto quedar acá por ser el lugar que no se puede abandonar, mientras mande U. alguna fuerza, que sumete á los de abajo, que depois de derrotados se estavan organisando en alguna barraca.

Felizmente hay muchos viveres en esta *mana tiyanchu aska, imaquanchus runa quañuchina, chairai en cachamuy ne pisca chuncata, ascca titicni yucta.*

No kaicu purac chuncallacaico. Mana runa cachamunqui uskaita charii, mana yackani chu imachus no Kaicumanta kaucca.— Su amigo —Assignado — Rozendo R. Rojas.

* * *

Estado Independente do Acre, 23 de Setembro de 1902 — Ao Coronel boliviano Rozendo R. Rojas—Volta da Empreza—Acaba de chegar ás minhas mão um papel que escrevestes, pensando fazer uma proclamação ao povo acreano Me encarreguei de espalhar diffusamente esse documento como propagand em favor da revolução. Com franqueza, suppunha menos incompetente. A voss proclamação é mais um insulto que vosso paiz, pelos seus orgãos officiaes dirige aos meus concidadãos desta região

A pobreza de vosso espirito se lê en todo o decurso desse original documento no qual procurais dous fins: primeiro

fazer crêr aos Acreanos que sois Commandante de forças muito numerosas, pois dizeis que o vosso batalhão é apenas—*una fracion de las fuerzas que traigo*—segundo, insultar-me com uma linguagem mais propria de uma prostituta de becco, que de um official, ainda que boliviano. Quanto á parte que toca ao povo acreano, insultado na pessoa de seus representantes, deixo de responder, porque elle não baixa-se a apanhar esse papel maculado pela calumnia e pela injuria. Eu, porém, menos, que esta augusta collectividade, respondo á parte que me toca. Entre outras calumnias proprias da nobreza do vosso caracter, e que respondo, dizeis que ataquei vossa força de uma maneira aleivosa e cobarde. O lugar dos calumniadores é o carcere, bem deveis saber, apezar de não o terem posto nelle. Não sou cobarde, nunca o fui, nem são, ou foram, meus dedicados companheiros. Vós melhor do que ninguem sabeis que esta qualidade é apanagio de vossa nacionalidade.

Pensais, porventura, estar fallando ao povo boliviano, julgais que não conhecemos a curta e maculada historia da região que por ironia politica chamam de Republica Boliviana? Lembrai-vos da guerra do Pacifico, de cujos factos vós sois contemporaneo e vereis que o Boliviano não póde chamar de cobarde nem ao Chinez, quanto menos áquelles que se batem por um idéal e bastante capazes de cahirem felizes, amortalhados na bandeira que arvoraram.

Já não vos lembrais que os Bolivianos, fugindo para as montanhas, entregaram ao Chile suas provincias maritimas, sem um sério protesto de sangue, deixando a guerra nos hombros do nobre Perú, que nella se envolveram para cumprimento de sua fidalga palavra! Vós esquecestes tão ligeiro deste recente passado?!

Vós sois—*uns valientes*—mas toda a agua do Pacifico não poderá lavar as maculas das paginas do vosso anarchizado paiz.

Chamais-me de cavalheiro de industria ; os julgadores são assim mesmo, julgam os outros por si.

O que é certo, é que esta região enriquecida pelo suor e pela vida dos meus concidadãos, tem muito mais a perder que vós a ganhar com o vosso manifesto—*fin de siècle*—Cavalheiro de industria dizeis ; não precizo que me empresteis as vossas qualidades, as que possuo, meus patricios conhecem, bem como os vossos que aprisionei no *Chapury* ; aos quaes tratei com um fidalgo cavalheirismo, que sois incapaz de conceber, quanto mais de imitar. E note-se que não os tratei assim, porque fossem todos merecedores, bem ao contrario ; sem analyzar a vida de cada um, direi que o Juiz era um ébrio que aggredia nas ruas os transeuntes. Tratei-os assim porque esta conducta é a particular a todo o brasileiro. Não me deveis confundir com revolucionarios bolivianos, nós nos batemos por principios, temos a nossa bandeira. Dizeis que comprometti-me

com o Delegado Boliviano de *Porto Acre* a não me envolver em revolução. Esta grosseira calumnia não merece resposta.

Ainda dizeis que vos ataquei á frente de 150 homens; isto tambem seria uma calumnia, se não fosse palhaçada boliviana, pois bem deveis saber que vos batestes com um piquete de vanguarda composto de sessenta e tres homens, que foram vistos e contados por quantos o quizeram ahi. Desejando conhecer *de visu* a marcha do inimigo fui á frente desses 63 homens. Foi com esses 63 homens, tomados de sorpreza pelo inimigo emboscado, que vos dei as baixas que encobris na vossa proclamação.

Vós que vindes talando a propriedade desde que entrastes nesta região, vós que não podeis responder nem por vossa pessoa, tão nullas são as garantias de um official boliviano,—haja vistas ao que o Delegado fez ao Coronel Canseco, mandando revistar-lhe as bagagens por ladrão e outros insultos—vós, repito, é que vindes em proclamação offerecer ga-

rantias a meus patricios? Ao chegardes em *Empreza* deixastes a vossa soldadesca desenfreada arrombar casas, saqueal-as e matar seus moradores, que, apavorados, se occultavam em seus proprios leitos!

Isto não puzestes no vosso manifesto, mas é certo que o não podeis negar.

Empreza é um dos pontos mais povoados do *Acre*, entretanto que, com a chegada alli de vossos—bravos—, está deshabitada, fugiram todos, como se presenciassem uma moderna invasão dos vandalos. Estes actos de barbaria, passados na *Empreza*, serão a sombra protectora que a bandeira boliviana projecta sobre nós? Depois de tudo isto vindes quixotescamente offerecer garantias aos filhos de um paiz civilizado, cujo nome os ennobrece!

Lembrai-vos que á frente dos vossos valientes—sois apenas um esbirro de um Governo que envergonha e humilha a sua Patria em face da America e do mundo.

Lembrai-vos que esse Governo ainda ha pouco arrendou a soberania de sua patria a um syndicato de aventureiros extrangeiros. Se é certo que mais vale um soldado espartano que um general pretoriano, qualquer um maltrapilho dos meus tem mais nobreza que vós, porque ao menos elles sabem que— o que vós nem vosso Governo sabem «A patria não se carrega nas solas dos sapatos».

Outra é a minha posição; não estou a salario de ninguem, nem a serviço de despotas. A' frente de meus concidadãos estou cumprindo um nobre dever civico. Vêde, pois, que grande distancia nos separa. *Assignado.—José Placido de Castro—Coronel Commandante do Exercito Revolucionario Acreano.*

*
* *

Caquetá, 26 de Setembro de 1902 —Exm. Sr. Dr. Silverio Nery.

E' portador da presente o Sr. Tito Livio Torres, agente commercial na Bo-

livia, e que, desconhecida pelo Delegado Boliviano sua autoridade, tem que fugir, afim de escapar aos damnos que alli se praticam diariamente com Brasileiros que não querem satisfazer as perguntas sobre o estado das cousas concernentes á revolução. Deixo de esclarecer a V. Ex. alguma cousa sobre o que acima fica dito porque o Sr. Tito *baixa*, afim de prestar as informações devidas. Em seguida a esta remetto a V. Ex., por cópia, uma carta do Coronel Rodrigo de Carvalho, datada de 21 do corrente, bem como os topicos de uma outra datada de 20 na qual conta-me, com vistas a V. Ex., o primeiro ataque do Dr. *Placido* aos Bolivianos.

Como as noticias, de preferencia em tempo de guerra, discordam muito, é que remetto-as a V. Ex. taes quaes vêm de cima, afim de não assumir a responsabilidade de alguma que por qualquer circumstancia venha truncada. O celebre Cabral, de quem falla o Coronel Carvalho, é um brasileiro degenerado aviado

do Sr. Joaquim Victor a muito tempo partidario dos Bolivianos, e a quem eu já tinha aconselhado prender, pois que residia perto do *Barracão* do Sr. Joaquim Victor, e poupada esta parte acha-se o homem á frente dos Bolivianos fazendo as maiores façanhas, pois que é conhecedor do campo. (Seguem-se as cópias.)

Bom Destino, 21 de Setembro de 1902—Caro Carvalho—Hoje pelas 6 1/2 horas da manhã os Bolivianos capitaneados pelo celebre Cabral atacaram o barracão *Telheiro*, 5 minutos de canôa abaixo daqui. Apezar de lá haver um piquete, este descuidou-se e foram tomar café; nesta occasião é que deram o assalto no *barracão*, chegando a entrarem; todos desprevenidos fugiram sem ter tempo de defenderem-se; feriram um nos pés e levaram alguns prisioneiros; logo que daqui ouvimos o tiroteio fizemos marchar em soccorro um piquete, que lá chegando não mais encontrou o inimigo. Como vês, *Bom Destino* está prestes a ser atacado. Organizei tudo

hoje, e arregimentados temos 70 combatentes e uns 15 avulsos (sem armas). O Victor mandou chamar o pessoal dos centros. A lição foi boa, pois Victor é um pouco descançado e agora já não o é. E' necessaria a vinda urgente do João Martins para ir-se tomar *S. Jeronymo*; eu queria fazer hoje atacar *S. Jeronymo*, afim delles verem que *Bom Destino* está tão bem guarnecido que toma a offensiva; porém o Victor tem receio, e como não me convém discussões sigo hoje mesmo para *Bagaço*, afim de ficar aonde ha ordem militar; vou ver se o *Placido* para aqui vem.

Saudades do teu amigo certo—*Rodrigo*.

Bom Destino, 20 de Setembro de 1902. — Charo Carvalho. — Chegamos bem á 1 hora da tarde, ás 3 vinha de cima uma canôa tripulada pelo Hibé e Amaro que tinham subido remando o batelão que conduzio o armamento; Hibé foi portador da correspondencia do *Placido*; peço-te dares para baixo, e para Manáos na

integra os termos da carta de *Placido* que são os seguintes: De accôrdo com o que em carta te disse subi do acampamento *Liberdade* com toda a gente que lá estava acampada, 65 homens, afim de reunir-me á brigada do *Xapury* para irmos dar combate em *Gavião*; fiz a viagem por terra, tendo andado toda a noite de 17, passando na *Empreza* indaguei algo sobre a força boliviana, nada me puderam informar além do que eu já sabia, que era estar elles acampados no *Gavião*; confiante em ter o caminho desimpedido, porém guardando a cautela preciza, segui para a *Volta da Empreza*, abrindo eu a marcha com um pelotão de 35 homens; chegando no campo dei de cara com as forças bolivianas em posição de ataque, e sem tempo para mais colloquei nossas forças em ordem de combate e recebi de chofre á distancia de 200 metros a descarga cerrada; dei ordem de fogo e resisti quanto pude, causando a elles grandes perdas; como vês tirotiei-os porque era o unico meio que eu tinha, quando não

perderia toda a gente; de nossa parte perdemos um alferes, que foi um bravo, e tivemos oito feridos levemente nos pés; as perdas delles foram avultadas ao comparar-se com as nossas; a força delles compõe-se de 200 e poucos; fiz uma retirada esplendida e acho-me acampado no *Bagaço*, onde formei um bom exercito para de novo voltar á carga. Houve algum descuido da brigada do *Xapury* em não seguir as forças bolivianas, pois, se o tivessem feito como eu ordenei, agarrariamos elles entre dous fogos, o meu pela vanguarda e o do *Xapury* pela rectaguarda.

Temos trahidores, pois enganaram o José Galdino e orientaram os Bolivianos da minha subida; se eu tivesse ido por agua a derrota nossa seria completa; sahio-me o trumpho ás avessas, porém aqui onde já tenho 200 homens me preparei para novo ataque e por agua não receio que elles se atrevam a baixar.

Foi no dia 21 que recebi a correspondencia acima, do Coronel *Rodrigo de*

Carvalho, que partio daqui para *Bom Destino* a 20, encontrando logo correspondencia do *Placido*.

Os Bolivianos encontrados pelo *Placido* são contingentes vindos da Bolivia para *Porto Acre*, afim de augmentar os batalhões alli estacionados.

Como vê V. Ex., o *Placido* que de baixada já se achava em *Liberdade*, teve a noticia de subir novamente para a *Empreza*, afim de dar combate, encontrando os Bolivianos na *Volta da Empreza* e não no *Gavião*, como esperava. Agora que o Dr. *Placido* se occupa com os Bolivianos na *Empreza*, os de *Porto Acre* atacam alguns pontos onde julgam mais desprevenidos, conforme verá V. Ex. da copia de uma carta do Sr. Arco Verde, commandante das forças em *Bom Destino*, cuja recebi ás 10 horas da noite de 24.

Copia: *Bom Destino*, 24 de Setembro de 1902.—Illm. Sr. Capitão Serafim.—Comprimento-o desejando-lhe a melhor saude e a todos os companheiros dahi, a quem me recommendo.

No dia do ataque do *Telheiro*, á tarde, esteve aqui o Quincas Carneiro, que disse-nos que de passagem na *Floresta* os Bolivianos disseram que haviam prendido 6 homens e deixado 3 mortos no combate; essa noticia provocou riso a todos nós que ouvimos, mas á tardinha certificamo-nos da verdade, porque o piquete que foi render ao que se achava no lugar do occorrido desde manhã encontrou na praia, pouco abaixo do porto, 3 cadaveres amarrados. Deixo de contar tudo porque agora mesmo, 10 horas da noite, digo 10 horas da manhã, fomos atacados justamente quando eu lhe estava escrevendo. Debaixo de vivo fogo avançámos para as trincheiras e repellimos o inimigo, que deixou um homem morto no campo. O nosso pessoal distinguio-se heroicamente. Deixo de lhe ser mais extenso por temer nova sorpreza. O combate durou 1 hora e 10 minutos. Acreditamos que elles estejam na mata e sejamos atacados á noite. O fogo foi acompanhado de vaias da nossa parte.

Tenho fé em Deus que sahiremos victoriosos. Mande-me munição e gente, pois, o inimigo é trahidor, e sem elementos não podemos resistir. Viva o Brasil! Viva o Estado independente do Acre!— *André Arco Verde.*

P. S. — Sómente o Marcos ferido na pá, e Manoel Candido no pé. Fomos reconhecer o campo de combate e encontrámos um official e dous soldados bolivianos mortos, bem como encontrámos cinco armas, muita munição de Mauser, um revólver, terçados, capas finas, cobertores, cinturões, etc., etc. Nossos soldados estão muito animados. — *A. Arco Verde.*

Assim tenho relatado a V. Ex. todos os ultimos occorridos no *Acre*, não tenho fallado ainda do Dr. Gentil o que vou fazer. Dr. Gentil tem sido irreconciliavel inimigo do Coronel R. de Carvalho, sem razão para tanto, e o proprio Superintendente do *Antimary* nada adiantou em tal sentido. Pelas cópias de cartas que remetto a V. Ex. vê que me pe-

dem gente; esta gente é o pessoal do baixo *Acre* que ficou de subir ao primeiro chamado, o que não tem feito devido ao Dr. Gentil que vive para aquellas bandas. Ultimamente foi ao *Antimary*, onde com o auxilio de Antonio Custodio, parece-me ter arranjado um pouco de munição, seguindo mais até o...(?) no mesmo sentido. O pessoal de baixo com que elle esteve quando seguio tal rumo e aguarda a chegada do referido doutor para então subirem, procedimento este que não está de accôrdo com as disposições combinadas. Agora mesmo chega-me um portador meu de baixo com a noticia de que o Dr. Gentil estará aqui por estes dous dias. As correspondencias nesta região têm as assignaturas do seu conductor, e não ha em tal ponto receios. Actualmente estou no barracão *Caquetá* com o Dr. Bandeira (formado em pharmacia), e que foi designado para tratar dos doentes da revolução; bem como o destacamento, e vejo-me completamente desarmado, sujeito mesmo a um ataque pois que, apezar da

boa munição, que trouxe, os detonadores das armas são curtos e não pegam bem as espoletas do cartuchame.

Fico aguardando o dia do ataque a *Porto Acre* para ver as probabilidades futuras; e então demorar-me mesmo ou seguir a apresentar-me a V. Ex.

Satisfeito de ter adiantado alguma cousa, subscrevo-me, etc., etc.—*Serafim de Carvalho.*

Acaba de chegar da *Liberdade* um portador sem correspondencia, mas que noticia terem as tropas bolivianas feito os maiores estragos por onde passavam, matando todos os Brasileiros que encontram. De tal fórma a indignação vai acceleradamente tornando-se geral, e dentro em muito poucos dias não teremos um só Acreano que não seja um combatente. Acredito estar nesta circumstancia o principio da victoria.—*S. de Carvalho.*

*
* *

Acampamento em Panorama, aos 27 de Setembro de 1902 — Exm. amigo doutor—Manáos.

Capêa a presente uma carta do meu amigo *José Placido de Castro, commandante em chefe do exercito revolucionario;* V. Ex. a lerá, e tomará as providencias que ella requer; não só eu *como todos os demais companheiros estamos de inteiro accôrdo e pedimos a V. Ex. que nos soccorra.*

A abnegação dos nossos compatriotas Acreanos é a maior possivel, ella tem tocado ao extremo do sacrificio; se formos abandonados, será a maior ingratidão que se praticará; eu nunca duvidei do doutor e a todos isto tenho garantido, *de fórma que seu nome é querido e respeitado por todos os nossos compatriotas que estão debaixo do jugo dos selvagens Bolivianos.*

Sempre e sempre, etc., etc.—*Rodrigo de Carvalho.*

*
* *

Acampamento em Liberdade, 25 de Setembro de 1902—Carvalho.—Prezado

amigo. Embora eu pudesse fallar-te em pessoa facilmente, deixo de ahi chegar, e te fallo por escripto por conveniencia mesmo do assumpto.

Como sabes, sou pela minha vida *modesta pouco conhecido em Manáos, apezar de alli morar, menos conhecido ainda o sou da pessoa a quem quizera expôr os factos da revolução, seu estado actual, sua duração provavel, etc.* Tu pelas relações pessoaes que tens com o Dr. *Ssiels-vresriery* poderás fazer tudo isto.

Passo a expôr-te: A revolução do *Acre* hoje é um movimento armado que já merece o nome de guerra; nós, como vês, nos organizamos pouco a pouco, nossos concidadãos vão comprehendendo a necessidade de unidade de vistas e começam elles mesmos, como vês, a prégar a obediencia ao Commandante em chefe das forças, cuja autoridade não tem sido por ninguem contestada.

Como vês, nossos concidadãos armados, no *Alto Acre,* desceram em cumprimento de minhas ordens, vencendo

difficuldades que tu bem sabes. Em *Catuába*, *Bagaço* e *Bom Destino* é como tu já viste, principalmente em *Bom Destino*.

Mas isto não é tudo, é precizo alguma cousa tão necessaria a este movimento como o combustivel á caldeira: —é o armamento e munição, pois, como sabes, ha quasi dous annos aqui não entra munição nem armamento.

Armo 400 homens e para municial-os todos tenho que dar 60 tiros a cada um para com esta munição fazer toda a guerra! Como sabes, recebemos de baixo sómente 26.000 tiros, isto se gasta em um pequeno combate, e depois os que se succederam, o que necessariamente acontecerá, pois a Bolivia está fazendo toda a sorte de sacrificios para mandar forças para aqui. Supponha que não mande, o que é uma hypothese mais favoravel embora menos provavel, com que irei atacar uma praça fortificada como *Porto Acre*? em cujo sitio não podem ser gastos menos de 100.000 tiros? isto tudo é necessario considerar-se. Além disso sabes que

actualmente tenho mais de 100 homens desarmados e se isto continuar assim amanhã terei que fazer talvez um sacrificio que podia deixar de fazer se tivesse armas e munição. *Das armas que nos vieram de baixo* 10 % estavam, como sabes, inutilizadas pela agua e pelos choques, devido á avaria do *Maria Thereza* ; além disso só nos vieram ás mãos 135, inclusive as arruinadas.

Munição sómente 26.000, quantidade esta inferior á que certos barracões traziam.

Este é realmente o nosso estado ; tenho homens, mas não tenho armas e munições e qualquer um dia acharei necessario para salvar a honra da revolução e a minha pessoal a um sacrificio maior que o do dia 18. Agora vês o inimigo cheio de armas, munições e fardamentos.

Não será possivel que expondo esta verdade núa e descarnada como te mostro, o nosso Dr... nos dê um ajutorio capaz de influir na balança da guerra ? Apenas 250 rifles ou de preferencia ar-

mas de calibre reduzido e polvora sem fumaça e uns 100.000 tiros era o sufficiente para prestar-nos muitos serviços.

Escreve a elle e expõe o que nesta te mostro e tenho esperança que seremos servidos, pois as rendas desta região são tão grandes.

Se não fores attendido continuarei a lutar com constancia inquebrantavel; se me faltar a coragem ainda espero que fique o sentimento do dever, nobre impulso que muito ergue os homens. Não é necessario que te diga que votei minha mocidade e o amparo de minha velha mãi a esta guerra que faço neste prolongamento da Patria. — Teu amigo, *José Placido de Castro.*

*
* *

Acampamento em Panorama, 27 de Setembro de 1902—Illm. amigo Dr. Martins — Boa saude lhe desejo. Hontem, pelas 2 1/2 horas da tarde, sahio de *Liberdade* o batalhão *Acreano* com um effe-

ctivo de 200 praças, para vir acampar aqui, perto do inimigo, 1 hora por terra e 1 1/2 por agua ; eu, Coronel *Placido* e Alexandrino com um piquete de seis praças viemos por agua, tendo aqui chegado ás 7 horas da noite, pois em *Liberdade* o Coronel *Placido* teve aviso que um velho brasileiro estava sendo traidor e poz-lhe no encalço seis homens ; esta medida é que retardou-nos a viagem.

Logo que chegámos a este porto fomos sorprendidos com a grata noticia de que o Coronel José Galdino, com a brigada do *Xapury*, tinha hontem acampado em *Riosinho*, uma hora por terra do inimigo, e pedia ordens ao Coronel *Placido*; este, conhecedor do terreno, trabalhou toda a noite organizando um mappa de combate e dando instrucções ao Coronel José Galdino, bem como dizendo achar-se prompto para dar combate e que o dia fosse marcado pelo Coronel Galdino ; por terra faz-se a viagem em 4 1/2 horas devido a ser necessario ganhar-se os centros da *Empreza* e do *Bagé*.

As forças do Coronel José Galdino compõem-se de 300 homens, e o batalhão *Acreano* de 260 praças, pois, mandou-se recolher todos os piquetes esparsos pela matta, excepto a guarnição do *Bagaço*.

O inimigo compõe-se de 250 homens de linha sob o commando do Coronel Rozendo, Ajudante General do Exercito boliviano; estão muito bem entrincheiradas, e as trincheiras mascaradas por baixo e cima com panno azul; além das casas Leão Hirsch, Ipiranga, e Costa, que estão entrincheiradas, pois tomaram-n'as.

Nossa victoria é quasi que certa devido á vontade do nosso povo em combater e á disciplina e organização que deu-lhe o Coronel *Placido*.

A officialidade do batalhão *Acreano*, do qual é Commandante o Tenente-Coronel Alexandrino José da Silva, é composta de jovens que nenhuma desillusão têm, e já tomaram parte com o Coronel *Placido* na escaramuça, tendo-se todos portado valentemente.

(Nesta escaramuça perdemos, entre mortos, feridos e extraviados 26;) o inimigo teve 11 mortos (soldados), 4 officiaes e feridos trinta e tantos; esta noticia é a veridica.

Eis a officialidade do batalhão *Acreano*: Commandante, Tenente-Coronel Alexandrino José da Silva; Major, José Antonio Duarte; Tenentes: Clynio Tavares Brandão, Antonio Souza Coelho, Julio Pessoa, José Fernandes Mendes, Raymundo Nonato e Antonio Rego; Alferes: Faustino Lopes, Raymundo Gustavo, Jonas Ferreira de Andrade, Francisco de Braz Mello, Firmino Ferreira, Manoel Lucas Galvão e Theodoro Costa; não tem capitães a que depois do combate, serão promovidos os tenentes que mais distinguirem-se.

Como sabe o doutor, a guerra, segundo as conveniencias, muda constantemente de programma, e como o Coronel *Placido* está avisado de que no rio *Orton*, barracão *Mercedes*, acha-se uma força de exercito de 100 homens recru-

tando gente, afim de organizados virem para *Porto Acre*, para lá vai seguir com 350 a 400 homens, não só para combatel-os como para tomar-lhes o armamento e munição, pois *Mercedes* é o arsenal de guerra do Nordéste boliviano; em seu regresso virá incendiando tudo; a viagem, ida e volta, demanda 15 dias, e é feita via *Gavião* e *Capatará*.

Eu e o Coronel José Galdino, depois do cambate da volta da *Empreza*, baixaremos com o resto da tropa e feridos (por agua) para *Bom Destino*, onde começaremos o cêrco de *Porto Acre*, aguardando apenas a chegada do Coronel *Placido* para dar-se o combate.

Antes de descermos teremos que aprisionar o gado boliviano. Para as forças que seguem para *Mercedes* só levarão gado para a viagem de ida; de volta, por lá arranjarão porque é cousa que não falta. Contamos que em fins de Outubro teremos a guerra terminada: ella está sendo vagarosa, porém é necessario assim ser para o exito ser real.

Para ahi baixaram os Srs. Leão Hirsch, Pergentino Eucrasio Corrêa, V. Parente e outras victimas dos Bolivianos que, além de assaltarem suas casas, mataram gente ; tambem para ahi foi o Sr. Ipiranga.

As forças da revolução actual, em pé de guerra e acampadas, compõem-se do seguinte :

Batalhões — *Bom Destino* e *Pelotas* —250 soldados, fóra officiaes.

Batalhão—*Acreano*—300 soldados.

Batalhão—*Xapury*—300 soldados.

O *fábrico* está todo parado ; só se cuida da guerra.

Se os aviadores não trouxeram mercadorias em Dezembro, morrerá muita gente á fome. *A Junta revolucionaria e o Commandante em Chefe Coronel Placido contam muito com o doutor, que, estou certo, providenciará, afim de nossos pobres patricios não morrerem de fome ;* os mais sacrificados são aquelles que tiraram o pessoal do trabalho e á revolução tudo têm fornecido; portanto, pagas as despe-

zas da actual guerra, os minorará em muito; a todos tenho garantido o pagamento *conforme o doutor ahi commigo combinou; e para dar vigor á causa, aos chefes tenho-lhes dito tudo que se passou entre eu e o doutor.*

São dignos de todo o elogio, entre muitos, os companheiros Joaquim Victor da Silva, José Galdino Marinho, Francisco de Oliveira, Raymundo Barbosa Leite, Joaquim Alves Maia, Hypolito Moreira, João Xavier, João do Monte, José Antonio Duarte, Basilio, etc., proprietarios do *Acre* revolucionado, que tudo quanto têm puzeram á disposição da revolução, inclusive o Sr. Macedo, de nacionalidade portugueza.

Nunca houve uma revolução tão bem preparada no Acre, a qual tem como lemma —ordem e respeito a tudo e a todos.

Estamos a espera de tres piquetes que foram prender tres barbaros, villões Brasileiros, que são traidores e de tudo quanto se passa aos Bolivianos vão contar, inclusive o ensinarem-lhes os cami-

nhos pelas mattas; vão ser todos fuzilados diante da tropa; um delles foi o que preparou a emboscada boliviana contra o Dr. *Placido*. O tal Cabral, quando baixarmos, se cuidará delle.

Acabámos de ter a seguinte informação de *Volta da Empreza*, dada por quem assistio aos castigos, pois o Coronel Rozendo chamou quem n'as veio dar, para mostrar, dizendo: assim é que eu tratarei os prisioneiros que sejam officiaes, não os fuzilo, porque com este castigo podem viver talvez oito dias.

O Secretario do Commando em Chefe, Tenente-Coronel Raymundo Vianna, que foi no Ceará tabellião publico e solicitador, cahio prisioneiro no dia da escaramuça, e applicaram-lhe o seguinte barbaro castigo: sentado no chão, com as pernas curvas e os braços curvos, passados um por dentro e outro por fóra das pernas, passaram nas curvas das pernas e braços uma Comblain bem amarrada; outra debaixo dos sovacos, outra nas costas e outra no pescoço; na boca

amarraram-lhe uma mordaça, á fórm
de freio (um tollete de páo bastant
grosso), só o tiram para dar-lhe de come
sardinhas e xarque ; agua, bebe com
mordaça ; sendo Raymundo Vianna ho
mem de seus 42 annos, julgamos que j
tenha fallecido.

Cahio em nosso poder uma carta d
Coronel Rozendo, na qual elle diz: venh
fallar commigo com urgencia sobre se
barracão, que o queremos entregar, poi
estamos nos preparando para descermo
para *Porto Acre*.

O Coronel Rozendo para mostra
que é sanguineo só escreve com tint
vermelha como sangue.

Outra delle: o vapor *Rio Affuá* est
encalhado pertinho da *Volta da Empreza*
e desde que começou a revolução ten
estado embandeirado em arco com ban-
deiras brasileiras ; pois bem, o Coronel
Rozendo tomou-o e nelle entrincheirou
um piquete de 15 homens.

O immediato não quiz consentir em
tal, allegando ser um crime que a Bolivia

praticava; respondeu o Coronel Rozendo pagaremos o prejuizo que soffrer o vapor; o immediato e a tripulação querem abandonar o vapor e fazerem o protesto, porém sentem-se receiosos de o fazer, além de que não temos autoridade consular, pois, como sabe o doutor, esta fugio de *Porto Acre* para não ser presa.

Acabo de receber do *Bom Destino* noticia exacta do assalto; ficaram mortos no campo de combate dous soldados e o Tenente Rema, bolivianos; muita munição Mauser, seis armas Mauser, dous revólvers, uma capa hespanhola, bonets, etc.; os Bolivianos fugiram vergonhosamente, levaram muitas cordas para amarrarem os que fizessem prisioneiros. Só tivemos dous feridos, um por arma e outro por estilhaços de vidros que as balas quebravam.

Não dou mais pormenores porque o correio da revolução, a serviço della, vai partir para *Bom Destino*.

Como sempre, etc., etc. — *Rodrigo de Carvalho.*»

Acampamento em Panorama, 28 de Setembro de 1902—Exm. amigo Dr. — Tenha a bondade de aceitar meus sinceros comprimentos.

E' apresentante desta o meu amigo e grande companheiro Joaquim Victor da Silva, que desce especialmente a *Manáos*, a tratar dos festejos que por cá andamos fazendo. Elle tudo explicará ao doutor e conto que o doutor receba-o bem, *e nos mande por elle os recursos que necessitamos*.

Por estes tres dias devemos ferir combate na *Volta da Empreza*; o que succeder escreverei.

Conto e companheiros que V. Ex., receberá como merece o nosso bravo amigo Joaquim Victor.

Com consideração, etc., etc. — *Rodrigo de Carvalho*.

*
* *

Cópia—Acampamento das Forças Revolucionarias do Estado Independente

do Acre em *Bom Destino*, 29 de Setembro de 1902.—Illm. Sr. Coronel José Placido de Castro, M. D. Commandante em Chefe do Exercito Acreano.

Passo a vossas mãos a cópia da ordem do dia 2, na qual vereis o historico do combate de 24 do corrente.

Quanto á superioridade numerica do inimigo, que parece exagerada, este commando baseia-se em informações fidedignas do cidadão Joaquim Domingues Carneiro, que assistio a passagem de oito canôas e um batelão no porto da *Floresta*, com soldados bolivianos, e de um dos presos do *Telheiro*, que o inimigo trouxe para guia, e poude conseguir evadir-se na occasião do combate.

Esse homem chama-se Laurentino e acha-se doente no centro, devido a torturas soffridas em *Porto Acre*, garantio-nos ter assistido a sahida de cem soldados, não incluindo os officiaes, sob o commando do Coronel Manoel Canseco.

Procurei, portanto, ser conciso, nada adulterando.

Tomo a liberdade de recommendar a vossa Justiça os officiaes e inferiores que mais se distinguiram no combate.

Quanto ao que fallais em vosso officio dirigido ao Major Fiscal sobre o ataque ao inimigo pela rectaguarda, este alvitre foi aqui lembrado na occasião, mas, impossivel de pôr em pratica, como vereis na parte referente na ordem do dia. Apezar da retirada precipitada do inimigo, o que não era de suppôr pela sua superioridade, os commandantes das trincheiras e quartel deixaram de perseguil o para não desguarnecer o acampamento, o que poderia dar máo resultado caso o inimigo tivesse dado este passo por estratagema, como tem succedido em casos identicos.

Faço votos pela vossa victoria ahi e ao mesmo tempo congratulo-me comvosco pela obtida aqui pelas forças, sob o vosso commando em chefe.

Saude e fraternidade—(Assignado) *Ladisláo Ferreira da Silva*, Major-commandante.

*
* *

Cópia — Acampamento das forças revolucionarias do Estado Independente do Acre, em Bom Destino, 25 de Setembro de 1902 — Ordem do dia n. 2 — Camaradas — Fostes testemunha ocular do modo selvagem por que os Bolivianos atacaram a casa de residencia do nosso patricio Pedro Martins, no dia 21 do corrente, sendo elle obrigado, afim de salvar a existencia, a abandonar até a propria familia, fugindo para as mattas; vistes mais tarde que de nove homens que se achavam na referida casa e foram presos, elles assassinaram barbaramente, deixando na praia, pouco abaixo do porto do *Telheiro*, os infelizes Manoel Alves Feitosa, Florencio Augusto e Alexandrino Barroso, com as mãos atadas e expostos ás aves de rapina.

Os tiros foram ouvidos neste acampamento, e este commando providenciou incontinenti, fazendo partir para o lugar *Telheiro* um piquete sob o commando do Tenente Livio Vieira de Queiroz, cuja missão desempenhou com a bravura

digna do soldado acreano, não conseguindo, porém, descobrir os cadaveres dos tres infelizes porque soube, por informações da familia de Pedro Martins, que todos tinham sido presos, e mesmo porque não era de suppôr que a selvageria daquelles barbaros chegasse ao ponto de assassinar homens inermes, que sem oppôr a menor resistencia se entregaram á sua ferocidade. Mais tarde, porém, mandei outro piquete sob o commando do 2º sargento Eufrosino de Paula Maria para render ao primeiro, e este nas pesquizas que procedeu encontrou os tres cadaveres já em estado de decomposição, os quaes foram trazidos e sepultados no cemiterio de *Bom Destino*, onde se acha este acampamento, com a decencia a que a tinhamjús.

Este procedimento tão reprovavel quanto barbaro do inimigo, foi praticado para intimidar-vos, mas felizmente, produzio effeito contrario, incitando-vos a continuardes com mais ardor e abnegação em pról da causa que

defendemos. Sedento de mais sangue de nossos patricios, o inimigo voltou hontem a este acampamento procurando sorprender-nos, ás 10 horas da manhã, por ser esta a hora da refeição; mas que não conseguio, devido á nossa bravura e patriotismo.

Os Bolivianos desleaes e barbaros como soem ser, affeitos a commetter actos de selvageria proprios de sua indole, tomaram chegada ao nosso acampamento protegidos pela matta, e ainda uma vez tentaram sorprender a sentinella que soube cumprir o seu dever, dando tres tiros de alarma, signal este combinado e posto em pratica em ordem do dia, e em carreira vertiginosa, debaixo de grande tiroteio, conseguio chegar ás trincheiras sem a menor lesão. Incontinenti o Major Fiscal André Pinheiro de Albuquerque Arco Verde, que se achava na secretaria com o Tenente Livio Vieira de Queiroz, correu acompanhado deste official e dos bravos soldados José de Miranda Costa, Arsenio Campos, Flo-

riano Joaquim de Oliveira, Balthazar de Brito Araujo, José Thomaz de Aquino e Raymundo Lourenço Barbosa, debaixo de vivo fogo de fuzilaria inimiga, e tomou posição nas trincheiras, afim de tolher o inimigo, que avançava pela margem direita do rio, para tomar posição no flanco esquerdo, em quanto occultos na matta outros entretinham vivo fogo sobre o quartel e trincheiras. Cortado esse passo ao inimigo elle recuou e tentou estender suas linhas pela rectaguarda, no que foi impedido pelo bravo Capitão Daniel Ferreira Lima, que se achava no quartel com os não menos bravos Alferes: José Ferreira Braga e José Athayde e os soldados: José Cassiano, João Corrêa, Benicio Manoel Guimarães, Clodomiro Pompeu, Pedro Martins Chaves, José Vieira, Francisco Corrêa, Amaro Antonio, Manoel Candido, Marcos Evangelista, Guilherme Barreiros Paz, José Soares de Araujo, Tenente Antonio de Salles, 2º sargento José Candeira, Alferes José Firmino, soldado João Martins Caxias, Alferes João

Baptista, soldados: Francisco Antonio, Eleuterio Martins Jorge, Francisco Rodrigues Guimarães, José Miguel da Costa, Henrique Vicente Ferreira, Raymundo José dos Santos, Evaristo da Costa, Antonio Augusto de Lima, cabo de esquadra Luiz Estevam Pereira, soldados: Manoel Corrêa de Mello, Felippe Rodrigues da Silva, Antonio Arruda de Souza, Francisco das Chagas Araujo, Francisco Miguel da Silva, Laurindo Fernandes Ribeiro, Adelino Alves de Souza, Raymundo Lourenço de Sant' Anna, Pedro Celestino de Amorim, Antonio João, Vicente Soares da Cunha, Joaquim de Barros, Domingos Gomes dos Santos e Tenente Izidro da Silva Santos.

Officiaes, inferiores e soldados mostraram bravura e abnegação condigna do soldado brasileiro, que não trepida em sacrificar a vida em defeza da patria ultrajada.

Torna-se precizo nomear o Tenente Coronel da Guarda Nacional do Estado

Independente do Acre, Abilio dos Santos Freire da Rocha, que se achava fóra do acampamento, e correu a tomar parte no combate, não levando em conta as balas do inimigo que o perseguiram, e, uma vez dentro do quartel, tomou lugar, na primeira linha de atiradores, demonstrando muito valor. O inimigo tentou avançar por duas vezes, mas os tiros certeiros das trincheiras e do quartel fizeram-n'o recuar e tocar retirada em debandada, deixando tres mortos no campo do combate, inclusive um official em cujo cadaver foi reconhecido o Tenente Rema, do 3º batalhão boliviano. Apenas tivemos a lamentar um ferimento leve, que soffreu o distincto soldado Marcos Evangelista, que se acha em tratamento.

O inimigo, como presenciastes, correu vergonhosamente, abandonando no campo tres cadavares, que foram sepultados neste acampamento. Abandonaram mais cerca de 1.500 balas de Mauser, diversos kepis, capas de borracha, cal-

çados, talins, cobertores, cinco armas, quatro em perfeito estado, e dous revólvers, baionetas, etc.

Camaradas, é esta a victoria mais honrosa que se tem ganho no Acre!

Nunca os Bolivianos abandonaram seus patricios mortos ou feridos em combate, nem tampouco suas armas e munições.

Foi muito justa a punição divina ás barbaridades commettidas por aquelles selvagens nos Brasileiros sorprendidos e assassinados no *Telheiro!*

Camaradas, a nossa victoria foi dupla, em vista da superioridade numerica do inimigo. Como sabeis, fomos atacados por cerca de cento e vinte soldados sob o commando do Coronel Manoel Canseco, e sómente a derrota desse official constitue uma victoria dupla, por isso que é considerado o *Napoleão boliviano*. Dos 96 soldados sob o meu commando, sómente 50 compareceram ao combate, e apenas 22 puderam operar de accôrdo com a posição em que foram

collocados, sendo 14 no quartel, que préviamente fôra entrincheirado, 8 nas trincheiras, inclusive os commandantes, e 7 que se achavam commigo, e o Capitão Martinho Francisco de Souza em serviço fóra do acampamento, com os quaes, na occasião do ataque, protegi a rectaguarda do flanco esquerdo, e em cujo serviço muito se distinguio este official, por quem mandei reconhecer o campo abandonado pelo inimigo meia hora depois de ter cessado o fogo.

Durante o combate 38 soldados, inclusive alguns officiaes, abandonaram suas posições, não levando em conta as vidas de seus irmãos, que tão heroicamente se batiam pela causa santa da patria

Apezar de ser esta falta digna de punição severa, resolvo, em attenção a terem voltado no mesmo dia ao acampamento e aos protestos de arrependimento que fizeram, dispensal-os da falta commettida e consentir que continuem gozando das mesmas prerogativas, exce-

ptuando-se o ex-Alferes Antônio Camillo da Silva, que por ordem superior foi destituido do posto.

Ficam, desta data em diante, promovidos ao posto de 1º sargento por acto de bravura verificada no combate de 24 do corrente, o soldado José de Miranda Costa, e ao de 2ºs sargentos por merecimento os soldados José Lindolpho da Silva e Manoel Corrêa de Mello, em cujo gozo entrarão desta data em diante.

Camaradas, a Patria agradecida continúa a confiar nos vossos esforços e abnegação, e eu, na qualidade de commandante, orgulhoso pela victoria obtida ao vosso lado, abraço-vos em nome della, certo de que o vosso nome passará á posteridade.

Viva o Estado Independente do Acre !

Viva o Brasil !

Viva o Exercito Acreano !

(Assignado) *Ladisláo Ferreira da Silva*, Major-commandante.

*
* *

Reservada — Exm. Sr. Dr. Silverio Nery.

Caquetá, 3 de Outubro de 1902.

Depois da minha ultima correspondencia a V. Ex., enviada pelo meu amigo Coronel Attilio Nery, novos e importantes acontecimentos obrigam-me a relatal-os minuciosamente e por elles V. Ex. continuará a julgar da minha lealdade nas informações que mandei a V. Ex. e da opportunidade das minhas observações e pedidos.

Estamos lutando com difficuldades extraordinarias, graças a facilidade com que o Coronel Carvalho aceitava e já considerava como factos consummados todas as promessas que lhe faziam, sem que de nada lhe servissem de lição os acontecimentos da revolução de 1900.

Os segredos da revolução eram proclamados em *Caquetá* diante do ultimo criado, não se tinha a minima reserva. Os proprios inimigos recebiam cartas de tal modo compromettedoras para a Revolução que ficavam pasmados, tal era a

ingenuidade de quem as enviava, na santa persuasão que seriam elles traidores á sua patria e á sua honra aos primeiros tiros dos revolucionarios. O resultado de politica tão imbecil está se demonstrando com os ultimos acontecimentos, bastante dolorosos para nós.

A verdade é esta, núa e crúa : os elementos mandados são nullos ; o relatorio que enviou a V. Ex. o Sr. Rodrigo de Carvalho é a causa de tantas desgraças, e, quem sabe o que acontecerá para o futuro ?

Não temos armas nem munições. Com sacrificio pessoal e responsabilidade particular consegui ainda arranjar 26.000 tiros que vou mandal-os para cima nestes tres dias.

Do *Xapury* não veio nem a *quarta parte* (!) do que se esperava. José Galdino até agora não appareceu nem virá. Por infelicidade acabam de chegar á *Empreza*, perto da boca do *Riosinho*, 200 Bolivianos bem armados. No dia *18* do mez passado houve um combate na *Volta*

da Empreza entre as nossas forças e o inimigo. Nós tivemos dous officiaes mortos, oito soldados e 12 prisioneiros, e 15 a 18 extraviados.

Os inimigos tiveram dous officiaes e seis soldados mortos, como elles mesmo confessam, e feridos, cujo numero não sabemos. Em *Bom Destino* houve tambem um pequeno combate, deixando os Bolivianos mortos no campo dous homens e levando muitos feridos. Nós não soffrêmos perda nenhuma. No *Telheiro* elles sorprenderam uma força nossa, aprisionando nove homens, dos quaes fuzilaram logo tres. O povo está um pouco desanimado com a falta gravissima de armas e munições. V. Ex. não dê credito ás informações exageradas que lhe são enviadas. Precizamos de armas e munições com a maxima urgencia.

A força do *Baixo Acre*, commandada pelo nosso dedicadissimo amigo Coronel João Martins, segue por estes dias para o theatro da luta e com ella irei eu, levando as munições que pude ar-

ranjar. Mais uma vez peço a V. Ex. tomar em consideração o que tenho dito em cartas passadas.

Esperando as ordens de V. Ex , etc., etc. —*Gentil Norberto*.

N. B.—Junto desta vai uma cópia da carta escripta pelo Coronel Rojas, commandante das forças bolivianas em *Volta da Empreza*, para D. Luiz Romero, actualmente em *Puerto Acre*.

O correio, que era um Brasileiro traidor, foi mandado pela madrugado do dia 30 de Setembro para *Bom Destino*, mas fugio em caminho, *não se sabe como*. — *Do mesmo*.

*
* *

Caquetá, 3 de Outubro de 1902.— Exm. Sr. Dr. Silverio Nery.

Nesta data faço baixar para ahi o Cabo de meu destamento Americo P. Monteiro, que segue exclusivamente para ser portador da presente correspondencia, e mesmo precisar de um pro-

prio; pois não quero entregal-a ao Sr. Joaquim Victor que segue com uma carta do Coronel Rodrigo de Carvalho, afim de entender-se com V. Ex. sobre a revolução.

O Sr. Joaquim Victor é o futuro Presidente do Acre em caso de victoria ; no emtanto baixa agora quando muito é preciso na frente de 200 homens de que dispõe em seu seringal *Bom Destino*.

E' dos que pensa dever V. Ex. fazer toda a revolução ; isto é, concorrer com todas as despezas.

Pela carta do Dr. *Placido* verá V. Ex. as difficuldades previstas e, como torna-se inconveniente a baixada do Sr. Joaquim Victor, como uma das figuras salientes na revolução. As traições e desgostos nos revolucionarios são factos muito communs, e que têm dado perda de causa. Só resta de esperanças o desespero em que se vê o Dr. *Placido* que de dia para dia torna-se mais heróe, e não retrocede perante este desanimo, ou aquella difficuldade.

Estou passando aqui com o pouco pessoal de meu destacamento da fórma mais ingrata possivel, dormindo até nas trincheiras que construi ; pois não será um facto extraordinario ser atacado pelos Bolivianos, que não trepidarão em levar munições aos seus companheiros de cima, fazendo uma volta por terras brasileiras, facto este que providenciei juntamente com o Dr. Genttl, mandando 12 paizanos atacal-os quando entrassem no territorio brasileiro, de cujo desenlace ainda não tive resposta.

Acredito já ser preciso apresentar-me a V. Ex., e seguirei na primeira opportunidade.

Toda correspondencia vinda de cima, apezar de vir alguma com o nome do Dr. Enéas Martins, segue para V. Ex. de menos uma carta que vai annexa. Sem mais assumpto, etc., etc. — *Serafim Leopoldino de Carvalho.*

*
* *

Volta da Empreza, 18 de Outubro de 1902—Exm. amigo Sr. Dr. Silverio Nery.

Tomo a liberdade de apresentar a V. Ex. o meu amigo e distincto revolucionario Tenente-Coronel Francisco de Oliveira; é um Acreano de valor e que muito se tem esforçado pela causa, concorrendo com grande pessoal.

A carta na qual peço a V. Ex. para concorrer com meios para expatriação dos officiaes bolivianos, por conveniencia, será entregue pelo meu amigo e não pelo Dr. Gentil Norberto; este vai acompanhando os officiaes sómente pela necessidade que a boa marcha da revolução tem direito de arredal-o daqui, afim de não perturbal-a.

A consideração que V. Ex. dispensar ao meu amigo, será por mim tomada como feita a quem tem a honra de subscrever-se, etc., etc. — *Rodrigo de Carvalho*.

*
* *

Exm. amigo Sr. Dr. Silverio Nery — . . . Esta segue em mão do Sr. Dr. Gentil Norberto que ahi vai especialmente acompanhando os officiaes bolivianos, inclusive o Sr. Coronel Rozendo R. Rojas que cahiram prisioneiros.

Tanto eu como o meu amigo Coronel *Placido* e todos os demais companheiros, sentimo-nos satisfeitos com a rendição do Coronel Rojas, porque tivemos occasião de desmentir, por completo, a idéa que na Bolivia fazem do caracter do povo brasileiro, especialmente dos Acreanos; os prisioneiros têm sido fidalgamente tratados, e a nossa tropa nenhum desacato ou palavra offensivas lhes tem dirigido. A raiva que todos tinham na occasião do sitio e fogo cessou; e hoje, elles só nos causam compaixão e mesmo admiração, pela heroica resistencia que sustentaram em fogo nutrido dia e noite durante 260 horas: renderam-se á falta de munições e agua, pois esta faltou-lhes durante 36 horas; tivessem elles agua e a resistencia seria

maior. Causa-nos compaixão, a nós revolucionarios, porque somos testemunhas do valor que mostraram ; valor, que talvez em toda a Bolivia não seja igualado ; apezar da resistencia heroica que oppuzeram, rendendo-se sómente porque as circumstancias eram taes, que o Coronel Rozendo teria que escolher: ou renderem-se com honra, ou morrerem todos, cousa inevitavel desde que se désse o assalto, porque não haviamos de vêr nossos companheiros e amigos morrerem sem serem vingados.

Como o Consulado boliviano não tem dinheiro, nem credito, é bem possivel que deixe estes homens ahi sem recursos para volverem á sua patria ; eu, Coronel *Placido* e todos os Acreanos pedimos a V. Ex. para que a generosidade que aqui mostramos de accôrdo com nossos corações, seja ahi secundada, com subscripções em favor delles, afim de partirem para *La Paz*.

Por estes poucos dias sigo para ahi, afim de tratar de negocios da revolução,

bem como fazer como das outras vezes, animar o commercio a que continue a supprir os Acreanos de mercadorias.

Escusado será dizer que muito tenho a tratar com V. Ex..

E' possivel que eu ahi chegue pouco depois do Dr. Gentil.

Todos os papeis de importanciar não só os da revolução, como os que ella apprehendeu para a Delegação, serão po, mim levados, afim de um tabellião tirar uma publica-fórma.

Creia-me, etc., etc. — *Rodrigo de Carvalho*. — *Volta da Empreza*, 18 de Outubro de 1902.

Acabo de escrever para o *Antimary* ao Sr. Superintendente Coronel Antonio Custodio, pedindo a intervenção dos Bolivianos, bem como para por conta do Estado requisitar as passagens delles até ahi.

Como isto é praxe e devido á difficuldade de communicação, e não haver lugar para accommodar esta gente, nem viveres para alimental-os, não ha tempo

do Superintendente consultar a V. Ex. Ao Sr. Coronel Custodio disse-lhe: tenho certeza que S. Ex. o Dr. Governador do Estado approvará o seu acto, e conto que V. Ex. não me desmentirá. —*Rodrigo de Carvalho.*

XIV

Não podemos deixar de interromper, p
um momento, a transcripção dos document
sobre a ultima revolução acreana, para repub
car a carta do *Sr. Gentil Norberto*, inserta n
Jornal do Commercio, de 21 do corrente.

Não podemos deixar de o fazer porque el
cahe a *talho de foice* para demonstrar a the
que levamos em discussão e prova.

Um dos vultos principaes dessa agita
phase acreana, cujos elementos tudo poderia
ter em vista menos o são patriotismo de defe
der abnegadamente os interesses da patria, s
palavra deve merecer alguma cousa no senti
de provar a falta de instrucção e criterio, mesn
rudimentares, daquelles que pretendem, agor
que se lhes entregue uma vasta região amaz
nense, extorquindo-a para isso ao Estado a q
sempre pertenceu e ainda pertence de direit

As palavras dessa carta publicada, pela p
meira vez, no *Jornal* do Pará de 28 do pr

ximo passado, são insuspeita corroboração do que temos affirmado até agora e do que se vê, com toda a clareza, nos documentos por nós transcriptos fielmente, a esse respeito.

Eis a carta em questão:

O ACRE

« Cidadão Redactor—Li hoje em um conceituado orgão desta Capital uma noticia transcripta dos jornaes de Manáos, dando como certo ter o Sr. Placido de Castro assumido o lugar de Prefeito do Departamento do Alto Acre e em seguida decretado (*sic*) a annullação dos contratos feitos pelo Sr. Prefeito interino legal, Sr. Tenente Pinto Monteiro, com os engenheiros Drs. Gastão Lobão, Jayme Coimbra, Ricci e o abaixo assignado, sob o pretexto de serem *attentatorios das leis da Republica.*

Dous dos contratos a que se refere o Sr. Placido de Castro, o meu e o do Sr. Dr. Gastão Lobão, já foram appro-

vados ha mais de dous mezes pelo Sr. Ministro da Justiça, que pedia ao Congresso o respectivo pagamento. Segundo telegramma que ha poucos dias recebi do meu correspondente no Rio, o Sr. General Carlos Soares, este pagamento será effectuado até meiados do mez entrante, se não fôr antes.

Ora, de um lado o Ministro da Justiça declara legaes os contratos, tanto que pede ao Congresso verba para pagamento dos contratantes ; de outro, o Sr. Placido, um quasi analphabeto, por decreto (*sic*) considera-os nullos e attentatorios das leis da Republica ! !

E' irrisorio !

E depois, quem é o Sr. Placido para decretar mesmo asneiras como estas ?

Logo depois da retirada do Sr. Tenente Pinto Monteiro, Prefeito legal, assumio o lugar o Sr. João Rolla, amigo intimo, socio e preposto do Sr. Placido, como tôdos os que conhecem as cousas e os homens do Acre não ignoram.

Ora, aquelle acaba de passar o Governo (?) ao Sr. Placido, depois de verificar que não tinha prestigio para occupar cargo de tanta responsabilidade. O Sr. Rolla, logo que tomou conta das redeas do Governo, officiou ao Sr. Commandante do 1º Districto pedindo para lhe enviar o *cobre* que a Prefeitura tinha em deposito na Delegacia Fiscal. O Sr. Commandante pedio instrucções ao Governo, e teve em resposta um telegramma negando a entrega da quantia requisitada, e prohibindo-lhe manter relações officiaes com o pseudo Prefeito !

E' claro, pois, que o Sr. Placido de Castro é um Prefeito de *bobagem*, cujos actos são tão nullos quanto nulla é a sua competencia para decretar leis.

Ainda havemos de publicar uma famosa *sentença juridica* dada pelo exheróe em importante causa que se degladiava no Acre, em periodo revolucionario. E' de causar riso a toda gente.

Um conselho de amigo ao Sr. Placido. Faça como até agora tem feito,

mantenha-se em silencio discreto, senão. . .—*Gentil Norberto.*

Belém, 27 de Agosto de 1906. E. Independencia, 147.»

(Do *Jornal* do E. do Pará, publicado a 28 de Agosto de 1906.)

*
* *

Voltemos, agora, á nossa transcripção:

Volta da Empreza, 18 de Outubro de 1902.—Illm. amigo Dr. Martins.

A guerra vai ser duradoura; não temos como inimigos sómente o Governo Boliviano, não; temos toda a população do *Beni*, *Madre de Deus* e affluentes; emfim o nordeste da Bolivia; todos elles são apologistas do syndicato, que elles pensam que lhes ia trazer a felicidade; como vê o doutor a cousa é mais séria do que se pensava; este povo hoje levanta-se com os seus caboclos e atacam o *Acre*; haja vista ao que

se deu no *Igarapé da Bahia* e *Santa Cruz* ; temos aviso que no *Orton* os proprietarios estão armando os caboclos para virem para cá ; o mesmo acontece no *Beni, Madre de Deus* e *Manuripé* e *Tauhamanú*. Logo que o doutor receba esta nos mande 250 rifles e 100.000 tiros, e *boia* ; faça tudo vir para *Caquetá*; para mandar estes recursos o doutor não deve esperar por mim ahi, deve mandar já.

O armamento que tomámos aos Bolivianos são armas *Mausers*, modelo 1872 e com fumaça; não ha munição para ellas.

Mande-nos umas 60 armas modernas e 20.000 tiros.

Temos *Manulichers*, e a munição está esgotada ; mande-nos para ellas uns 15.000 tiros.

Poderá vir tudo ao Superintendente do *Antimary* e ordenar a elle para em *Caquetá* entregar ao Coronel *Placido de Castro* ou ao seu representante que lá estiver destacado.

Não nos abandone, doutor.

Sempre, etc., etc. — *Rodrigo de Carvalho.*

Doutor.—Me compunge o que lhe vou dizer, porém é a verdade, as provas são reaes e estão escriptas e para mim e *Placido* foram remettidas; foi peior que se um raio nos tivesse cahido.

O antigo chefe, companheiro, e ex-Ministro de Galvez, ex-Vice-Consul do Brasil, Joaquim Domingues Carneiro, protegido de Guilherme de Miranda (do Pará) trahio a revolução sómente com mira no dinheiro; trahio para poder vender a Lino Romero as mercadorias que tinha. Domingos Caetano Pinheiro Leitão tambem trahio-nos; demitta-o doutor, do cargo de 1º supplente do Juiz Municipal de *Floriano Peixoto*; elle fugio para o *Ceará* e o outro para o *Pará*. Miseria. . .—*Rodrigo.*

*
* *

Panorama, 19 de Outubro de 1902.

—Illm. amigo Dr. Martins—*Manáos*—

Hontem, depois de ter feito ao doutor a duas cartas que com esta seguem, rece bemos a correspondencia do *Xapury* qu trouxe-nos noticias tão tristes que muit nos tem impressionado.

O Sr. Martins Junior, sogro do Te nente Coronel Gastão, morador no *Xa pury*, escreveu a Gastão o seguinte: est mos ameaçados por 800 caboclos d *Tauhaumanú* e *Alto Acre*, caboclos dc bolivianos, Suarez, Hermanos, D. Clau dio Forfan, D. Miguel Roca, D. Velasc e outros; o Coronel José Galdino est bem entrincheirado aqui e nossa resis tencia será terrivel, pois os caboclos nã só matam como incendeiam tudo. Cont o Martins Junior o seguinte : como sabe Don Claudio Forfan (mora entre o *Ig rapé da Bahia* e *Xapury*) ameaçou-nos d vir-nos atacar com caboclos ; em vist disto o Coronel José Galdino mando tomar conta do seu barracão *Carmen* intrincheiral-o, pois é caminho pert para o *Tauhaumanú*. Os caboclos atac ram *Santa Cruz* de D. Miguel Roca

foram derrotados; não satisfeitos os proprietarios bolivianos uniram-se e á frente de 800 caboclos fizeram o cerco de *Carmen*, onde havia de guarnição 80 soldados nossos, sob o commando do Major Nunes; este resistio durante 48 horas nas trincheiras, tendo de abandonal-as para recolher-se ao barracão, que tambem estava bem intrincheirado; não conseguindo expulsar nossa gente (o commandante dos coboclos, que consta era o infame brasileiro Alvaro de Oliveira Carvalho, que vendeu-se aos Bolivianos, depois da Victoria de *Santa Cruz*) deu ordem de pôr fogo no barracão, e os caboclos munidos de arcos e flexas com *sernamby* acceso nas pontas, conseguindo incendiar tudo. O Major Nunes, que já tinha ferido gravemente o infame Alvaro, deu ordem de fazer-se a retirada para não morrerem queimados; nesta occasião os caboclos aproveitaram e a derrota nossa foi completa, pois milagrosamente pôde escapar Nunes e ferido; o resto de nossa gente morreu

toda. Contentes com a Victoria preparam-se para atacar o *Xapury*; infelizmente nossa gente gasta muitos tiros e o Coronel José Galdino pede, com urgencia. Os planos do ataque a *Porto Acre* foram retardados, o Coronel *Placido*, infelizmente bastante enfermo, porém trabalhando sempre, desce hoje até *Bom Destino*, com 100 homens, afim de organizar tudo e subir de novo para *Capatará*, afim de com 400 homens ir ao rio *Orton* destruir *Palestina e Mercedes*, arsenal de guerra do Noroeste boliviano e celleiro das tropas; fez seguir para o *Xapury* parte das forças que estavam de guarnição em *Capatará* e *Amelia*. A unica cousa, doutor, que nos atormenta é a falta de munição e armas.

Não sabemos se os Bolivianos com os caboclos procedem por patriotismo (o que duvido) ou pelo amor ao tal syndicato. Noticias tão desagradaveis nos acabrunham e escondemol-as da tropa.

O Coronel José Galdino escreveu-nos e esconde as graves occurrencias; só

diz: *Xapury* espera 800 caboclos que vêm atacar-nos e incendiar tudo; resistiremos até a morte.

Não ha exagero no que lhe digo - mande-nos armas, munição e *boia* e uns 100 homens valentes bem armados e praticos na guerra para auxiliar o nosso bom amigo Coronel *Placido*.

Se os caboclos vencer-nos, não ficará um só barracão em pé; tudo destruirão.

Chegou a occasião do Governo Brasileiro correr em auxilio dos nossos compatriotas que por amor á patria se batem com tanto ardor e abnegação.

As baixas bolivianas no ataque do dia 18 de Setembro ao Coronel *Placido* e no cerco de 11 dias, entre mortos e feridos excederam de 50 homens.

Quem menos tememos é o Governo boliviano; quem tememos são os proprietarios bolivianos com os caboclos, que não só nos fazem guerra nos mattos, como estamos arriscados a (que Deus nos livre) envenenarem as aguas.

Creia-me sempre do doutor, etc., etc. —*Rodrigo de Carvalho.*

*
* *

Antimary, 24 de Outubro de 1902.

—Exm. amigo Sr. Dr. Silverio Nery.

—...Já estive com o Sr. Arnaldo Machado.

Com esta seguem diversas cartas anteriores.

Aqui estou providenciando, afim de fazer baixar os prisioneiros; estou envidando esforços para seguirem no vapor da linha; eu os acompanho, afim de pessoalmente tratar com V. Ex. accôrdos que nos serão necessarios, bem como dar conta a V. Ex. de actos que são precizos á causa. Tudo vai bem e caminha acima do que sempre julguei.

Para tomar-se *Porto Acre*, é necessario um canhão e uma metralhadora; sem isto ou teremos que sacrificar 500 Brasileiros ou fazer-se um cerco de dous mezes, o que quer dizer reduzir os pro-

prios Acreanos ao horror da fome. A bravura do Coronel Rozendo vai ser imitada pelas forças de *Porto Acre*, que tem agua, viveres para quatro mezes e armamento superior, com 1.000.000 de tiros.

A posição delles é superior, e as trincheiras são fossos, páos, tijolos, cimento, etc.; necessitamos de artilharia com balas rasas, granadas, schrapnells e algumas lanternetas e espoletas, tiros rapidos; não ha susto della cahir em poder do inimigo; desta vez opera-se com bravura, porém com criterio e o saber da arte da guerra, muito conhecida pelo patriota Coronel *José Placido de Castro*.

A guerra será duradoura, os proprietarios dos rios bolivianos nos fazemna com indios; necessitamos de mais 100 rifles ou outras armas.

Communico a V. Ex. que as *Comblains* vieram sem munição, esta pertence ás metralhadoras *Maxim* (da que da vez passada trouxemos) necessitamos de mais 60.000 de rifles.

Necessitamos de 10.000 tiros *Manulichers*, em pentes de folha (2 lados) calibre 7 1/2 m., temos muitas armas e não munição.

Consta-me que o Sr. H. Porto tem 20.000 tiros e se vierem todos é melhor.

Peço a V. Ex. dar as providencias, afim de a bordo (quando eu levar os Bolivianos) serem elles recebidos, hospedando os officiaes e os soldados, como V. Ex. entender.

Tenha a bondade de mandar-nos tiros *Comblains*, pois estamos com os 50 que vieram sem nada valerem.

Por prudencia, e para evitar traições ou especulações deve tudo vir ao Coronel Antonio Custodio, para este fazer entrega em *Caquetá* ao representante do Coronel *José Placido de Castro*.

Em vista de certos factos que se têm dado e do succedido na outra revolução, entendo que o armamento que peço a V. Ex., deve ser entregue a pessoa dahi e de confiança de V. Ex. (não

serve para intermediario dahi, nenhum Acreano) tenho em mira a phrase do Marechal, *confiando, desconfiando sempre*, o armamento deve vir independente de minha chegada ahi.

Eu levo todos os papeis bolivianos.

Com consideração, etc., etc.— *Rodrigo de Carvalho*.

P. S. Combinei com o Coronel Custodio sobre as passagens dos Bolivianos: elle interna-os, e eu sigo apenas como passageiro, afim do inimigo não dizer que tenho ligações com autoridades brasileiras.

*
* *

Antimary, 29 de Outubro de 1902 —Cidadão Doutor—*Manáos*.

Na convicção de ser util á causa que abracei com ardor e espero defender com abnegação é que vos escrevo estas linhas dando-vos noticia embora rapida do movimento revolucionrio do *Acre*.

A revolução que como já sabeis foi inaugurada a seis de Agosto em *Chapury* com o levantamento que alli fiz encontrou desde o primeiro dia a sympathia geral, mas em compensação encontrou difficuldades que os movimentos anteriores não conheceram, sobre tudo a carencia enorme de arma e munição cuja importação fôra prohibida pelos Bolivianos. Ainda a falta de direcção militar que caracterizou as revoluções anteriores, derramou alguma duvida ao espirito do povo sobre a direcção desta.

Deixando uma boa guarnição militar em *Chapury*, desci com um piquete de sessenta homens, indo acampar-me em *Liberdade* onde fiz meu Quartel-General.

A excursão de uma lancha boliviana até *Bagé*, prendendo alguns chefes acreanos, antes de minha descida, havia lavrado como um pavor na multidão, todos pareciam ver que a revolução morria ao nascer!

Foi este o estado em que encontrei o baixo *Acre*, quando cheguei com o

meu piquete. Calcule V. Ex. que esforços ingentes foram necessarios para alevantar a moral já cahida deste povo.

Eu alimentava a esperança do armamento e munição que V. Ex. havia mandado, comecei a arrotar recursos que nunca possui, mas era necessario assim fazer.

Por circumstancias inevitaveis e que já expuz em documento publico, a 18 de Setembro achei-me de sorpreza á frente de 63 combatente senvolto num circulo de fogo fechado por um inimigo muito mais numeroso (150 homens) que depois de uma hora longa e dolorosa obrigou-me a retirada com dolorosas perdas para ambos. Longe, porém, de achar-me abandonado vi que meus concidadães haviam avaliado o valor dos sacrificios que fiz nessa hora que me pareceu mais extensa que muitas reunidas. Desenvolvi toda a actividade possivel secundada pela boa vontade de muitos e fui reorganizando ou antes organizando em diversos pontos as forças revolucionarias.

Por essa época era uma força civil boliviana derrotada no alto *Acre* e morto o chefe da mesma o Coronel Salazar.

A 24 do mesmo mez os Bolivianos de *Porto Acre* atacam *Bom Destino*, sendo repellidos com algumas perdas. .

A 5 de Outubro corrente postando forças do meu Commando acima e abaixo de *Volta de Empreza*, ataquei o inimigo fortificado neste lugar, onde resistio tenazmente até o dia 15 do corrente em que capitulou, porém já sem munição.

Pela acta de capitulação comprometti-me ou antes a revolução comprometteu-se a fornecer meios de locomoção de que me desobrigo por intermedio de V. Ex. fazendo-os entrar em territorio Amazonense onde as autoridades forçosamente tomarão providencias remettendo-os á capital para V. Ex. fazer o que julgar mais acertado.

Esses homens vão completamente despidos de recursos pecuniarios e como julgo provavel que seu consul não os soccorra convenientemente tomo a liber-

dade de sem pretender fazer insinuações a V. Ex. lembrar-vos a idéa de os mandar aquartelar e dar-lhes allimento enquanto não seguirem a seu destino isto completaria até certo ponto o que aqui commeçamos ; estes homens estão cativos do tratamento que de nós têm recebido.

Entre muitos documentos que em original e em cópia envio por intermedio do Coronel Rodrigo de Carvalho haveis de vêr a correspondencia de Lino Romero commigo a qual offerece serta singularidade e sobretudo uma publicafórma de uma carta do Delegado Lino ao seu Governo, cuja carta é para V. Ex. ler dando conhecimento ao Governo Federal para que veja o que tem de aproveitavel, pelo que não deve ser publicado, senão mostrando apenas ás pessoas de vossa confiança.

Apezar da superioridade que temos levado sobre as forças bolivianas, muito tenho ainda a fazer pois se por um lado o *Acre* está todo revolucionado, por outro

os Bolivianos habitantes dos rios que nos cercam estão todos em armas e no mesmo empenho que nós.

Dahi se vê que não devo atacar *Porto Acre* antes ter destruido *todas* as forças inimigas capazes de lhe dar protecção em momento dado.

Assim, pois, muitos dias correrão ainda, até que venha *Porto Acre* a ser cercado, mais de um mez talvez.

Se puder como penso entrar em *Santa Rosa* (região francamente Boliviana) será um grande passo não só pelo seu grande effeito moral, como pelo prejuizo material que lhes causarei. Mas para cercar *Porto Acre* preciza alguma cousa mais que a impossibilidade de protecção ao inimigo; preciza mais armamento e muita munição, especialmente um ou mais pequenos canhões e sobretudo viveres para os sitiantes que não poderão ser em numero inferior a oitocentos homens para um tempo nunca inferior a 30 dias, isto tudo pelo minimo. E já que fallo em artigos bellicos e suas

necessidades, devo fallar em factos que com elles se relacionam.

V. Ex., tem confiado em pessoas honestas e a quem V. Ex., conhece melhor que a mim, tanto sobre munições de guerra como de boca que tendes, segundo estou informado, enviado á revolução, entretanto é precizo diser-vos que de muito pouca utilidade tem sido esses auxilios, visto não chegarem integraes e a tempo á revolução. Da primeira remessa de armas que, segundo me dizem foi de 200 rifles, chegaram-me ás mãos sómente 135, além disso pessoas d'isso encarregadas arrogam-se o direito de pôr e dispôr a seu talante, sendo que o que entregam é aos poucos fazendo ver que o fazem por favor, embaraçando desta fórma, e muito aquillo que deveriam ajudar—a revolução.

Tudo que não passar a fronteira de *Caquetá* não terá utilidade alguma para a revolução, pois a guerra é desta fronteira para cima, não posso conceber como viveres que segundo consta-me têm sido

comprados em nome da revolução, sejam consumidos no *Acre-brasileiro*.

Sem pretender fazer insinuações a V. Ex., penso que devem ser portadores dos auxilios que nos mandar, pessoas por cujo espirito não passe a supposição de que entregam como cousa sua e por favor á revolução aquillo de que se lhes fez apenas portador.

Recebi agora o armamento e munições, sendo que o engano sobre a nova munição que veio como de *Comblain* já nos foi communicado pelo Capitão Serafim. Assim, pois, penso ter o Sr. Arnaldo dado cumprimento a esta parte de sua missão.

Fez-me o Sr. Arnaldo entrega de uma lancha para a revolução, a qual fica aqui até que tenha agua para subir para o *Caquetá*.

Já possuo um navio o *Rio Affuá* que se achando armado em guerra pela *Bolivia* foi tomado em *Volta da Empreza*, o qual está em perfeitas condições de navegabilidade.

Assim, pois, o que nos falta é munições de guerra e de boca, sendo que será indispensavel para o ataque de *Porto-Acre* um pequeno canhão de montanha. Apezar de possuir algum credito pessoal e boa vontade de meus concidadãos desta região, não tenho me servido deste credito, porque não posso fazer os pagamentos e não sabendo a confiança que possa por ventura inspirar a V. Ex., não posso tambem saber até que ponto podemos contar com o vosso concurso.

Minha vinda a esta Villa penso ter tido alguma utilidade pois que entendi-me perfeitamente com o Coronel Antonio Custodio sobre o que vos exponho nesta e a maneira de remover difficuldades que nunca deveriam ter existido.

Penso que o Capitão Serafim commandante do destacamento de *Caquetá* seja pessoa de vossa confiança e como o é tambem da minha acho que elle ou por intermedio delle possam ser entregues á revolução os auxilios que porventura nos sejam enviados, pois elle os en-

tregará a quem eu deixar na fronteira a isso autorizado.

Sei e tenho mesmo visto correspondencia feita a vós por pessoas dedicadas á revolução, na qual transparece um optimismo só mesmo proprio de quem está bem longe de arriscar a vida nos combates, outros pessimistas, para os quaes toda a luta é inutil, pois pensam que o Governo Brasileiro faria novamente entregar á *Bolivia*.

Quando vos escrevem que está tudo aparelhado, com centenas de homens em armas em todo o *Acre*, Bolivianos a *espera de levantar uma bandeira branca* (monomania de muitos pois não ha razão para que elles não se batam com os vencidos de *V. da Empreza*) quando vos escrevem estas cousas não vos mandam dizer que nossos, soldados estão armados a 30 e 40 tiros cada um, que estamos comendo sem gordura, que

sua roupa são farrapos que deixam vê-aqui e alli a pelle núa.

Penso, pois, que devo chamar a attenção de V. Ex. para este ponto, para estas cartas em cujas linhas se organizam exercitos e forjam-se armamentos.

Não se deva concluir, porém, que sejam más nossas condições pelo menos são melhores que ás dos Bolivianos e somos numerosos, além de todos estarem servindo por vontade e dispostos a um quinhão de sacrificios que certamente o farão pois o inverno aqui é sempre um tempo de crueis enfermidades e elle está chegando.

Julgando-vos ter dado a saber ligeiramente as informações que desejava e já tornando-me de mais extenso termino, dizendo a V. Ex. que achei conveniente o Capitão Arnaldo, ir até vossa presença, mais claramente informar estas cousas, pois pelo encargo que lhe deste é necessariamente pessoa de nossa confiança. Sempre ás ordens, etc. etc. — *José Placido de Castro*.

A' margem vem escripta a seguinte nota: *100.000 tiros, um canhão e 500 tiros Dynamite e estopim.*

PUBLICA-FÓRMA

Puerto Acre, Octubre vinte e cinco de mil novecentos e dous. Sr. José Ml. Pando. La Paz. Mi querido General: Nos encontramos en plena lucha, y talvez antes de dos dias seremos atacados en este puerto. La pequeña coluna que vino á cargo del Coronel Rojas, fué destruida en Vuelta de Empresa, despues de haber luchado heroicamente dia e noche durante once dias. Esos valientes merecem los más justos aplausos e honores, porque han sabido cumplir su deber como heroes. Los que aun quedamos en el Acre, estamos dispuestos á ofrecer iguales sacrificios á essa divindad simbolica que se llama la Patria; y nos es dable en estos momentos hablar con entera sinceridad, sin que nuestras opiniones sean tachadas como una muestra de

cobardia ; queremos evitar nuevos y esteriles sacrificios á nuestro desgraciado pais. El Acre nominalmente es de Bolivia; pero materialmente es del Brasil, todo contribuye á ello ; las inmensas distancias y obstaculos que lo separan del resto del pais, la poblacion extraña que lo puebla, la falta de vias de communicacion dentro del mismo territorio y finalmente la imposible adaptacion de nuestra raza á este clima mortifero. Los Bolivianos en esta region nos sentimos tan extraños, como nos sentiriamos en las mas apartadas colonias del Asia, además nos son aqui adversos la naturaleza y los hombres: cada una de nuestras campañas representan el sacrificio de más de una centena de victimas? Que ventages reporta Bolivia en cambio de todo esto? Ninguna: las ingentes erogaciones de nuestro Tesoro Nacional y el gasto de energias y fuerzas sociales, son esteriles y lo seran en el futuro, si nos fuese dable conservar este territorio por mucho tiempo. Pueblos poderosos no han podi-

do mantener bajo su dominio á seres de otra raza y otros costumbres, y nosotros que sómos un pueblo debil y embrionario, no podemos contrariar una ley historica comprobada á cada paso, y mucho más si se tiene en cuenta que son catorce millones de almas las que tenemos, al frente de nosotros, y las cuales por medios directos o indirectos, procuran espulsarnos de este territorio regado con sangre y cubierto de luto. Em vista de estas razones mi permito aconsejar á mi pais, por intermedio de su digno mandatario, que renuncie á la posecion de un territorio en el que tantos Bolivianos han sufrido y sufren ; en el que tantos han descendidos á la tumba sin poder depositar el ultimo adios en los brajos de los seres que más amaran en el mundo. Si el Brasil apetece el Acre, que lo posea en buena hora ; Bolivia debe cederselo haciendo con el un convenio que le sea honroso y sea equitativo ! Dejemos de ser romanticos y quijotes ; concentremos nuestras escasas fuerzas y energias for-

mando un nucleo viable, alli donde tenemos trabajo reproductivo, donde en un medio proprio podemos espandirnos con unidad e cohesion y no como fracmentos deseminados de un organismo en plena decomposicion. Tenemos campos immensos y feraces sin cultivo, montañas virgenes preñadas de preciosos metales y finalmente miles de industrias que pueden hacernos ricos y felices. A la colonisacion en apartados territorios solo deben apelar las naciones que tienen sobrante de poblacion, de fuerzas y de riquesas. Vuelvo á repetir, mi General, que me creo en el derecho de hablar del modo más sincero y en alta voz, porque no temo que se me califique de cobarde: resuelto estoy á cumplir mi deber como soldado de mi patria y por ella estoy resuelto á sacrificar mi vida, e quien habla de borde de la tumba habla con el corazón. Bajo el peso de sombrias impresiones le dirijo esta carta, en atencion á esta circumstancia talvez he sido apasionado en mi lenguaje é incorreto

en la forma; pero espero que Ud. me desculpe. Aprovecho de un enviado que va á Caquetá a verlo, al Cl. Rojas y demás prisioneros, y cuento con muy poucos instantes para escribir otras cartas. Ao Cl. Rojas he podido mandarle de este tesoro para el viaje hasta Manáos o el Pará, dos cientas cuarenta y tantas libras, que eram las unicas que existian en caja; además hemos formado de nuestras pequenas economias una suscricion en la que he contribuido com £ cem que no dudo seran devueltos á mi familia por el Tesoro Nacional. Además se me adenda por mis sueldos los dez mil, segun consta de un certificado que acompaña en una carta que le he dirigido al Cl. Rojas. Me insinúo con Ud. para que ordene el pago de dichas sumas á mi pobre familia. Tengo á bien comunicar á Ud. que el Sr. Placido de Castro y demás jefes enemigos se han portados con nuestros prisioneros con toda nobleza y caballerosidad. Saludo a Ud. afectuosamente su leal amigo.— Lino Ro-

mero.— Nada mais se continha em a dita carta que me foi apresentada para ser reproduzida por cópia legal e authentica e á qual me reporto ; tendo da mesma bem e fielmente extrahido a presente publicafórma que depois conferi e concertei com o original e por achal-a em tudo conforme a subscrevo e assigno em publico e raso, entregando-a ao apresentante juntamente com o dito original ; dou fé, nesta villa de *Floriano Peixoto*, séde da comarca do mesmo nome, Estado do Amazonas, aos trinta dias do mez de Outubro do anno de mil novecentos e dous, decimo quarto da Republica dos Estados Unidos do Brasil. Eu, Virgilio Esteves de Lima, Tabellião, a escrevi, conferi, subscrevo e em publico e raso assigno. Em testemunho V. E. L. de verdade. — O Tabellião, *Virgilio Esteves de Lima.*

(*Assignado em cima de uma estampilha de mil réis, estadoal.*)

*
* *

Prefeitura de Segurança do Antimary, 30 de Outubro de 1902.

Illm. Exm. Sr. Coronel Antonio Custodio da Cunha, M. D. Superintendente do Municipio.

Levo a vosso conhecimento que hoje, ás 7 1/2 horas da manhã, chegou á esta villa parte de uma columna do exercito boliviano, em numero de 75 officiaes e soldados, que sob o commando do Sr. Coronel Rozendo Rojas travou combate com os revolucionarios do *Acre* e sendo obrigados a capitular depois de 11 dias de fogo, regressam á Bolivia pelo *Amazonas*.

Como é natural em taes condições esses militares são carentes de todos os recursos, pelo que me dirijo a V. S. na qualidade de representante immediato do Governo do *Amazonas* em cujo territorio estão, afim de que lhes sejam facultados os meios de que precizam para chegar até *Manáos*, onde estou certo, o benemerito Governador do Estado não poupará esforços em prol dos ditos mi-

litares, como é de uso entre os povos civilizados.

Creio ter cumprido o meu dever levando o facto ao vosso conhecimento.

Aproveito o ensejo para apresentar os meus respeitos de alta estima e subida consideração.

Saude e fraternidade.—*Demosthenes Carlos de Amorim*, Prefeito.

*
* *

Estado do Amazonas. N. 38.

Superintendencia Municipal de *Floriano Peixoto*, 31 de Outubro de 1902.

Ao cidadão Exm. Sr. Dr. Governador do Estado.

O Sr. Prefeito de Segurança Publica me communicou hontem, em officio que junto vos remetto em original, que haviam aportado, naquella data, a esta villa, setenta e cinco officiaes e soldados do exercito boliviano, os quaes faziam parte de uma columna do mesmo exercito, que vindo de *La Paz* para *Porto*

Acre foi sitiada pelos revolucionarios acreanos no lugar *Volta da Empreza*, onde depois de onze dias de sitio sob o fogo incessante dos mesmos revolucionarios, foram forçados a capitular, com a condição de lhes ser poupadas as vidas. Dada a capitulação, entregue todo o armamento e munição, ficaram prisioneiros cento e dez Bolivianos entre officiaes e praças, dos quaes setenta e cinco foram mandados deixar em territorio brasileiro, devidamente escoltados e tratados com respeitos e carinho que se deve aos vencidos. Outros seguiram por terra com destino á sua Patria e os feridos ficaram em tratamento no hospital de sangue revolucionario, na *Volta da Empreza*, cumprindo os revolucionarios, sob o commando do Coronel Dr. *José Placido de Castro*, tudo quanto ficou estabelecido na acta da capitulação. Sciente da chegada dos ditos Bolivianos nesta villa entendi ser do meu dever acolhel-os e auxilial-os no seu transporte até essa Capital, requisitando para isso as passa-

gens necessarias. Este meu procedimento foi inspirado pelos meus sentimentos de humanidade e aconselhado pela conducta do Governo argentino para com os revoltosos de 6 de Setembro e revolucionarios *Rio Grandenses*, vencidos na barra do *Rio Grande do Sul* os quaes emigraram para aquelle paiz, a quem o mesmo Governo mandou aquartelar e forneceu os recursos de que careciam. Ora se o Governo argentino procedeu assim com os revolucionarios naquella época, os quaes estavam fóra da lei no seu paiz, com maioria de razão devia esta Superintendencia, na qualidade de primeira autoridade do municipio e representante legal desse Governo, ter igual procedimento tratando-se de tropa regular de um paiz amigo. Espero que este meu acto mereça a vossa alta approvação...

Saudo-vos — *Antonio Custodio da Cunha.*

*
* *

Exm. Sr. Dr. Silverio Nery—Respeitavel amigo e senhor.

P. S. a carta do 12—1902.

Depois de tomado *Porto Acre* ficaremos com o canhão e a metralhadora *Maxim* que lá estão; as culatras já mandei-as buscar no *Yaco*, pelo *Xapury*, da metralhadora não temos fita nem munição, peço a V. Ex. dar-nos uma fita das que tem no regimento e alguma munição.

O Sargento Campos pertencia ao *Antimary* e foi removido para *Caquetá*.

As passagens dos Bolivianos no *Lauro Sodré* importam para o Estado em 4 contos, ao passo que o documento que vi-me obrigado a assignar é de 8:819$ e o pagamento tem que sahir dos impostos; pagando o Thesouro directamente economiza-se 50 %.

Tenho necessidade que V. Ex. me diga como a Junta póde fazer os pagamentos, quem deverá ser o intermediario entre o Thesouro e a revolução.

A ambulancia com que ficamos do Sr. João Bandeira (apezar delle negar que não fallou em preço com o *Placido*, este me disse: não se deve pagar mais de 4 contos de réis) salvo que queiram ser generosos, cousa que não podemos ser quando todo o dinheiro é pouco para armamento, roupa e viveres.

Lembro a V. Ex. a minha passagem para cima no *Santo Antonio*, minhas difficuldades de vida não me deixam pagar, e favores dos vapores são sempre ruins. Att. amigo criado obr.—*Rodrigo de Carvalho.*

*
* *

Exm. amigo Sr. Dr. Silverio Nery —Descobri o plano dos aviadores do *Acre*, que é: caso o Governo brasileiro não intervenha só subirão em Janeiro afim de trazerem toda a borracha e não levarem os aviamentos de Março, em beneficio proprio desculpar-se-hão em não terem tido tempo de prepararem os aviamentos de Março, dizem elles: o Governo brasileiro não intervindo em 1903 não ha fábrico, porque a guerra continuará com a entrada das novas forças; logo que elles tenham noticias de que tomamos *Porto Acre*, sobem todos para descerem com a borracha antes da entrada das novas expedições bolivianas.

Como vê V. Ex. o plano é de obrigar os Acreanos a de fortes tornarem-se fracos, pois com a falta de viveres os Acreanos serão obrigados a capitularem. Como vê V. Ex. a tomada de *Porto Acre* é urgente e, como já tive occasião de dizer a V. Ex., ella com facilidade se fará com um *canhão*.

Estive hoje com o Sr. Miranda Araujo, dono do *Santo Antonio*, e a meu pedido offerecendo-lhe vantagens, pois disse-lhe eu: com a falta que ha lá de mercadorias, o senhor vende-as todas a troco de borracha, consegui que elle faça o *Santo Antonio* partir amanhã; prometti-lhe não cobrar-se impostos, desde que o Governo não revogasse a lei do transito, e que revogada cobravamos delle em saque. Prometti muito para não cumprir com cousa alguma, e obrigar desta fórma os villões a saberem um pouco do que é *patriotismo*. Miranda Araujo só esperava *placet* do *Pará*.

Veremos se elle faltará ou não, despachando o *Santo Antonio* amanhã.

Lembro a V. Ex. para eu levar na minha mala a culatra do canhão e a alça de mira. Peço tambem a V. Ex. 5.000 tiros metralhadora *Maxim* e uma fita, servirão para a que está em *Porto Acre*.

As espoletas do canhão poderão ir tambem em minha mala, assim preservo-as da humidade.

Necessito que V. Ex. indique a pessoa que será a intermediaria entre o Thesouro e a revolução.

De V. Ex. etc. etc.—*Rodrigo de Carvalho.*

Os volumes com o canhão e a munição poderão ir com a marca

J. M. *Imperatriz*

As ballas de rifles com as seguintes marcas:

G. M. *Macapá*

F. L. *Esperança*

J. N. *Mundo Novo*

R. F. *Novo Axiama*

M. A. *Novo Encanto*

São todos perto de *Caquetá.*

Miranda Araujo nada sabe da partida de munição e ignorará pois com o Commandante póde-se combinar. . .

*
* *

Caquetá, 29 de Dezembro de 1902 — Exm. Sr. Dr. Silverio Nery — Ha pouco tive a honra de escrever a V. Ex. e agora faço de novo para dizer que ter-

minei a viagem sem incidente de importancia e que entreguei as encommendas, que V. Ex. me incumbio de trazer.

Como previ pelas informações colhidas, o dinheiro não chegou para lenha e comprei-a a credito de *Cassiano* mediante a importancia de um conto trezentos e tantos mil réis e precizo ainda para a volta de uns dous contos, porque ainda tenho carvão e a viagem deve ser feita em menos do tempo da vinda, não contando com a demora que tive á espera de aguas, etc.,—e que agora não terei.

Se recorro a V. Ex. é porque sei que sempre tem attendido a todos os commandantes que têm desempenhado commissão no Estado e tambem pela demora que haveria se recorresse á autoridade federal.

Sem recursos não terei talvez força de vontade para voltar, porque fico humilhado em confessar estas calamidades, principalmente a extranhos, como fazendeiros, etc.

Com V. Ex., porém, não tenho escrupulo em ser franco, porque conheço como muito liberal e justiceiro, e portanto não me deixará mal.

Espero ainda que influa para eu voltar no navio o mais tardar até Abril.

Bem sei que V. Ex. não se esquecerá de que me prometteu não me deixar aqui por muito, mas, se fallo nisso é porque me acho um pouco abatido e com os pés inchados, attribuo a alimentação insufficiente para um homem como eu, que estava acostumado a passar bem e a falta de movimentação.

Não estou apprehensivo, porque graças a Deus o meu espirito está novo ainda e é forte.

Não desejo mais abusar da attenção de V. Ex. e termino.

Repito, estou sempre disposto a cumprir as ordens de V. Ex. como amigo sincero e etc. etc. — *João de Perouse Pontes.*

*
* *

Caquetá, 10 de Janeiro de 1903.

Exm. Sr. Dr. Silverio Nery.

. . . Os recursos que V. Ex. ahi me disse ter mandado pelo aviso só chegaram as *Manulicher* com 16.000 tiros e das *Comblains* apenas se aproveitou metade.

Os 20 cunhetes *Comblains* são de 500 e não de 1.000 como V. Ex. me disse; os 10.000 tiros que eu trouxe (10 cunhetes) só são 5.000 tiros e assim mesmo 1.500 de calibre menor que nada nos serve. Os 50.000 tiros de rifle ficaram reduzidos a 40.000. O canhão do aviso aconteceu o que eu previa, não nos é emprestado.

Munição Comblain, felizmente, o Capitão Solon, que trouxe 10.000 tiros e não 20.000 como V. Ex. me assegurou, cedeu-nos 5 ou 6.000... amigo de V. Ex. etc., etc.—*Rodrigo de Carvalho.*

***

Caquetá, 19 de Janeiro de 1903.—Exm. amigo Sr. Dr. Silverio Nery — . . . Mande-nos viveres, V. Ex. (menos

farinha), medicamentos e umas 1.500 calças azues e 1.500 blusas (de dril azul); se V. Ex. não nos puder mandar, mande-nos, pelo menos, armamento e munição.

Junto uma nota do armamento e munição. Vamos ficar com o canhão e a metralhadora, caso o inimigo não os escangalhe; a munição que o Commandante Bandeira tem, deixo-a no *Pará*.

As culatras já estão aqui commigo; V. Ex. póde mandar-nos tudo disfarçadamente.

Tenho a dizer a V. Ex., que descobri grande quantidade de pretendentes a Governador, e a cousa acabaria em briga grossa; cortei o nó gordio e combinei com os officiaes em acclamarmos o *Placido* governador, com elle entendi-me e exigi-lhe mais este sacrificio; relutou, porém cedeu. Fiz a cousa bem feita; entendi-me com os candidatos em particular e reservadamente, fazendo-lhes ver que só uma dictadura e que devido ao prestigio, adquirido nos combates, só

o *Placido* podia sel-o, e que elle era a unica garantia dos Acreanos, porque os traria sempre unidos e fortes, concordaram todos um por um e ficou assentado ser elle o Governador, portanto no dia da tomada de *Porto-Acre* o Dr. Pimenta (Engenheiro) em nome dos Acreanos vai acclamal-o; só assim teremos o *Acre* do *Brasil* e com certeza do *Amazonas*, para isto depende sómente de V. Ex. Seja V. Ex. gentil e engabelle-os mandando-lhes armas etc. Garanto a V. Ex. que para o *Placido* é indifferente que isto seja do *Amazonas*; a mim elle diz-me sempre: isto não póde ser Estado; ha de ser do *Amazonas*; já vê V. Ex. que elle é amigo.

Sou com consideração, etc., etc.— *Rodrigo de Carvalho.*

*
* *

Caquetá, 23 de Janeiro de 1903.— Exm. amigo Sr. Dr. Silverio Nery.

... Agora que S. Ex. o Sr. Barão do Rio Branco se manifestou por nós,

contamos que V. Ex. nos auxiliará melhor; temos necessidade de ambulancia, e de muito algodão; de bordo do *Teffé* quasi nada da ambulancia nos foi entregue. E' minha opinião que este anno não ha fábrico, embora a guerra se termine, pois a desorganização é geral; por esse motivo é que cobramos aqui impostos como a *Bolivia*, contando que V. Ex. nos restitua os que ahi receber, do contrario a revolução não se aguenta por falta de meios.

Eu particularmente peço muito encarecidamente a V. Ex. o favor de dizer-me se o Estado pagou as passagens do vapor *Lauro Sodré* por conta propria; bem como V. Ex. dizer-me o que resolveu sobre o pagamento ao Pharmaceutico João Gonçalves Bandeira, que levou carta minha para V. Ex. pagar-lhe 5:000$; desejamos saber, para cortarmos abusos e não pagarmos aqui o que V. Ex. ahi tenha feito.

O Solon de viva voz orientará bem V. Ex.

Com consideração, etc., etc.— *Rodrigo de Carvalho.*

*
* *

Porto Acre, 17 de Fevereiro de 1903.
Amigo Dr. Silverio Nery.—*Manáos.*

Accuso o recebimento de sua estimada carta de 22 do proximo passado, com que me honrastes. Ao seu particular amigo Alvaro Rodrigues expuz mais uma vez, a maneira por que veio parar na revolução o vapor *Rio Affuá*, hoje transporte de guerra sob o nome de *Independencia.*

Sem entregar o navio ao Sr. Alvaro, comprei-lhe, comtudo, e a dinheiro, toda a carga que trouxe para vender.

Pela leitura de sua carta vejo que não sabe as peripecias por que tem passado o navio de que fallamos e nesse caso oriento-lhe ligeiramente.

A 5 de Outubro, quando ataquei a guarnição de *Volta da Empreza*, o navio *Rio Affuá*, que alli achava-se encalhado, estava armado em guerra e nos fez nu-

trido fogo durante dous dias, sendo, emfim, tomado.

Ora, o navio achando-se armado em guerra, estava ao serviço da *Bolivia*, que com a occupação armada tornou-se responsavel, sendo, por conseguinte, considerado presa de guerra, e nesse caracter incluido na flotilha revolucionaria sob o nome de *Independencia* e serve de transporte.

De um tempo para cá a superioridade que levo incontestada sobre os Bolivianos é devida a mobilidade das tropas cujo transporte é feito pelo rio com o *Independencia* e hoje com este e uma lancha tomada aos Bolivianos (a *Bolivia* hoje *24 de Janeiro*).

Assim, pois, se entregasse esta presa de guerra ao Sr. Alvaro não só compromettia a mobilidade do exercito revolucionario e, por conseguinte, sacrificava a revolução, deixando desde esse momento de corresponder ao apoio de meus companheiros de luta com os quaes me impopularisava.

Comtudo fiz ver ao Sr. Alvaro que a revolução continuando com o navio não tem outro interesse senão os serviços que presta incontestavelmente a esta guerra esta embarcação, temporariamente.

Peço-lhe venia para tratar de outro assumpto que a nós tambem interessa, principalmente porque julgo provavel que não tenha recebido uma carta que lhe escrevi do *Antimary* quando alli estive conduzindo os Bolivianos.

Chegando ao *Antimary* nos ultimos dias de Outubro ou primeiros de Novembro, por offerecimento do Sr. Superintendente Antonio Custodio hospedei-me durante dous dias na Intendencia, onde fui por este senhor tratado com muito boa hospitalidade e cortezia.

Ahi achava-se o Sr. Arnaldo Machado que disse-me trazer uma lancha por nome *Independencia* para a revolução que haveis mandado. Fiz-lhe ver que nenhuma utilidade me podia ter tal em-

barcação por não poder passar *Porto Acre* e, por conseguinte, não a recebia.

Momentos depois o Sr. Antonio Custodio chamando de parte fez-me ver que além de deixal-o em situação difficil por ter cooperado para que me viesse este auxilio, ainda o amigo tomaria a minha recusa como uma desattenção a sua digna pessoa, o que por certo nem de longe poderia ser meu proposito. Em vista destas ponderações resolvi ficar com a lancha que por falta de agua, ficou fundeada no *Antimary* sob a responsabilidade do Sr. Superintendente, que com a cheia a enviou para *Caquetá* onde foi entregue a um official da revolução para ser por este entregue.

Ao chegar neste lugar nos primeiros dias de Janeiro encontrei no porto a dita embarcação e na mesma data recebi uma carta do Sr. Ferreira Penna na qual cobra-me quarenta contos de réis pela pequena lancha e batelão, visto *eu ter me apossado della*. Eu que suppunha uma procedencia regular a esta lancha senti

naturalmente grande revolta e inconti nenti pagando todo o pessoal remetti a lancha ao Sr. Custodio para que elle lhe désse o destino que julgasse conveniente, visto ter recebido de suas mãos e ser-me cobrado agora, ignorando eu o verdadeiro dono, o que só elle podia saber.

Em resposta tive um officio descortez em que dizia-me ignorar qualquer transacção com a lancha, mas tambem affirmava que eu me havia utilizado della, do que dizia ter provas e, por conseguinte, na data que me officiava ia fazer ante a autoridade do lugar um protesto sobre o assumpto. O Sr. Antonio Custodio ficou desta fórma ignorando qualquer transacção com a lancha de que foi depositario e que depois mandou entregar a um official revolucionario em aguas bolivianas; entretanto affirma que eu utilizei-me della, o que é verdade em parte e emquanto eu a julgava com procedencia honesta.

Se lhe roubo o tempo com este caso é que penso interessar a nós que somos

attingidos pelas transacções licitas ou illicitas feitas com esta embarcação.

Nesta data e em outra carta lhe apresento o Delegado do *Acre* junto ao Governo brasileiro, o Coronel Antonio Alencar, que para ahi segue nesta data.

Do amigo, etc., etc. — *José Placido de Castro.*

XV

Paramos aqui com a transcripção da correspondencia trocada entre os principaes chefes das revoluções acreanas e o Governador do Estado do Amazonas.

Deste momento em diante desenrola-se a intervenção armada do Governo Federal nos negocios do Acre; intervenção cujo historico é muito conhecido e cujas manobras, dentro do paiz, só tiveram um fim—a burla das pretenções de independencia dos Acreanos, *diplomaticamente* acariciados, emquanto podiam prejudicar os planos de extorsão inqualificavel, odiosa e iniqua, entre partes do mesmo todo federativo, de territorios e de rendas amazonenses.

Não carecemos de mais elementos de convicção, para demonstrar o incriterio e inepcia daquelles que pretendem fazer do Acre um Estado independente.

O caminho a seguir neste ultimo sentido teria sido, como já o dissemos, ligarem-se ao Amazonas, em vez de se deixarem ludibriar *ingenuamente* pelo Governo dá União, tendo em vista que esse Estado era o unico que os poderia auxiliar na creação ou desenvolvimento dos seus elementos de autonomia, o que tem infructiferamente tentado o Governo Federal, com relação ás Prefeituras alli creadas.

Não o quizeram fazer tangidos por paixões subalternas e odios pessoaes e, hoje, já devem estar convencidos de que perderam a mal jogada partida, e tanto assim parece ser que procuram, agora, recorrer a nova revolução para alcançar seus fins, esquecendo que—com o Amazonas contra suas pretenções, nada, absolutamente nada, farão, a menos que não se queiram ligar aos Bolivianos.

Dizem as ultimas noticias de Manáos, que por muito repetidas devem ser certas,—que Placido de Castro prepara um movimento revolucionario, com o fim de declarar independente a região acreana, a 15 de Dezembro proximo.

E' deste teôr o ultimo telegramma da Capital do Amazonas, hontem (27 de Setembro) publicado pelo *Jornal do Commercio* :

> O Sr. Senador Silverio Nery recebeu hontem do Sr. Constantino Nery, Governador do Estado do Amazonas, o seguinte telegramma:
>
> «Arsenio Campos, guarda da Collectoria de Santo Antonio do Madeira, escreveu ao Sr. Antonio Bittencourt, Vice-Governador, dizendo que a 14 do corrente chegou alli uma canôa vinda do Abuná, trazendo a seguinte noticia: «Um Alferes acreano com 18 homens, no dia 12 de Agosto, chegou ao lugar denominado Medina, a 12 dias acima da boca do Abuná, dizendo ir mandado por Placido de Castro, afim de prender dous assassinos no barracão de Raymundo Farias. Recusou-se este a entregar os referidos homens, e, fazendo fogo, matou 14 das pessoas que acompanhavam o Alferes. O Alferes foi preso, pedindo garantia de vida e promettendo

dizer o que se passava no Acre. Tres conseguiram fugir.

O Alferes disse que Placido e Alexandrino haviam mandado buscar pessoal, para a 15 de Dezembro dar grito de independencia no Acre.

Accrescentou que Alexandrino vinha marchando para o Abuná.

Farias retirou-se com o seu pessoal, composto de 50 homens, para o Rio Negro, affluente do Abuná.

Toda a gente do Abuná suspendeu o fábrico e está prompta para descer».

O tal *patriotismo* que já ameaçou o Governo Federal, na questão dos impostos sobre a borracha acreana, de fazel-a sahir pela Bolivia, ergue-se de novo no intuito de proclamar a independencia de um territorio que não possue, como é muito sabido, recursos necessarios para viver sobre si, quer pela sua situação economica, quer pela indole da massa de sua população, formada de—*simples instrumentos da exploração da bor-*

racha, mais victimas da insalubridade do clima do que enriquecidos pelo trabalho—na justa phrase do Dr. Olyntho de Magalhães, inserida no *Relatorio do Ministerio do Exterior de 1899*.

E isso era de esperar.

A ambição do Governo Federal, dando o exemplo da mais condemnavel violencia, contra os direitos tradicionaes e jámais postos em duvida do Amazonas sobre o Acre, em nome dos quaes se debateu sempre a questão de limites com a Bolivia, deveria produzir, naturalmente, taes consequencias, como já o previmos ao começar estes artigos.

—Se o Acre não é do Amazonas que sempre o governou e a quem pagava todos os tributos e de quem recebia o amparo, lento embora; muito menos póde pertencer á União, que só não o entregou á Bolivia porque contra isso levantou-se elle, ainda auxiliado por aquelle Estado.

A logica deste argumento é inatacavel.

E o caso é que, se elles se revolucionarem de facto, fazendo, como já o ameaçaram e para ter recursos, sahir seus productos pela Bolivia e o Amazonas se conservar neutral, como é do seu

dever constitucional e do seu interesse privado —era um dia a tal volumosa renda acreana, que a tão deprimentes quão desorganizadoras doutrinas tem dado origem.

Ainda inatacavel é a logica desta affirmação. E, o que é mais grave para a Republica, em breve poderá estar essa cubiçada verba transformada em grande *deficit*.

Basta lembrar, para tal previsão, quanto custou a occupação militar do territorio acreano, durante o preparo e discussão do Tratado de Petropolis, em preciosas vidas e dinheiro.

Sempre a dirigir os factos o velho preceito —*ninguem atropela impunemente a lei, a razão e o direito*.

Voltando ao que diziamos, paramos neste ponto de transcripção da correspondencia dos chefes acreanos, para archivar outros documentos, tambem de alto valor para o proposito que trazemos feito.

Prosigamos, portanto, no intuito de provar: o fraco ou quasi nullo coefficiente politico-administrativo de toda a população acreana, a penu-

ria do seu cultivo intellectual, as precarias condições do factivel desenvolvimento economico da sua mono-producção como elemento de autonomia, as grandes difficuldades materiaes que se oppõem ao seu rapido progresso e, sobre tudo, a influencia e auxilios prestados pelo Governo do Amazonas ás revoluções acreanas, sem os quaes não teria vingado a ultima e produzido a nacionalização do territorio contestado ao sul da linha Cunha Gomes.

*
* *

Mision Confidencial de Gobierno de Bolivia — Manáos, 7 de Diciembre de 1900—Señor Vice Consul.

En virtud de las facultades que en mision especial me ha conferido el Supremo Gobierno de Bolivia, y de lo que se halla Ud. impuesto por la comunicacion oficial que con fecha de 6 de Octubre ulto la ha dirigido, vengo a pedir a Ud. que en su calidad de Vice Consul de Bolivia; como organo regular, y unico representante debidamente habilitado

para gestionar ante el Gobierno de este Estado, se sirva Ud. representar y protestar ante el, sin perdida de tiempo, contra los inconcebibles acontecimientos que con ostentosa publicidad se han desarrollado en esta Capital y territorios de su jurisdiccion, atentatorios a la soberania de Bolivia, y con detrimento de los elevados labores de las respectivas Cancillerias.

En efecto, publicamente se ha iniciado, acopiado y organisado elementos de todo genero; se verificado enganche de tropas; se ha provisto de rifles, cañones y ametralladoras constituyendo asi verdaderas expediciones militares, que se han encamiñado desembarazadamente con destino a *Puerto Alonso* con el propósito de sorprender y atacar a las autoridades y fuerzas bolivianas, legitima e tranquilamente alli constituidas á la sombra de sagrados acuerdos internacionales.

La reocupacion por parte de Bolivia de ese territorio mediante ingente

perseverancia y sacrificios en el penoso trajecto del Pacifico á la hoya amazonica, importa en si una verdadera gloria nacional por la resistencia, disciplina y abenegacion que ha demonstrado una vez mas el soldado boliviano; y el pretender destruiria por esechanzas de aventureros audaces que solo estan inspirados por propósitos de inobles lucros, no puede menos causar indignacion en todo el mundo civilisado, considerandose inconcebible la tolerancia del Gobierno en cuyo Estado se ha alimentado y organisado una celada contra una nacion amiga. Con sobrada razon respetables estadistas nacionales, en la prensa de Rio dicen: — «Las agitaciones armadas en los Estados del Norte, no menoscaban los derechos de Bolivia, sino que afectan el honor y seriedad del Gobierno Federal, atentan de contra las legitimas y exclusivas funciones de la soberania nacionale».

No viene al caso mencionar los derechos incuestionables de Bolivia, puesto

que la Cancileria Brasilera en documentos públicos solemnes y inamovibles lo ha reconocido y acatado, con la rectitud y nobleza que forma su credo tradicional en sus pactos internacionales.

Conviene, entretanto, que en la exposicion que Ud. se servirá elevar al Exm. Gobiernador del Estado de Amazonas, deje Ud. estabelecido los siguientes puntos que servirán para determinar futuras responsabilidades:

1.° Que a partir de fines del mes de Octubre ulto la prensa de esta Capital emprendió campaña de abierta y desembarazada propaganda contra Bolivia, organizandose *meetings* populares en los cuales oradores audaces se atrevian a invocar el respetable nombre del Jefe del Estado, manifestando hallarse autorisados para declarar que S. E. apoyava el movimiento sedicioso. Fué sin duda que el Exm. Señor Gobiernador del Estado no creyó que debia descender a desautorar tan temeraria como absurda aseveracion, que lo decidio a guardar silencio,

pero, entretanto, ello ha servido como el mas eficaz estimulo para dar vida a este movimiento. Algo mas, el titulado Presidente del Acre, Señor Antonio de Souza Braga, no hacia misterio en asegurar que igual ofrecimiento le habia sido hecho por el mismo Señor Gobiernador.

2.° Se enrolaba tropas en cuarteles publicamente designados engrosando las filas con desertores de cuerpos de policia, siendo de lamentar la circunstancia, casual sin duda, de registrarse pocos dias despues decretos de amnistia para estas deserciones.

3º Cómo es posible explicar que personas del círculo oficial imediato del Exmo. Señor Gobiernador, Jefes de su Secretaría de Estado y otros hayan tomado parte tan activa y proeminente en este movimiento ?

Exmas. personas ejerciendo cargos oficiales fueron licenciadas con notable posterioridad a su embarque e incorporación en las fuerzas expedicionarias que se encamiñan en son de guerra con el

propósito de destruir el régimen y las instituciones de una nación hermana!

4.º Consta que el vapor *Solimões*, de propriedad de los Señores Araujo, Rosas & C., fué tranquilamente cargado y equipado por los Señores H. Porto & C. con rancho, víveres, piezas de artilleria y ametralladoras. Semejantes artículos bélicos no se encuentran en ninguna parte del mundo al alcance de particulares, y, por lo tanto, necesario y facil es averiguar su procedencia.

5.º En la noche del 14 al 15 de Noviembre último la lancha *Alonso*, especialmente construida y destinada al servicio de la *Comisión Mixta de Límites del Brasil y Bolivia*, cuando se encontraba pacíficamente anclada en este puerto en manos del Señor Cayetano Monteiro da Silva, y en momentos de prestar importantes servicios, fué robada de su fondeadero e incorporada á la expedición, continuando a remolque del vapor *Solimões*, según declaraciones de personas que los encontraran en viaje.

No puedo aun apreciar los alcances que el rapto de la lancha *Alonso* pueda tener para las operaciones de la demarcación de límites, no pudiendo en ningún caso ser imputables la consecuencia á Bolivia y declinando formalmente, por nuestra parte, de toda la responsabilidad á respecto.

6.° Hace varios dias que los vapores *Mocuripe*, *Rio Aquiry*, *Baturité* y otros, han salido de este puerto cargados de víveres, — armamento y gente de acción, enganchada públicamente para los fines indicados.

7.° En una conferencia que me acordó cortesmente el Exmo. Señor Gobiernador, conferencia esta de naturaleza particular, puesto que no podia ser reconocido en m ícaracter oficial de *Comisario de límites* sin prévio aviso del Gobierno Federal, me manifestó tener instrucciones para mandar un *Aviso* de guerra á fin de impedir actos de violencia de los revoltosos en aguas brasileras que podrían ocasionar complicaciones impre-

vistas. Añadió que no disponiendo de elementos necesarios y encontrándose el *Aviso* en reparación, no había podido prestar oportuno servicio. Por más que esta medida pueda ser ahora extemporánea, pués hay tiempo para que los acontecimientos en el Acre puedan haber tenido un desenlace, conviene no obstante insistir en su envío y ofrecer, si fuese preciso de nuestra parte, subvencionar con lo que fuese necesario, para lo cual queda Ud. autorizado. No es posible temer que se repitan las dilaciones que entorpecieron la oportuna salida del aviso *Jutahy*, ocasionando el desastre de la *Expedición Ibarra* y lastimando la autoridad y seriedad de los actos emanados del Supremo Gobierno de los Estados Unidos del Brasil.

Por lo demás, Sr. Vice Consul, Ud. con más intimo conocimiento de los sucesos y en resguardo de los intereses que una Nación ha confiado á su rectitud y honorabilidad, queda Ud. autorizado para tomar las medidas que sean necessarias

con la oportunidad y energía que los sucesos que deben desarrollarse lo requieran, puesto que las funciones de la *Comisión de Límites* reclaman mi presencia en el Pará.

Anticipándole en nombre de Bolivia su reconocimiento, dígnese aceptar las consideraciones de estima con que me repito del Señor. Vice Consul.

Su muy atento S. S. — (Firmado), *Adolfo Balivian*.

Al Sr. D. Cayetano Monteiro da Silva, Vice Consul de Bolivia, Manáos.

*
* *

Legación de Bolivia — Petropolis, 15 Diciembre 1900—N. 60.

Señor Ministro. — Agradezco mucho á V. E. las informaciones que se sirvió enviarme en su nota n. 19 de Diciembre 4, acerca del caso de la lancha robada en Manáos; y me permite completarla con los datos siguientes:

1.° Esa lancha *es de propriedad del Gobierno de Bolivia* que la adquirió para

los trabajos de demarcación que ejecutaba la comisión mixta que presidian los Coroneles Pando y Azevedo.

2.° El ciudadano Cayetano Monteiro da Silva, es el Vice Consul de Bolivia en Manáos, y en ese caracter cuidaba de la referida lancha, desde el año pasado, habiendo estado antes á cargo de los Señores Brocklurst & C.

3.° Esa lancha desde que llegó a Manáos no ha prestado servicio alguno, pues se la destinaba exclusivamente para la exploración del *Javary*.

He de agregar todavía :

Que mi Gobierno no habia puesto en ella arma ni pertrecho alguno de guerra, y que los cañones ó ametralladoras que se dice contener, debem forzosamente, haber sido embarcados por los que la robaron ;

Esos cañones ó ametralladoras, no han podido llegar á Manáos, sin pasar por las Aduanas, donde forzosamente han debido ser vistos, y por tanto nada será más facil al Gobierno de V. E. que

averiguar la procedencia de esos elementos ;

Que, según mis informaciones, y según es publico y notorio en Manáos, aquella lancha salió remolcada por el vapor *Solimões* en el que iba embarcada la gente que alistó el aventurero Rodrigo de Carvalho ; Que puedo comprobar á V. E. que el vapor *Mucuripe* que por órdenes acertadas y justas de esa Secretaría fué detenido en el Pará llevaba elementos para los que han ido á atacar á los Bolivianos en el Acre, de modo que la suspensión de su arraigo ó detención ha favorecido á los revolucionarios.

Aquel vapor es propriedad de aquel mismo Capitan Bandeira, pretendiente al Consulado de *Puerto Alonso*, y que hace tiempo denuncié á V. E. como instigador y complice de los revolucionarios ;

Que el fletamento del *Solimões*, compra de viveres, alistamiento de voluntarios, etc., etc., hechos los tengo denunciados á V. E. en mis notas de 5

de Noviembre, 8 del mismo (ns. 52 y 53); 20 y 27 de Noviembre ; fueron hechos públicos, de todos conocidos en el Pará y Manáos, y hasta annunciados con insistencia en la prensa, lo que dá derecho á esperar, que los Señores Gobiernadores del Pará y Manáos, en cumplimiento de sus mas elementales deberes hayan dictado providencias de precaucion y seguridad, entre las que, la de vigilar á Rodrigo de Carvalho que, á son de bombo se declaraba gefe revolucionario, era elemental.

Estes antecedentes me hacen esperar, Señor Ministro, no solo que la lancha referida ha de ser pronto capturada sinó tambien detenida ó vigilada la espedicion del *Solimões y Mocuripe*.

Para concluir, ruego á V. E. me dé licencia para hacerle observar que si la lancha *Alonso* no hubiese sido de la propiedad de mi Gobierno, yo no me habria permitido pedir su captura.

Crei haber expresado com claridad en mi nota de 20 de Noviembre, esa cir-

cunstancia, que hoy corroboro, repitiendo que fué adquirida por mi Gobierno en Londres, par las operaciones de la demarcación de limites ; que en tres años mas ó menos que está en Manáos no ha sido utilizada, y que ali se conservaba, para servir á la Comisión que está en visperas de salir para el Javari.

Repitiendo á V. E. mis agradecimientos por todo lo que hubiere sido hecho para la captura de la lancha y castigo de los autores del robo, soy de V. E.

Atento, seguro servidor—*L. Salinas Véga* — Confere : Arthur Priggs. Conforme : Frederico de Carvalho.

*
* *

Rio de Janeiro, Ministerio das Relações Exteriores, 24 de Dezembro de 1900.—2ª Secção. N. 2. Reservado.

Sr. Governador — Transcrevo em seguida trechos de uma carta, escripta

do Pará em 23 de Novembro, que me foram communicados particularmente.

«. . . Carvalho devia salir com otros para Manáos, donde esperaba el resto de los revoltosos com objeto de apoderarse de la lancha *Alonso*; cargar en ella dos ametralladoras, que segun se dice dió el Gobierno de Amazonas, y salir a largo á esperar el vapor *Macuripe* que del Pará les traiga viveres y armas.

Ya Ud. sabe lo que sucedió. El robo de la lancha se efectuó. Las autoridades de Manáos nada vieron á pesar de que para armar y cargar la lancha, operocion que no puede hacerse sino de un modo público, se debió necesitar de bastante tiempo.

Tampoco vieran que el vapor *Solimões* sacó la lancha a remolque!

Carvalho quedó en Manáos, esperando la llegada del *Macuripe*

para embarcarse en el, y cuando supo que havia sido detenido hizo el siguiente telegramma á Marques Braga :

Manáos — 16 de Noviembre —Hs. 9.30 a. m.—Senador Marques Braga — Pará — Acabo receber aviso, Governador Pará, impedio sahida *Macuripe*, hontem duzentos patriotas partiram Acre furtivamente vapor especial, levando viveres oito dias, esperança serem encontrados *Macuripe*, viveres comprei ahi, soffrerão fome este não sahir já ; não levaram medicamentos, conto sua valiosa protecção desembaraçar *Macuripe* prestando serviços Brasil humanidade. — *Rodrigo*.

. . . . . .

Supe por via confidencial que el Gobierno de Manáos, dió 20 contos de réis y dos ametralladoras á los revoltosos, y, sin la menor oposicion por parte de nadie, la lancha

Alonso se la llevaron; el vapor *Solimões* la remolcó fuera del Puerto.

Las armas que los periódicos dicen que perteneciam á los Bolivianos son las mismas que han sido fornecidas em Manáos á los revoltosos.

. . . . . .

El Gobierno de Manáos espallió la voz de que iba a mandar um navio para recuperar la lancha *Alonso* mas nadie cree que lo haga ni menos que contenga á los piratas.

Si el navio vá, tengo la certeza irá tarde, cuando ya no pueda encontrar-los; y si vá luego, es seguro que no los alcanzará.

E' escusado dizer que não acredito na imputação que se faz ao Governo desse Estado, mas lamento que com tanta facilidade e tão publicamente se preparasse uma expedição contra as autoridades Bolivianas, tendo o Governo

Federal recusado permissão para o transito de uma embarcação destinada pelo da Bolivia a Puerto-Alonso.

O *Jornal do Commercio* de 27 de Novembro entre outras noticias extrahidas de diarios dessa cidade publicou esta :

> O alistamento de voluntarios achava-se a cargo do cidadão Alfredo Góes, na residencia do Doutor João Araripe, á rua Luiz Antony n. 12, onde póde ser procurado todos os dias, das 7 ás 9 horas da manhã.
>
> Saude e fraternidade.—*Olyntho de Magalhães.*

*
* *

Ao Sr. Governador do Estado do Amazonas.

Rio de Janeiro—Ministerio das Relações Exteriores—31 de Janeiro de 1901—2ª Secção—N. 7.

Sr. Governador — Julgo do meu dever communicar-vos, por meio das cópias inclusas, uma nota que o Ministro da Bolivia me dirigio a 22 do corrente mez e da resposta que hoje lhe dou.

O Sr. Dr. Salinas reclama contra os termos dos successos do Acre, na recente mensagem ao Congresso Estadoal.—Saude e fraternidade.—*Olyntho de Magalhães.*

Ao Sr. Governador do Estado do Amazonas.

Cópia—Legacion de Bolivia—Petropolis, 22 de Enero de 1901—N. 72.

Señor Ministro —Devo llamar la atencion de V. E. al Mensaje dirigido por el Governador de Amazonas, Coronel Silverio Nery. En el, segun lo annunciam telegrammas de Manáos, elogiando la conducta de los que partiendo do Amazonas, fueran a atacar las fuerzas bolivianas que estan en Puerto Acre,

alienta las hostilidades contra Bolivia, asevera, contra lo actuado por el Gobierno Federal, que el territorio ocupado actualmente por los bolivianos, es brasilero; é incita claramente al desconocimiento de los derechos de Bolivia. En una palabra, el Gobernador citado asumiendo una actitud que no quiero calificar, se hace el apostol de la cruzada armada, emprendida en el Estado que el preside, contra Bolivia e incita a la guerra. Un sesudo y muy bien inspirado diario de la Capital Federal, *O Paiz*, censura ya esta conducta, incompatible con las buenas relaciones que cultivan nuestras respectivas naciones, e incompatible sobre todo con las declaraciones y procedimientos del Gobierno de la Union. Ya el año pasado llamé la atencion de V. E. sobre un hecho semejante, producido en análoga circumstancia por el Gobernador Ramalho.

La actitud y opiniones de los Gobernadores citados, contrariando la verdad, rebelándose contra el pensamiento

del Gobierno Federal, y assumiendo un rol que no les correspone y es contrario al derecho y á los actos de V. Ex., que en las relaciones esteriores representa al Gobierno de la Union, não puede quedar sin correctivo, porque alla tiende á crear embarazos á las gestiones de cancilleria, y, lo que es mas grave, importa un ataque á la soberania y á los derechos de un pais vecino y amigo.

La actitud de esos gobernadores es lo que ha dado origen á los sucesos del Acre ; y en los actuales momentos, ella, mostrándose parcial, mas aun, alentadora y favorable, á un ataque á mano armada, crea para mi pais una situacion irregular, tan prejudicial como peligrosa que el Gobierno de V. Ex. no puede ver impasiblemente, dentro de las prácticas internacionales, y en la comunion de derecho en que se desenvulve las relaciones de pueblos cultos, anciosos de paz y progreso.

Partiendo de esta base, racional y justa, yo espero que V. Ex. quiera des-

autorisar las opiniones del Gobierno de Amazonas, manifestadas oficialmente en el acto solemne de inaugurar las sesiones del Congreso Estudual, medida tanto más necesaria cuanto que las ideas y expresiones del primer Magistrado de un Estado tienden naturalmente á extraviar el creterio de poblaciones ya desgraciadamente exitadas por la propaganda de especuladores, que se empeña en ocultar ó alterar el pensamento y los actos oficiales del Gobierno de la Union.

No siendo el acto de que con pesar reclamo sino la repeticion del que se produjo el año anterior, V. E. juzgará si es llegado el momento de recordar al Gobierno de Amazonas, que en asuntos internacionales no debe procederse *manu militari*, ni menos attribuirse funciones que competen al Gobierno Federal. Yo cumplo mi deber elevando á V. E. esta requeja y reclamacion, despues de haber cebido informes que ratifican lo publicado en los diarios, y estoy seguro de que el illustrado criterio de V. E. apre-

ciará la gravedad del hecho, dictando en consecuencia las medidas que creyere conducentes y oportunas para neutralisar el efecto hostil y prejudicial del acto que motiva la presente comunicacion.

Tengo el honor de ofrecer á V. E. los sentimentos de alta consideracion con que soy de V. E.

Atento, seguro servidor.—*L. Salinas Véga.*—Confere, Zacarias de Carvalho. Conforme, A. de Oliveira.

*
* *

Telegramma. Petropolis, 24-3-03. Governador do Estado do Amazonas—Manáos.

De ordem do Presidente da Republica dou-me pressa em transferir-lhe integra do accôrdo preliminar assignado em La Paz no dia 21 pelo Ministro do Brasil e pelo das Relações Exteriores da Bolivia. Artigo primeiro. O Governo do Brasil occupará militarmente e administrará a parte territorio que considera liti-

gioso situada a éste do Rio Iaco e limitada ao norte pela linha geodesica do Marco do Madeira á nascente do Javary, ao Sul pelo parallelo de dez gráos e vinte minutos, desde o referido Marco até o Iaco. Artigo segundo. O commandante em chefe das forças brasileiras estacionadas neste territorio será incumbido de fazer tambem a policia do territorio entre Iaco e o Purús, ao norte do parallelo de dez gráos e vinte minutos. Artigo terceiro, o Governo Brasileiro reconhece que o territorio do Acre ao Sul do parallelo dez gráos e vinte minutos é boliviano em virtude do artigo segundo do tratado de 27 de Março de 1867, entretanto, tendo sido iniciadas entre o Brasil e a Bolivia negociações para um novo tratado, que ponha termo a todas difficuldades presentes e desejando durante as negociações pendentes evitar conflictos entre os acreanos em armas e as tropas bolivianas, propôz ao Governo Boliviano e este aceitou (a) Que passe um destacamento de tropas brasileiras ao

Sul do parallelo de dez gráos e vinte minutos com o fim acima indicado e o de manter a ordem no territorio atravessado pelo Rio Acre e seus affluentes podendo estabelecer postos avançados no Rio Iquiry ou Ina e no Rapinan. (b) Que as tropas bolivianas se detenham no Rio Orton e seus affluentes, estabelecidas as suas avançadas até á margem direita do Abunan. Artigo quarto. O chefe das forças brasileiras e o das bolivianas receberão instrucções no sentido de mandar manter a ordem e impedir conflictos e excursões. Artigo quinto. No territorio ao norte do parallelo de dez gráos e vinte minutos, o Governo do Brasil estabelecerá postos aduaneiros ou fiscaes que forem necessarios e, dos direitos de exportação que elles arrecadarem sobre a borracha que descer do Alto Acre, entregará cincoenta por cento ao Governo da Bolivia, correndo todas as despezas da arrecadação por conta do Brasil. Artigo sexto. O Governo Boliliviano communicará immediatamente

todas as estipulações deste accôrdo ao chefe das suas forças expedicionarias, General Pando, para que as cumpra e para que modifique quaesquer medidas em contrario que haja tomado antes de receber o aviso. Artigo setimo. Se no prazo maximo de quatro mezes, contados da assignatura deste accôrdo preliminar, as duas altas partes contractantes não tiverem podido chegar a um accôrdo directo e definitivo, concordam desde já a que as questões pendentes sejam submettidas a um arbitro. Artigo oitavo. Vencido o prazo de quatro mezes sem que haja accôrdo directo, as tropas brasileiras destacadas no Acre Meridional ou Alto Acre regressarão para o norte do parallelo de dez gráos e vinte minutos.—*Rio Branco*, Ministro das Relações Exteriores.

XVI

Chegámos, felizmente, ao termo de nossa tarefa.

Bem ou mal, trouxemos até aqui a discussão dos *direitos do Estado do Amazonas á região acreana ao norte do parallelo 10º 20'*, sem jámais deslizar do terreno do debate calmo e solidamente documentado para o da disceptação menos asseiada, embora a isso pertinazmente solicitado.

Para não nos deixarmos arrastar pela seducção da represalia, conservámos sempre a viseira cahida, só confiando no valor dos argumentos que lealmente apresentavamos e, se a erguemos agora, é por termos concluido, continuando a manter o proposito de não acudir a disputas pessoaes que nada adiantam ao assumpto.

Ainda algumas palavras sobre a nossa intervenção no famoso pleito, a qual aliás não é de hoje, e deixaremos a arena.

*
* *

Educado na escola da lealdade e do verdadeiro patriotismo, norma rotineira de conducta desse velho Exercito nacional, onde passei toda a minha mocidade e que só amparou a proclamação da Republica em 1889, lealmente convencido de que esse era o desejo da Nação e a felicidade da Patria a que tanto estremecia, só podia ser minha vida publica de constantes lutas, como tem sido até agora, contra os abusos, erros e crimes praticados em nome da nova instituição.

Feito desse geito e profundamente envolvido pelas circumstancias na politica republicana, bem se comprehende que não poderia deixar de ser um elemento revoltado no meio da decomposição com que, desde o começo, tem sido solapado e demolido, juntamente com a obra de Deodoro e Benjamin Constant, na qual me coube parte não completamente nulla, este grande e querido paiz, que tão respeitado, unido e livre recebemos da Monarchia.

Protestando constantemente, com a maior decisão, tenacidade e franqueza, na tribuna, na imprensa e nos campos de combate das revoluções, cujas bandeiras se têm erguido em nome

dos principios constitucionaes feridos ou ameaçados; protestando sempre contra os desmandos dos Poderes Publicos, é bem de ver que, já agora, não me afastarei dessa trilha e isso tanto mais a meu prazer quanto a luta é em defesa de um Estado a que devo gratidão e sympathia.

Quando, victima do attentado commettido a 10 de Abril de 1892 pelo Marechal Floriano Peixoto, então dictador de facto ante o Congresso acovardado e em cujo seio só havia energias e protestos da parte da heroica e diminuta opposição a que eu pertencia, fui, com o que de mais distincto possuia então o patriotismo brasileiro entre os adversarios do Governo, summariamente exilado para as inhospitas e mortiferas regiões do Cucuhy, situadas no extremo occidental do Amazonas, tive occasião de bem avaliar o caracter do povo amazonense.

Entre os meus companheiros de exilio estava o Dr. José Joaquim Seabra, esse mesmo ardoroso tribuno e figura saliente da opposição, que depois foi o Ministro da *vaccinação obrigatoria*, promovendo o mais sério movimento popular que se tem produzido nesta Capital e que

deu como tristes resultados — encarniçada perseguição de moços estudantes ; processos inquisitoriaes, da mais revoltante ferocidade, contra velhos e prestimosos generaes e officiaes do nosso glorioso Exercito e o *perenne estado de sitio* como meio de governo, contra o que tanto se revoltára o tribuno Seabra no tempo de Floriano Peixoto.

Comnosco estava, diziamos, esse mesmo *ardente defensor das liberdades republicanas* que, passados alguns annos, pretendeu ser eleito, por imposição politica, senador pelo Amazonas que tão hospitaleiro lhe fôra e, vendo sua candidatura dignamente repellida, vingou-se, quando a occasião se lhe offereceu, promovendo, com odiosidade tão pertinaz quanto mesquinha, a separação dos territorios amazonenses do Acre Septentrional.

Essa feição proeminente do seu caracter, de ingratidão e deslealdade com amigos e protectores, ferio fundo os que o haviam amparado, moral e materialmente, na hora de tremendas provações, e foi a origem do pleito em que se pretende, contra a justiça e contra a razão, prejudicar aquelle Estado, sempre victima do odio

dos despeitados a quem não pôde servir ou enriquecer.

Não tardou, porém, o castigo e, hoje, vemos o popular tribuno que, vencido embora, seguira de fronte erguida para o exilio, no meio das ovações de um povo que nelle confiava e que o erguia enthusiasta, de sul a norte do Brasil, nas azas de suas manifestações de carinho, escorraçado do seu torrão natal ir mendigar, por misericordia, um lugar, onde arme sua misera tenda de politico, á acção exclusiva da imposição eleitoral do Governador de um pequeno Estado, immoralidade contra a qual se bateu sem treguas, naquelles tempos em que andava a enganar a humanidade.

Mas, o que vale isto, quando elle pensa e affirma, convictamente, que — *para cada amigo velho que nossa ingratidão affasta, muitos outros novos surgem a cada passo?!* . . .

*
* *

O modo generoso e fraternal por que fomos todos e mais do que ninguem o Dr. José Joaquim Seabra, acolhidos e tratados pelo generoso povo amazonense e a gentileza que, ainda ha

pouco, me continuou elle a dispensar, durante a minha ultima estada em Manáos, principalmente justificam o empenho e boa vontade com que vim pôr meus fracos recursos intellectuaes ao serviço de uma causa, cuja defesa está tão de accôrdo com a minha indole e com os meus principios.

Ao enfrentar o debate só me occorreu ao espirito o grande golpe com que se pretende, mais uma vez, ferir os preceitos federativos, a Constituição da Republica e os direitos legitimos de um Estado da União, a que pertencem esses chefes, tão prestigiosos e prestigiados, que alli encontrámos em 1892, de quem recebemos inolvidaveis obsequios politicos e particulares e que pelo seu constante e patriotico labor, chegaram a ser os directores da politica dominante no Amazonas, que tão enthusiasticos elogios me receu do austero e leal Mineiro que elegemos para futuro Presidente da Republica.

*
* *

A vingar a doutrina que se tenta pôr em pratica contra a autonomia territorial desse Es-

tado, afigura-se-me que será esse um dos mais nocivos ataques aos principios essenciaes do regimen que nos governa, alleguem embora, como justificativa, as difficuldades financeiras da União para as quaes aliás em nada concorreu o Amazonas.

São consequencias valiosas do longo e amadurecido estudo, da pratica e do grande patriotismo, já tão comprovados, do organizador principal, do principal fundador politico do regimen actual, entre nós, dil-o quem bem conhece seu heroico trabalho dos primeiros dias da Republica, as seguintes e memoraveis palavras:

> «O mais tyrannico e o mais desastroso dos regimens politicos conhecidos é—a Republica presidencial com a omnipotencia do Congresso; o arbitrio do Poder Executivo, apoiado na irresponsabilidade das maiorias politicas; a situação autocratica em que se colloca, neste systema, o Chefe do Estado se ao seu poder e ao dos partidos que elle encarna, se não oppuzer a majestade inviolavel da constituição escripta, interpretada,

em ultima alçada por uma magistratura independente.» (*Ruy Barbosa, Cartas de Inglaterra.*)

Pareceu-me sempre um preceito grandemente nocivo ao regimen republicano presidencial de tão difficil pratica, esse a que se estão apegando — de justificar os meios com os fins obtidos — desculpando as arbitrariedades commettidas, contra o Estado do Amazonas na questão do Acre, com a necessidade de augmentar as rendas federaes, compromettidas pelos erros do Governo Central.

Tem-se usado e abusado deste recurso desde longa data, pervertendo dessa fórma as instituições que toleram taes meios, os governantes que os empregam, amparados pelo Parlamento e pela imprensa, falsamente orientados, e o povo que se vai habituando a considerar essas violencias como inseparaveis do regimen republicano, que, por taes abusos, cada vez mais detesta.

Os ultimos exemplos ahi estão.

O capital sem garantias e perseguido pelo socialismo e communismo do Governo actual, retrahe-se arisco, a propriedade ferida por leis e praticas de extorsão e desvalorisação, debate-se agonizante e não se reerguerá tão cedo ; o cidadão sem garantias e bem estar, arrasta-se afflicto e descrente sob o ajoujo de pesados impostos e rudes violencias ; e tudo isso—porque era preciso sanear e embellezar a Capital da Republica!...

A par das sêdas, das joias, do conforto, do luxo e da côrte dourada de milhares de adoradores, que cercam as Messalinas e que lhes são elementos essenciaes de apparatosa existencia, ha sempre, a cavar-lhes a felicidade e o socego, os germens das leis impereciveis do decoro e da moral, que calcaram aos pés, para alcançar tão brilhantes quão falsamente seductores resultados.

Está no mesmo caso, não ha negar, uma sociedade embrionaria, que pretende se erguer de chofre a umas tantas e deslumbrantes manifestações isoladas de progresso, dando saltos loucos e inconscientes na marcha natural de sua evolução, de modo a se collocar a par de cidades

trabalhadas e enriquecidas pela acção do tempo e pela concurrencia de muitos e essenciaes factores que ainda não possuimos, entre os quaes não é menor o da educação social aprimorada, exigente e conservadora.

Um paiz novo que quer deslumbrar artificialmente as outras nações, no grande convivio do progresso internacional, á custa dos direitos dos seus concidadãos, da sua dignidade civica e do seu bem estar material, reduzindo-os á gleba ignara e servil; uma Republica feita mais por um abuso de força do que pelo esforço da Nação e que, ao envez de se popularizar, calca cynicamente aos pés as leis e os principios em nome dos quaes se estabeleceu; poderão ser tudo quanto quizerem menos uma Nação verdadeiramente livre e adiantada.

Não ha progresso, não ha evolução real, que se possa arraigar no seio dos povos, á custa do sacrificio do direito, da justiça e da liberdade, que constituem ou devem constituir as funcções naturaes da vida nas nacionalidades organizadas ou que tentam se organizar solidamente.

Quando a noção de liberdade começa a enfraquecer e desapparece do espirito popular,

todas as demais concepções nobres do verdadeiro civismo, da veneração pelas leis e o proprio valor individual, corrompem-se e extinguem-se parallelamente.

E' então que começam a ter curso de moeda verdadeira falsos principios de probidade, de moral, de religião, de patriotismo, prégados por espertos charlatães em phrase bombastica, vaga, sibyllina, emquanto o egoismo revoltante do individuo, da sociedade e desses evangelizadores vai tudo delapidando pela extorsão, pela violencia, pela astucia e pelo peculato, com repugnante desplante. E' então que a cabeça de Gracho é cheia de chumbo para valer mais a peso de ouro.

Não encontramos, entretanto, essa perversão nos organismos individuaes ou sociaes, que estejam em natural e são desenvolvimento e equilibrado exercicio de todas as suas funcções.

Ella começa com os primeiros symptomas de degenerescencia, caminha a par da corrupção geral, e estereotypa a época da decadencia intellectual e physica das nações como dos individuos.

No seio da austera singeleza com que era respeitada e usufruida a liberdade popular na antiga Republica romana ; na segurança serena e preciza com que são amados e garantidos a lei e os direitos do cidadão na moderna Inglaterra, ninho inviolavel de todas as liberdades ; no meio dessa admiravel harmonia e desse afan meticuloso e continuo com que procuraram sempre taes povos trilhar o caminho traçado, fatalmente, pelas lições da historia adaptadas ao meio, quem poderá deixar de ver—o exercicio methodico e completo das liberdades do cidadão dentro do exercicio claro, positivo e restricto dos poderes legaes ?. . .

Quem não se deterá estatico e satisfatoriamente impressionado diante do estudo dessas duas phases sociaes : uma do começo da civilização do occidente e outra de nossos dias ; ao ver a cuidadosa protecção com que os Poderes Publicos zelam pelas garantias do cidadão, cobrindo com o manto da lei, igualmente, irmãmente, o ultimo dos criminosos como o primeiro magistrado da nação ?

A fuga ou desvio de taes ensinamentos e de tão aprimoradas praticas de organização social,

conquistados por longos martyrios e enormes sacrificios na vastidão do tempo e do espaço, é a ameaça de decadencia inevitavel de um paiz ou de sua absorpção brutal ou *diplomatica* pelo mais forte ou *mais geitoso*.

*
* *

Essa jesuitica doutrina, tão condemnavel e perniciosa, de justificar os abusos e violencias com os beneficios e melhoramentos que parecem produzir, implantada abertamente pelo proprio congresso republicano, quando approvou até crimes praticados por governos a quem entregara a direcção exclusiva dos publicos negocios dentro de preceitos legaes, é o que demais lastimavel e deprimente da indole, do caracter e do estado moral e politico de um povo se possa apresentar ao estudo da civilização moderna.

Se fôra bastante a utilidade, a necessidade, a conveniencia de um commettimento ou de uma obra qualquer para justificar, como tem succedido entre nós repetidamente, a violencia, o abuso e o crime contra as leis e contra o direito, nada seria mais facil do que governar e melhorar

materialmente um paiz. Quem viesse depois que soffresse as consequencias.

Por acaso os majestosos monumentos, as sumptuosas obras de arte, os maravilhosos aqueductos, as bellissimas estradas e todos esses melhoramentos assombrosos, levados á velha Roma pelos Cezares que a opprimiam e cavaram-lhe a ruina, justificam, diminuem ou mesmo attenuam, levemente que seja, seus hediondos crimes contra a Patria, que haviam recebido da Republica—tão livre que o *Forum* era o supremo arbitro dos publicos negocios, o patriotismo a suprema lei, e tão forte que seus limites iam, no mundo antigo, ás margens do Euphrates na Asia, ás do Rheno e do Danubio na Europa e á orla do deserto na Africa?...

Por acaso a reconstrucção do velho Pariz, sua maravilhosa transformação em cidade moderna de requintado gosto, absolverá Napoleão III dos crimes que para isso commetteu, anniquilando por muitos annos, as forças vivas da França com dispendios cuja enorme cifra nunca foi possivel calcular e que pezaram fortemente sobre o povo acabrunhado de impostos?... Haverá quem possa negar que da corrupção que plantou

com taes processos, resultou esse pavoroso desastre de Sedan, em que elle e só elle, o principal actor, precipitou a mais heroica dentre as nações latinas?

*
* *

Da meia ignorancia em que desgraçadamente no Brasil vivemos em geral, nascida do pessimo regimen de instrucção publica implantado pela indolencia individual e pelas conveniencias de abastardada politica, assim como da educação litteraria e scientifica feita pelas leituras syntheticas e imperfeitas de sciencias, artes e lettras, elementos estes sufficientes para caracterizarem a degenerescencia de um meio social qualquer, é que decorre a justificação de tudo quanto possa trazer o bem estar e o gozo immediatos, custe o que custar, soffra quem soffrer.

Vivemos a nos vangloriar de uma infinidade de coisas, que não temos — credito, recursos inesgotaveis, patriotismo, instituições republicanas —, emquanto a fabrica inteira da nossa politica e da nossa sociedade estala por todas as

juntas. O estrangeiro sorri da nossa fatuidade, descrê da nossa civilização, stygmatiza o nosso caracter, aponta os episodios inauditos da barbaria, com que acabamos de espantar o mundo. E nós não nos lembramos, sequer, de que ha, na America do Sul, quem entenda que a «solução do problema americano está na dissolução do Brasil». (*Ruy Barbosa — Obra citada*).

Como o perdulario que. quando preciza de numerario, não recúa diante de sacrificio de especie alguma, comtanto que tenhamos uma capital na apparencia luxuosa e quanto possivel saneada, não regateamos, para isso: o sacrificio dos nossos direitos de homens livres, de cidadãos republicanos e até o futuro da Patria.

Comtanto que continuemos a usufruir a renda extorquida iniquamente a um dos Estados Federaes da União Sul Americana, *para podermos pagar as nossas dividas em Londres* (!), que nos importa que a Constituição seja rôta e rôtos os principios fundamentaes do regimen de que pedantescamente nos orgulhamos? !. . .

E vamos vivendo nesse tolo *chauvinismo*, filho da parvoice e da ignorancia, crentes de que ninguem percebe por trás das douradas e deslumbrantes scenographias das brilhantes avenidas os sarrafos e podriqueiras das miserias nacionaes que ellas occultam.

*
* *

Foi, tambem, tangido pela natural repulsão a taes erros e attentados que me vim collocar ao lado dos meus bons amigos do Amazonas, contra mais esse abuso que se pretende praticar, em prejuizo do territorio e da renda do seu grande e prospero Estado.

Não fôra o Acre, como já o dissemos ao começar estes artigos, uma região de avultada riqueza e teria tido a mesma sorte de Missões e do Amapá—teria sido pacifica e despercebidamente annexado ao Amazonas.

Mas em compensação de o não ter sido, essa mesma riqueza que desperta a desregrada cobiça, que tem tão descompostamente desorientado o Governo da União, accende, igualmente, no seio dos *patriotas* acreanos o indomito

interesse de proclamar a independencia do Acre e de sustentarem-na de armas na mão.

Tivesse ainda Placido de Castro o prestigio de outros tempos, que pelos seus erros e abusos já de si alienou, e de ha muito isso já estaria feito.

E se elle o vier a fazer, como é quasi inevitavel, a União bem sabe, de experiencia propria, que jámais alcançará chamar pela força os acreanos revoltados á communhão republicana brasileira.

Teremos, então, de ver compungidos e sobresaltados, um Estado de vida precaria e accidentada, debater-se fóra da acção das leis e da protecção das autoridades, no meio dos mais ridiculos e violentos processos governativos, em longinquas paragens onde a intervenção do Poder central será sempre desmoralisadora utopia, como está presentemente succedendo com as famosas prefeituras, alli creadas pelo mesquinho espirito de vingança do ex-Ministro do Interior.

E tal desastre será obra exclusiva do falseamento proposital dos preceitos constitucionaes que conglumeram os varios elementos

da Federação Brasileira, atropelados pela con demnavel ambição de territorios e riquezas es tadoaes, violentamente extorquidos pela Uniã que, por taes caminhos, só póde ir ter—á disso lução do Brasil.

Deus queira que me engane e que, pel primeira vez—*quem semeou ventos deixe de colhe tempestades.*

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura